Nestor Victor

A CRITICA DE HONTEM

LEITE RIBEIRO & MAURILLO
EDITORES
RIO DE JANEIRO

Guilherme Cesar da Silva

Cataguases, 27-7-926.

A CRITICA DE HONTEM

OBRAS DO MESMO AUTOR

Signos (contos), esgotado.
Amigos (romance), esgotado.
Cruz e Souza (critica), esgotado.
A Hora (critica).
Transfigurações (versos)
Paris (livro de viagem) 2ª edição.
A Terra do Futuro (livro de viagem) esgotado.
O elogio da creança (conferencia).
Tres romancistas do Norte (conferencia).
Farias Brito (critica).

Traducção:

A Sabedoria do Destino, de M. Maeterlinck.

NESTOR VICTOR

A CRITICA DE HONTEM

LIVRARIA EDITORA
LEITE RIBEIRO & MAURILLO
3, Rua Santo Antonio, 3
RIO DE JANEIRO
—
1919

V. CRILICV DE HOVLEN

VICTOR HERTOV

A' memoria de

Sylvio Romero.

"A critica de hontem"

Estava em 1914 apalavrada a edição deste livro na Europa, para onde, porisso, o remetti, quando rebentou a Grande Guerra. O panico que esse desabalado acontecimento produziu no mundo inteiro trouxe-me, de novo e promptamente, ás mãos, os meus autographos, não se podendo então converter em contracto, por motivo tão obvio e justificado, o que fôra promessa verbal.

Tambem naquelle instante quasi que nem me apercebi desse incidente na minha vida de autor, absorvido como estava todo o meu ser pelo cataclysmo tremendo sob que estremecia estarrecido o mundo. Naquella hora não combatiam apenas os que estavam na frente de armas em punho empenhados nas primeiras batalhas, que todos sentiamos decisivas dos destinos da civilisação. Insomnes e ardentes, sem pensar na vida, sem pensar na morte, quantos podiam ter o alcance da transcendencia que havia naquella hora tragica, todos, em toda parte do mundo, de lado a lado, os que eram pela Entente, como os que eram pelos allemães, entraram na guerra, influiram na guerra, decidiram desde logo, em verdade, da sorte futura da guerra, com a força material e psychica, ou apenas com esta ultima, si não estavam visiveis e fazendo sombra, produzindo massa, nos sangrentos campos da luta. Mas tambem jamais como nesses dias, immediatamente posteriores á descoberta do radio e das ondas hertzianas, sentiram-se no planeta por modo tão irrecusavel e estupendo os effeitos,

desse elemento que se chamou o imponderavel, dando-se muito de novo e de estranho á significação de tão velho termo.

A producção de tal phenomeno e o facto do seu prompto reconhecimento representam só por si, talvez, o inicio de uma era, deixam-nos entrever profundas perspectivas em direcção ao futuro. As batalhas do Marne, do Iser e de Verdun, quem as decidiu de facto foi o instincto de conservação, exaltado até o paroximo, de todos os homens que queriam ser livres na terra. Precisamos reconhecer, entretanto, já a esta hora, que por seu turno aos imperios centraes o que os tem sustentado militarmente preponderantes até aqui é, sobretudo, o germanico mysticismo guerreiro, que os vem animando desde o começo deste tremendo duelo e que tantas vezes tem feito empallidecer o mundo. E' o qué reconhece illustre escriptor francez animado de um intelligente patriotismo, que nelle como em alguns outros dos seus compatriotas salva mais uma vez o luminoso e equanime espirito da França.

Diante de tudo isso, como pensar seriamente em mim mesmo e no que de mim ficára antes de eu ser quem, pela força de tão esmagadores, mas ao mesmo tempo, tão revulsivos acontecimentos, sem que ia passando a ser?

De então para cá participei, mais ou menos, da ataraxia intellectual que atacou o mundo desde o primeiro atroar de canhão. Nos transes do parto as energias psychicas do ser matemo cerram-se num só féixe é entram em singular permutação de valores, para dar á luz um novo ente. Pois tambem na guerra o pensamento converte-se em musculo, o musculo faz-se intelligente, convergindo um e outro, em absorpção suprema, para a victoria. O melhor do que poderiamos produzir, nós outros que escrevemos, emquanto esta guerra se processa, transmuda-se em enthusiasmo e pertinacia bellica, ou em paciencia torva e muda, nas trincheiras ou nos campos de concentração, si se trata de quem está de corpo presente na guerra, ou em colera, que já sabe não ser impotente, ou em ancia, em cuidado, que valem por actos, ou em viva compaixão, em

lagrima corrosiva, dynamica, si se fala dos que, distantes da carnificina, vivem apenas apparentando a pequena vida quotidiana dos tempos normaes.

Com todo o descuido e descuro de mim mesmo e das vaidades ou velleidades que haja no pobre autor que sou, pela boa opportunidade que pareceu sorrir-me em nosso proprio circulo editorial chegou, no entanto, a hora em que, de novo, após quasi quatro annos de esquecimento, repuz os olhos neste livro, estimulado, alem disso, vivamente, pelo interesse de alguns amigos, que ora, para estas preoccupações, são mais a minha alma do que a alma que me é propria.

Voltei ao meu livro, mas não o reconheci mais como o deixara. Desde o seu titulo, que era "O que fui, o que sou", elle já estava velho. Hoje só poderia chamar-se "O que fui". Quando lhe puz aquelle nome, como explicava no prefacio que ora este substituirá, eu queria dizer: o que fui, o que sou como critico. Mas esse proprio critico já não é o de hoje. De onde, pareceu-me que o melhor era pôr este outro nome: "A critica de hontem". Quer dizer: como anteriormente eu fiz critica.

Porque eu vejo que de facto já estou bem outro, de ha quatro annos para cá. A guerra matou e continúa a matar uns, e transfigurou como continúa a transfigurar outros, pondo-lhes nalma a alma com que se foram as pilhas immensas dos mortos no seu ultimo suspiro. Quem não renasce, quem não ganha pelle nova é porque se estratificou, siderisou-se assustadora e deploravelmente, peior do que si já tivesse desapparecido dentre os vivos. E' uma sobrevivencia emperrada e absurda de si mesmo, como quem numa viagem a pé fica parado e perdido porque ensurdeceu, insensibilisou-se, e não ouviu os chamados e nem siquer sentiu a attracção da sympathia dos outros que foram para diante.

Quasi que não ha nenhuma coragem em publicar eu este livro agora. Quer numa, quer na outra das suas duas partes grande numero dos trabalhos que ahi figuram já foram publicados em jornaes, revistas, livros ou opusculos, e

esses bastaram para me collocar na situação em que ora me encontro em nosso meio, porque elles já traziam implicitos os outros que, por força de circumstancias várias, só agora o publico vae conhecer. Alem disso, o livro inteiro, na sua parte referente ás letras nacionaes, trata de individualidades que já desappareceram do scenario da vida, ou que já estão feitas, celebradas, e algumas dellas já em parte desfeitas, pelos annos, nas suas energias combativeis, ou sob o effeito do capricho da opinião, sempre vária. Na primeira parte, sobretudo, é que falo directa ou indirectamente, por modo mais apaixonado, daquelles que se podem incluir nesse rol dos que já se foram, ou dos que já cançaram a meio, ou finalmente dos que encontram os leitores mais ou menos cançados delles. E' por essa razão que desde o prefacio anterior eu não puz duvida, referindo-me a essa metade do livro, em dizer que ha nella algumas opiniões e principalmente muitas expressões que já por aquelle tempo, ha quatro annos atraz, eu não formularia, ou não formulara sob a fórma por que na minha mocidade o fiz. Si ainda agora entendo publical-as neste livro, com que tenciono dar-lhes uma existencia menos passageira, é porque sem ellas ficaria incompleta a modésta historia da evolução do meu espirito.

A segunda parte compõe-se de artigos que vim produzindo depois disso, e que melhor correspondiam ao meu estado de espirito no momento em que organisei estas paginas. Já era então bem diverso meu modo de ser do que fôra na minha phase de combate mais propriamente dita. Ainda assim ahi me refiro apenas a typos hoje em dia quasi todos completamente formados, e a outros que já receberam o sello definitivo da morte, conseguintemente a sua completação suprema.

Dos novos que ahi vem chegando e que vão ser amanhã os senhores do campo da luta, que poderiam, conseguintemente, ainda attingir-me com a sua animadversão de modo mais durarouro, só um está comprehendido na minha critica, aliás de modo que acredito lhe ser bastante aceitavel.

Conseguintemente, não é por habilidade tactica, traduzida no fundo por um sentimento de pusillanimidade, que hoje me distancio de mim mesmo, com estas linhas, ainda mais do que ha quatro annos. Os poucos trabalhos que publiquei nesse lapso, desde "O elogio da creança", feito, note-se, ainda antes da guerra, até os ensaios sobre Dias da Rocha Filho, tres romancistas do Norte e Farias Brito, e que reunirei com outros trabalhos em novo tomo, todos elles são a confirmação viva de como venho mudando, embora sem quebra de unidade no meu ser intimo, sem contradicções dentro da minha obra, encarada esta nas linhas geraes a que tem obedecido até aqui. Na critica tambem se deve acompanhar a linha da vida. O critico tambem é um poeta, que cria tendo por objecto os idealistas da natureza. Si estes mudam de ponto de vista, elle instinctivamente tem de escolher outro angulo dentro do qual os possa apanhar melhor.

Só quem não tem olhos para ver, ainda aos proprios escriptores já formados e definidos, póde não se ter apercebido de que tudo está mudando, até nas nossas letras, com a mudança do mundo. Emquanto neste a obra dos que dominam na hora é de destruições e calamidades que o coração humano não tem força para ir acompanhando emocionalmente com a compuncção que correspondesse de modo exacto á grandeza de taes barbaridades, quem quer que tenha na mão uma penna vae sentindo por instincto pender della o mundo que ha de substituir esses terriveis escombros de hoje. Quem ora não mata, creando o vacuo, tem por obrigação empenhar-se por que se produza um *fiat*. O escriptor deve ser o arauto da nova cruzada que se impõe. Aquelle que escrevendo com fins pacificos não fôr edificante hoje, é um corsario sobre todos odioso, depredando sem finalidade fóra das aguas em que a luta se considera legal ou pelo menos indeclinavel. E' um pirata das economias humanas que ainda não se tornou inevitavel lançarem-se á voragem.

A guerra — quem é que já não o entrevê? — vae continuar principalmente depois que se calarem os canhões.

Mudará, moralmente falando, toda a face da terra, pelas disposições heroicas adquiridas na vigilia das armas, no esphacelamento e pulverisação das trincheiras materiaes, na destruição dos exercitos visiveis e corporeos que constituiram o nervo dos Estados até aqui, e pelas consequencias posteriores de taes disposições. Não será num dia, não será em dous dias, será num seculo, será em mais, que das ruinas do velho um novo mundo surgirá.

E — todos sentimos! — ai daquelle povo que de cada uma de suas fibras organicas e de suas energias espirituaes não faça um instrumento de resistencia e de valor para que possa ficar de pé nessa obra de revulsão gigantesca. Aquelle que traga, em vez de vida, morte nas veias e no animo, ficará como um morto lastimavel no caminho emquanto os coveiros não o cobrirem de terra. Esta, na sua face, que o sol illumina, ha de ser de quem fôr digno de um lugar ao sol.

O Brazil — não duvidemos — se salvará por si. O que já conseguimos ser até aqui e a fé no que por nossas virtualidades somos capazes de converter em realisação amanhã, tranquillisa aos que tem coragem e convida-os a olhar aos outros brazileiros como elle, cada vez mais qual se olha aos irmãos.

Sentimos todos que nos vamos approximando uns dos outros. E é porisso que ao publicar-se um livro como este tem-se, em muitas de suas paginas, a impressão do homem que recorda em pleno estio da vida as guerras liliputianas que sustentou em pugnas briosas, mas caricaturaes, com outras creanças como então era elle.

Si, no entanto, lhe acontece ao recordar-se desses asselvajados brincos divisar na rua o semblante ainda fechado de um antigo emulo que até hoje guarde resentimentos das justas que já vão tão longe, a esse elle ainda carrega o cenho, fingindo eguaes despeitos de sua parte, embora no intimo sorria daquella infantilidade persistente e inutil...

Rio, 12 de Janeiro de 1918.

PRIMEIRA PARTE

PREMIÈRA PARTE

O elogio do "Luar de Hinverno"

Este é, na verdade, mais um poeta que ahi vem. Tem uma visão propria, tem um dizer proprio, tem um fazer que é bem seu. Attentae, alem d'isso: ha musica nos seus versos, e esta ainda não tinheis ouvido propriamente em outrem.

Apenas, que tetrica visão a sua! Tudo para elle anda coberto de um negro véu de escumilha. Si elle sahe a passeio, é para um cemiterio que se encaminha. Este cemiterio, depois que nos impressiona através da impressão do poeta, parece-nos todo elle feito de marmores negros, e de cruzes que cahem aos pedaços, lutuoso no proprio luto, ruinoso na propria ruina que symbolisa, como que a necropole de uma necropole, uma amarga ironia ao proprio nihil.

De que serve que o poeta uma vez nos leve á PONTE DOS PRAZERES? Ella está "sem o gradil antigo". Seu aspecto, agora, só o vence na desolação "a solidão dos cemiterios velhos." A ponte já não lhe fala dos "brancos evangelhos" outr'ora por elle rezados ali. "Calou-se tudo." Nem siquer aquelle rio tem mais

"o marulho da agua correntia."

(*) Foi publicado como Introducção ao «Luar de Hinverno», livro de versos de Silveira Netto.

Entanto diz o poeta:

"essa tragedia em que ella vive agora,
"De silencio e de escombro,
"Mais do que todo esse rosal de outr'ora,
"Leva-me para a Vida e para o assombro.

"Porque é mais grave o canto chão
"E mais violentas são as tintas da Agonia."

Vemos nos dois ultimos versos: sua doença visual, sua psychose, já se apoderou delle por tal modo que constitue a sua predilecção. Só os escombros, de quanto o mundo edifica, lhe sorriem, porque no sorriso mais o seduz o que haja nelle de amargor.

Porisso, desde o começo do livro, é dos escombros que elle ensaia a epopéa:

"Escombros! que saudade os acompanha!
"São os prophetas do Anniquilamento
"Petrificados n'uma dôr tamanha.

"Jazem deuses e ritos — chaos poeirento —
"N'essa de pedras agonia extranha.
.....
.....

"De olhal-os gosto em noite enluarada,
"Quando a terra contrae-se a ouvir, crispada,
"Gemer nas ruinas o choral dos ventos.

"Lembram-me a dôr e todo esse deserto
"Que transfiguram d'alma o lyrio aberto
"N'uma panoplia de punhaes sangrentos."

Mas, felizmente, ainda, de cada vez em maior transfiguração, mais agigantadas, em vez de se irem desfazendo n'uma deliquescencia agonica, se lhe apresentam suas sombrias visões predilectas.

Continuae a ler este livro. Quando chegardes naquella de suas galerias que aprouve ao poeta designar sob o titulo geral de SPLEEN, vereis que ella abre com este pensamento de ESCOMBROS, no poemeto chamado RUINAS: apenas, ahi a idéa já está mais engrandecida, já se lança com outro impeto, mais épica, como uma grande aguia negra, que ande pelos ares batendo as vastas azas, de noite:

"De Job e Dante a imprecação maldita
"Faz dos escombros seu dorido plaustro,

"Amortalhando-os —pallio da desdita —
"Na solidão phantastica de um claustro.

"Si a tempestade — a bacchanal do Espaço —
"Deixa a terra sem tregoa onde se acoite,
"Quando o corisco vibra o fulvo traço
"Como hieroglypho de um missal da Noite,

"Os paredões abalam-se na treva
"Como duendes colossaes, emquanto
"A ruina toda meio que se eleva
"Pela nevrose barbara do espanto."

Não vos faz lembrar um Castro Alves que desesperasse, um poeta épico que se dispuzesse terrivelmente a cantar a epopéa do Nada?

Não vêdes aqui uma energica affirmação, — a de um Ser, n'esta decidida paixão pelos amargos encantos, pela grandeza tragica de tudo quanto se esborôa, de quanto está prestes a se ir?

Mas, procuremos fugir ao exagero.

Vamos percorrendo paginas. Quando menos esperarmos, n'uma d'ellas, havemos deparar com uma vasta promessa de conforto, para respirarmos á vontade, lendo no titulo estas duas breves palavras apenas — O MAR,

que são em si mesmas um infinito descortino risonho.
Lêde, porem, a primeira estrophe:

"Deserto ruge o mar allucinado,
"E, n'um pallor de commoção, a lua,
"Da arcada azul soberbamente nua,
"Doira-o de um brilho fulvo e torturado!"

Antes de tudo: a hora preferida para este encontro com o largo mysterio das ondas nada tem de ridente; é sob o aspecto nocturno que o mar desperta ao poeta uma mais viva paixão.

E a esta hora o que de mais prompto o attrahe no salseo elemento é o deserto, e o rugir, que elle julga allucinado. Ha luar, mas a lua, em vez de amenisar este quadro de tão sombrio escorço,

"...n'um pallor de commoção,
"Doira-o de um brilho fulvo e torturado."

Mas elle necessita de ainda insistir na mesma imagem, movimentando-a, tornando-a melhormente louca:

"E o Mar o dorso enorme e afflicto,
"Ao ver que o enche, barbara, a nevrose
"Que ha pelos vastos ermos do Infinito,

"Collêa o dorso exul de vaga em vaga,
"Phosphorecendo como um polvo em cio;
"E o vento a sua colera propaga.

"Paixão de monstro em tal egoismo accesa,
"Que, para a sós sentil-a, o Mar, sombrio,
"Entre elle e o céu fechou a Natureza."

Um poeta essencialmente subjectivista, estamos vendo, com invencivel tendencia para espiritualisar todos os objectos a que attenta, a vel-os sob o prisma proprio á paisagem de sua alma, paisagem tão negra, tão amarga, infelizmente, embora assim alevantada e convulsa.

Lembra um bosque das nossas palmeiras seculares que fosse entrevisto á luz dos relampagos n'uma noite de agitada tormenta.

2

Mas voltemos das digressões para que elle nos leva no mundo exterior. Este excursionista não é dos que deixam vontade de os tomarmos para companheiros muitas outras vezes. Sahe-se de tal camaradagem como si tivessemos andado noctivagando extravagantemente e durante todo esse perambular fóra de horas não nos houvessem entretido sinão com sombrias historias de duendes.

Vamos pedir um abrigo ao seu tecto. Almas existem assim, como os lagos: não as agitem, que logo se enturvam e ha toda uma rêde de crispações doentes na superficie das suas aguas; no entanto, quando nada as intranquillisa, lá no fundo do seu seio, como em leito de prata, a Paz, fragil e formosa deusa, feita de petalas de grandes jasmins, dorme embebida em ridente sonho azul, que os simples julgam ser um reflectir de céu.

Ouvi, porem, o poeta. Elle nos detem, para prevenir, nos umbraes:

"...a dôr noitêa o meu casebre
"— Sombra da cruz velando o meu pardieiro.—
"Piedade ao pranto!....."

Devemos, por conseguinte, estar mas é amargamente preparados.

O que já agora vos digo, entanto, é que a realidade excederá, por força, vossa espectativa, por mais treda e conturbada que ella venha.

Reflecti sobre este titulo de uma parte do livro: RONDA POLAR. Quanto a mim, o que elle logo me põe diante

dos olhos é um desolado trenó que pacificas rennas tiram, demandando pelo deserto das geleiras alguma remota, perdida Laponia, em que os ursos e os lobos uivem á lua, emquanto toda a atmosphera seja um castigo "que gelou," e rarefez-se, alva e doída, pesando impiedosa sobre a terra.

O arrastado vehiculo vae atravessando lentamente, como si bem soubesse que ia em busca do alcaçar da Morte. Alguem, comtudo, dentro delle, de vez em quando se move, descobre o rosto e por instantes contempla — balladas e elegias no olhar, — como si reminiscencias saudosas se lhe fossem accordando n'alma, de outras eras em que esses mesmos lugares lhe tivessem sido risonhas e festivas Italias, ao calor de outra atmosphera, carinhosa, primaveril e florida.

E a intenção do poeta corresponde exactamente a isso. Toda essa parte do LUAR DE HINVERNO é uma amarga serenata polar, n'um mundo desolador sem termos, toda ella evocando almas ou illusões que se foram.

Si quereis saber da vida intima que passa o poeta, ficae avisado, é este o espectaculo que vos espera:

"Cada lembrança um grito desenterra
"De um passado que riu, de uma alma ignota."

Ora é o sagrado vulto materno que elle evoca, e a que elle fala:

"...o que amei, na mesma dôr violenta,
"Como si eu só a ti chorar devera,
"No teu caixão resume-se chorando."

Ora se dirige A' FILHINHA MORTA:

"Morreste... e em ti levou-me a sepultura
"Do maior sonho o eterno reverbero,
"Porque não ha, nem mesmo na loucura,
"Quem te possa querer como eu te quero.

.....
.....

"Fiz da minh'alma que a saudade estilha
"N'esta sagrada e torva penitencia
"Camara ardente de teu nome, Filha!"

E talvez haja quem pretenda ver o desfilar de um terceiro prestito, lendo outros versos cujo pensamento, repetido em varios pontos do LUAR DE HINVERNO, mais claro transparece, tratando-se da RONDA POLAR, n'aquelle soneto em que elle diz:

.....
"E para sempre te hei de ver, querida,
"Linda e gelada como vejo os astros.

"Terás fibras ardentes por ballastros,
"Dobrando a mortos uma despedida;
"E esta saudade — como um céu de rastros —
"Ha de seguir-te eternamente a vida.

"Ah n'este occaso, se almo te contemplo,
"Enluara-me o teu grande olhar absorto,
"Como a sagrada lampada de um templo."
.....
.....

Agora não se trata propriamente da evocação de queridos mortos, mas simplesmente da de grandes eras passadas, muitas das quaes nem tem historia:

"De idas especies a atra caravana,
"O Ibis, o Lotu', a Sphinge e o Mahabarata,
"Toda a vertigem da nevrose humana

"Pelos meus olhos passam,"

diz o poeta. Mas quereis saber o que, diante deste prestito phantastico, o preoccupa e obseda? E' lerdes o fim do ultimo terceto:

"E á sedenta
"Supplica da alma que delira e mata
"Porque não passa o Ideal que me atormenta?"

D'ahi a pouco, n'uns dolorosos versos que dobram a FINADOS, não é d'esse Ideal, que nem siquer chegou a formular-se claramente, que se trata, mas de uns sonhos mortos, sonhos de amor, referidos em linguagem tão velada, que, de o ser, torna-se mysteriosa e confusa:

"Tudo acabado, mortos! Nem persiste
"A carne antiga rubra de desejos.
"Tudo em caveiras — ultimos sobejos —
"Frias e loucas no seu riso triste."

Ou ainda é com o soffrer de outrem que elle se preoccupa, mas este tão ligado ao soffrer proprio do poeta, que ainda mais o accrescenta e o aggrava:

"Ah! o sonho polar que tens no rosto
"Sobre ésta tez que o marmore sonhara,
"Como me atira ás praias do desgosto
"No atro abandono de que é feito o Sahara!

"Eu vivo á dôr de seculos exposto,
"E essa nevoa da Côr, suprema e chara,
"Muda em camara ardente de sol posto
"A gloria antiga que ella mesma alçara."

D'ahi a pouco, no entanto, é ainda a esse alguem, parece, que elle fala no SUPPLICIADO:

"Bem sei que para ti o estranho affecto
"E' a ouvertura feral de uma demencia;
"Porque não sabes do rancor de Hamleto
"Nem de Magdala a excelsa penitencia.

.....

"Mas eu não amo para ser amado.
"Amo porque ao Destino é muito pouco
"O desterro sem nome que me é dado.

"Se deste exilio na tortura infinda
"Deixou-me a sorte amando como um louco
"Foi para eu ser mais desgraçado ainda..."

E' tão radical a doença que o consome, que elle fecha esta RONDA POLAR confessando:

"E nem no affecto encontro o que preserve
"A alma da Dôr em que a tremer penetro.
"Sorri a Crença,"

elle accrescenta,

"Mas para que serve
"Crer, se o riso que venha é rudo espectro?"

Sentistes todo o amargor d'esta descrença até pela propria Crença, toda a treva d'esta noite obsedada, em que se nega que haja dia na propria luz?

E o livro inteiro é assim.

Quer em NOCTURNOS, quer em SPLEEN, — duas outras partes do LUAR DE HINVERNO, — é todo um tetrico subjectivismo que predomina, accommodando e reduzindo á sua tristeza todos os assumptos que correspondam a objectos estranhos á historia intima do poeta, e, quando é d'esta que se trata, repetindo os mesmos pensamentos anteriores, apenas modificados, ou desenvolvidos, n'uma fidelidade de sentimentos tal, que faz lembrar a monotonia lugubre de um canto-chão.

A MISSA NEGRA, — poemeto que constitue outra parte do livro, e que ainda não tinhamos tido occasião de citar, — é um episodio que se narra em versos, do mesmo modo que o outro — PSALTERIO DE ASTROS, — primeira parte do LUAR DE HINVERNO.

Mas dá-se com Silveira Netto n'estes trabalhos o mesmo que acontece a Novalis no DISCSPULOS DE SAÍS. Tal vão elle tentou alçar scenarios, crear personagens, estabelecer movimento, separar a descriptiva dos monologos ou das dialogações em que se empenham os seus

typos: estes partecipam por tal modo dos proprios traços do poeta, e o inanimado de em redor é uma floração tão irmã da sua propria alma d'elle, que dentro em pouco tudo se confunde n'uma unica nebulosa, e nos persuadimos que estamos a ouvir mas é unicamente a voz do proprio poeta, a ver a sua propria alma, melancolica e tragica, que ali directamente se expressa.

Não leiaes, porem, uma vez apenas quer essa MISSA NEGRA, quer o PSALTERIO DE ASTROS.

Voltae de novo a pagina, e procurae conhecel-os melhor: vereis que ha trechos ahi de uma perfeita nitidez de linhas, de fundo contorno, de acabado relevo, e, principalmente, no primeiro, de uma solemnidade nova, ardentemente emocional, — de estranho arrojo de escopro no outro, a que ninguem se aventura sem verdadeira confiança na febre de seus impulsos.

Relevae que eu vos antecipe a leitura destas quadras do PSALTERIO DE ASTROS, si, mais acertadamente, antes de ler-me não quizestes ler o poeta:

"Era de estrellas um enorme alvearco
"A cupola celeste escura e goiva;
"E a Via-Lactea se estendia em arco
"Branca e rendada como um véu de noiva.

"Depois gelada abrira-se, e na extrema
"Nevrose eu vi formarem-se de tantos
"Astros as duas paginas de um poema
"Em que eram côr de lagrimas os cantos.

"Cantavam as estrellas. Córos almos
"O Espaço enchiam de um rumor contricto;
"E histerico, a fundir astros em psalmos,
"Parecia rezar todo o Infinito.

"No extase que os páramos outorgam
"Aos visionarios, eu surpreso via
"Que céus a fóra como a voz de um orgam
"A psalmodia d'astros proseguia

"Erma de risos e de magestades,
"Porque as estrellas são os magnos portos
"Onde ancorou com todas as saudades
"A dôr de tantos seculos já mortos.

"Desde Walmiki e Homero — esses prophetas, —
"As intangiveis amplidões ceruleas
"Ouvem, sagrando, a queixa dos Poetas,
"Como um ciborio de canções e dhulias."

Alem do mais, não vos vem da leitura destes versos uma confirmação ampliativa á idéa que recebestes sobre o talento deste poeta ao lerdes os trechos épicos das RUINAS e d'O MAR?

Quanto a mim, bastavam aquellas duas composições e este excerpto para acreditarem qualquer autor como um verdadeiro poeta.

Agora, aprofundae melhor toda esta amargura que ha na obra de Silveira Netto: acabareis por convencer-vos que não terieis achado a sua verdadeira caracteristica si não houvesseis visto no fundo de tamanho negror uma doçura de ouro sorrir-vos archangelica, lembrando uma creança que através das ferreas grades de lutulento calabouço subito nos acenasse, — cabello em aureos caracóes, olhos da côr das violetas, — pondo imprevisto paraiso risonho no extremo daquella treva cheia de suggestões sinistras.

A descrença até pela propria Crença, que atormenta este poeta, não é mais, no fundo, do que um almo novo modo de crer.

Voltae a ler o PSALTERIO DE ASTROS. Fitae aquelle

"visionario do Supremo
"Ideal, ancioso de Azul e de Infinito,"

crystallino avatár sob que o poeta se encobre desta vez para dizer de seus sentimentos ao mundo, tão crystallino que não haverá quem não penetre na clara transparencia de tal ficção. Só elle basta a quem fixe os olhos docemente attento no seu raro e suave perfil para lhe dar as linhas geraes da caracteristica que cabe ao seu creador.

Aos olhos delle os astros transfiguram-se formando

"...as duas paginas de um poema
"Em que eram côr de lagrimas os cantos."

Falam-lhe, estes astros, cada um de per si:

Primeiro o Astro da Paixão. Mas para que? Para lembrar-lhe Sapho, quando se apaixona por Phaon, desespera e produz a tragedia da Leucade, com que a lenda lhe fecha a vida, engrinaldando-a mais soberba ainda, porem nessa attitude convulsa de suicida. Depois para dizer-lhe do amargo destino de Francesca, para o qual só não tem lagrimas quem já não amou, de Francesca, cujo beijo, que insensivelmente lhe brotara aos labios, vem,

"Como uma flôr ardente da volupia,
"Enchendo o Inferno de um choral de goso."

E si

"Do alto olha Beatriz o seu Poeta ao longe
"N'uma pureza de hostia que se evola,"

a Terra, representante do Senso Commum n'este côro de astros sublime, commenta ironicamente este olhar, sublinhando-lhe as palavras um scepticismo estrabico e amarello.

Fala em seguida o Astro da Dôr. Lembra-se, antes de tudo, de Caim, o primeiro dos Seres a quem a Natureza negou para sempre uma nesga de seu manto, num

ollo implacavel a uma culpa que pelo inilludivel do destino lhe era inevitavel encarnar.

Vem após o Astro do Amor, e o da Fé, e finalmente o Astro da Pureza.

Nenhum, porem, por mais doce que lhe fale, enchuga suas lagrimas, desfaz o soluço que lhe opprime a garganta. E' um infinito conjunto de vozes affirmando-lhe apenas o infinito da Dor.

No entanto, ao terminar o poema, todos os astros em côro se reunem para assim lhe dizer:

"Crystallisa, Poeta, a immensa magoa
"No imponderavel templo do Ideal!

"Ergue da Terra os olhos rasos d'agua
"Para a visão d'esta loucura astral.

"Dillue a Dôr, dillue a Terra, Poeta,
"No extranho amor das cousas immortaes

"E n'um halo de sonho, novo asceta,
"Sahirás da vida, para nunca mais!

"Leva o infinito de tua alma humana
"Para os extases da mais alta Emoção!

"Partamos para o Lotus do Nirvana
"Fluidificados na Contemplação."

Estamos vendo: uma amargura mystica, a de Silveira Netto, que rebenta em sonhos, que se traduz por delicada nobreza, levando a alma para uma ascetismo de nova especie, para a suprema aspiração de um Nirvana intellectual, sem duvida differenciado do tremendo Nihil, que o antigo budhista comparava á chamma extincta por um sopro imprevisto no seio de uma treva absoluta. Notae que os mesmos astros que o convidam para se alçar até a altura do lotus nirvanico, de vertiginoso

perfume, são os que ao mesmo tempo lhe dizem numa deliciosa contradicção apparente:

"Dillue a Dôr, dillue a Terra, Poeta,
"No extranho amor das cousas immortaes."

Mas, si quereis ter ainda um encontro mais flagrante com a candidez que ha no seu desespero, e que lembra o delicado perfume das tragicas violetas, lêde e ponderae aquella MISSA NEGRA, poemeto que constitue a penultima parte do livro.

Não ha quem, vendo este titulo, não se lembre immediatamente das descripções de Huysmans, em L'A BAS, naquellas paginas hystericas e sinistras, que representam a obra prima da blasphemia, o Hebal de onde clamam conjuntas todas as ancias do seculo que se fizeram malditas.

Antes de começarmos a leitura do primeiro verso, preparamos a alma, como quem em climas frios tenha de sahir por uma noite hibernal tempestuosa, abandonando o conforto das camaras aquecidas e tranquillas.

No entanto, o poemeto nos dá conta apenas de um episodio pungente, mas de fórma alguma maldito, do encontro de uma Heloisa com o seu Abelardo por occasião de solemnidade sacra, em que elle é officiante, no templo, encontro que mais tarde o monge, no fundo da cella, recorda, e com amargura commenta.

Não tem duvida, os primeiros versos do poemeto são de negra e amarissima descriptiva:

"Poeirenta e muda a cella, entoxicada
"Das espectraes visões do Apocalypse,
"Era uma palpebra fechada
"Mantendo a vida n'um eterno ecclipse.

"Amplas paredes longas se estendiam
"Na sóbria estagnação da linha recta;
"Sómente os chóros mysticos se ouviam
"Entre a sombria architectura asceta.

"Dolente e esguia fôra uma janella
"Rasgada, como um olho enfermo e triste,
"Por onde a fulva aurora espiava aquella
"Vida de claustros em que não se existe."

Mesmo os versos seguintes, em que o poeta ergue e esculpe com severidade e tristeza o vulto do monge que ali se enclausura, esses ainda enregelam o espirito, sustentando nelle a triste espectativa que o titulo creara:

"E o Monge a olhar o calice e a patena
"Que ainda ha pouco beijara no Sacrario,
"Parecia, n'um halo de gangrena,
"Mumia de Fausto a rir no Evangilario."

Quando, porem, se ouve falar aquella allucinação vestida de burel, aquella ancia que a rigidez da disciplina, dando-lhe quietetude apparente, torna mais anciosa, mais tragica ainda, pode vir-nos uma lagrima aos olhos, mas simplesmente pela sorpreza da incalculada meiguice das suas palavras, da candura das suas blasphemias, da religiosidade dos seus desesperos. Sente-se que sob aquella estamenha é o proprio coração do poeta que pulsa, e então mais do que nunca se reconhece a impossibilidade, nesta alma, de perder a grande doçura que lhe é propria, a boa ingenuidade de um ser irreductivelmente puro, cujo cyclo fatal tem de ser descripto, aconteça o que acontecer, longe das raias pestosas em que os verdadeiros reprobos respiram.

5

Amargor e arrebatamento, descrença e candura, *spleen* e meiguice, antitheses sob todos os aspectos por

que tenhaes occasião de estudal-a, eis o que vos offerece esta alma de poeta.

Apenas, jámais encontrareis n'ella o estardalhante das alegrias francas, o explosivo das decisivas revoltas. Ha attitudes tragicas, ameaças que enregelam as veias. Mas ouvi o que nesses momentos mais culminantes se diz: a voz é cava e principalmente amortecida não se sabe por que invisiveis abafadores. Vêde que acções são as que decorrem desses inicios que vos deixaram numa espectativa anciosa: simples espectros de acção, como de um Byron de gabinete, movimentos pela ametade, idas e voltas de Hamleto a scismar.

E, por isso, meios tons, predominantemente, noites, brandas embora, entrecortadas de breves dias, esquerdos, esquivos, — que fundidos com ellas dar-nos-iam, quem sabe? estranhas, curiosas noites de luar, meio azas de corvo, meio plumas de garças brancas, noites finas e raras, de um luar incerto, de uma atmosphera melindrosa, quasi sonoras, mas doloridas para os esthesiados, para os doentes do sagrado mal, noites feitas de lagrimas, de queixumes, mas tambem de affecto, noites de LUAR DE HINVERNO, indiziveis, de nos fazerem ajoelhar e ter vontade de morrer naquelle extase magoado, como são certas noites ineffaveis lá das nossas terras do Sul.

Porque Silveira Netto é paranaense, como eu.

Quasi que todo o LUAR DE HINVERNO, foi composto em Coritiba, onde elle reside, centro literario que depois do Rio é hoje o mais notavel do Brazil, no que respeita ás bellas letras propriamente ditas. Outros haverá superiores em cultura e porisso capazes de uma representação com que elle não pode competir na philosophia, na critica, nas sciencias, no jornalismo; mas em parte alguma do Brazil ha um pugillo de moços de intuição mais moderna e pureza de ideaes artisticos mais perfeita que naquella bella e florescente capital do Paraná.

Silveira Netto, Emiliano Pernetta e Dario Velloso são até hoje os que entre todos mais eloquente documentação nos tem offerecido da superioridade de seu espirito. Alem destes, porem, uma dezena de outros companheiros militam ao seu lado, que, é questão de tempo, hão de obter um nome digno entre os impostos até agora como typos representativos. Reunida a estes uma pequena multidão de neophytos, ainda na candidez das vestes proprias da Iniciação, mas cheios de promessas e resplandecentes de confiança em si, vê-se que um meio literario de cada vez mais complexo ali se vae constituindo, de que, — é para esperar, — ainda por certo o que se tem produzido não representará o apogeu.

6

Do mesmo modo que o titulo resalta do livro, á essencia do livro corresponde o estylo, — a estructura, a carnação, a roupagem.

Fiel a um numero dado de sentimentos, restricto porisso a um dado numero de idéas, o auctor do LUAR DE HINVERNO não ostenta, porque não podia ostentar, uma abundancia de estylo que seria contradictoria com o seu ascetismo intellectual: elle tem um numero tambem limitado de recursos para a expressão dessas idéas e desses sentimentos.

Mas a riqueza nem sempre provêm da abundancia; ella nasce ás vezes simplesmente da preciosidade. E' o que Silveira Netto intuitivamente comprehendeu. Elle é de um sentir vehemente, menos pelo impeto do impulso do que pelo doloroso, pelo perturbador da sensação; e a forma por que elle sente é a mesma que tende a empregar para communicar-se com o exterior: seu estylo é barbaro e allucinante, — de uma construcção convulsa, quasi epileptica, carregado de imagens febris, dolorosas, pungentes. E alem disso absconsas, esquerdas,

essas imagens, muitas vezes de analogia apenas longinqua, inteiramente imprevista, com o seu objecto.

Juntae a isso a preciosidade dos epithetos, o mysticismo do vocabulario em geral, e antes de o lerdes vos será facil prever que livro abrupto e singular é este que vos espera.

Alem disso, por um lado, um ascetismo aristocratico na escolha das rimas, raras e ricas quasi sempre, mas, por outro, num desdem convulso por faceis melopéas, n'uma impaciencia enferma de quem soffre demais para ir ajustando a uma medida só a expressão d'essas suas ancias, — um *parti-pris* decisivo, sinão pelo verso livre, pelo menos pela asymetria da estrophe, por uma multiplicidade de metros a que o poeta muitas vezes recorre quando menos se espera.

De todo esse systema allucinativo organisado é inevitavel uma consequencia decorra, que é a obscuridade do estylo: justamente devemos dizer — um dos caracteristicos mais essenciaes deste livro.

De modo que o LUAR DE HINVERNO traz o destino das obras raras, na accepção correspondente ao *bizarre* dos francezes. Entre os poucos que o lerem até o fim haverá muitos ainda que saiam delle como de uma companhia com que não lograram entender-se de modo completo. Mas quem quer que o encontre e seja, na verdade, um intellectual, um homem de rara esthesia, e um espirito dotado de delicada sympathia humana por todos os soffrimentos legitimos, esse ha de voltar a ler estas paginas, travará convivencia mais intima com ellas, e acabará por amar perfeitamente este livro, como a um amigo melancolico, mesmo *spleenetico*, mas nobre, delicado e fiel.

Tanto mais que o LUAR DE HINVERNO não é apenas uma soluçante obscuridade posta em versos. Por largos trechos muitas vezes, — dos quaes não poucos já são conhecidos por quem haja acompanhado a galaxia que tem vindo a offuscar estas paginas até o ponto

em que estamos, — canta o poeta em tuba de prata uma poesia sonora, corrente e franca, que vae fazendo através do livro multiplas clareiras alacres, á semelhança dessas que de ponto a ponto corrigem numa floresta a allucinação visual tendente a estabelecer-se ante a vista sombria, tragica, de extensa vegetação implicada e gigantesca.

Attentae para a flora que viceja no LUAR DE HINVERNO. Um grande valle de saudades, ora soluçantes e amargas no roxo-negro das petalas sem perfume, ora pallidas, quando não sejam inteiramente desmaiadas, em deliquescencia, fazendo lembrar jovens viuvas a torcerem as mãos, tragicas pelo silencio, ante o irremediavel que imprevistamente as assaltou. Si não, roxos lirios pendentes, — scysnes que em vez de cantar calaram-se, congestionaram-se, fizeram-se plantas e agora soluçam a dôr que traziam no perfume com que aromam as margens dos rios, ou então os cemiterios, — outros rios, para onde em vez de aguas escoam os mortos. Tambem, em latadas que de longe se annunciam, tragicas violetas rescendem, enormes e anciosas, como são as nossas violetas do Sul, lembrando corações de amantes desgraçados que se hypertrophiaram, ou então fazendo pensar nuns olhos de formosas suicidas rhenanas, virgens e moças, que ainda mesmo depois de mortas parece viçarem.

Mas demorae a vista, e observareis: nem todas estas violetas são de rigorosa tristamia. Sob as folhas, principalmente, encontrareis algumas brancas e magnificas, mas agrestes, rebeldes, fugitivas, fazendo-vos lembrar daquellas nymphas que, noutros tempos, viajantes intrepidos e predestinados perseguiam deliciosamente, através de maravilhosos bosques, quando lhes acontecia aportarem em alguma Ilha dos Amores. E por toda parte, entrelaçando-se com as outras plantas, roseiraes floriem, brandos no perfume, modestos no chromatico da carnação, tudo suavisando, tudo docemente esba-

tendo, como boas almas, — boas e simples, que onde chegam levam uma paz, uma serenidade communicativa, pela qual tudo em torno parece ficar melhor, tudo parece tomar attitude sympathica, levemente risonha.

7

Não faltará quem julgue estranho tenha-se coragem para publicar livros destes numa epoca vertiginosa como é a nossa, — vertiginosa e pratica, em que se quer cada coisa simplificada, clarificada, de modo que se a empolgue numa facil e rapida apprehensão, pois que não ha tempo para demorar-se o espirito muito seriamente sobre um dado objecto, qualquer que elle seja. No entanto, mesmo no Brazil, este está muito longe de ser o primeiro que se publica offerecendo como caracteristicas geraes qualidades justamente oppostas ás que essa assignalada tendencia do tempo reclama. E nisso não fazem mais os novos escriptores daqui do que acompanhar, uns por instincto natural, outros por imitação consciente, o movimento universalisado por todos os centros do mundo em que a arte encontra hoje uma digna representação.

Por toda parte é o que se vê: ou epigonos de velhas escolas, numa chocha e fanha orchestração de pronunciada resaca, a bordarem sediços caireis em torno de velhos themas que já perderam sua razão de ser, e que porisso conseguem hoje apenas enthusiasmo official, presidido pelos megatherios que os eternos timoratos da sociedade num tacito accordo arvoraram em idolos, mais por instincto de defeza, por intenção hostil aos outros, do que por sentida onolatria; ou então estes progonos que ahi vem, em correspondencia com outros elementos, prenunciando a grande epoca que se prepara, mas, uns na forma, outros no fundo, e muitas vezes no fundo e na forma, cheios de inconsciencia, porque vem

pejados de futuro, mas porisso mesmo difficeis, sinão impossiveis, em tantos pontos, de sondar, de determinar, de focalisar, de collocar em implacavel, embora, mais intelligente, mas equitativa evidencia.

Tal absurdo, porém, é apenas apparente.

Estas epocas chamadas de decadencia caracterisam-se pela caducidade em que antigos ideaes cahiram e pela inconsistencia que offerecem novos ideaes muitas vezes ainda em inicial formação. Dahi a frivolidade geral dos espiritos por esses tempos, a attitude desattenta das turbas, a tendencia para a reversão de todos os valores, para o rebaixamento de todos os ideaes.

Mas notae: justamente quando sè acham na sua plena effervescencia essas ebulições, tão constantes na historia como as phases consequentes á rotação e translação da Terra, começa a formação de nucleos cuja caracteristica é justamente opposta á tendencia geral, á frivolidade correspondendo aqui uma dolorosa contenção de espirito, á facilidade moral o mais rigoroso ascetismo, ás tendencias scepticas sob todas as formas uma exaltação desmedida em tudo quanto é artigo de fé. Procura-se instinctivamente aqui a negação do Numero pela affirmação da Intensidade, provoca-se o menospreço do Real brutal em favor do Real ideal — por outra, e é o mesmo: em favor do Ideal pelo Real, — tudo obedecendo áquella lei fatal da successão, ao rythmo invariavel da Natureza.

Porisso mesmo que offerecem um contraste flagrante com o meio, essas minorias heroicas chamam a attenção sobre si. Mas como taes attitudes não se guardam sem que o mundo tire, utilisando-se de todos os processos, — os mais inquisitoriaes, como os mais imbecis, — todas as confirmações de que ellas não partem de fóra para dentro, mas são apenas uma consequencia plastica do movimento interior, ellas impõe o respeito, revestem-se da auréola que prestigia os phe-

nomenos excepcionalmente superiores na esphera humana, e pouco a pouco esses raros seres vão se fazendo o centro do mesmo mundo que a principio os repelliu, *caput,* orgãos representativos de um novo e já então começando a ser triumphante estado social.

Depois: a Humanidade é uma só. No fundo esse modo de ser frivolo por que taes epocas se revelam não é sinão apparente, é uma forma grosseira de indicar a preoccupação latente que as domina, mas que ainda não pôde achar seu surto n'uma symbolisação concreta, sempre de formação muito lenta na historia das grandes collectividades. E' um estribilho que anda á flôr d'alma, levificando, dando certo encanto á atmosphera de em redor, emquanto inconscientemente lá no fundo de cada ser se vae realisando a grande elaboração que ha de vir mais cedo ou mais tarde á luz.

Não ha homem que não viva em clara ou subterranea solidariedade com os outros homens neste ponto, pois que nós somos, quer queiramos, quer não, os representantes do pensamento e do sentimento aqui no Planeta. Si assim não fosse, si afinal essas minorias de que falamos representassem outro papel que não simplesmente o de guardas avançadas de um exercito que vem lentamente abrindo o seu caminho, mas exercito constituido por esses mesmos para quem a principio elles são os incomprehendidos, de quem são os injustados, si essa tendencia singular que elles trazem não fosse latente em todos os seus contemporaneos, dependendo apenas de uma questão de intensidade, neste caso estes não os tomariam a sério nunca, e elles morreriam intanguidos, como um ser terrestre abrindo os olhos num meio que formidaveis machinas pneumaticas houvessem desprovido de atmosphera. Tudo estudado, vê-se que não é propriamente o singular que attrahe, mas o Eterno, o Infinito para que caminhamos, o Bloco Absoluto visto um momento por um prisma que o faz singular. Novo quer dizer apenas, na sua mais nobre accepção, melhor,

mais bello. Por outra: o Bello mais bem visto, e unicamente por isso mais bello.

De modo que o movimento literario que o instante presente offerece é naturalissimo, está perfeitamente de harmonia com elle, por mais antagonico que pareça aos observadores superficiaes, aos providos de uma logica myope, aos tardos ruminantes do mundo do pensamento. E' uma flora esta que viça do *humus* estendido em lustro abundante na estação anterior; ella reverdesce com a sua primavera: porisso prevalecerá.

Lá para alem do Atlantico já os verissimos não se animam a fechar o olho numa malicia pequeninamente sceptica, ante taes affirmações, temendo que se os chame de cretinos. Mesmo os daqui, desde que se trate de producção peregrina, já se esfalfam por entendel-as, por lhes dar uma interpretação, por lhes fazer uma justiçasinha, — que receiam attribuir-se uma negação absoluta de sua parte á ausencia lastimavel de paladar. Vão mais longe estes nossos hominiculos ainda: para se inculcarem como a *crême* da imparcialidade, o ideal no que se chama pureza de alma, santidade de intenções, já deixam passar com uns adjectivos mais assim aquelles dos nossos companheiros que lhes parecem mais inoquos, mais bons moços.

Mas o que se chama o reconhecimento de que nós é que somos os homens que vieram para representar a hora no que ella tem de mais alto, de mais glorioso, no que ella tem de magnifica, isso é o que, por emquanto, torcendo-se e retorcendo-se, n'uma colica impagavel de émulos collegiaes, verdes e estrabicos, elles procuram a todo transe esconder.

Os representantes do Meio Termo, do Senso Commum, os homens do troco miudo no mundo intellectual, — que são os chronistas de jornal, quando intelligentes e senhores do officio, — esses já vão comprehendendo por instincto que é tempo de evoluir.

A gloria do chronista faz-se da que elle reconhece aos autores na proporção em que estes, descrevendo a sua trajectoria, passam por um arco que coincide com o gosto do publico contemporaneo. Quanto mais elle saiba ir sendo dirigido pelo senso dos leitores mais conseguirá dirigil-os e melhor chronista será. E' o leitor que faz o chronista, é o chronista que faz o leitor. Mas por emquanto a chronica na nosas terra ainda não entrou numa symbiose perfeita comnosco, — que felizmente ainda não envelhecemos bastante para isso. Emquanto andemos empenhados propriamente em abrir caminho novo, assim ha de ser. Quando todos puderem passar pela nossa estrada, ahi o Meio Termo ha de tomar-nos aos braços, já instinctivamente procurando outrem, no entanto, com quem vá subrepticiamente trahindo-nos, em fugitivos colloquios.

E' claro que por fim, seja como fôr, só hão de triumphar o Verso e a Frase que d'entre todos forem os melhores. Nem o claro que o seja por ausencia de ideaes, nem o obscuro que tal se faça para se fingir profundo, mas que, tudo bem visto, não represente mais do que uma calvicie intellectual, nem uma coisa nem outra ha de ficar.

Eu confio que o LUAR DE HINVERNO não irá para o numero desses condemnados, guardadas as devidas proporções, principalmente lembrando-se que se trata de um livro de estréa, cujo autor ainda está longe da sua plena maturidade.

Apezar de todo o defectivo deste livro, não conheço outros no Brazil, a não ser os de Cruz e Souza, que representem em verso mais intensamente e mais caracteristicamente do que elle o momento com que a Poesia fecha o seculo no mundo occidental. Eu diria que depois do Poeta Negro Silveira Netto é o mais poeta dos que por emquanto conheço por obras entre os novos poetas do Brazil.

Os livros que elle ainda ha de produzir, espero, confirmal-o-ão melhor do que este na collocação que acabo de indicar. Nossa intima convivencia, durante os muitos mezes em que o Rio o teve como seu hospede, proporcionou-me deparar nelle uma das almas mais adoraveis, — mais meigas, mais puras, embora tambem mais melancolicas que eu tenho conhecido, junto a uma elevação de vistas, a uma exaltação sentimental que é raro encontrar em homens de letras. E porisso, certo, me haverá fornecido elementos que o geral dos leitores não pode conhecer.

Mas, julgo inevitavel, todo aquelle que tenha orgão sentimental desenvolvido e delicadeza de espirito assignalada, lendo demoradamente este livro, dentre os versos barbaros, nobres e singulares do LUAR DE HINVERNO, como de uma bruma translucida, irá aos poucos vendo surgir o sympathico e digno vulto de um verdadeiro poeta, de certo bem semelhante a esse que uma conveniencia directa me deu a felicidade de conhecer.

1900.

Raul Pompeia

1

Raul Pompeia é uma das individualidades de caracteristicos mais proprios, mais singulares que até agora produziu o Brazil.

Elle trouxe uma organisação de heróe; sua capacidade cerebral, sua cultura e o meio onde se desenvolveu evidenciaram-n'o como um pensador, um estheta (que é um modo de ser poeta) e um politico theorista.

O ATHENEU, as CANÇÕES SEM METRO e os seus trabalhos politicos, juntos aos poucos discursos que elle produziu, cercado de circumstancias que é preciso não desconhecer, falam delle tão eloquentemente quanto uma obra póde falar de um homem. Sua vida, suas acções, que a tradicção recolheu e irá conservando como um halo de apotheose em torno da obra representada pelos livros que elle deixou, completam-lhe o vulto.

2

O ATHENEU é um tabalho de observação, de critica, portanto de idéas, falando-nos de um pensador que oppõe systema a systema em questões de educação.

Mas, alem disso, revela um psychologo que põe de pé varios typos humanos neste livro, e tão nitidamente,

com tanto poder de relevo, tal capacidade para creação, que nunca mais se diluem as linhas rigorosas com que o escriptor fixou em nossa imaginação alguns delles.

Demais, palpita em todas aquellas paginas uma emoção pessoal, ha em todo O ATHENEU um subjectivismo que se não póde esconder, a expressão de uma natureza á parte, fina, delicada, talvez doente mesmo, ao serviço de um caracter honesto, escrupuloso, severo, que se objectiva mais francamente no pensionista de que o livro se propõe a ser uma especie de memoria collegial, todos vendo que nesta o que existe é até certo ponto uma mal dissimulada auto-biographia.

E' o psychologo, e é o estheta, que ali se encontra, que salvam o livro. Idéas vêm, idéas passam; as emoções, essas, quando são legitimas, si não perduram eternamente, porque nada é eterno sobre a terra, só muito a custo se vão tornando incomprehendidas, inapprehensiveis, estranhas ao coracão humano.

O que, porem, sobretudo, torna O ATHENEU um dos livros de prosa que merecem ser destacados na literatura do Brazil, é que se revela neste theorista que o fez, nesse emocional que vibrou em cada uma daquellas trabalhadas paginas uma intelligencia propriamente superior. Porque sentimos n'O ATHENEU o flagrante de uma alma a viver. Quem o fez era um desses seres centraes a que não é dado o repouso nunca, porque elles andam na sua perpetua funcção de ver, de sentir, de procurar comprehender, serenos quando tudo se convulsiona, muitas vezes convulsos no que os outros têm, acaso, por felicidade ou por nonada inapreciavel.

O ATHENEU de Raul Pompeia faz-nos lembrar de Rousseau e em alguns pontos do LUIZ LAMBERT de Balzac, onde ha tambem uma auto-biographia, desdobrada em duas, dos tempos collegiaes.

3

Das Canções sem metro, (1), que até hoje ainda não receberam a forma definitiva do livro, as reminiscencias que ficaram põe-nos diante dos olhos um poeta panthelsta, ainda que seja atheu, em lagrimas emocionaes, constellares, diante do céo, diante das coisas, um meigo irmão daquelle triste e dulcissimo Anthero, a quem a sorte o ligou duas vezes, na vida pelo parentesco espiritual, na morte pela egualdade do sinistro desfecho.

Em Anthero ha mais generalisação, em Raul Pompeia ha mais nuança. Um tem a anciedade daquelle que afunda os olhos na distancia, que quer abranger de um só relance toda a longitude das linhas por uma necessidade de infinito; o outro como que procura o infinito que ha no atomo, e os grandes, os eloquentes caracteristicos que andam muitas vezes no inapercebido, no geral inapreciavel das coisas. Ambos se encontram na aristocracia intellectual, nas preoccupações divinas que trazem, no soluço indizivel que lhes opprime a garganta.

4

Conta-se que Raul Pompeia com O Atheneu visou em sua critica um determinado objecto, que até certo ponto aquelle livro representa uma ataque pessoal.

Será. Pelo menos os que o acompanharam de perto dizem que toda a sua vida, desde os mais tenros annos, foi um combate sem tregoas, em que apenas o objecto variava. Elle vem sendo desde logo uma intransigencia á procura de applicação. Naturezas assim são oppostas á do contemplativo, que é a que melhor se adapta ao sacerdocio da arte. O artista propriamente dito não discute, não peleja: sente simplesmente e canta.

(*) Posteriormente a este trabalho, ellas foram editadas em volume.

Mas é preciso ver que o puro contemplativo, como o objectivista exclusivo, não passam de méras abstracções. As naturezas ricas e poderosas são aquellas em que uma e outra tendencia se encontram, equilibrando-se.

E' este conjunto de qualidades que estabelece vivamente em seu tempo, falando-se de Raul Pompeia, a differenciação do seu ser. Idéas todos as tem, questões, não ha ninguem que as pudesse sempre invariavelmente evitar. Ainda mais, justas idéas, idéas bellas até, não é tão difficil despontarem num cerebro; e heróes anonymos, que em rasgos de generosidade sacrifiquem até a propria vida, não ha paiz que os não produza com fertilidade, não ha homem que uma circumstancia não possa transfigurar uma hora, um momento, num desses seres sublimes. O que é raro sempre é encontrar um individuo que represente a reunião dessas duas forças de um modo continuado ou constante, e ainda mais um que represente esse consorcio com verdadeira grandeza.

Seres que tragam essa singular organisação hão de forçosamente abalar tudo em derredor, onde quer que se achem, sendo um contraste em acção, suggerindo, como nunca, ao mundo que os cerca o espectaculo da incontrastavel inferioridade desse mesmo mundo.

Dahi fatalmente as lutas, e elles tornarem-se mais sagrados pelo soffrimento do que pelo proprio genio que trazem.

Conforme, porem, a altitude de nossa alma, assim, até certo ponto, o aspecto do nosos destino, o diz Maeterlinck. Não ha Gargantua que se enrodilhe, que se agache, se acaçape com tanta habilidade que possa illudir um filho de Lilliput, a quem chame amoravelmente de irmão. O pygmeo vislumbrará nesse affecto egualitario do gigante um ricto secreto de escarneo. São inevitaveis, inilludiveis as tristes consequencias da superioridade. Mas póde acontecer que esses colossos vão embotando a audição para os murmurios lá de baixo, sempre com

seus bellos olhos voltados para cima, perdidos numa divina abstracção. Ainda mais, e melhor, ao que nem sempre será permittido obstar é a que esses injustados aprendam a rir, mais ainda, aprendam a esquecer, e finalmente consigam amar, sómente amar, como um marinheiro ama o oceano, todas essas forças que os sitiam, que os flagellam, mas que com elles vão sem querer collaborando, e com o seu odio impotente completando-lhes a triumphal grandeza.

Raul Pompeia não trouxe uma dessas organisações de bonachão superior, não era um confiado papá Hugo. Sempre honesto, sempre escrupuloso, mas sempre severo. Este é que era o seu modo de ser.

Naturezas constituidas dentro destas rigidas linhas vão abrindo os braços quando caminham, vão fazendo deslocações de um lado e de outro, vão creando um silencio ameaçador em redor de si. Por onde passam tudo se despovôa. Julgam que indefinidamente? Illudem-se. Não se está dando outra cousa senão uma *entente*, pelo menos tacita, entre todos, para que foi necessaria esta tregoa. Recuaram quando dispersos para virem depois reunidos.

Por outro lado, rarisismas e tibias as dedicações que esses homens conseguem; elles causam panico a todos. Tem carinho para com os outros? Estes não sentem, no entanto, senão as humilhações que elles inflingem.

E digamos toda a verdade. Naturezas em que a severidade é maior que o perdão, em que o escrupulo sobrepuja a generosidade e em que a honestidade catonica mata todos os rebentos irregulares provindos da ingenua e descuidosa alegria de viver, naturezas assim, tornam-se muitas vezes inaptas para a expressão da grande verdade, e não tem sido raros os casos em que ellas se constituem em flagello, em algozes de outras

que lhes são superiores, porque não podem apprehender estas. Brutus não obteve razão sobre Cesar, na historia.

Eu falo em these, figurando entidades geraes, nunca completamente concretisadas. O proprio Catão está um pouco longe do symbolo que ficou representando. Raul Pompeia, em todo caso, participou o bastante desse typo ideal para ter sido honrado com a isolação e o silencio relativo no seu tempo. Emquanto livros que já hoje succumbiram, publicados com o seu, levantaram então ruidosa e festiva conclamação em torno, cada penna trazendo-lhes um louvor no bico, cada ouvidoriano disputando a honra da primazia no folheal-o, d'*O Atheneu,* coitado, fundido numa magra, engelhada, implicante edição, que parecia provinciana, mattogrossense, nem quasi se ouvia falar, senão em rodas muito especialistas, num murmurio pallido de despeito descoroçoado.

Já então se estava formando, muito timidamente ainda, uma má casta de gente de letras que anda por ahi agora de collo mais alçado, numa attitude mais insolente, divergindo ás vezes dos elogios de cartazes.

A explicação é facil. E' que Raul Pompeia era menos sociavel, ou antes menos adaptavel do que esses seus contemporaneos. Aprendera a escrever, mas ficara atrazado na arte de fazer *côterie.* Ora, esta deve ser complemento daquella, si os termos invertidos não dizem a verdade melhor ainda. Isto de só se contar com o merito é geralmente offensivo a quem está empregado em nos julgar. Tem genio? Guarde para si; o que queremos saber é se é bom rapaz. Bom rapaz, ás vezes, significa ter todos os defeitos. Em uma palavra, não presta para nada? E' como eu, está aceito o seu livro, por mim e pelo meu publico, caro amigo.

No entanto, Raul Pompeia não era um provinciano chegado de novo, estranho ao syndicato que monopolisa os negocios literarios do momento. Nascido junto ao

Rio, educado no Rio, elle relacionara-se pelos collegios, nas academias com a geração que já tinha tomado posições. Visivelmente, pois, o que se dava é que elle não era o mais acariciado entre os seus. Nessa frieza ia até certo ponto uma tacita tentativa de eliminação.

Completemos o julgamento. Uma geração não é só composta de mesquinhos, não é só feita de rebotalhos. Não ha ninguem que tenha razão, absoluta razão sobre todos. Por outro lado, nem sempre é o merito negativo que vence; em ultima analyse até o demerito não vence nunca. Não é á tôa que a natureza é implacavel com o vencido; este, em todas as cousas, perante as leis universaes, nunca tem razão. E ha altas individualidades, legitimamente altas, que puderam vencer desde que deram o primeiro passo.

O que acontece é que certas qualidades implicam certos defeitos, cujas consequencias tem, por força, de vir. Permitta-se-nos um grande exemplo: não se comprehende Dante Alighieri concebendo todo o plano formidavel da *Divina Comedia* a beber chopps, em palestra *à la diable* numa *brasserie* da rua da Assembléa. Ha espiritos que só no silencio se encontram a si proprios. "As abelhas só trabalham nas trevas, o pensamento só trabalha no silencio. O silencio é o elemento onde se formam as grandes cousas, para que emfim ellas possam emergir, perfeitas e magestosas, á luz da vida que vão dominar." São palavras de Carlyle. Dahi a reserva em que vivem taes espiritos e o delles afugentar-se o mundo. "Não penses que o mundo te procurará, si tu lhe fugires", diz a *Imitação de Jesus*.

Não ha nisto uma justificativa a Pangloss, a facil absoluta absolvição do mediocre, e a descarga, o estorno de todas as culpas sobre o homem superior. Entre este e o seu contemporaneo, para saber-se qual foi o que mais injustiças padeceu, mais damnos perdoou, indaguemos sómente qual foi o maior.

Raul Pompeia era, de certo, um reservado, um seleccionista, um exigente, do ponto de vista moral, teria talvez sido injusto nesta ou naquella severidade de julgamento, mas é preciso ser pequeno como é o mundo para confundir essas consequencias da pureza, da superioridade, com a falta de merito, em cuja affirmação implica o silencio ante a extraordinaria estréa de um companheiro. Explicamos, não justificamos os factos.

Si, porem, em vez de um Dante, nos deixassem procurar um Goethe, e deparassemos esse bello typo de equilibrio superior tomando a sério durante annos inteiros o seu cargo de ministro e o seu papel de amigo de principes, que era o de divertil-os, isto com todo o bom humor, sem orgulhos e revoltas a Rousseau; veriamos que em todo caso se póde ser profundo, póde-se andar pensando na factura de um *Fausto*, e ser ao mesmo tempo, até certo ponto, um jovial, grave um pouco como o conselheiro *von* Goethhe, mas ainda assim fazendo florir sympathias em redor de si. Caso Raul Pompeia tivesse trazido uma natureza analoga á do grande homem da Allemanha, podia ter sido o talento que teve e, no entanto, conseguir fazer *claque*. São modos de ver, que se expõe, mas que seria imbecil discutir.

5

Raul Pompeia não foi exclusivamente um belletrista. Suas tendencias heroicas, e a extensão de sua intelligencia, de seu preparo, levaram-no tambem para outro campo de acção, para as questões sociaes e politicas. Na dos escravos o abolicionismo recebeu seu concurso, e o momento historico que atravessa o Brazil, de trabalhosa adaptação ás novas instituições que lhe demos, tão curioso, tão absorvente, e, para corações calorosos como o daquelle moço, tão arrebatador e empolgante, apresou-o ty-

fanaticamente e precipitou-o no redemoinho cyclonico de suas torvas paixões.

Para os heróes puramente intellectuaes, para os exclusivos poetas, os belletristas propriamente ditos, o heroismo consiste em libertar-se um homem do mundo chamado da acção, em saber perder a ambição temporal, resistindo a todo o seu cortejo de tentações, e em desenvolver por outro lado a consciencia da incomparavel grandeza do mundo do espirito, a elle limitando-se, feliz, seduzido sómente por suas purpuras immortaes, ainda quando as represente tragico o manto de chagas de um Job.

Entre o homem de acção e o puro poeta ha o terrivel pamphletario, — o propheta das cavernas, — ou então o meigo theorista, que participa da natureza dos dous ultimos, tendo, no entanto, o seu typo differenciado, distincto. Entre Homero e Cesar ha um Ezechiel, ha um Jesus. Esses não tem nem o socego de alma do que vive a ler emocionalmente nas palpitações do Zodiaco, nem a segurança e a plenitude que vem da consciencia do dominio objectivo, do eco que sobe de nossos passos nos atrios e nas galerias em que somos senhor. Corôa-os, sustenta-os, engrandece-os a posse do futuro, que visionariamente elles tem como seguro nas mãos. Elles bem sabem que hão de ser o symbolo da verdade de amanhã, o deus dos Constantinos no imperio que está proximo a vir. Elles alimentam-se do que hão de ser por uma poderosa transposição no tempo, que vem de incomparavel profundidade de visão, olhando tranquillamente ao fatuo, que vive do que seria si elle fosse o que pensa que é.

Raul Pompeia não foi exclusivamente um propagandista platonico, procurou influenciar directamente nas chamadas questões do dia, mas sem ter dominado propriamente uma situação, porque, até agindo, se esquecia do seu papel para principalmente pensar.

Lembra-me lhe haver ouvido um discurso. Foi num theatro, no Apollo, por occasião de uma das graves perturbações politicas destes ultimos annos.

Estavam os animos numa dessas cegas exaltações proprias das guerras civis. Todo o mundo ali reunido tinha sómente nos labios exclamativas de odio, frases inacabadas, embebidas em fél. Ninguem pensava propriamente; o que havia naquelle recinto, era um pugillo de sectarios em desespero.

Elle foi o ultimo a falar. Estava como todos exaltadissimo. Seu discurso, no entanto, involuntariamente, foi até certo ponto um toque de rebate áquellas cegas paixões. Porque, quasi allucinado como estava, o que ainda assim elle lançou em nossos ouvidos foi uma torrente de idéas. Sorites sobre sorites, um batalhão de palavras rigorosamente militarisadas pela logica de um pensador. Cada idéa acompanhada de suas circumstancias, cortada de incidentes varios, cada substantivo aclarado, ampliado ou restringido rigorosamente por minuciosa, vivida, colorida adjectivação.

Foi como se por uma anciosa noite de estio, em viagem de mar, soprasse inesperadamente a aragem consoladora da madrugada. Parece que alguem nos sacudia os hombros para que nos acordassemos. Tudo isso porque aquelle homem, ali assim flagrantemente pensando, nos veiu accordar para a vida do espirito, veiu fazer-nos novamente pensar.

Deste modo um orador impõe respeito, mas não causa enthusiasmo. Numa multidão o que se póde dar é um contagio de paixões; quem fala a grandes collectividades, perdido num mundo abstracto, é um viajante sonhando com a cidade que deixou no albergue onde se detem para repousar. E' um ausente, por assim dizer.

Assim, ainda quando militante, Raul Pompeia foi mais propriamente um politico theorista. Era sempre o

autor d'*O Atheneu* e das *Canções sem metro*, intellectual e sonhador.

Nos seus ultimos tempos suas theorias iam adquirindo mais precisão. Elle tornou-se o mais eminente representante de um grupo, o *nacionalista*, que então tinha organisação systematica, sendo um manifesto de que o fizeram relator a mais notavel literatura que a funcção pôde até agora produzir no Brazil.

6

Enveredando por este trilho seu espirito, elle começou a offerecer resistencia aos elementos que lhe pareciam contrarios ao seu ideal. Occupando um elevado cargo de administração publica, em que os seus meritos como homem de cultura o tinham collocado, achou de seu dever, no entanto, enfrentar num momento dado, de que todos se recordam ainda, com o representante da autoridade suprema do paiz, que lhe parecia estar levando um caminho pernicioso aos destinos das instituições. Fel-o com franqueza, com rudeza, com heroismo. As consequencias eram inevitaveis: delegado desse homem na funcção que exercia, este lhe retirou sua confiança.

Por outro lado, as antipathias, as inimizades, os odios que deixara no mundo literario fermentavam sem descontinuar. A' frieza com que fôra recebido em sua estréa correspondiam agora ataques disfarçados ou á descoberta pelas varias formas de que se póde revestir o odio humano.

Raul Pompeia desequilibrou-se irremediavelmente, succumbiu na batalha, procurando o recurso horrivel do suicidio.

Conta-se, Pompeia sempre censurava os que punham termo á vida vulnerando o cerebro; elle achava

este tão sagrado como um templo. No ultimo instante respeitou-se a si proprio; deixou illesa a loura cabeça de moço, morreu detendo com uma bala o coração.

Si este, no entanto, se pudesse ter dilatado mais um pouco, ter-se tornado ainda maior do que era, de modo que pudesse esquecer, quando já não fosse poder amar, talvez tivesse evitado o estatelamento em que ficou um paiz inteiro com uma fatalidade tão crúa.

Si por um lado, porem, este suicidio foi uma abrupção cruel numa vida que poderia ainda adquirir outra grandeza com os fructos da maturidade, a que ainda não attingira aquelle illustre moço, elle com esta attitude tragica final veiu dar ás linhas do seu ser subjectivo um acabamento épico, que nos faz frio pelas veias, que nos levanta em vertigem o cabello.

Este ao menos é um que não cahirá. Póde a critica reduzir-lhe a legenda; esboroal-a jamais. A morte, si putrefaz o corpo, livra de perigo de putrefacção a alma. O sepulcro é muitas vezes uma redoma para o coração. Morrer é não poder mais ser vencido e tornar impossivel que nos arranquem das mãos os despojos que trouxemos de legitima victoria.

Nós outros, os moços que vimos agora tomando posição, porque chega o nosso tempo, temos Raul Pompeia como nosso, porque antes de tudo elle foi um puro, foi um enthusiasta, foi um heróe.

1898.

As procellarias

1

Estas do joven Sr. Magalhães Azeredo não são as nuncias temerosas da tempestade, como os palmides seus homonymos, são as suaves bailarinas da tormenta.

As tambem chamadas aves de S. Pedro movem-se, servindo de aviso aos marinheiros, para procurar abrigo nas fendas dos rochedos, onde tem seu ninho; estas, ao contrario,

"Seu ninho, asperrimo rochedo,
"Deixam; e vão calmas, sem medo,

"Por onde o embate é mais agudo,
"Rompendo, em circulos suaves,
"O turbilhão, que envolve tudo."

Deste modo fica o symbolo profundamente modificado. A ave branca que até aqui era um augurio de azas, um albor prenunciando trevas, uma festa falando de um cataclysmo, é agora uma privilegiada para quem as leis da mecanica universal não foram feitas, que corta como uma navalha, ás fatias, as desenfreadas correntes de ar; sobre seu fragil esqueleto gracioso as bategas d'aguá não pesam, são antes leves e suaves pennugens de arminho.

Fazem lembrar, por ligeira analogia, a historia do burro do navio, que em plena tormenta, quando tudo o que ali tinha vida reunia-se n'um unico panico, continuava a moer e remoer tranquillamente na manjadoura onde o tinham deixado, symbolisando assim a despreoccupação por inconsciencia, tão frequente entre os proprios homens.

Sem saber, o joven Sr. Magalhães modificou convenientemente o symbolo para poder applical-o ao seu livro. Este o que nos diz em seu conjuncto, apezar de nos vir lá de Europa, é que o relogio do sympathico estreante ainda está com a hora muito atrazada, em comparação com as que marcam actualmente os meridianos reguladores do mundo.

Toda aquella algaravia justificativa, após a descripção da ave, tentando esboçar a situação actual, diznos que o joven por emquanto está de olhos fechados para a vida; é perfeitamente infantil. Do elle ainda não ter visto é que nasce a placidez das suas *Procellarias*, que antes parecem mimosas marrequinhas d'agua.

Este livro, como exercicio de escripta de um alumno do Collegio de Itú, seria uma bella producção; vindo do *petit* Hugo da *Revista Brazileira*, o que revela é que elle, apezar de já profundamente viajado, ainda se resente muito de Itú e de seu collegio. Si não me engana, o joven Sr. Magalhães lá esteve; e, si não esteve, devia estar. Cheira flagrantemente a isso. Seus versos a Nossa Senhora, offerecidos á mamãi, suas prolixas conversas com as musas, suas canções á lua, (forma João de Lemos,) a Camões, a Nathercia, etc., a esta hora de Ibsen, de Maeterlinck, de Mallarmé, são perdoaveis apenas num formigão.

As *Saudades e Suspiros Poeticos* de Domingos Gonçalves de Magalhães, quando vieram de Europa, causaram no Brazil uma revolução; data d'ahi ó nosso romantismo. Hoje são intragaveis. Que sorte espera as

Procellarias, diante das quaes, por exemplo, a obra do Sr. Mucio Teixeira pode-se chamar nephilibata?

E' velha a balda de inquinar-se de moda o moderno, de fazer da carencia de originalidade uma qualidade superior, do lugar-commum o passaporte para a gloria convencional dos chamados illustres moços de juizo, e, ao inverso, a de converter em arma de combate contra os legitimos espiritos justamente as qualidades que são seus gloriosos brazões.

A verdade, porem, é que os sentimentos já sentidos, as expressões já expressas, os *clichês* dos velhos e dos novos Acacios, venham sob a egide de quem vierem, hão de ser varridos do caminho, porque só o que é significativo, caracteristico, *novo*, é que propriamente é. Tal qual como o que apenas é o producto da moda. A moda é tão velha como o archaico; procuram-na, ou procuram este, os nullos que só nos dias de Carnaval, sob o anonymato irrisorio da mascara, ajudado do cantante das côres e do chocalhar dos guizos, podem se fazer por instantes uns anonymos curiosos e notaveis, umas ephemeras antitheses de si mesmos.

2

O Sr. Magalhães de Azeredo, no entanto, parece um moço de talento. Quem ler os *Estudos Contemporaneos*, que elle está publicando aqui na imprensa, já encontrará algumas linhas indicativas de certo valor neste joven. Não pela erudição, não pelos assumptos, não por todos aquelles caracteristicos exteriores que servem para illudir ignorantes e impôr aos convencionalistas, mas por preoccupações que implicam certa profundidade de sentimentos, certo alargamento legitimo na esphera intellectual.

Pode-se dar que o autor das *Procellarias* um dia seja alguem, mas já então elle terá aprendido a conhe-

cer o seu tempo, ha de tel-o amado, tel-o-a representado vivamente. Verá ahi que, si é de inferiores procurar a evidencia á custa de personificar a futilidade do momento, de tyrannizar por tres dias como mestre de ceremonias, como Raunier de literaturas passageiras, é mais irrisorio ainda, e é criminoso até, trahirmos a nossa mocidade amancebando-nos com o cacoethe celebre, com as veneraveis almorreimas, impedindo com o nosso prestigio de moços que os residuos em plena putrefacção acabem de fermentar, transformem-se de uma vez, ainda a polvilhal-os de sal, pensando em que elles nos deixem como universaes herdeiros nas suas declarações de vaidosos senis.

Lembre-se o joven Sr. Magalhães que, por exemplo, o que deu legitimamente um nome ao seu paranympho, o Sr. Machado de Assis, não foi *a boa a lingua, não sahir nunca do compasso*, nem *o esposo e o filho completarem n'elle o escriptor*: foi ter conseguido fazer o doloroso *Braz Cubas*, em que se revela um espirito, isto é, um homem de visão propria, e ter traduzido excellentemente *O Corvo*, subindo nessa hora á altura da dôr, do lanceamento, da anciedade allucinada de um Pöe.

E o Sr. Machado de Assis, o mestre, falando a este catechumeno como ha pouco tempo falou, devia ter sido mais franco com elle, lhe devia, por exemplo, ter dito a differença que ia entre esta apresentação a que elle se prestava e aquella a que se prestou José de Alencar enviando-lhe Castro Alves, quando este chegava ao Rio na força genial dos seus vinte annos cheio de originalidade e de fé, com *As Vozes d'Africa* e o *Sub Tegmine Fagi* immortaes.

Mas isso é que não podia ser, porque si por um lado o autor do *Guarany* não tinha a capacidade psychologista de quem fez o *Braz Cubas*, era de uma natureza heroica, andava sempre com a alma em um bello alvoroço, creado por fertil imaginação, e foi por isso sempre um nobre revél, um revolucionario, nunca se fazen-

do centro de irmandades de opa caturras, de syndicatos irrisorios de immortalidade, que provocassem o retrocesso, que fossem a imbecilidade em acção.

Aquelle, segundo uma lenda ouvidoriana, ao em vez disso, chamava um Machado de Assis a si, quando o aggrediam os verissimos do tempo, e o animava com um abraço de irmão, embora não fosse em posição social o seu incipiente patricio nem a centesima parte do que é um encarregado de legação no estrangeiro.

Si o joven Sr. Magalhães vier a revelar talento definitivamente um dia, ha de aprender a rir de muita coisa, e ha de ver como neste mundo pequenino das pequeninas apparencias vamos uns servindo de gato morto aos outros nas mãos das mediocridades espertas, até que um dia iremos todos embora, ficando aqui apenas o que de grande o pygmeo pôde provocar ao gigante, vendo-se então por fim que o logrado em ultima analyse ha de ser sempre S. M. o Imbecil.

1899.

Os novos

1

Ha não sei quantos mezes que frequentemente recebo ou vejo livros novos, publicados aqui ou em outros centros do Brazil, e quasi todos de estréa. Livros de versos na maior parte, ou pelo menos de phantasias, literatura de ficção, ou *amena*, como a classificam o Sr. José Verissimo e o Sr. Velho da Silva.

Na maior parte, estes neophytos vem nephilibatas, o que quer dizer (salvo etymologias) desorganisados individuos, saccos de disparates e de incongruencias, falsificadores de sensações, caricaturistas da Dôr, apteros que o sopro da insania faz doudejar momentaneamente nos ares e que attribuem nesciamente o phenomeno á possança aquilina de azas.

E' uma desgraça. Em vez de produzir elementos lisongeiros ao futuro de uma civilisação, essa fertilidade, sendo assim morbida e langue, parece servir apenas para impôr-nos diagnosticos desesperadores, falando-nos, não da formação de um nucleo intellectual embora que fosse ainda em estado muito de inicio, mas de um funesto desaggregamento por franca degeneresoncia organica.

Quem procure, no entanto, um alto ponto de vista para verificar o que ha de irreductivel nessa desoladora observação inicial, acabará por sorrir, vendo desfazer-

se, pelo menos em parte, essa negra perspectiva agoureira.

Antes de tudo, é preciso ver o momento que atravessa a literatura universal.

2

Não ha hoje em parte alguma do mundo um individuo que se possa chamar, em Arte, o chefe do pensamento geral.

Os maiores typos, Zola, Tolstoï, Ibsen, Bjoernson, dentre todos os contemporaneos, tornam-se justamente notaveis por serem os grandes isolados do fim do seculo. Todos elles são tidos como singulares, como extravagantes, como degenerescentes. Todos elles conspiram contra o interesse geral ou pelo menos contra aquillo que a grande maioria entende que o é. Com o povo as academias, toda a gente que anda em concilios, que representa collectividades notaveis, os escorraça e condemna.

"O mais forte é quem fica só", disse Ibsen. Singular maneira essa de comprehender a superioridade entre os homens! Não é maior o que consegue dirigir, o que consegue aggremiar, o que consegue fazer atmosphera em redor, mas aquelle que diverge, que escandalisa, que logra ser perseguido, que acaba na isolação.

E é curioso. Comparae-os: todos elles divergem entre si.

Tolstoi, por exemplo, é o apostolo do nihilismo branco, préga a desobediencia passiva aos czares, aconselhando o homem do povo a deixar-se vergastar, mas não pagar o imposto, a morrer, mas não envergar a pelle de lobo homicida, que é o que elle vê na blusa do soldado. Ainda mais, préga a desobediencia á natureza, amesquinhando a mulher, escarnando e anemathisando

a ulião do homem com esse ser, aos seus olhos ridiculo e inferior.

Zola, pelo contrario, accusavam-no até ha pouco de andar fazendo a apotheose do momento, de ser illetrado como a multidão, como ella grosseiro, confundindo o obsceno com o natural. Tudo isso, diziam, pela sua incapacidade para altas generalisações, pelo defeito do ponto de vista ao réz do chão, tumultuario, illusorio, em que elle se collocou para ver o Homem e a Natureza. Até então, lapidavam-no de um lado os velhos romanticos sobreviventes da *Revista dos Dois Mundos*, de outro a geração dos mysticos, dos symbolistas, que o succedeu como elle succedera os romanticos. De repente, o escriptor tão conciliado com o momento, com a sociedade de onde emanou, principalmente no que ella tinha de mais antipathico aos olhos dos intellectuaes, volta-se contra ella a favor de um judeu e galé. Pelo menos é assim que a maior parte dos seus compatriotas define a mais bella das attitudes que elle durante a sua vida assumiu, a unica que o faz verdadeiramente grande e completamente admiravel em seu tempo. Em todo caso, ainda em contraposição a Tolstoï, é por solidariedade com as instituições da epoca, elle o affirma, por amor das classes organisadas que o francez as provoca e as affronta.

Ibsen nem as provoca, nem se revolta contra os elementos. Ibsen sonha. Apenas, quer que o deixem sonhar só. Emquanto o seu paiz e já agora o mundo o discutem em clamor, elle procura viver isolado, desconhecido entre a multidão das grandes capitaes, como em estranha selva suggestiva. No *Inimigo do Povo* zomba da humanidade, no *Apostata* sonha, cheio de amor, com a Conciliação.

Os artistas menores de olhar mais luminoso, de cabeça mais bellamente arqueada que existem hoje, todos, como não podia deixar de ser, offerecem caracteristicos identicos aos destes gigantes talhados a grandes

golpes. Hauptmann, Maeterlinck, confirmam Ibsen. O Sar, Huysmans, d'Annunzio amaldiçoam Zola, achincalham-no sem ver, no entanto, que antes do *Assomoir*, de *Nana*, de *Pot Bouille*, do *Germinal*, não podia vir o *Vicio Supremo*, ou as paginas da Missa Negra no *Là Bas*, nem que o *Triumpho da Morte* é um alto *pasticcio* hybrido dos processos dos naturalistas, principalmente de Flaubert, com o dos homens mais ou menos ligados á Rosa-Cruz.

Demais, estes e muitos outros são ramos divergentes, mas que derivam do mesmo tronco de que bracéjou Zola. Porque si ha em Balzac a *Comedia Humana*, de que a *Familia Rougon* derivou deformada, ha *Luiz Lambert*, ha *Seraphita*, de onde jorra em parte a corrente mystico-symbolista actual.

Essa divergencia no que é propriamente idéa, mas essa identidade na posição, na attitude que todos elles guardam em relação ao mundo, de isolamento ou desdem, e, por outro lado, o sentimento geral que á sociedade elles inspiram, de modo a serem, não os triumphadores, mas os perseguidos da época, vem de um sentimento geral que a todos os liga, e que lhes dá um aspecto melancolicamente harmonico. Este é o de uma tempestade interior.

Vêde-os. Nenhum delles tem o descabellamento ou a tragedia de gestos dos romanticos. Pelo contrario, uns são de exterior simplesmente vulgar, outros chegam até a confundir-se com os *clubmen* e os homens de *sport*, que dão o tom irreprehensivel da época. Os romanticos, porem, preoccupavam-se com a *toillete* da frase, *tinham grammatica*, eram claros, eram ordenados, emquanto que entre estes não ha um que não seja de syntaxe mais ou menos epileptica. Elles vivem muito calados, como uns grandes sensatos, nos meios a que as circumstancias os atiram, mas, si um dia abrem os labios para verdadeiramente dizer duas coisas quaesquer, produzem o estupor, quando não é a indignação e a repulsa. Só ahi

é que se vê que sob a mascara de uma mumia ou de Pangloss sorria mysteriosamente uma Esphinge ou satanicamente um Souvarine. Revoltantes, ou nebulosos.

Sempre uma tempestade, desencadeada ou latente. E ella nasce de que não ha neste momento um homem propriamente dito na Terra que saiba inabalavelmente querer. Só se quer segundo a fé que se tem numa predestinação e proporcionalmente á latitude e ao alcance desta. Ninguem ha hoje conhecido que se sinta o verdadeiro predestinado da Hora que o mundo atravessa. Ella é immensa; é preciso ser-se incommensuravel para dignamente presidil-a.

Os romanticos vieram tirar os ultimos corollarios da civilisação christã, por um lado, e por outro principalmente derruir os preconceitos fundamentaes que della restavam. Dahi por uma parte o desordenado de sua exhibição, mas por outra, como estavam de boa fé, de consciencia tranquilla, a normalidade da frase, a clareza e o persuasivo da exposição. Estes de hoje vem que o que é necessario é organizar; mas sentem que essa obra importa em nada menos que no inicio de uma nova civilisação.

Os romanticos traziam o ar alvoroçado, mas pouco preoccupadiço dos que vem tomar parte num epilogo. Tinham ao menos a ventura futil que inspirava a idéa de que não havia demorar o desfecho. Os de hoje sentem as arcadas do peito partirem-se, como as de um Atlas, suffocados sob o peso de um novo mundo. Porisso a sua despreoccupação com futeis pormenores exteriores, mas a anciedade que todos elles manifestam, os modos taciturnos que desta resultam, a sigularidade na vida intima. E, por outro lado, a divergencia nas idéas, não propriamente no ideal.

Assim ha de ficar o mundo até o dia em que se apresente o Victorioso Maior.

A sociedade é como as mulheres: cIosa da ventura do momento, despreoccupada com a sorte dos que hão

de vir amanhã. Ella sente que estes loucos de hoje preparam alguma coisa grandemente estranha, que ha de abalar, quem sabe até onde, tudo quanto está garantido sob a ordem actual. Dahi a sua repulsa por elles: ao menos quer ver si consegue adiar.

Ora, é dessa gente que os nephilibatas do Brazil descendem. Como não podem, em geral, participar das grandes torturas do sentimento e da idéa, empregam-se em angustiar mecanicamente a frase, em produzir traumatismos e aleijões nos vocabulos; como não podem fazer nebulosas a Ibsen em que ha nevoeiro, mas, no meio deste, relampagos, clarões maravilhosos, resolvem-se friamente a fabricar indiscutiveis disparates boçaes.

Digamos: não são simplesmente os daqui, são os de Portugal, que estes copiam, são os francezes, copiados pelos de Portugal, são os de todo o mundo que tem hoje uma literatura em evolução. Em todo caso, vê-se que elles são o producto logico da época, toda ella offerecendo aos observadores superficiaes o aspecto das degenerescencias e desorganisações.

Alem disso, vindo assim, incomprehendidos e ridiculisados, fazendo, portanto, de seus livros inevitaveis refugos no mercado literario, e tornando-se inviaveis no caminho da contemporanea e passageira gloria barata, (que só obtem facilmente os habeis accomodaticios,) elegendo-se a si mesmos os D. Quichotes da pura Arte, esses moços ao menos mostram-se adversos ao triste culto da Musa Venal, trazem comsigo a nobreza do desinteresse e trazem a coragem, duplas qualidades sem as quaes é impossivel ser magnifico e grande.

Elles, afinal de contas, representam nas letras a reacção contra este acaturrar systematico da alma humana, esta corrente bastarda de sophismas que vem nascendo

collateralmente com elles e que traz a velleidade de erigir-se em systema de idéas vencedor, fazendo a desfaçada apologia da Força, lisongeando-a e justificando-a em todas as suas manifestações odiosas, inferiores, com a babulação ancestral dos velhos palacianos nas decadencias das antigas civilisações.

Destes, pois, não ha na realidade por que desesperar ainda. Ao menos vão para onde os levam os seus mais nobres instinctos, voltados como estão para o que se lhes afigura o legitimo Sonho. São os heliothropos do mundo do espirito, cheios de um ancioso impulso para o Nascente, á procura do Sol.

Eu sei, na maior parte, quasi na totalidade, estes neophytos desapparecerão amanhã, serão rarissimos os dentre elles verdadeiramente predestinados a resistir até o fim. E' a historia de todos os tempos neste aprendizado cruel para o exercicio de funcções excelsas, principalmente em paizes como este, que atravessam periodos rudimentares, onde taes funcções são tão irremediavelmente indistinctas, tão desoladoramente incaracteristicas ainda.

O que é possivel, em todo caso, é que entre elles venha *alguem*, alguma alma diamantina, — limpida, maravilhosa e forte, — que esteja ainda dormitando sob a opacidade de uma adolescencia imprecisa, mas que em todo caso nos attritos de uma estréa singular, escandalosa, extravagante, já ande instinctivamente procurando, como os seixos dos rios, as gloriosas agruras propicias a toda a lapidação.

Si assim fôr, esse aprenderá depressa a distinguir o artistico do artificioso, o que é ideal do que é esoterico, cabalistico, irrisorio, mentecapto. Porque não trará as arcadas do peito tão estreitas, o sangue tão pobre, o animo tão deprimido que deseje egoisticamente suffocar a natureza na calida, mas miseravel atmosphera envidraçada das estufas de jardim de acclimação. Elle anciará nas azinhagas ordinarias, mas justamente

por motivos oppostos: porque sentirá a nostalgia do ether, das grandes atmospheras de alem; porque, perdido nos estuarios humanos dos grandes centros da civilisação, andará sob a illusão melancolica, no entanto, de um absoluto isolamento.

E dahi é que lhe ha de vir a sua dôr. Com essa, sim, elle sangrará em catadupas, em rio, de ambos os flancos, diluvial e maravilhoso então. Far-se-a de cada vez mais abstruso, mais monstruoso, mais *nephilibata* para os zebroides do espirito, para os hybridos productos da tal *cultura* que ahi anda na berra, mas na realidade será claro, será simples, communicativo, assimilavel, para quem quer que saiba ver e que saiba principalmente sentir.

Esses mesmos seus companheiros de estréa, que julgam hoje serem predestinados como elle para a grande vida, mas que muito cedo se irão dispersando pelo caminho, até o deixarem seguir só, e então poderem ver apavorados todo o angustioso, sinão todo o tragico que ha numa legitima e irrevogavel devotação; esses mesmos basta estarem agora fazendo atmosphera propria a produzil-o para terem uma gloriosa razão de existir.

Alem disso, elles são as abençoadas procellarias que primeiro sentiram qualquer coisa de estranho no cariz do céu, e que vem por isso propagando o prenuncio de risonha, embora formidavel tempestade nos tempos que se approximam. São generosos aliptas lubrificantes nesta America ainda tão rude, tão suggestiva de desespero ás almas nobres, mas debeis e dolentes de artistas, que tiveram por sorte aqui desabrochar esporadicas.

Antes elles, seja como fôr, do que uns outros que ahi estrearam ao mesmo tempo, de alma estofa, opados e mesentericos, trabalhando versos ainda como Gonçalves de Magalhães nos *Suspiros Poeticos*.

O quanto tem os *nephilibatas* de azoinados tem estes de comedidos e sensatos. O misoneismo é o sentimento que principalmente os domina. Seus adjectivos predilectos são o *mimoso*, o *fagueiro*, o *ameno*, tudo muito castiço, muito autorisado, muito tal sim senhor, mas especialmente muito desfructavel e rocócó.

E' de dar ás pedras vontade de rir. Que vem fazer esta gente a esta hora?

Logo que chegam, puxam pela tal questão da forma e do fundo, questão idiota de quem nada traz a dizer, reproducção disfarçada de rhetoricas ancestraes, dos megatherios que os inspiram e de que elles vem a ser ainda agora os aparvalhados asseclas.

Os Paranapiacabas, os Bom-Successos, os Deirós, que até a Academia refugou, são os deuses por que elles juram beijando os dedos em cruz. Não sabem que os bonzos se acabaram, que até o Dalai-lama está desmoralisado no Japão.

Eu acho detestaveis essas camadas de moços. Antes de tudo, falta-lhes propriamente mocidade; é de moço emprehender, é lançar-se, não é vir esgueirando-se pelos beiraes, e receber o santo e a senha com uma sorna obediencia senil. Actua-lhes no animo principalmente o medo de um baptismo de fogo. Não sabem que já mesmo na imprensa ha por seus fetiches certa falta de fé. Dahi vem que, apezar de todas as precauções tomadas, parte-lhes ás vezes, no encalço, a estes, daqui ou dali, um diabolico busca-pé imprevisto.

E esses que vem assim são geralmente incuraveis. Quando tiverem mais um pouco de *cultura*, da tal como a entendem os néo-epicuristas contemporaneos, da que não é mais do que uma zootechnia applicada ao espirito, jurarão pelo Sr. José Verissimo, sem duvida. E' gente que se está preparando para dar a sereia apologista dos academicos na *Revista Brazileira* da 4ª época, talvez.

5

Entre uns e outros, finalmente, vem uns poucos jovens Fagerolles do termo-médio, um pouco peixe, um pouco carne, tragicomicos, mystico-sensuaes, que batem no peito ao falar em Nossa Senhora, mas piscando o olho aos chronistas dos jornaes para lhes significarem que é por capadoçagem.

São os que logo hão de ganhar por toda a parte o adjectivo de *adoraveis*, os que hão de substituir Olavo Bilac e Coelho Netto, quando a estes lhes vier o tédio de serem brilhantes chronistas de jornal. Elles hão de achar meio de empulhar o Sr. Deiró e o Sr. Verissimo, abrindo-lhes assignatura á bocca pequena, mas impondo-se-lhes ao mesmo tempo, por tal modo que os homens os hão de aceitar, hão de proclamal-os, a ponto deste ultimo instar com elles, finalmente, para que sejam candidatos á Academia.

1899.

Luiz Delfino

Esse proclama de que foi arauto Gustavo Santiago, — o guerreiro elohim da nova geração, — sob a fanfarra enthusiastica dos mais freneticos applausos de todo um theatro, tem a grandeza das verdades simples.

Ninguem ha no Brazil com a capacidade necessaria para na verdade sentir um poeta, que negue vassalagem a esse grande velho trabalhador, que nos é patricio, a esse emocionante intellectual em que ha qualquer coisa de um Rei Lear da Arte, sósinho, meio obscuro, sem um livro editado, siquer, tendo, no entanto, consciencia de que, como dos de um deus androgyno, dos flancos lhe sahiu uma geração agora celebre, que elle até certo ponto é quem fez o momento.

Apenas Luiz Delfino não desespera, de certo, como o Soberano da Ilha Britanica, pelo contrario, sorri, porque os seus bens são daquelles que quanto mais se distribuem mais se multiplicam, e porque sabe que o futuro é um Aganippus que sempre desposa as Cordelias.

Luiz Delfino não é apenas um bom poeta; tem a grande lyra. Elle já nos dá o extase. A's vezes faz-nos a illusão da propria Natureza a cantar; em sua voz, como nos rapsodas Homero, entreouve-se Pan.

E' um Lecomte de Lisle tropicalisado, americanisado, abrizileirado, quer dizer monstruoso, — disfor-

mado, inferiorisado em muitos pontos, como nós somos inferiores ao francez, — mas, por outros aspectos, mais vasto, mais curioso, mais homem, superior, portanto, pelo calido destas zonas, pela virgindade desta natureza, pelo tenro desta nossa civilisação, pelo ainda incommensuravel do nosso horizonte.

Elle offerece o flagrante da gestação do nosso genio: é um pouco cahos, é aurora um pouco, é feito de inconsciencia em parte, e tem algo daquelle alvoroço ingenuo de quem subitamente se surprehendesse a viver.

Evidenciar essa verdade simples, no entanto, num instante como este, feito de todas as covardias, — de que tem de ser por força uma summula correspondente a covardia mental —; ver com olhos serenos as coisas e dizel-as sem tremulo rebuço, desinteressado, mas firme, com a serenidade da verdadeira coragem, fazendo em parenthese uma madrugada nas almas; lembrar-se de ser sério, de ser significativo, de ser efficaz onde tudo se deseja inocuo, tudo incaracteristico, tudo troçado, tudo prostituido, para faceis mystificações, para predominios idiotas e momentaneos, mas ferrenhos e desesperadores das verdadeiras almas: isso é bem de moços, onde o sentimento exacto das coisas ainda está intacto, ainda é virgem, ainda clama feraz.

Por esta forma, offerecendo esta solidariedade com o que já vae sendo um digno passado, — não com o preconceito da veneração systematica a tudo o que é senil, — é que se mostra digna uma geração de vir presidir o seu tempo. Não se veneram na senectude sinão os despojos do que foi propriamente a vida, o valor, a mocidade. São nobres os gilvazes unicos que nos falam de legitima luta.

A mim desvanece-me a felicidade de me caber produzir estas linhas para com ellas dar uma completação

A homenagem (*) que os moços poetas do meu paiz prestaram a Luiz Delfino, consagrando-o principe dos nossos actuaes poetas, hoje que para tal completação a *Vera Cruz* lhe publica o retrato.

(*) Este trabalho foi publicado na revista *Vera-Cruz*, em Janeiro de 1899, pouco depois de uma festa realizada no Theatro Apollo em homenagem a Luiz Delfino por um grupo de jovens litteratos.

Chanaan

ROMANCE DO SR. GRAÇA ARANHA

1

E' um livro sympathico e interessante, *Chanaan*, que representa a estréa de um novo escriptor brazileiro, o Sr. Graça Aranha.

Não se póde dizer um livro empolgante de principio a fim. O que se chama o enredo da historia de amor que ha na obra só começa a desenrolar-se depois da ultima terça parte do volume.

Até esse ponto, descripções e discussões, discussões e descripções. Descripções de costumes nacionaes, de paisagens brazileiras, e discussões de muita actualidade sobre diversas theorias correntes em relação ás raças, á marcha da civilisação, ao futuro da Especie, mas principalmente em relação ao Brazil de agora e o provavel ou possivel Brazil de amanhã.

A pintura das paisagens é sobria, mas sufficiente. A lingua é sem ousadia, disciplinada, quasi que se poderia dizer aparada á feição dos mestres mais pomposos do idioma, porem mais puristas, menos amigos de seguir a corrente popular, com extremos cuidados no empecer a influencia de linguas estranhas, até daquellas que são quasi exclusivamente as que hoje lemos, em que, portanto, nos obrigam a pensar desde que se queira pen-

sar de companhia. Mas, por outro lado, é uma lingua melodiosa, quente e secretamente harmonica. Versos occasionaes frequentemente, que, quando vem assim sem que os andassemos procurando, dão á prosa tanta graça na maior parte das vezes; as expressões a cada passo figuradas, muito imaginosas, imagens e figuras cheias de naturalidade, e muito brazileiras, muito tropicaes, com o calor e a doçura que a natureza aqui põe nos seres.

Os costumes roceiros de que se fala neste livro pinta-os o Sr. Graça Aranha á maneira do visconde de Taunay, com rebuscada fidelidade no stereotypar da lingua e da alma caipiras. Sente-se no fundo dessa fidelidade o sorriso superior, mas bom, dos *touristes* modernos intelligentes e habeis, a intenção de impessoalidade, por sympathia humana, e pelos honestos preconceitos dos artistas a quem ainda obseda neste instante o authentico, o casto real. Nenhum desvairamento em ponto algum, falando destes caipiras, coisa inevitavel nos outros escriptores brazileiros que sahiram dali dentre taes curiosos indianoides, que entre elles receberam as suas primeiras impressões, de modo que, quando voltam aos pagos, as entranhas de filhos lhes tremem, os olhos se lhes turvam, e elles tem de ver tudo ali por um prisma inevitavelmente vicioso, porem mais emocionante, e afinal de contas, para os civilisados, ainda mais exotico, ainda mais singular. Em todo caso, como Taunay, um *touriste* bem brazileiro o Sr. Graça Aranha nessas paginas, tanto quanto um intellectual honesto e amoroso que vive no Rio, — este mercado cosmopolita —, ou em qualquer dos grandes centros de Europa, póde ser.

Si na lingua a influencia peregrina é relativamente bem pouca, é enorme no pensamento. O Sr. Graça Aranha tem a cultura que artistas escriptores do Brazil podem ter, possuindo varias linguas modernas, como alguns delles já possuem, acompanhando em certa extensão e já bem de perto a evolução philosophica e lite-

ria européas. Nota-se nelle uma convivencia de gabinete reiterada com os grandes escriptores mundiaes modernos; e nesse ponto elle não tem escrupulo, que seria estulto, em ouvil-os, em orientar-se por elles, em assimilal-os, mesmo em repetil-os, os mais abruptos, os de visão mais atrevida e controversa, como os mais compassados, mais attentos á sua responsabilidade, mais cheios de um bom temor pelas consequencias que sua obra possa offerecer. Em todo caso, nenhum daquelles espiritos altaneiros, mas febris, incontidos, perturba este novél escriptor, dá-lhe excessos cerebraes; como tambem estes outros não lhe incutem a timidez, a mediocridade, o continuativo, o *arrieré* que a moderação, a placidez delles implique.

O Sr. Graça Aranha quasi que não faz sinão reproduzir com forma sua, no que respeita particularmente no Brazil, as idéas dos nossos mais cultos e maiores escriptores modernos, como nos assumptos mais geraes, mais mundiaes, os pensadores estrangeiros de primeira plana, cujas obras em todo caso ainda são aqui de tão pequeno, tão incompleto curso. Só os ignorantes lhe podem levar em má conta essa relativa falta de originalidade. Tem-se por coisa original geralmente aquillo com cujas fontes ainda não nos encontramos. Chegado um homem a certo gráo de cultura, perde a illusão dessa grande originalidade sonhada a principio. Vê que os maiores escriptores de todos os tempos não representam uma grande differenciação senão no seu conjunto, — pelo seu temperamento, pela altura de suas visões, por sua maior ou menor capacidade de expressão, — coisas que tornam novo o seu pensamento, porque este, no fundo, é antes propriedade de sua época, lhe é imposto, de certo modo: elle não tem o poder de recusal-o ou de radicalmente refundil-o.

E no Sr. Graça Aranha, sobre as suas outras qualidades, que já tivemos occasião de referir, o pensamento

é sempre elevado, as inducções, as generalisações são frequentes; de modo que a sua assimilação é boa, porque offerece no conjunto verdadeira harmonia, dando-lhe individualidade mais poderosa e completa.

Tudo isso de que até aqui já pudemos falar deixa ver-se logo que, si *Chanaan* não é propriamente um livro empolgante, de modo algum póde ser um livro banal, nem mesmo um livro de estréa meramente soffrivel.

Tanto descrever e discutir, antes de qualquer fabulação emocionante que corresponda á intenção sentimental com que um livro desta ordem, por seu caracter, tem de ser feito, salva-os a superioridade do pensamento e a belleza da expressão. Mas, sobretudo, levanta-os um alma bem rara de se encontrar em paginas de prosa, — a legitima poesia de um entrequente e melancolico lyrismo constituindo o fundo de tudo de principio a fim.

Tudo sustentando um só diapasão, o livro toma dentro em pouco antes ares de um poema, de um hymno, as figuras se nos vão revelando naquella outra realidade ideal que corresponde á atmosphera da alma dos poetas, transfiguradora e emocionante.

2

Ainda depois que se dá uma acção á mulher neste livro, que é quando os romances em geral principiam a interessar com mais calor, nem porisso o que se chama o enredo da obra nos prende definitiva e poderosamente.

E' uma fabula muito simples e — por que não se ha de dizer? — bastante ingenua, até.

Maria, pobre orphã colonasita, moradora em um nucleo de immigrantes lá no Estado do Espirito Santo, onde se passa esta historia, é a heroina do romance. Habitando ella estranho lar, embora entre compatriotas,

o filho dos donos da casa a seduz, a rapriga concebe, e, em vez da reparação que lhe era devida, o mundo quasi que lhe desaba á cabeça, com uma inclemencia, um tragico verdadeiramente antigos.

Expulsa brutalmente do seio da familia onde fôra encontrar a deshonra, Maria começa a peregrinar, — irmão de Ahasverus —, pelas mattas e pelas povoações mais proximas, encontrando por toda a parte uma hostilidade estupida e desgrenhada, que espanta quem quer que conheça este condescendente e amoravel Brazil. E' verdade que ella está entre seus proprios patricios, portanto n'um Brazil ainda muito longinquo. Mas ainda assim as coisas não deixam de nos causar estranheza, principalmente si formos filhos do Sul, onde se póde estudar em larga escala a moral destas colonias modernas, ás vezes ainda mais condescendentes, em questão de costumes, do que mesmo o nosso caipira, — principalmente as colonias allemães, como é esta do Sr. Graça Aranha.

Afinal, providencialmente apparece a Maria um apoio quando ella já se resignara a aceitar grandes abjecções na vida como creada supplementar em casa de uma estalajadeira feroz e soez, que a faz dormir sobre palhas podres, n'uma trapeira immunda, onde á noite ha ratos em cardume, que lhe mettem grande medo e asco. Ao lado della, dorme, viciando com seu fartum ainda mais a atmosphera do desvão, a creada que já encontrara, sua rival natural, uma brazileira preta, feia, esqueletica e má. Milkau foi deparar com a pobre moça nesse cafundao em que a abysmara sua sorte má.

O sympathico Milkau é um moço allemão de uma intelligencia tão poderosa e tão culta, e tão bom, de uma natureza tão elevada, que parece ter qualquer coisa de divino.

Elle já se houvera encontrado com Maria duas vezes. Da primeira fôra numa igreja protestante, ali da colonia. Com a chegada de novo pastor, fizera-se uma

festa, a que por curiosidade o moço tinha ido assistir. "... emquanto o orgão no alto da capela cantava, la ia Milkau, tomado pela saudade, carregado nas harmonias, á sua vida primeira. Era numa igreja de Heidelberg, na terra antiga, no passado... E Milkau, agora de olhos cerrados, não percebia mais as fronteiras do sonho e da realidade. Tudo se confundia estranhamente... Elle vê uma figura de mulher, que entra na sombra silenciosa e brandamente vae sentar-se. Os olhos della embebem-se na Biblia e sobre esta os seus cabellos cahem numa chuva de ouro, como uma benção e uma luz do céo illuminando o livro santo. Musica tambem lá em Heidelberg; uma melodia phantastica, angelica, enche a igreja. Musica! Canta a mulher que Milkau amou. Um sonho dentro de um sonho, na volupia infinita de um templo. Emquanto ella, recolhida, mystica e crente, entoava hymnos, elle, debaixo das harmonias, escrevia poemas sagrados, porque escrever é cantar com a penna... Musica!

"Cessou o orgão na capella do Jequitibá. Milkau teve um ligeiro sobresalto e despertou. Os seus olhos meio attonitos descansaram em uma joven que parecia entretida em vel-o dormitar. Milkau ficou indeciso um instante... Continuava o sonho ou era aquella mulher a sua visão realisada? Parecia-lhe já ter visto em outra vida aquella mesma cabeça de macios e crespos cabellos de infante, com a mesma suave e meiga expressão.

Ella o olhava vagamente distrahida. E quando reparou que era examinada, moveu-se, curvando o pescoço devagarinho sobre o peito, num gesto de recolhimento de ave mansa."

Essa joven de macios e crespos cabellos de infante era Maria. Tal primeiro encontro faz lembrar o de Dante com Beatriz ou o do Fausto com Margarida.

Da outra vez se tinham visto em condições menos altamente poeticas, quando se fazia em casa de um com-

patriota de ambos o que lá no Sul conhecemos por um *zumpse*, — um baileco familiarissimo, mais ou menos identico a isso que hoje, em linguagem de giria, chama-se aqui no Rio um *choro*.

Quereis conhecer Milkau?

Uma vez contava elle ao seu compatriota Lentz, de quem foi depois amigo inseparavel:

"Tambem, como tu, deixei terra natal, sociedade, civilisação, em troca de bens maiores, de bens eternos. Depois da morte de minha mãi, o meu primeiro desejo foi sahir de Heidelberg e buscar a vida em outra parte. Berlim me attrahia, e julguei ali encontrar uma solução á minha existencia, então vaga e sem objectivo. O que mais me atormentava era a consciencia de que começava a viver por viver, sem interesse na vida... Nada havia que me prendesse á vida; o que eu amara tinha desapparecido, o que amo hoje não me tinha chegado. Vivia na desillusão; a minha duvida tinha espaços tão illimitados que meu espirito oscillava e se perdia no mundo das idéas e das emoções. E então tive aquella ancia torturante de resolver de qualquer modo, de terminar as minhas vacillações, e, desalentado, procurei realisar a acção pela unica fórma que me parecia positiva na vida, isto é, pela morte...

"Mas a contemplação da miseria moral em torno de mim susteve aquillo, a que em minha insania eu chamava o acto da vontade. Eu soffria, e a dôr pela sua mão forte e santa me conduziu aos outros homens... E o suicidio começou a morrer no meu pensamento, emquanto o clarão bemfazejo da solidariedade ahi apontava.

"Não me restava agora para combater o desespero senão procurar na mesma vida a razão que me curasse do mal da morte e fosse um desafogo aos meus novos sentimentos. Olhei todas as vias que se podiam abrir diante de mim... Comprehendi logo que não podia continuar na posição que tinha de critico literario em um jornal de Berlim; faltava-me agora o animo de falar de livros

inspirados em uma arte vasia, sem ideal e saturada de sensualidade... E agora para onde ir? perguntava eu humilhado. Que profissão será a minha neste quadro do mundo?.....

"Não tinha aonde ir; e neste embaraço a minha crise prolongava-se, pois não era mais escolher entre a vida e a morte, e sim entre qualquer vida e uma vida. Essa uma vida que eu sonhava, que eu queria e por toda parte procurava, não podia descobrir.....

"A minha angustia continuava, e por entre esses tormentos a minha existencia solitaria ia se passando na contemplação reconfortante da Arte. A belleza entrava no meu espirito como um doce sustento... Foi pela arte que comecei a amar a natureza, pois até então a minha attenção ao mundo exterior era vaga e incerta; eu só tinha os olhos voltados para o meu caso pessoal, para as minhas scismas longas e indefinidas. No momento em que tratei a Arte, em que me possui da belleza, a minha vista se alongou pelo mundo afóra e eu vi o esplendor por toda a parte... Ao estado de desvario artistico succedia em mim um desejo de mortificação e soffrimento. Resuscitar em pleno dominio do sensualismo a vida solitaria dos monges... Concentrado num logarejo encravado no coração dos Alpes da Baviera, eu me absorvi no estudo e na scisma...

"A principio me illudi, pensando que não havia outra existencia tão forte, tão nobre... Mas os velhos monges tinham como sustento o consolo da adoração... O meu isolamento era apenas intellectual, uma fórma de desdem do mundo, uma expressão mesquinha de quem foge de seu logar na vida. Depois dos primeiros momentos de prazer e tranquillidade, a minha cobardia me atormentava infinitamente e a solidão passou a ser um estado afflictivo... O ascetismo é como uma ilha solitaria que arde no meio do mar; os seus fogos deslumbrantes tem um phantastico poder de illuminação sobre o mundo, mas as suas labaredas afastam della os homens... E eu

não podia me consumir, pois já trazia dentro de mim a porção de humanidade que me conduzia à vida.

"Então uma manhã desci das alturas..... Adeus, montanhas de silencio, de consolo e de immotação! Quando cheguei abaixo era outro homem. O amor dentro de mim sorria, me amparava e um bem estar infinito nunca mais me deixou. O que eu amava era fazer amar, gerar o amor, ligar-me aos espiritos, dissolver-me no espaço universal e deixar que toda a essencia de minha vida se espalhasse por toda parte, penetrasse nas minimas moleculas, como uma força de bondade..."

Foi então que Milkau se resolveu a immigrar, a vir ser colono, esta especie de homem ligio, no Brazil.

O moço condoeu-se em extremo da miseria em que veiu encontrar aquella sua visão lá da igreja protestante, que tantas recordações lhe trouxera de Heidelberg. Retirou Maria dali, satisfazendo a ganancia da maldita estajadeira, que ainda tivera a coragem de se dizer credora daquelle pobre ser feminino, cujo trabalho miseravelmente explorava.

Mas não foi de bastante sorte na solução do problema o generoso moço. Deixou Maria empregada na casa de outros compatriotas tambem sem entranhas, que continuaram a perseguil-a, quasi que se poderia dizer a acual-a, de modo que, quando chegou a hora della dar á luz o seu filho, foi tel-o no matto. Perto dali havia uns porcos damninhos, que, attrahidos pelo cheiro de sangue, rodearam-na, e como ella perdesse os sentidos logo após o momento supremo, levaram-lhe o filho, estassalharam-no, vindo cahir sobre a desgraçada a accusação de que fôra ella que entregara a creança propositalmente áquelles animaes vorazes.

Tudo isso se poderia ter evitado tão facilmente! Milkau e Lentz moravam juntos e sós. Era haverem levado Maria para seu serviço. Não lhes ficava mal, tanto mais todo o mundo sabendo em que condições ella já ia para a casa delles.

A' morte da creança segue-se a prisão de Maria, as perseguições de um diabolico promotor publico, despeitado porque ella uma vez resistira ás suas investidas caprinas, a baixa côrte da guarda da cadeia, composta, na sua maioria, de negros boçaes e sensualissimos, que em seguida a enchem de sevicias e dão-lhe trabalhos ignobeis, porque a moça lhes resiste heroicamente. Até que, sem poder contar com a rectidão da justiça nestas paragens, Milkau, uma noite, rapta Maria da cadeia, e foge com ella para o coração das nossas florestas, onde o romancista os deixa vagando e oscillando, entre o extremo desespero e um magnifico sonhar.

Como deve ter visto o leitor, é preciso possuir-se muito talento para fazer um bom livro de estréa offerecendo por base esta fabula, que até é um pouquinho infantil. Ella, por si, só embaraça, em nada podia ajudar o autor.

Aliás a relativa innocencia com que o notaval romancista novél cria seus typos e estabelece o conflicto das almas se nos revela desde o começo do livro.

Como todos poderão ter visto, Milkau é uma creação muito sympathica, mas toda arificial. Seu despenho da posição de critico literario em Berlim, ou mesmo de *impassivel*, de eremita da Arte, para as condições mais do que exquisitas de colono no Brazil não fica explicado, absolutamente não fica, com os motivos que o romancista teve para allegar. Homem de estufa, procurando, fabricando até soffrimentos para encher a vida, Milkau não tinha para o impellir a esse passo nem o desespero social, nem a ambição de lucros, que são as duas forças mais poderosamente impulsivas para expatriar o homem, sujeitando-o a novos habitos, ás vezes os mais opposios aos adquiridos na propria patria. Pensar um intellectual de qualidades raras para a arte da escripta que virá ser mais util á humanidade numa sociedade rudimentar e limitadissima, um intellectual que vive em um dos grandes centros europeus, onde unicamente sua capacidade se po-

derá desenvolver no seu maximo, conceber semelhante contrasenso, parece simplesmente impossivel.

Até na creação do typo companheiro de Milkau, o magnifico Lentz, não ha sufficiente humanidade. Emquanto Milkau é o ideologo da Paz e do Amor, um despreconceituoso por nobreza, por elevação, Lentz é o enthusiasta da guerra, o idolatra da força, como tal eivado do preconceito de raça e de outros, naturalmente, que tem de irradiar do pensamento central no seu systema psychico. No entanto, o motivo por que este forte, este solido, relativamente este estreito Lentz immigra é não se querer casar com uma rapariga de que tinha feito amante, pertencendo ambos á mesma hierarchia social, tendo sido elle o primeiro varão que a meiga creatura conhecera. E não o quiz unicamente para se não sujeitar aos preconceitos communs, isto é, da raça e da sociedade que eram o seu orgulho, com as quaes elle se mantinha perfeitamente solidario até então, defendendo, symbolisando mesmo os preconceitos geraes. Vindo para o Brazil, leva o soberbo Lentz a caçar pelo matto e a julgar com desprezo os brazileiros. O que tudo offerece um conjunto muito aquem do nobre symbolo que o romancista tencionou produzir, o typo de um *détraqué*, que não póde ser tomado muito a sério.

3.

Apezar de tudo, no emtanto, não é sem uma constante sympathia que se percorrem todas as paginas de *Chanaan*. Esses defeitos são naturalissimos num livro de estréa. Ao romancista propriamente dito não é só a intuição, nem são apenas os estudos que o podem fazer. A vida, só a vida o completa; só depois de vividos, conhecemos que, si os homens são máos, não o são pela fórma por que a principio o suppunhamos, e que tambem, si nelles ha bondade, ha pureza, não podem estas

estar de accôrdo com os nossos ideaes primeiros sobre pureza e sobre bondade; que tudo é bom e máo muito naturalmente, coisa que á inscia imaginação é impossivel aprioriticamente afigurar-se de um modo perfeito.

Tudo isto é salvo até certo ponto pela legitima vibração que ha na alma do autor. Dá-se o mesmo quando se apresenta diante dos nossos olhos o trabalho em figuras de um pintor principiante. De certo que da primeira elle não consegue penetrar todos os segredos do exterior humano por cujos aspectos o interior se deixe naturalmente entrever. Mas vê-se desde logo nos toques do seu pincel si esse estreante vem para dizer-nos alguma coisa por meio das tintas, si elle anceia por achar dentro de sua arte recursos de expressão para falar de uma alma.

Este proprio estado em atrazo do que se chama a psycologia, no Sr. Graça Aranha, quando elle já se affirma mais avançado como um emocional e um expressivista, é um symptoma favoravel, porque no artista da escripta o mais raro é justamente encontrar-se um consideravel poeta, um homem de imaginação excepcional. Até certo ponto, todos aprendem a observar, mas ninguem póde aprender a ter intuições, de que só o visionario é capaz.

Não é só a falta relativa de verdade, de naturalidade na creação dos typos, no estabelecer dos conflictos entre as almas, o que prejudica o interesse do livro, o que o torna menos empolgante, até por largas paginas um tanto cançativo. E' tambem o processo por que foi feito. O Sr. Graça Aranha trabalhou sua obra vagarosamente, si não pacientemente, pacificamente. Ella tem uma intenção toda symbolista, e de um symbolismo largo, complexo. Não foi concebida e produzida de um jacto. Sente-se frequentemente, aqui e ali, a artificialdade dos enxertos. Elle quiz dar uma idéa, a mais completa possivel, do Brazil do momento, deste paiz em fusão, que offerece a amostra de todos os aspectos humanos, desta tregoa que aqui se viram forçadas a estabelecer entre si todas as raças e subraças da terra, desta falta de unidade ethnica, que faz a

nossa provisoria unidade actual. Foi, portanto, um livro facturado pela fórma antiga, dos poemas classicos, que sempre representam uma synthese mais ou menos rebuscada. De sorte que é livro para ser lido como foi feito: risonhamente, mas com certo vagar.

Em todo caso, como houve muito talento, apezar de muita deficiencia, no seu conjunto, *Chanaan* é um bello panorama, vendo-se logo embora que elle sahiu das mãos bem inexperientes de um moço.

Ainda haveria outros defeitos a notar-lhe. Quantas figuras destacassemos da humanidade que o compõe, todas talvez trariam senões muito faceis de apontar. Os costumes da colonia que o Sr. Graça Aranha estuda foram apanhados bem pela rama e a alma, então, que ha nella quasi que não foi intimamente escrutada. Os typos mestiços collocados em escala social superior á dos colonos e á dos caipiras, o do promotor publico, por exemplo, e o do juiz de direito, pareceu-me que elle os carregou com a falta de dextreza dos principiantes. O do juiz municipal, — que julgo ser em quem melhor o romancista se retrata, — e o do escrivão, talvez sejam os mais bem delineados.

Nada disso, porem, lhe tira a gloria de ter estreado brilhantemente como autor de livro em nossas letras, nem nos impede já agora de contar com elle no futuro como com um moço que promette ser um dia o que se chama propriamente, e em qualquer parte do mundo, um grande escriptor.

1902.

Olavo Bilac

1.

O Sr. José Verissimo ha pouco tempo, quando se publicava a edição definitiva das *Poesias*, opinou que o traço mais caracteristico de Olavo Bilac era ser o mais correcto dentre todos os poetas do Brazil.

Eu penso que não é assim. Acho Alberto de Oliveira, por exemplo, pelo menos tão correcto como elle.

Bilac o que é incontestavelmente é o mais querido dentre todos os nossos artistas do verso; é aquelle em cujo estro todo o mundo tem mais fé; cujas qualidades e defeitos de homem todos adoram ou perdôam: a realisação mais completa do typo de poeta que o nosso meio actual pôde assimilar.

Na rua do Ouvidor, quando elle passa, feio, mas esbelto, apparentando sempre quando muito uns trinta annos apenas, — no todo um certo ar mephistophelico, — mas afinal de contas inoffensivo, porque elle é simples e affavel com quasi toda a gente; na rua do Ouvidor, a rapaziada literata fica embevecida seguindo-lhe o vulto, que quasi sempre se perde entre a multidão.

E não são os moços literatos apenas. São tambem os estudantes, principalmente aquelles dentre estes que ás escondidas perpetram versos ou ao menos que ostensivamente lem algum autor literario acima de Montepin ou de Ponson du Terrail. E' até parte do pessoal mais grave

que frequenta essa famosa arteria, — advogados e medicos ainda não encanecidos que acompanham de certo modo o movimento das nossas letras, concorrendo assim para tornar um pouco mais complexo o meio. Entre estes, de vez em quando, um ou outro engenheiro, a que as mathematicas e a carreira ainda não embotaram de todo o senso esthetico.

Apezar de se haver conservado celibatario até agora, Olavo Bilac é hoje um homem de responsabilidades sociaes, que occupa uma posição official, no ensino, e alem disso, máo grado as apparencias de juvenilidade e saude que se esforça sympathicamente por sustentar, já anda um tanto cançado, mesmo doente, sendo por isso pouco fiel aos habitos bohemios que no principio adquirira.

Nesses primeiros annos, porem, com suas estroinices de rapaz, — aliás muito accrescidas e desvirtuadas pela fama, — formou-se em torno de seu nome uma lenda bastante bregeira, que, hoje pelo menos, de forma alguma lhe apraz.

Aos admiradores do poeta, porem, é que ella não desagrada, ainda agora.

— Olha o Bilac! diz um.

— Este Bilac... o outro replica.

E' quasi sempre com tal introito que recomeçam os eternos commentarios, toda vez que elle assim apparece e se some.

— Vicioso até a medula!

— Mas o que não se pode negar é que o diabo tem talento a valer!

—"Quando uma virgem morre uma estrella appa-
rece".

começa um.

— E outro immediatamente a lembrar:

"Tenho frio e ardo em febre..."

Ou sinão:

"Ora (direis) ouvir estrellas, certo
Perdeste o senso..."

Si forem tres os interlocutores, ó terceiro infallivelmente repete de cór a chave de ouro do soneto:

"Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrellas".

2.

Estas são coisas que ninguem discute. Não é á tôa que uma sociedade, que um povo, que uma raça qualquer cria fé num typo seu, apaixona-se por elle, e levanta-o. E' que esse typo de qualquer forma corresponde aos ideaes dessa collectividade, de qualquer modo representa-a legitimamente. Não são coisas que se possam fabricar por artificios, ou combater com razões frias e abstractas, sempre incompletas, principalmente quando se trate de artistas.

Luiz Delfino e Cruz e Souza, dentre os nossos ultimos poetas, dos parnasianos para cá, serão os mais copiosos e mais sedentos de attingir ás regiões onde pairam as aguias. Immediatamente após elles vem Luiz Murat. A atmosphera que se encontra intermittentemente na obra desses tres typos representativos da nossa poesia só é comparavel, dentro da literatura brazileira, com a das obras desses outros dois que já vão tão longe: Alvares de Azevedo e Castro Alves.

Ficam noutro plano Alberto de Oliveira e Raymundo Correia. Mas seria injustiça esquecermo-nos de B. Lopes. E elle em nada se parece com estes dois ultimos; incontestavelmente, no entano, tem seus adoradores sinceros, e por phases passou na sua carreira de poeta até

aqui que lhe proporcionaram uma série de producções em que ha valor legitimo, apprehendido pela massa geral dos leitores que tem.

Alberto de Oliveira é dentre todos o mais aprumado, o mais deus, — no sentido pagão, — o mais propriamente parnasiano, como nós outros podemos ser. De todas as suas producções até aqui, as mais notaveis são aquellas a que um largo sopro pantheista anima, mas com um calor verdadeiramente tropical, sem a impassibilidade ou a neutralidade dos artistas europeus, quando falam de paisagens, de atmospheras, de horizontes que nunca propriamente elles viveram. Serão talvez essas de todas as suas paginas as que mais altamente falarão do seu nome no futuro, embora depois dellas viesse aquelle *Livro de Emma*, de outro genero, por certo, mas de emoção tão aristocratica, e de contextura tão á parte, de tão exquisito valor.

Raymundo Correia é o mais synthetico e o mais *pensieroso*. Quem ler os seus livros cria por elle uma sympathia inesquecivel, dessas que as almas caracteristicamente meigas, tristes e mesmo doentes são aptas a despertar nos outros homens.

B. Lopes é de uma elegancia cujo bom gosto será muito discutivel quasi sempre; de uma emoção mais estridente, mais espectaculosa que profunda. Passa, no entanto, por seus sonetos, muitas vezes, um sopro sensual tão humano e legitimo, sob forma tão viva e pessoal, e outras vezes ha tal doçura e uma força de suggestão bucolica tão particular em varios dos seus chromos, que essas qualidades impõe mais ou menos todo o conjunto representado por sua obra de *virtuose* da rima, de malabarista da frase, mas obra irriquieta, nervosa, traduzindo de qualquer modo vida, energia, valor.

Bilac não tem vôos geniaes. Não é caracteristicamente um brahmane abstracto, falando da Natureza e para a Natureza, como que perante a eternidade, sob grande e solemne emoção. Não é um meditativo de for-

ma concisa, quasi lapidar. Nunca falou em duquezas, e não será na sua obra que se possa encontrar um maior numero de frases novas ou de rimas imprevistas. Mas é o mais simples, o de mais seguro bom gosto, o mais humano e o mais natural, — no sentido commum destas duas palavras, — que entre os seus companheiros de época surgiu. No seu livro, — elle só tem um livro de versos até agora, — nada de atormentado se encontra; suas frases são dessas em geral que todo o mundo se julga capaz de fazer. Seus sentimentos, como os que todo o mundo tem: si elle ama, diz-nos que ama, si deseja diz-nos que deseja, si aborrece não occulta seu enfaro a ninguem. E elle ama, deseja, aborrece os objectos que geralmente são votados a isso: as mulheres, a natureza, a patria em que nasceu, o lar em que se creou, os amigos ou inimigos com quem convive ou se cruza. Mas tudo isso de um modo quente, interessante, sob forma correcta, em lingua tão boa como a que melhor se escreve entre nós. Representa no verso o termo médio da nossa capacidade esthetica. Desse ponto de vista, está para a poesia de hoje como Gonçalves Dias para toda a poesia nacional.

De par com essas qualidades de artista, que implicam a ausencia de tantas outras, é preciso ver as qualidades e os defeitos do homem.

Esse bom gosto que de suas producções resalta evidencia-se de sua vida egualmente. Elle é um eterno rapaz. Até hoje vive a vida que a nossa raça estima observar nos seus poetas: vida descuidosa, sem as ambições nem mesmo de quem aspira a constituir um lar. Perdôa-se-lhe o facto de se ter feito funccionario publico porque se reconhece o que ha de precario na carreira exclusiva de poeta. Mas vê-se que isso foi um recurso para que elle appellou levado pelas contingencias. Percebe-se que Bilac não toma verdadeiramente a sério sinão o seu divinho ócio de preferido das musas, que elle nunca se fará um homem grave, no sentido pesado da palavra.

Esse ócio, no entanto, como o tem applicado elle até

hoje? Simplesmente, naturalmente, num inteiro e completo accôrdo com a natureza de que foi dotado. Lendo livros quasi sempre ligeiros, revistas leves, fazendo chronicas para ganhar algum dinheiro, e no mais flanando com os amigos, frequentando cafés e theatros, deitando-se tarde, levantando-se tarde egualmente.

Nunca tomou a peito empreza alguma de verdadeiro vulto, quasi nunca se metteu em questões: amigo de todo o mundo, em geral, sem émulos literarios que lhe façam guerra, sem fazer guerra a ninguem. Gosta de assistir ás ascensões serenas, ás que são feitas sem opposição; entra discretamente quasi sempre no numero dos que as applaudem. A's naturezas combatentes elle não lhes é sympathico. Si apparecem no horizonte literario de vez em quando algumas dessas, O. Bilac as não guerreia (pelo menos nenhum desses typos poderá citar siquer uma linha assignada por elle que lhe fosse claramente hostil), mas tambem não as acoroçôa, o que seria insensato levar-lhe a mal.

E é esse conjunto que o torna o typo verdadeiramente adoravel que entre nós elle representa.

3.

Quando alguem se queixa de que as nossas coisas vão mal, de que, entre os ramos da nossa actividade, o intellectual é dos que cada vez mais pobres se revelam, todos se lembram de que, seja como fôr, ha um homem guardando o fogo sagrado.

— Quem é esse homem?

— E' Olavo Bilac.

— Mas elle pouco tem produzido, objecta por ventura alguem.

O outro não precisa armar-se de grandes recursos para responder. Sorri superiormente apenas, como quem tem certeza do motivo por que sorri. E o primeiro não farda a convencer-se de que elle é que não tinha razão.

— Pois que, aquelle sorriso quer dizer, depois do que delle conhecemos, ainda resta direito de se duvidar que ali palpite perennemente a veia poetica de que seja capaz o Brazil? Si Bilac não publica não é porque não produza, ou si não produz não é porque não seja capaz de fazel-o... São coisas, meu amigo, que a nós não nos compete julgar...

E no fundo ha uma certa base nessa religião por O. Bilac. Sendo elle o nosso typo representativo no que de mais normal possuimos, por força que a sua carreira se parecerá com a que leve o paiz. No facto da relativa pobreza em materia de volumes que a sua obra revela não ha motivo para censural-o, mas para nos queixarmos dos tempos. Uma natureza como essa, tão simples, digamos tão natural, segue completamente o curso das coisas: desde que estas se animem, ella se anima tambem; soffre de estagnação no momento em que ellas se estagnarem.

Não será por essa falta de capacidade reagente — bem ao contrario —, que elle se tornará menos querido do meio.

4.

Só havia uma possibilidade de que empallidecesse, ainda em vida sua, a auréola formada em torno á fronte deste nosso idolo, mesmo antes de um grande decurso de tempo: era si o Brazil subitamente accordasse para um engrandecimento verdadeiramente imprevisto: si elle ganhasse outra cerebração, si se fizesse aguia, e brandisse poderosamente, em demanda de altos horizontes, duas grandes azas possantes.

Ahi, sem a complexidade necessaria para ir tão longe que pudesse continuar a representar a média da capacidade esthetica da raça, no verso, elle se arriscaria a ficar num segundo plano. Mas quero crer que se houvera de sentir satisfeito nessa nova posição, sendo bas-

tante nobre e generoso para esquecer-se de si e estatelar-se todo embebido no espectaculo estranho que aos seus olhos offerecesse essa patria ante a qual se fosse sentindo de cada vez mais pequeno.

Hypothese absurda, que de forma alguma ha possibilidade de se realisar.

Nesse ponto podemos estar tranquillos. Olavo Bilac é o mais querido dos nossos poetas por titulos naturaes, e é certo que até fechar os olhos elle gosará entre nós desse privilegio, o qual só as naturezas sem bondade e sem generosidade lhe poderão por ventura invejar de inveja má.

1902.

José de Alencar e Machado de Assis

José de Alencar e Machado de Assis, com as suas qualidades e defeitos, são os dois romancistas mais notaveis que tem produzido até agora o Brazil.

José de Alencar mais fertil, e mais cheio de poesia, com mais graça, meigo, mimoso, e colorido, variado, tudo com brandura embora, a meio tom, sinão a meia tinta, sem a grandeza com que elle sonhara nas *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos*. Romancista principalmente de costumes. Os caracteres, Alencar os vê com os olhos de todo o mundo, mais benevolamente ainda um pouco, com especialidade tratando-se do elemento feminino, pela doçura cearense da visão que lhe é propria.

A obra de Machado de Assis é como si fossem notas á margem da obra do seu illustre antecessor, embora no que respeita quasi que exclusivamente ao romance carioca. Sedentario, o romancista fluminense nunca teve occasião de conhecer outros meios, dos quaes raras vezes fala, e ainda assim simplesmente por outiva, ou de leitura, e em pequenos ensaios. Mas estas suas notas á margem da obra de Alencar valem perfeitamente por outra obra, porque são o reverso da medalha, o mundo carioca de que fala o cearense visto ás avessas.

Alencar imagina, Machado de Assis observa. Um nos dá os vestidos, as salas, os passeios, e, no mais, frases bonitas na bocca dos personagens, lances falsos, embora

commovedores; o outro, nada pinturista, só nos dá uma coisa, mas essa coisa são os caracteres. Estes caracteres miudinhos, com a tal "necessidade de arejar", para equilibrarem-se, que elle descobriu, — agora cedendo a um vadio os unicos cinco tostões que tinham no bolso, e logo depois passando um calote de dez míl réis em cobro da generosidade mal entendida de ha pouco, — typos humanos que, bem conhecidos, acabam por entristecer, por causar abatimento ao observador. Mas assim é que mais propriamente elles são, pelo menos para quem julga mais real a realidade inferior das coisas.

O brazileiro idealisado, eis o que viu Alencar; o que Machado de Assis viu foi o carioca ao pé da letra, sinão ainda peior do que é. Mas conhecer o carioca é conhecer o brazileiro reduzido ao typo de civilisado, como o seu fundo ethnico e o meio permittem. De modo que os dois autores se completam. Si tivessemos de desapparecer amanhã num cataclysmo, salvando-se as obras destes dois homens, poder-se-ia reconstruir por ellas, até certo ponto, a variedade humana que até agora, dentro da raça latina, conseguimos representar nesta metade da America do Sul.

1902.

Correa Garção

Nestes dias de ocio tenho passado a ler vagarosamente um velho poeta de Portugal, Pedro Antonio Corrêa Garção, que palmilhou aquella já então sáfara patria dos nossos avoengos no seculo desoito.

Já está em parte munificada essa obra; para apreciar-lhe o valor legitimo é necessario ter apurado o gosto e ganho sciencia no cultivo da lingua mais na lição dos antigos, como se ha de ser erudito e refinado para apprehender o encanto que proporciona uma mobilia de puro estylo ou exquisitas joias de passadas épocas.

Nem todos actualmente sentirão como deveram siquer aquella "Cantata de Dido", intercalada num drama deste sympathico e valoroso árcade. Ella é, no entanto, um pequeno poema de belleza e perfeição classicas verdadeiramente raras, poema ainda ha quarenta annos mui justamente famoso:

"Já no roxo oriente branqueando
As prenhes velas da troiana frota
Entre as vagas azues do mar dourado
Sobre as azas dos ventos se escondiam.
A miserrima Dido
Pelos paços reaes vaga ullulando;
Co'os turvos olhos ainda em vão procura
O fugitivo Enéas.
Só ermas ruas, só desertas praças
A recente Carthago lhe apresenta:
Com medonho fragor na praia núa
Fremem de noite as solitarias ondas," etc.

Para o gosto hodierno mais geral, o que ainda existe nesse livro com a graça e o communicativo proprios da vida são uns tres ou quatro sonetos bregeiros, consagrados á calva de um padre, e umas poucas composições que alcançaram serenidade ou frescura bucolica verdadeiramente horacianas. Isso e pouco mais.

Ainda será, porem, vivamente interessante esta obra para quem quer que a leia no espirito de buscar antes de tudo sorprehender nella as feições de uma epoca e as da sociedade que a produziu.

Corrêa Garção vivea de 1724 a 1772; foi homem, portanto, em pleno regimen pombalino. Teve de sujeitar-se com os seus contemporaneos ás consequencias oppostas entre si da politica do ferreo e superior primeiro ministro, juntas áquellas que eram proprias do seculo, umas que o grande homem não conseguiu modificar sinão ao de leve, outras superiores por completo ás suas proprias forças, e até mesmo á sua comprehensão.

Pombal já é de um tempo em que o pequeno, glorioso reino do extremo occidente entrara em franca, inevitavel decomposição. A Inquisição, os jesuitas e o jugo do estrangeiro já o tinham perdido para sempre, sugando-lhe da medula todos os elementos de invencivel vitalidade. Chegando Pombal, conseguiu apenas galvanisal-o pela força de seu genio e ajudado por circumstancias de primeira ordem que naquelle tempo occorreram. O estadista portuguez foi para o seu paiz o que Napoleão reconhecia ser para a Revolução Franceza: uma fita interposta passageiramente entre duas paginas de sua historia.

Aliás, é preciso corrigir o que ha de exagerado nesta accusação e neste maldizer systematico á obra do catholicismo fanatisado.

Ella obedeceu fatalmente ao impulso da raça latina, da qual provinham os seus mais eminentes directores, reagindo contra a avalanche do espirito protestante dos

teuto-germanicos, que pretendiam avassalar o mundo. Em ultima analyse, este foi um mal necessario; foi um bem relativamente, portanto. Sem elle, os latinos, absorvidos por ideaes oppostos ás necessidades dos seus instinctos, já naquelle tempo teriam perdido sua caracteristica, o que tanto vale dizer sua razão de existir. Houve enormes, odiosissimos exageros, mas é a reacção que sempre se dá tanto nas organisações individuaes como nas collectividades em face dos grandes perigos. Estes povos, pela segunda vez na historia, salvaram a Europa de um retrocesso grosseiro, cujas consequencias podiam ser longamente duradouras. Da primeira fazendo dos proprios peitos muralhas, pondo de permeio um vallado intransponivel entre o islamismo audacioso e a civilisação do occidente, elles foram os propugnadores de um systema primordial contra um ramo que delle procedia, mas bastardo, deformado, insufficiente; do segundo impediram a quéda prematura desse mesmo systema ainda, em substituição do qual se offerecia um producto de degeneração, por outros pontos semelhante áquelle a que a Edade Média teve de offerecer combate.

Dois povos houveram de pagar esse duelo com a perda de suas melhores forças, ganhando um desequilibrio irremediavel nas suas funcções psychicas: foram Portugal e Hespanha. Mas querer por esse motivo amaldiçoar o inquisidor e o jesuita, é não comprehender o inevitavel de certos destinos. Estas duas organizações politicas nasceram principalmente das lutas pela religião; era natural que um dia as lutas pela religião as tivessem de anniquilar. Todos os homens, como todos os povos, trazem um pendor que durante certo tempo se constitue como razão de sua vida, mas que porisso mesmo, mais cedo ou mais tarde, vem a ser nelles uma causa de morte.

Sebastião de Carvalho figura no seu papel politico justamente quando é permissivel, dentro do pequeno reino, a victoria decisiva e para sempre irrevogavel do

absolutismo sobre o systema feudal. Elle vem a ser a alma do monarcha portuguez porque as funcções do representante do poder supremo tomavam tal importancia e se tornavam tão difficeis no momento, que só os homens verdadeiramente superiores, como já acontecera em outros pontos de Europa, eram capazes de exercel-as, dentro embora do respeito indispensavel ás ficções do regimen.

Mas o absolutismo trazia reunidos num typo defeitos que andavam dispersos numa casta inteira, a qual elle pretendia, annullando, substituir.

Ainda que compensada a deslocação desses defeitos por uma verdadeira superioridade, agora assim violentamente personificados elles não podiam deixar de exercer sobre o meio, de certos pontos de vista, influencia ainda mais deprimente e mais desoladora. Ao mesmo tempo, a força que os representava tinha de ir-se tornando mais acerada, mais morbidamente despotica, em consequencia da desacostumada isolação que se creara a si propria. A maior vantagem com essa substituição provinha do enfraquecimento crescente em que assim os velhos poderes do mundo, ankylosados, caducos, fatalmente iam cahir.

Pombal, por um lado, utilisou a luz do seu seculo, pondo-a ao serviço do absolutismo, com amplitude, com audacia só proprias de um grande estadista. Por assim dizer, foi o terramoto de Lisboa que produziu aquelle homem formidavel. Das cinzas ainda fumegantes de tamanha calamidade publica é que elle sahiu armado para exercitar livremente o poder com que lhe acenava o destino. Foi preciso esse abalo no solo para deixar as almas por tal modo succumbidas que do fundo da sua prostração olhassem como a uma semi-deus áquelle que ainda quando a catastrophe se estava produzindo surgia-lhe á frente num contraste flagrante. Elle foi a providencia contra as calamidades da fome, das intemperies e dos instinctos perversos que sempre

esses cataclysmos assanham na vasa social. E, quando a primeira estupefacção passou, revolveu as cinzas, tirando dellas em pouco, quasi que por milagre, uma nova cidade, moderna, monumental, de muitos pontos superior a essa outra que ainda hontem ruira.

Mas, sendo de uma catastrophe enorme que elle recebia o impulso inicial, era facil de ver que este homem devia ter em si forças psychicas que contrabalançassem em valor, em resistencia, em serenidade com todos os sentimentos depressivos que o cataclysmo accordára nas almas; e, mais ainda, e principalmente, ao par destas, outras forças que sympathisassem com um momento tão fundamentalmente tragico, que fossem capazes, em suas manifestações, da grandeza, mas tambem da violencia do estupendo phenomeno. Na verdade, elle era outro terramoto feito homem.

Os fidalgos, em decomposição, e os jesuitas endoidecidos pela ambição de se tornarem senhores do mundo, estavam acabando de reduzir Portugal a uma exotica satrapia no occidente, isolando-o lentamente, casmurro, ignorante, beato, do systema politico europeu? Pois Pombal, após o desassombramento do reino, propõe-se a annullar uns, a expulsar e extinguir os outros. E o fez. Mas fel-o pelo processo de que usara a natureza antes delle: pelo terramoto politico, com a Inquisição e outros tribunaes despoticos, com a força, com a fogueira, com o esquartejamento, com as confiscações, com as excommunhões civis por sentença, com os calabouços, com os gabinetes negros de espionagem, e com uma pertinaz, habilissima intriga diplomatica, com a corrupção pela derrama de dinheiro nas outras côrtes do modo que se tornasse necessario.

Emquanto annullava os dois perniciosos poderes, erguia a classe media, despertava a propria plebe, com fundas, arrojadas reformas de caracter democratico, garantindo o bem estar do paiz por meio de um despotico systema economico proteccionista, mas são, mas honesto,

e muito mais intelligente em todo caso, muito mais efficaz do que a anarchia produzida pela incapacidade da raça, quando entregue a si propria.

De tudo isto provinha para o paiz uma felicidade estrambotica, — um viver farto e contente, mas, contradictoriamente, o coração meio parado, de pavor.

E' sempre mais ou menos analoga a esta a felicidade que logra produzir todo homem excessivamente superior no elemento social de que elle venha a ser o arbitro. Mais vale a deliberação extravagante, até iniqua, de um egual do que a rectidão incomprehendida ou pelo menos desamada de um juiz que sentimos quasi fóra da esphera do nosso systema sentimental, sem aquella sympathia para comnosco que produz ao menos o odio, da qual a injustiça é uma manifestação até certo ponto lisongeira.

Escreve-se que o Marquez de Pombal poderia ter sido um estadista de egual valor sem o emprego de processos tão deshumanos, evitando pelo menos os crimes hoje evidentes que não vaccillou praticar, até sem a attenuante da grande pressão das circumstancias, o que para sempre ha de ficar mareando o seu nome.

Pombal foi quem foi; e sem o conjunto de qualidades e defeitos que o constituiram elle não o poderia ser, nem a sua funcção teria sido aquella. Em diverso meio, com outras modificações ter-se-ia manifestado, cheio de outras qualidades, mas tambem de defeitos correspondentes, que estas coisas nascem umas das outras, fazendo o claro-escuro das figuras humanas .

No que respeita á arte da escripta por esses tempos, ella é delles o espelho fiel.

Colbert, modelo de Pombal em tantos pontos, ainda se honrara com o titulo de protector das letras, em

França. Mas é evidente que o espirito da época de Pombal já se afastara a passos largos neste ponto do espirito do seculo dezesete. A sciencia e a philosophia tomavam o passo ás puras letras propriamente ditas. Abria-se uma dessas épocas de transição em que parece disparate affirmar-se a superioridade de um poeta, de um pintor, sobre um eunucho de solidas sciencias. São épocas pesadas, em cujo meio o artista degenera e torna-se por fim superfluo, ridiculo.

Depois, em Portugal o seculo dezesete já fôra de expressão miseravel e grotesca, comparado com a edade de ouro que tinha sido o seculo anterior.

A Hespanha, sobrepujando as correntes contrarias do fanatismo, em que já toda ella chammejava, até mesmo utilisando os sentimentos que delle provinham, ainda produziu uma fertil literatura, principalmente no theatro, com Lope de Vega, com de la Barca, com Alarcon, indo esta influenciar fundo a culta literatura de França.

Os portuguezes, no entanto, perdida a autonomia politica, exhauriam-se na factura de fôfas, desenxabidas epopéas historicas, numa resaca vaidosa, mas bastarda, mas completamente vã, sem nobreza, sem originalidade, o que não impedia — symptoma gravissimo, — que os contemporaneos collocassem obras como a *Ulyssêa*, por exemplo, acima dos *Lusiadas* de Camões.

Manoel de Galhegos dá as razões por que affirma essa superioridade: é que o poema seiscentista "lhe parece admiravel emquanto á peripecia, ou imprevisto das situações, magnifico na magthaina ou emprego das machinas do maravilhoso ou sonhos, vaticinios, magias; graduado na periferia, ou area percorrida pelos heróes; compassado na bracologia e na echtania, ou amplificações e abreviações da fabula". Galhegos admira alem disso na *Ulysséa* o emprego da figura dianomi, ou repartição symetrica das partes do poema, e das mais fi-

guras de parasceve, analogia, teliotis, gorgotis e enargia."

Ou então se fundam as tertulias e as academias, como a dos Generosos, onde começam os discursos com proemios como este: "Que é isso? Hoje é domingo! Hoje é o celebre dia do nosso celebrado ajuntamento? Hoje é o dia em que eu devo ostentar alguma generosa Oração ao generoso auditorio dos nossos Generosos? Sim. Hoje é este dia. Tal é hoje minha obrigação e minha maior divida."

Um povo de qualidades organicas incompletas, afinal, defectivo, este pobre, sympathico povo portuguez, escolhido pelo destino para abrir o caminho da navegação na Europa, formado para isso através de lutas seculares, mas, acabando de representar o seu arrojado papel, fadado a eclipsar-se como nação propriamente dita, transformando-se num monotono e obtuso mosteiro de carolas, apezar do pittoresco de sua natureza, da benignidade de seu clima, da fertilidáde de seu sólo.

De modo que o seu maior estadista tinha fatalmente de ser um homem com as feições do Marquez de Pombal, uma vez nascido no tempo em que nasceu.

Não faltava ao primeiro ministro desejo de crear legitimas correntes de sympathia entre sua individualidade e os homens de letras do seu paiz. Mas isto não lhe era organico; si elle manifestou taes velleidades, foi por simples espirito de imitação.

Porque Pombal, como Napoleão, detestava os chamados homens de espirito. Logo no principio de seu governo elle desterrou para Vianna do Minho o conego Elvas Filippe Maciel, deputado da mesa da consciencia e ordem, "só pelo crime de ser jovial e de satyrisar pessoalmente a sua administração com algum dito chistoso." Pelo decreto de 17 de Agosto de 1756, "considerou quasi como criminosos de lesa-magestade os que desacatavam em conversações as pessoas dos ministros, mandando proceder a devassas contra elles." O nosso pro-

prio Garção morre preso sem sentença, a pretexto da historia de certa carta amorosa á filha de um inglez de que era visinho. Conta-se que o motivo real veiu de futeis queixas secretas que o Marquez alimentava contra elle.

Deste modo, a que liberdade de acção ficavam em Portugal reduzidos os pobres homens de letras por aquelle tempo?

De outro lado, apezar da perseguição aos jesuitas funccionava o tribunal da Inquisição, e, embora de cócoras, docil ao mais leve aceno do autocrata contemporaneo, não lhe faltava poder e liberdade para vingar-se na arraia — miuda social da humilhação por que o fazia passar o Marquez, que conseguiu pôl-o debaixo dos seus pés, utilizando-o para os mais ignobeis misteres.

Junte-se a isto, por fim, o prestigio subsistente na aristocracia que occupava as altas funcções do estado, gente em cujas mãos se depositavam ainda as grandes fortunas do reino.

A parolagem seiscentista, ôca e baldia, perdendo-se em estereis exercicios de falsa profundidade e do mais profundo máo gosto, para evitar os perigos do pensamento propriamente dito, ou então as dulçorosas odes laudatorias, pesadas de exageros, quando não indignamente mentirosas; todo esse systema organisado, emfim, de sophisma ao que é propriamente a poesia, era forçosamente o que tinha de continuar, como continuava, a produzir-se no seculo pombalino.

E' um engano pensar quem o pense que estas pobres flores de estufa traduzem apenas baixeza, e é injusto ter por indignos de sympathia os typos a quem coube por sorte representarem a Arte sob tão tristes aspectos. Ellas tambem nos falam de uma multidão de boas tendencias, algumas das quaes as melhores tendencias humanas.

O poeta é o orgão da idealisação. Em todas as almas contemplativas ha um pendor para a ternura, para a admiração, e á falta de objectivos dignos o natural geralmente é este accommodamento a que taes almas se entregam, este viciamento optico, esta relativa imbecilisação, mais emocionante olhada deste ponto de vista do que merecedora de vilipendios. No fundo é a vocação que resiste nestas naturezas, que vae procurando todos os meios de adaptação, para subsistir, para de qualquer forma affirmar-se.

Seja como fôr, taes seres representam por esses tempos o papel de ministros de Vesta na Arte. O fogo que conservam é triste, e mantido á custa de combustiveis humillimos, parte delles até condemnaveis, de baixas origens; mas sem isto o templo talvez ficasse completamente ás escuras.

Parece que os estou vendo, esses pobres poetas do seculo pombalino, "de cabelleira e rabicho, com as velhas algibeiras da casaca de seda cheias d'odes saphicas, encolhidinhos no salutar terror d'El Rei ou do Diabo, rondando os pateos da casa de Marialva ou d'Aveiro, á espera que os senhores, de cima, depois de dadas as graças, lhes mandem por um pretinho os restos do perú e o motte." E' assim que os evoca patriciamente saudoso, dentro deste pequenino quadro cheiissimo de vida, o Fradique Mendes, do Eça.

Ou então, sahindo dessa esphera, iam cahir na pornographia crapulosa, uma pornographia esta exhaustiva, de atarracar, como só os portuguezes a sabem fazer. Pouco depois, no reinado seguinte, de D. Maria I, foi que floresceu o Bocage, um poeta na verdade insigne, mas cuja lenda elle deve principalmente ao seu engenho excepcional nesses impudentes torneios.

Era uma consequencia da pressão da atmosphera. A alegria de viver, e a necessidade de liberdade de movimentos, de altivez, propria dos espiritos fóra do com-

num, num meio onde tudo eram perigos, constrangimento, convenções e baixeza, levavam-nos a aberrar por essa sorte. Nessa degradação é que lhes era permittido serem nobres um pouco; e, quanto mais alto um espirito, mais arriscado estava a precipitar-se nesse miseravel salvaterio.

3

Si a literatura de taes tempos é delles o espelho fiel, Corrêa Garção é um dos typos mais genuinamente representativos dessa literatura.

Elle foi um homem bem nascido, para a sua época. Seu pai era um cavalleiro fidalgo da casa real; sua mãi uma digna e muito honrada senhora de origem franceza.

Mandaram-n'o estudar. Elle cursou as aulas dos jesuitas em Lisboa, e as da faculdade juridica, na Universidade de Coimbra.

Não sahiu doutor, ainda não se pôde averiguar bem por que. Os seus biographos querem inclinar-se mais a attribuil-o á versatilidade de genio, tão commum realmente nos poetas.

Em compensação fez um bom casamento, desposando uma senhora "de illustre estirpe, e que lhe trouxera em dote muitos bens de fortuna, entre elles a propriedade do officio da Mesa do Consulado Geral da entrada e sahida da casa da India."

Garção foi membro da Academia dos Occultos, onde recitou o "sisudo poema" da Fala em que o duque de Coimbra, Infante D. Pedro, regeitava uma estatua. Com Antonio Diniz da Cruz, Theotonio Gomes de Carvalho e Manoel Nicoláo Esteves Negrão, todos tres nomes illustres, funda a Arcadia Ulyssiponense, onde toma o nome de Corydon Erymantheo.

Quem se limitasse a colher unicamente estes dados sobre a vida de Garção, explicar-se-ia facilmente a si proprio por que é que deste poeta sahiu o "Horacio portuguez", como geralmente o chamam. Parece, diante destas linhas geraes, tratar-se de um homem que, si tinha qualquer coisa de doido, era apenas o *quantum satis* indicado pelo latino para se poder ser decentemente um poeta. Dotado de sabedoria (ao menos segundo estas apparencias), bem nascido, culturado finamente, — attentos os recursos do tempo, — e de natural talento poetico, quem não o julgaria gozando daquella *aurea mediocritas* tão propicia a um genio placido e equilibrado, capaz de rivalizar com o venusino?

Não é isso, entretanto, o que os outros dados da sua vida nos contam nem o que explicita ou implicitamente seus trabalhos literarios nos dizem.

Todo livro directa ou indirectamente é sempre um acto de confissão. Principalmente o livro de um poeta. Todo livro de versos, até por mais artificial que seja, tem o que os inglezes chamam o seu fio vermelho. Mas é muito mais facil de o reconhecer quando o volume traz certa ordem, principalmente no que respeita á chronologia das peças. Do contrario o nosso espirito é forçado a ir lentamente dando unidade e harmonia áquelles varios elementos por fórma toda subjectiva, sempre controversa, nas particularidades pelo menos.

E' o caso com este livro de Garção. Ha entre as producções que o compõe muitas dellas que não saberiamos em que ponto do livro collocar, antes obras de *virtuose* do que de artista propriamente dito.

Mas tambem isso pouco importa. O certo é que este trabalho não seria difficil com a maior parte das peças, tão documentaes são ellas.

Assim, está-se vendo, deve ser da sua primeira mocidade uma ode que vem lá em primeiro lugar entre

as odes, feita *Aos fidalgos que protegiam o Theatro do Bairro Alto.*

Ella assim principia:

STROPHE

Não arabico incenso, ouro luzente,
Nem perolas do Ganges,
Não tenho que off'recer-vos reverente:
Malhas, arnezes, punicos alfanges;
Mas soberbas phalanges
De almos hymnos Dirceos, que immortaes tecem
Mil c'ôas á virtude, me obedecem.

ANTISTROPHE

Fuja o profano vulgo, qual nos montes
O rebanho medroso
Quando vê fuzilar nos horizontes
O farpado corisco pavoroso,
Ouve o trovão ruidoso,
Correndo pelo valle se derrama
E em seu balido o pegureiro chama.

STROPHE

Esta que afino cythara famosa
Deu-m'a o cysne do Ismeno;
Cujo canto em Elia victoriosa
Foi sempre ás Musas mais que ao Pindo ameno;
Com semblante sereno,
A mão nas aureas cordas me firmava,
E ás argivas canções me acostumava.

ANTISTROPHE

Assim digno me fez do levantado
Assumpto magestoso,
A quem hoje me inspira a luz do fado,
Que em meus versos lhe erija altar glorioso;
Brame o tempo invejoso,
A fouce morda e ameace damnos;
Mas meus versos dominam sobre os annos.

EPODO

Canto a illustre e clara
Descendencia de heróes que a lusa terra", etc.

A hyperbole encomiastica, essas promessas de immortalidade a uns velhos descendentes dos heróes lusitanos no seculo desoito, porque os homens se dignaram ver, decerto, ou ajudaram com uns magros cruzados, um theatro, são coisas naturaes do tempo. Mas o que é menos natural, só desculpavel ao fogo da edade, é a desenvolta petulancia do poeta em attribuir-se os mais soberdos dotes, e até aos seus fogosos Ethontes, que mastigam freios de diamante.

Nestes versos, a si, afinal, é que elle se elogia sinceramente, com ardor; o mais vem ali para preencher formalidades.

Garção estava com certeza naquella verde epoca da vida em que é tal o gráo do nosso enthusiasmo, que um homem é demais a si proprio e julga tão faceis as emprezas, que imaginal-as é para elle o mesmo que já tel-as levado de vencida. Com certeza ainda não era arcade o poeta. Quaesquer companheiros seriam então para elle excellentes, prodigiosos amigos.

Depois, mais lá para diante no livro, encontramo-nos com outros versos, feitos ao Sr. Gaspar Pinheiro da Camera Manoel, em que Garção, já árcade, ainda sus-

lenta a nota, em todo caso com mais brandura, mais humanamente:

. . . . . .

"Eu, porêm, nada quero, nada estimo
Mais que a dourada lyra:
Dos pastores do Menalo sagrado,
Se os loureiros da Arcadia
Os meus versos escutam, os meus versos
Me separam do vulgo:
Na testa cingirei livre de inveja
D'hera frondente c'rôa;" etc.

Seja como fôr, quer uma, quer outra destas composições parecem indicar pelo menos uma legitima felicidade interior, de quem vive satisfeito de ser quem é. E no livro ha uma serie de outras das quaes se vê que a esse pendôr para sentir satisfação de si proprio elle juntava a qualidade de facilmente conformar-se com as coisas do destino. Apreciae como são bem feitos, graciosos, naturaes, e como vos falam da sabedoria a que me refiro a segunda quadra e os dois tercetos d'este setimo soneto do livro:

"Cahiu a grossa chuva pelos montes,
Os incautos pastores aturdindo;
E engrossados os rios vão cobrindo
Com embate feroz as curvas pontes.

Com medonho estampido pavorosos
Os longos écos dos trovões soando,
A rezar nos puzemos temerosos.

Parou a chuva; correm sussurrando
Os torcidos regatos vagarosos;
Não me atrevo a sahir, fico jogando."

Mas disto muito mais directamente nos falam estes outros versos de uma ode:

"Afouto beba o mercador em taças
De esmeralda e saphira o licôr almo
De Chypre e de Falerno; já que os mares
Parece que governa.

Não lhe invejo a fortuna; pois me basta
Passar a curta vida retirado
Na Fonte Santa ao som da clara vêa
Urdindo novos versos.

Divina Providencia, tu bem sabes
Quão pouco te molestam meus desejos:
Não quero mais que ver na frugal meza
De filhos rodeada

Um limpo copo, com que n'esta grande
Noite, só para mim prospero dia,
Possa alegre brindar aos faustos annos
Do heroico São Vicente.

Com pouco mais se mata a crúa fome:
Para fazer seu grande nome eterno,
Ou pobre ou rico viva, tenho a lyra
Do cantor de Venusa."

A Fonte-Santa a que se refere o poeta na segunda destas estrophes era uma propriedade rural num sitio deste nome, onde boa parte de sua obra foi escripta.

No entanto, apezar da renda certa, que é de suppôr devera ter com o emprego trazido pela mulher, apezar de ser como o outro primeiro Horacio proprietario de um pequeno dominio rural, e não só deste como de outros bens que a mesma mulher lhe trouxera, apezar, finalmente, desta sua sabedoria allegada em versos de

quem se contenta com ir matando a fome a si e aos seus em caminho da immortalidade, — o que mais amena lhe devera fazer ainda a existencia —; apezar de tudo isso, o poeta cahe n'uma atroz penuria, de que as poesias e os biographos nos dão circumstanciada conta.

E não é apenas a miseria material que o persegue. Lêde este soneto, que já vem collocado mais para o interior do livro:

"Vejo na vasta scena do futuro
De tragico destino a face accesa,
E de espectros cobrir a redondeza,
O nebuloso céu, o polo escuro.

Rasgar-me o peito e coração figuro
Da torpe inveja a barbara fereza:
Da fome crúa, esqualida pobreza,
Em vão fugir desejo, em vão procuro.

Nada vale constancia e soffrimento;
Monstros féros, Cerastes assanhando,
Paciencia e valor põe a tormento.

O que mais é, que a vida prolongando
Se ceva e nutre o meu entendimento
Do espectaculo feio e miserando. "

Era a inveja que tambem o perseguia, assanhando terriveis Cerastes contra elle. O homem de letras sempre tem duas especies de inimigos ás costas: é o homem de letras como elle, e o anonymo que pretendeu, mas não conseguiu, ser homem de letras. Este ultimo vem geralmente d'entre os *manqués* que por um acaso infeliz tenham sido seus companheiros de mocidade. Quando não, collegas no emprego de que elle tira a subsistencia, ou, muitas vezes, simplesmente e casualmente seus visinhos.

Em meios amplos e por épocas de florescencia, esses inimigos não valem nada; só ajudam um homem a subir. Não assim em espheras estreitas, deficientes, viciadas, como a de Portugal por aquelle tempo, em que tudo concorre para tornar efficazes, mortaes até, muitas vezes, as machinaçõesinhas miseraveis dos nullos contra os seres excepcionaes que tem a infelicidade de lhes cahir sob as mãos.

Depois, o nosso árcade era portuguez, á portugueza tinha de receber os elementos que lhe fossem hostis.

Veja-se este soneto, com que elle desaba sobre o Padre Antonio de S. Jeronymo Justiniano, naturalmente um dos seus adversarios nas letras:

"Misero gandaeiro do Parnaso,
Que para alimentar teu pobre estylo
Das escorias tiraste do chirilo
Com que da idéa encheste o tosco vaso:

Apollo faz de ti tão pouco caso,
Que, vendo que tu foste perseguil-o,
Podendo te mandar beber daquíllo
Mandou te desse furia o seu Pegaso!

Essa furia que o Pindo te dispensa
Bem se vê que é de besta; no proluxo
O dás a conhecer de uma obra extensa.

Déu-te Pegaso as aguas de repuxo,
Que Apollo, só si andasse de corrença
E' que podia dar-te o seu influxo."

"Avaro na divulgação das composições entre os amigos, conta-nos o seu ultimo editor, Garção o foi ainda mais em dal-os a lume".

Em vida apenas se imprimiram as suas odes denominadas sacras. A nobres furtos praticados por sua di-

gna esposa no acervo dos seus manuscriptos, furtos que por meio de copias ella transmittia ao Conego Manoel de Figueiredo, grande admirador dos talentos do seu marido, deve-se conhecerem os posteros a maior parte das suas producções.

"Não consta, commenta ainda o editor deste volume que consultamos, fosse de humor concentrado, antes a affabilidade de maneiras e o tom zombeteiro de certas poesias nos fazem representar Garção um homem de genio alegre e expansivo."

Mas é que naquelle tempo havia a Real Mesa Censoria, sem cuja permissão não podia nenhuma obra ser publicada. De uma feita, tendo o árcade produzido uma oração congratulatoria pelo facto de haver o Senhor D. José sobrevivido ao attentado de 29 de Julho de 1759, e convindo a Pombal dar-lhe toda a publicidade, esta, no entanto, não foi permittida sem que a producção do illustre vate passasse primeiro pelas mais atrozes mutilações. Em lugar das palavras "com que se armavam para assolar a patria" emendou-se: "que podia não sómente assolar... mas chegar a demolir". Em lugar das palavras "este foi o plano de tão horrenda conjuração; este foi o projecto que formaram", corrigiu-se: "estes os tristes successos que poderiam produzir". A' palavra "evidente" substituiram: "visivel". Etc. Alem disso, cortaram dois paragraphos inteiros em que se verberavam prelados e magistrados pelo facto de haverem escravisado os indios do Brazil, elogiando-se o Marquez de Pombal por ter posto cobro a tão grande patifaria. Comprehende-se: os membros da Mesa Censoria tambem eram magistrados e clerigos...

Conjectura-se que a esquivança do poeta em tornar conhecidos seus escriptos nascesse dessa circumstancia, que viesse da revolta de um justo orgulho "á idéa de submetter o fructo de suas vigilias, composições trabalhadas com tanto esmero e carinho, á rasoura manejada por mãos ineptas e odientas."

E de tudo isto se conclúe que o pobre Corrêa Garção atravessou esta vida muito longe da *aurea mediocritas* do seu paradigma latino.

4

Foi, no entanto, o poeta um heróe intellectual, — sobre isto não ha duvida, — mas um heróe como podia então ser, não indo alem nem aquem do seu tempo.

Aquella clava em forma de soneto arremessada contra os rins do padre Antonio Jronymo Justiniano nada prova em contrario. Era de regra os poetas inimigos guerrearem-se assim. Desopilava a fidalguia e o clero secular vel-os aggridirem-se ferozmente uns aos outros, fazendo-se, sem pensar, orgãos interpretativos do menospreço que a sociedade votava a poetas então. Vel-os brigar era um desporto, como assistir no terreiro á troca de formidaveis esporadas entre dois gallos apopleticos de brio.

A questão é que vivessem em sabia domesticidade com relação a toda pessoa de importancia no reino. Mas a obra de Garção é edificante, é exhaustiva, á força de ser satisfatoria, olhada deste ponto de vista.

Antes de tudo, leiam-se as suas dissertações e orações, principalmente as primeiras, produzidas na Arcadia. "Nobillissimos e sapientissimos Arcades..." começava elle. Ou sinão: "Amantissimos e sapientissimos Senhores..." Ali Garção tratava com seus pares; mas, não só não eram estes do grupo inimigo, como na maior parte representavam homens de importancia social, eram gente sisuda, que não vivia daquillo, e que, reunindo-se para formar a sociedade, fizera-o porque isso se tornava bastante agradavel ao primeiro ministro. Vê-se que no começo o nosso poeta não se sente em verdadeiro pé de egualdade junto de tão illustre companhia. Diante das labias que elle emprega nos exor-

dios desses primeiros discursos, dirigindo-se aos outros árcades, dir-se-ia ser uma especie de acolyto numa assembléa de verdadeiros rajahs das letras, em paiz oriental, onde estas merecessem a honra de ser a mais grave das preoccupações sociaes.

A dissertação prestava-se pouco, a não ser no exordio e no epilogo, a receber grandes lastros de lisonja ás forças da época. A oração, pelo contrario, de principio a fim, podia ser toda ella um gabo só. E elle as tem que o são. Gabos á gente grande e illustre, — a El-Rei o Senhor D. José, ao Marquez, que ainda era por então o Sr. Conde de Oeiras, aos nobillissimos senhores officiaes do Regimento de Infanteria, etc.

Mas não eram só as orações que se prestavam a isso: havia ainda as epistolas, as odes, os sonetos, etc. E elle de todas essas formas se utilisou muito dignamente. Nenhum grande acontecimento se passava no reino que o nosso poeta não procurasse utilisar-lhe as aguas para levar a sua nave adiante.

Alem de tratar de viver em paz com a gente alta, rendendo-lhe as devidas homenagens, Garção tambem não se esquece de Deus Nosso Senhor, de Nossa Senhora e de varios santos da côrte do Céu. Uma dessas suas orações na Arcadia toda ella se consagra a render graças a Nossa Senhora, debaixo de cujo auspicio e tutela a nobre associação se fundara, "pelos recebidos beneficios da ineffavel protectora, cujo santo patrocinio visivelmente brilha nas gloriosas acções da Academia, no adiantamento da poesia portugueza, na aceitação do publico, no amparo de um ministro prudente e sabio, e no favor do melhor dos principes, o augusto e clementissimo soberano". Entre as producções poeticas ha uma ode ao beato Bernardo, bispo e confessor, a São Thomaz de Aquino, doutor e confessor, a Santo Ubaldo, protector da cidade de Euzebio, e ao Santissimo Natal, fóra uma cantiga *Ao Divino Espirito Santo no*

anno em que serviu de Imperador um filho do Illmo. e Exmo. Snr. D. José de Alencastro.

Cumpridos estes deveres para com Deus, o Rei e a parte da Nobreza que não descahira das graças do primeiro ministro, varias coisas eram permittidas a um poeta, para tomar um pouco de ar que fizesse de liberdade, indispensavel de certo gráo por diante á natureza humana. Os opprimidos de todos os tempos sempre o conseguiram, entre os povos mais tyrannos de que fale a historia

Exemplificando: não ficava mal a um poeta, já por aquelle tempo, metter á bulha um ou outro padresinho sem sorte, um clerigo familiar, desses que andavam pelas casas até dos pobres, bonacheiros e lambões, participando da codea ou da pitança que houvesse á mesa.

Corrêa Garção tomou conta de um, o padre Antonio Delfim, e da sua calva, com que fez maravilhas:

"Quem vio o Padre Antonio? Um clerigo alvo,
Olhos azues, as faces bem rosadas,
Castanhas as melenas estiradas,
E na brunida testa um pouco calvo?
....
Vae tu, Manoel, pergunta a toda gente
Si conhecem um padre rabujento,
Que gosta de viver alegremente.

Anda, rapaz, ligeiro como um vento;
Vae pregar um escripto a S. Vicente
E põe outro na rua de S. Bento."

D'ahi a pouco:

"— Appareceu o Padre Antonio; estava
Escondido n'um cavo de gallinhas;
Para caber metteu-se de gatinhas
E nem que pinto fôra assim piava.

— Quem? o Padre Antonio, que tocava
Diversos minuetes e modinhas,
Cuja calva em funcções de ladainhas
Entre cinzentas c'rôas alvejava?

— Esse mesmo. — Quem fez tão bom achado?
— Certo atravessador, que mui contente
Entre capões o tinha pendurado.

Mas viu que lhe dizia toda a gente:
Como está manso pelos pés atado!
Si o soltarem vae dar a S. Vicente."

São trechos de poesia como estes que pintam o estado de uma sociedade num flagrante e com uma frescuro ideaes, mais pelas suggestões que produzem do que propriamente pelo que dizem ao pé da letra. Está-se vendo que o poeta tinha pelo padre um grande fraco, elle e com certeza toda a sua familia, mulher, filhos e aggregados.

Principalmente, quero crer, porque o podiam debochar assim. Só quem vir é que póde imaginar a que ponto iam as facecias de Corrêa Garção com este Antonio Delfim. Veja-se isto; é a terminação de um soneto:

"Desgraçado Delfim! Eras bom homem,
O mofino do moço deu-te olhado,
Foi o mesmo que ver-te lobishomem.

Agora andas cumprindo com teu fado;
Só gostas de comer o que elles comem,
Depois de digerido e transmutado."

Mas dahi a poucos dias ahi vinha uma ode de caracter um pouco mais sério, toda blandicias, capaz de desmontar os maiores amuos. Eu não contei, mas

não deve haver neste volume menos de umas quinze producções cujo thema seja o padre Antonio e a sua calva.

Nada de audacioso, porem, quanto mais de inconveniente, havia nestas troças do poeta. Antonio Diniz da Cruz, — um dos que mandaram enforcar Tiradentes, — é contemporaneo de Garção, árcade como elle; e o seu *Hyssope* é uma *charge* valente contra os prelados, não é contra a pequena padraria. Em vez de prejudicar, porem, o poeta, dizem que foi causa de Pombal promovel-o na sua carreira da magistratura.

E, alem de tudo isto, ainda havia na obra de Garção uma parte indispensavel em todo poeta bem aceito daquelles tempos: era a de leitura para homens. O editor deste volume, embora brandamente a classifique picaresca, é que a separou inexoravel do thesouro poetico do illustre árcade.

O que tudo não impediu a serie das vicissitudes por que esse émulo de Horacio passou durante sua curta vida, algumas dellas negerrimas, até que veiu a morrer na cadeia do Limoeiro, ralado de desgostos e desillusões.

5

Acontecia que Corrêa Garção, fóra outras coisas que hoje por ventura se não saibam, era realmente um homem de talento, e, sobre isto, um homem de caracter fortemente accentuado.

Nem Pombal sahira um Mecenas, nem o Horacio lusitano podia ser a fiel reproducção do typo por cuja obra procurou modelar a sua.

Exigir no portuguez caracteristicos em tudo verdadeiramente horacianos, — que elle seja um homem probo, mas brando, intelligentissimo, mas frio, de admiravel intuição artistica, de raro, acabado bom gosto, mas propenso no mesmo gráo aos prazeres da mesa, e a

fruir de todas as commodidades da vida, em todo caso sem excessos capitaes em coisa alguma, o typo de um aulico independente, de um palaciano legitimamente sympathico; isso seria querer simplesmente o impossivel.

O portuguez jamais poderá dar um epicurista propriamente dito. Falta-lhe para isso, antes de tudo, o espirito. O espirito não é absolutamente do portuguez. O portuguez o que é, é visceralmente chalaceiro e chasqueador.

E quem sabe si não vem dahi a incapacidade da raça para amar e comprehender seus artistas? Esta variedade humana tem sido mais amada e mais comprehendida entre os povos capazes de nuança, onde os homens não precisam se offender mutuamente para rir, onde, pelo contrario, o sorriso, até o riso, é mais um instrumento de conservação, um meio de unir os homens, ainda os de hierarchias differentes, do que um elemento de discordia, de odios, de dissolução. Mas onde ha o chasco e a chalaça a agua-suja é a consequencia natural.

Dahi não lhe ser proprio, ao portuguez, representar o typo de um homem de verdadeira dignidade pessoal e ao mesmo tempo de habil, acabada brandura na vida de relações. Quando elle cede, orça pelo servilismo, quando resiste, não o pode fazer sem irritar.

Vejamos este nosso Corrêa Garção.

Elle é tão blandicioso, tão reverente, tão humilde, até, nos seus primeiros discursos, logo que começou a funccionar a Academia, que chega a incommodar um homem.

"Nobillissimos, sapientissimos e amantissimos Senhores. Se assim como vossa compaixão prosegue no designio de instruir-me, pode desculpar os meus erros a vossa indulgencia; perderei o medo de falar diante de vós sem me ensaiar no estudo das mais solidas doutrinas. Mas quem me ha de persuadir que, exercendo fun-

cções do meu destino, e levado da honra de obedecer-vos, não desperdice aquelle tempo que podia aproveitar em ouvir vossas lições?

"Que systema ou que questão posso discutir na vossa presença sem que vos enfastie ouvir o que já sabeis, ou talvez que refutais?.... ..... Assim é, Senhores; porem vós, quando me chamastes para membro d'esta sociedade, concebestes outra idéa mais illustre. Quizestes ser uteis á patria: e um projecto tão generoso não se pode praticar sem com effeito ensinardes os vossos compatriotas. Afortunado fui eu, si fui um dos que primeiro vos devem esta piedade: e seria ingrato si, olhando para vós como para mestres, tivesse pejo de mostrar a minha insufficiencia."

Mas a pouco e pouco vão as coisas tomando outra face. Vimos por alguns dos seus versos transcriptos:

"Eu, porêm, nada quero, nada estimo
Mais que a doutada lyra."

Elle era, na verdade, um homem inteiramente tomado pela sua paixão predominante. Só fazia verdadeira questão de uma coisa: de posterisar-se, fosse como fosse. Isso pode ser de um genio, mas não é nunca de um grande sabio: Horacio, caso se pudesse dar o impossivel de cahir tal qual foi feito num meio como a côrte de Lisbôa, pelo seculo desoito, talvez que tomasse a deliberação de deixar de fazer versos, o velho Horacio. Porque elle, sobre ser um genio, era um claro sabio. "Antes uma obra inacabada do que uma vida incompleta", diz em nossos tempos Maeterlinck.

Corrêa Garção não era deste parecer. Quando os árcades portuguezes se reuniram para formar a sua academia, estavam convencidos de que Pombal ia corôar iniciativa tão bella cumulando-os de toda sorte de

favores. Mas diante da realidade das coisas, verificada a fraca inclinação do primeiro ministro pelos belletristas, que directamente em nada podiam favonear os planos a que elle ligava importancia, começaram de arrefecer, fieis aos seus instinctos mundanos. Pois bem, foi quando o nosso poeta se lembrou de insistir.

O humilde discipulo, como elle se quiz intitular na primeira phase, foi ganhando liberdade com seus pares, e, trabalhador, apresentando trabalhos de verdadeiro realce, foi se revestindo daquelle ingrato prestigio que num meio tibio e sorneiro tem por força de ganhar quem vive radiante de espirito, por influencia principalmente de uma consciencia feliz, satisfeita de si, como a dos que se esforçam de boa mente em cumprir com o que tem por inilludivel dever.

Mas ingrato chamei esse prestigio, porque elle é conseguido tão a contra-gosto de quem o proporciona, vem de um desencontro de sentimentos tão desagradavel, tão irritante, que os seus fructos tem por força de saber a cinza e a fel.

Corrêa Garção, temerario, ou ingenuo, não pesou consequencias. Ganha a necessaria autoridade, toma que te dou eu! O que no principio foi blandicia, grato enternecimento, humildade quasi de apiedar, passou a ser importunação, impertinencia, ironia, o que não deixava de ser indelicadeza, e até, bem estudadas as coisas, verdadeira desconsideração.

E' certo que o poeta se torcia, como si lhe estivessem pisando as unhas com anginhos, á procura das formas mais geitosas, mais cortezes, mais edulcoradas, para tornar perdoaveis de todo ponto aquellas sarabandas, que destinava a despertarem um pouco os dorminhocos collegas. Mas tudo quasi completamente em vão. Porque ali a offensa vinha de que no fundo o homem falava verdadeiramente a sério; de que, cego pelos seus ideaes, elle pretendia fazer caminhar uma coisa que só com impulsos nobres, com interesse sagrado, por amor

á patria, ou coisa que o valha, não vae. Os sanhedrins literarios tem sido em todos os tempos eguaes a todos os outros sanhedrins que se baseiam no falso principio da superioridade numerica. Corporações muito humanas, na accepção pejorativa do termo, dando uma media sempre muito baixa; collectividades que são a negação de toda especie de heroismo, conseguintemente orgãos emasculados, perfeitamente incapazes de obra propriamente dita.

E a peior aggravante em tudo isto está em que o poeta se batia por uma causa realmente séria, mais do que hoje se pode suppôr. Não era apenas questão de distinguir a ode do idylio e a satyra do dithryrambo.

"Pelo decorrer do seculo dezesete, refere Gœthe na sua *Viagem á Italia*, a poesia italiana corrompeu-se de tal modo que homens autorisados começaram a accusal-a de, não sómente ter perdido o que se convencionou chamar a belleza interior, como no que respeita mesmo á forma de tel-a negligenciado a tal ponto que sua versificação se torna rude e dura, as expressões barbaras, as figuras viciosas; e de que, abusando dos tropos, das hyperboles, e das metaphoras, ella perdera aquella doçura e aquella graça seductora que a tinham elevado tão alto. Estas accusações, longe de produzirem effeito junto desses poetas transviados, levaram-nos a proclamar como unico e verdadeiro bello os desvios de sua imaginação. Foi quando alguns literatos sensatos, dotados de verdadeiro merito e de corajosa boa vontade, formaram uma associação que por modestia quizeram conservar envolvida nas sombras do mysterio. Faziam suas reuniões, não em Roma, onde logo chamariam attenção sobre si, mas no campo e nos jardins dos arredores. Em meio de uma destas reuniões, um dia alguem exclamou de repente: "Eis aqui a nossa *Arcadia*!" E tal exclamação enthusiastica deu o nome á associação, nome justificado por sua instituição idyllica."

Pois a esta Arcadia Ulyssiponense, fundada um se-

culo depois, queria o Garção dar mais ou menos os mesmos fins. Era uma revolta contra o gongorismo da Hespanha, o marinismo da Italia, o preciosismo da França, revolta agora até certo ponto possivel em Portugal, porque com as reformas do primeiro ministro começava o pensamento cartesiano a alastrar finalmente pelo pequeno reino retardatario, medroso, sempre de camandulas entre os dedos, a benzer-se e a esconjurar o demonio. Nesta obra havia muito o que louvar.

Si a causa fosse insensata, fosse irrisoria, Garção podia bater-se por ella até o murro: dava motivo de riso á companhia, inferiorisava-se diante della, e isso era o bastante para lhe perdoarem de coração todos os desasos do progresso.

Depois, sabe-se como são estes poetas em geral: de uma grande violencia de sentimentos, e quasi que sem nenhum poder sobre si para lhes dar expressão conveniente e opportuna.

E' o que se collige de umas falas, hoje aborrecidas, mas naquelle tempo muito apaixonaveis, que vem no correr do volume. E' facil de adivinhar por ali que a intriga apanhara em suas malhas o poeta. Ao sentimento latente de aversão, sem duvida inspirado ao sanhedrim pela simples attitude heroica do illustre vate, veiu offerecer causa occasional para quaesquer explosões algum boato perverso, alguma versão perigosa de certos ditos do árcade, lá por fóra, deprimentes dos seus outros consocios no Ménalo.

Tambem, como vimos, aos grandes do reino cumulava-os o poeta de elogios e homenagens sempre que se lhe offerecia occasião; não obstante, fez-lhe o Marquez aquella brutalidade do encarceramento, a que elle não pôde resistir com vida. Si o poeta houvesse commettido na verdade um crime de que a tal carta á filha do inglez fosse ao menos um claro indicio, sem duvida que não lhe pouparíam a formação de culpa e a consequente sentença. E' mais provavel que os odios, sopitados,

mas á espreita, tivessem utilisado aquillo como um pretexto para indigna vingança.

Pobresinho do Garção! Ainda mesmo no Limoeiro, elle relutava por levar ao fim o que entendia ser a sua missão mais alta na terra, poetava entre melancolico e jocoso, como nos diz este soneto que dirigiu a um dos seus amigos da Arcadia naquella triste situação:

"Quinze vezes a aurora tem rompido
E accendi outra tantas a candêa
Desde que preso estou n'esta cadêa
Soffrendo o que nenhum cá tem soffrido.

De todo trago o estomago perdido;
Como frio o jantar, mal quente a cêa,
E este misero ornato que me arrêa
De noite é cama, de manhã vestido.

A um canto da bocca arrumo o dedo:
Subo os olhos ao tecto ,ao chão os mando,
Sem saber o que faço me arremedo:

Commigo mesmo estou philosophando;
Nego os mesmos principios que concedo:
Vê tu, meu bom Diniz, qual louco eu ando."

Mas é que, segundo o testemunho dos seus proprios biographos, entre outras qualidades de caracter, Garção primava pela franqueza, o que o tornava incompativel, dizem elles, "para servir junto de altas personagens pela impossibilidade de encobrir o seu juizo diante de um acto injusto." O seu ultimo editor fala em certa "resposta altiva de Garção a suggestões para solicitar do Marquez de Pombal um emprego na sua secretaria, resposta que, levada ao conhecimento deste, teria sido a causa primaria do odio."

Horacio tambem regeitara ser secretario de Augusto; mas Augusto e Horacio não viviam pelo seculo desoito em Portugal.

Seja como fôr, que no intimo o caracter de Garção tinha mais ou menos este feitio, mostram-nos ás vezes os seus proprios versos. Olhem estes, que eu transcrevo de uma ode:

"Conspire-se em meu damno a terra toda,
E a fortuna perversa;
Mil duras portas de pesado ferro
Sobre mim se aferrolhem;
E aguilhoado ao carro do triumpho
Me leve algum tyranno:
A negra fome, a sordida penuria
Vão me escoltando os passos;
Sobre deserta, inhabitada praia
Me ponha a tyrannia;
Agudos dentes de raivosas féras
Contra mim se apparelhem:
Risonho, alegre, intrepido, constante
Me ha de ver o universo."

Essa ode é feita ao Suicidio. E termina assim:

"Doce refugio de fatal desgraça,
Eu te abraço contente;
Tu és o meu escudo impenetravel
Contra empennadas settas
Que a indigencia e a penuria em vão disparam.
Todos podem a vida
Tirar ao homem na mesquinha terra,
Ninguem lhe tira a morte."

Depois de lermos sua obra e a sua historia, contemplando-se hoje subjectivamente a figura do "maior dos árcades — fundadores em Portugal", como elle é

conhecido, Corrêa Garção se nos revela um typo perfeitamente sympathico, um typo emocional, — o de um representante do Ideal na Terra, encantonado embora numa região tão ingrata e tão sáfara. Esta o empobrece de muitos dotes que elle viera apto a adquirir, de muita nobreza a que suas qualidades nativas o inclinariam noutros tempos e noutro meio, fal-o por certos lados quasi que um personagem ridiculo, mas pela dôr que lhe impõe, pelas provações de que o cerca, põe-no bem alto, bem acima de toda aquella lama fetida que elle teve de palmilhar, de todas essas almas atrophiadas, malevolas, com que teve de andar cruzando.

Peior para o grande homem em cujo tempo elle viveu, que não soube conhecel-o, não soube amal-o um pouco, que, em vez disso, escolheu-o para ser mais uma de suas victimas, na obsessão de poder e de orgulho em que vivia aquella alma, grande, é verdade, mas tão inclemente, por tantos lados tão cega, tão capaz de fraquezas enormes.

1902.

"Os discipulos de Sais e os fragmentos",

DE NOVALIS

Releio agora, depois de um anno, este livro. Podia dizer que é hoje que o leio, porque então eu atravessava um momento extraordinariamente mundano, de lutas acerbas, brutaes, estupidas, que me embriagavam como um vinho grosseiro. Ainda mais: mesmo desta vez, não o li propriamente, — comecei a ler.

Porque estas paginas são inexgottaveis. Eu poderia ir com ellas para o deserto, como com a Biblia, como com Homero. E' uma obra que ficou em projecto, toda por acabar, perfeitamente uma nebulosa escripta, mas com todos os germens imaginaveis, com todos os aspectos que se podem encontrar numa alma, num planeta, ou no universo.

Apenas, cada um de nós vê as coisas com uma visão que lhe é propria, sob uma côr particular, nestes azul, naquelles citrea, em outros gris: Novalis vê todas as coisas por um prisma de ouro; sua obra é uma aurea nebulosa. Elle sorri, elle carrega o cenho, elle soluça, mas tudo isto como imaginamos que faria um anjo.

Começa este resumo pelos *Discipulos de Saïs*, com muita felicidade para a harmonia architectural do livro. *Os Discipulos de Saïs* são na obra de Novalis o que os porticos, os humbraes devem ser num palacio, num templo: são uma synthese de toda a sua obra, mas uma syn-

these acolhedora, risonha, ingenua, genialmente infantil. Respira-se nos *Discipulos de Saïs* como numa atmosphera de magica floresta, cheia de sombras, de silencio, de paz, uma floresta onde anjos nos falem, onde se passe a vida em brincos divinos e graves. Mas o que ha de mais exqurisito é que essa floresta arde aos nossos olhos de uma maneira toda mineral. As folhas tem aspectos de pedras preciosas, de esmeraldas, de saphiras, de rubis, o orvalho é lapidar, é facetado, como diamantes.

Os *Discipulos de Saïs* tentam dar-nos conta de um enredo, ser uma qualquer coisa de analogo a *Salambo,* tratando de objectos sacros do Egypto; quereriam produzir a historia da missa de ouro que se dizia nessas eras hoje já tão profundamente lendarias, eras que já não são mais tempo, que já se confundem com a eternidade. Mas isso que elles pretendem é em vão. Novalis não consegue compenetrar-se de que está sendo um romancista.

Diz elle algures: "Uma notavel particularidade de Goethe vem a ser a sua habilidade em ligar accidentes insignificantes a graves acontecimentos. Goethe parece ter em vista occupar apenas poeticamente, por um jogo mysterioso, a nossa imaginação. Ainda nisto o homem extraordinario seguiu as traçadas da natureza e roubou-lhe um gracioso artificio." E em outro ponto: "O renunciamento de si mesmo é a fonte de toda humildade, sendo ao mesmo tempo a base de toda verdadeira elevação. A primeira coisa a fazer deve ser um olhar interior, contemplação separativa de nós mesmo. Aquelle que parar nisto ficará em meio caminho. A segunda coisa a fazer deve ser um olhor activo para o exterior; consideração pessoalmente activa e fixa do mundo exterior. Nunca fará uma obra notavel o artista ou o escriptor que só reproduza suas experiencias, seus sentidos, seus objectos preferidos, que não possa conseguir apezar de si mesmo estudar com zelo e representar com vagar um objecto absolutamente estranho que em

nada lhe interesse. E' preciso que o artista possa e queira reproduzir tudo o que existe. E' dahi que nasce o grande estylo que se admira tão justamente em Goethe".

No entanto, estas verdades que elle conhece não as pratica. Elle fala tão genericamente, tão transcendentalmente, que tudo transcendentalisa, espiritualisa, unifica, confunde; elle não tem planos, não tem sombras, não tem propriamente linhas, tudo isto porque não tem verdadeiros contrastes, de modo que nem as suas paisagens, nem as suas figuras, nem a acção que entre estas elle tenta estabelecer, nada disto é nitido, tudo se confunde num espectaculo adoravelmente cahotico, em que presenciamos mas é a um longo monologo dito em voz baixa, que quasi não é voz, que é antes uma respiração, uma delicadissima, suavissima oração mental aos *devas*, elevando-se para a atmosphera como o casto perfume de uma lalada de violetas brancas, tudo aromando, — oração profunda, sacratissima, archangelica.

E' que elle comprehende Goethe sem, porem, deixar de ser Novalis. "Podem-se imaginar, diz-nos elle em outro ponto, historias sem seguimento, entretanto com associação, como sonhos. Poemas que sejam simplesmente sonoros e cheios de palavras brilhantes, mas desprovidos de senso e de cohesão, dos quaes, quando muito, apenas algumas estrophes sejam comprehensiveis, como fragmentos de coisas as mais diversas. Esta verdadeira poesia poderá ter, quando muito, um sentido allegorico geral, e uma acção indirecta, como a musica. Eis por que a natureza é tão puramente poetica como a cella de um magico, de um physico, um quarto de creanças, um celleiro, etc.". E ainda mais: "Em um conto symbolico, tudo deve ser maravilhoso, mysterioso e tudo deve sustentar-se mutuamente. E' mister que tudo viva, mas de uma outra maneira. A inteira natureza deve ser maravilhosamente misturada ao mundo espiritual inteiro. Começa aqui o tempo da anarchia universal, da liberdade, o estado na-

tural da natureza, o tempo anterior ao mundo. Este tempo anterior ao mundo revela-nos de certo modo os traços esparsos do tempo posterior ao mundo, como a natureza é uma imagem singular do reino eterno. "O mundo do conto symbolico é justamente o contrario do mundo da verdade, e é por isso mesmo que elle lhe é tão semelhante, do mesmo modo que o cahos é semelhante á creação perfeita. No mundo futuro tudo é como no mundo passado, e entretanto muito diverso. O mundo futuro é o cahos intelligente; o cahos que penetra a si mesmo; que está em si e fóra de si. O verdadeiro conto symbolico deve ser ao mesmo tempo uma representação prophetica, uma representação ideal e uma representação absolutamente necessaria. O verdadeiro contador symbolista é um vidente que vê o futuro".

Sente-se Hegel nestas theorias, levado ás ultimas consequencias; descobre-se a genealogia de Mallarmé. As anteriores vem-lhe por comprehensão; estas, porem, por tendencia, por indole, por sentimento. As duas correntes convenientemente e organicamente entrelaçadas é que são capazes de fazer o Goethe do segundo *Fausto*, ou um Dante.

Mas quem não penetrar alem deste portico, quem ler apenas os *Discíplos de Saïs*, fica julgando Novalis como um Bernardin de Saint Pierre que tivesse ficado a olhar de longe para o mundo, sob a aurea illusão que produzem as distancias, uma victima precoce da contemplação, uma dessas creaturas que passam pela vida envolvidas na branca nuvem de que fala o nosso poeta, que não batem a todas as portas, que não sabem o que é soffrer todas as angustias, o que - morrer todas as mortes, mas tambem o que é viver todas as vidas, abrigar todas as alegrias humanamente ao seio.

Os *Fragmentos*, porem, deixam-nos boqui-abertos. Novalis tinha apenas 29 annos quando se foi deste mundo. Viveu uma vida exterior inteiramente commum: empre-

gou-se, casou-se, viu morrer a mulher, casou-se outra vez, teve amigos, não consta que tivesse inimigos, — o que é uma maneira de sermos menos que communs, — tal qual um desses seres que ahi passam balbuciando, pestanejando, tacteando, ensaiando passos como uma eterna creança, sem terem certeza de que vivem, de que são um ser, de que tem uma determinada missão.

Os *Fragmentos*, no entanto, representam uma autobiographia formidavel. Elle viu tudo, elle viveu tudo, elle foi tudo quanto é preciso ser-se para ser-se propriamente um homem. Apenas, elle viveu na atmosphera da fé, numa convicção tão tranquilla que se confunde com a alucinação, viveu nas cumiadas da vida, frente a frente com a grandeza das coisas, sem os altos e baixos por que andamos todos nós. Vem dahi aquelle seu sorriso infantil e profundo, a sua apparente inexperiencia, que tal nos parece porque não vemos nelle experiencias mesquinhas. Não nos lembramos que a mesquinhez existe para o pequenino, não vemos que todas as coisas tem todos os tamanhos, que ellas se medem pelo tamanho de cada um de nós.

E' interessante. Estamos com Emerson e Emerson desfaz-se-nos em suggestões. Emerson põe-nos, porisso, numa deliciosa impaciencia. Emerson para mim é quasi sempre tão eu, que quando o leio parece que estou monologando commigo mesmo. Seu livro vem offerecer-nos apenas um claro desdobramento da nossa propria personalidade. Quasi que nos convencemos de que fomos nós que escrevemos aquillo.

E' que Emerson é a formula do que ha de definido, de assentado, de preciso, de indiscutivel em nós mesmos, diante de nós mesmos. Novalis é justamente o contrario. Novalis não nos suggestiona, mata-nos todas as suggestões com que viemos para elle. Emquanto Emerson fala alto e muito claro, Novalis dirige-se-nos a meia voz, como

um suspiro sonóro, mas porisso mesmo impõe um absoluto silencio a todo o nosso ser. Quanto mais o vamos penetrando, mais vamos perdendo a familiaridade com elle, mais vamos sentindo necessidade só de ouvir, mais lhe reconhecemos o direito da pontificação.

Entretanto, si elle pontifica, si elle preside, si elle intellectualmente capitaneia, si elle não confraterniza com o outro, é porque essa é a sua funcção, — a de ser *caput*, mas em todo caso cabeça do mesmo corpo, membro, como somos membros nós outros, — em ultima analyse tambem irmão. Elle é a formula do indefinido, do imprecisado, do inapprehendido, da realidade ideal que haja em nós. Parece o nosso eu transcendental entrevisto em sonho por todo o nosso ser. E' o relampaguear desse céu mysterioso que ha em cada um de nós.

Dito isto, está entrevista toda a enormidade deste espirito singular.

Novalis teve todas as grandes preoccupações pela Terra e pelos Céos que póde comportar uma alma.

Ao primeiro aspecto, elle parece apenas um mystico, um fanatico; demorae junto d'elle, aprofundae-o, e vereis que elle traz em si todo o futuro ainda em germen. Ninguem de mais audaciosa positividade, de materialidade mais accentuada, porisso, até certo ponto, ninguem mais negativista, mais nihilista do que elle. Por outro lado, entanto, elle é a Affirmação encarnada, é a representação viva do Sonho, é a Esperança e a Fé que se uniram como duas azas brancas no corpo de um cysne, o qual vae navegando para o Infinito, feito um sonho, e envolvendo-se n'um sonho sem principio e sem fim...

1899.

Os "Sete Ensaios", de Emerson

Pergunto a mim mesmo: qual a impressão que te deixaram os *Sete Ensaios*, de Emerson?

A de um livro que não fosse um livro, a de um encontro commigo mesmo, apenas um encontro perfeitamente sereno e pacifico. Alem disso, um grande encontro, em que se disseram coisas muito altas, sobre uma collina que dominava horizontes muito vastos.

Elle não nos abala, não nos surprehende, quasi que não nos encanta, — porque não desvenda, propriamente, não cria: elle vem indicar-nos o que já vimos, fazer-nos comprehender o que já comprehenderamos. Apenas, indica-nos tudo, e faz-nos comprehender tudo mais claramente, une as linhas de tudo melhor.

Está nisso, porem, toda a sua creação. Com essa maior firmeza de vistas, com essa mais perfeita justeza no fazer a juncção das coisas, elle consegue dar-nos uma melhor idéa de nós sobre nós mesmos, e, porque nos mostra melhores do que nos julgavamos, mostra todas as coisas que nos rodeiam, a vida, o universo, melhores tambem.

Melhores e maiores, nós e elles. Maiores principalmente nós, quando justamente a nós é que com especialidade nos amesquinhavamos nas nossas intimas conversas comnosco mesmo.

Elle faz-nos encontrar com a vida, reconhecer, amar a vida, viver propriamente (porque quem não vive é

que não ama a vida). Mostra-nos como tudo é egual ao universo, como o universo é egual a Deus, e porisso como é um deus o que anda vivendo no mais humilde dentre nós. Dahi o revelar-se-nos como o mais humilde dentre nós é grande.

Fechando-se, porem, o livro, e olhando-se para o horizonte exterior, acontece-nos que nos esquecemos de que lemos um livro. Afigura-se-nos antes que tinhamos estado a pensar sósinho, e que apenas o que acontece agora é olharmos simplesmente para o horizonte, para como que descançar com a vista do exterior...

Não é só isso. Talvez que no exterior vamos procurar instinctivamente menos um repouso do que uma completação. Sem querermos, projectando nossa vista sobre o horizonte, este faz com que nos lembremos... de que ou de quem? de Shakespeare, por exemplo. E muito naturalmente, sem segundas intenções, um homem dirá lá no seu intimo: parece que eu vi um lado só da montanha... O outro lado da montanha é curioso, todavia, é extraordinario, é estranho tambem...

E então nos convencemos de que ainda somos mais completos, pelo menos mais complexos, maiores si quizerem, mas tambem muito menores do que Emerson nos revelou...

Quem insiste faz então nova viagem ao longo de si mesmo, seguindo a linha de um ponto de referencia diverso, tremulo e convulso, embora, pela fatalidade consequente do impulso inicial.

Emerson ahi fica sósinho, entanto, sósinho e risonho. Mas só agora é que o vemos, apezar daquelle sorriso, um pouco triste, não sabemos si porque nos vê partir para aquellas regiões e tem pena de nós, ou si porque tem pena de não poder partir comnosco tambem...

Ao voltarmos, como quem accorda de uma augustia, encontramo-nos com elle, e não sabemos por que

ainda o vemos maior do que antes e o abençoamos como a um bom irmão...

Ah! si não fosse elle, naturalmente teriamos feito naquelle dia uma jornada muito mais descuidosa e banal.

1900.

Um livro de Hello

"Hamleto é o esforço da concentração; é a obra-prima da tristeza; é a tristeza que, em vez de tender para a alegria, recolhe-se em si mesma, pesada, desfallecida, suffocante e devoradora. Hamleto é o silencio no que ha de mais impiedoso; é a dureza de coração no que ha de mais invencivelmente negro. E' um carvão que se apaga e não quer se fazer diamante.

"Tem-se dito algumas vezes que Hamleto é essencialmente homem. Isso é uma calumnia ao homem.

"Collocado entre o céu e o inferno, o homem em sua natureza ordinaria, em sua manifestação habitual, tem expansões e tem aspirações, tem jovialidade e tem luzes, tem mocidade, tem esperanças que ajudam a attracção superior e que o poeta inglez duramente recusou ao seu triste heróe. Elle o confinou nas baixas regiões, que parecem profundas porque suffocam. Hamleto anda constrangido no mundo dos vivos. Só está á vontade com os mortos. Suas aspirações levam-no para entre os tumulos, não para rezar, mas para sonhar.

"Tratae de vel-o no vosso pensamento ajoelhado nos cemiterios, que são os seus lugares predilectos; será em vão. Não se pode imaginal-o sinão de pé, na attitude orgulhosa de uma esteril interrogação. Este homem pergunta sempre, mas sua pergunta fria fica e deve ficar sem resposta.

"Tem-se escripto volumes sobre Hamleto, volumes sobre Shakespeare; sempre se sentiu que a ultima palavra não estava dita, e ella não podia ser dita. Essa porta só podia ser aberta pela chave que tudo abre.

"E' preciso ter a noção do inferno, tal como só o christianismo, que possue o segredo de todos os abysmos, pode dar, para conhecer o verdadeiro nome de Shakespeare.

"Todos os seus dramas são apenas um drama, e a attracção do abysmo de lá debaixo é a força que põe em movimento esse drama unico e inteiro.

"Shakespeare tem gosto pelo desespero e pela obscenidade. O desespero é seu trabalho, a obscenidade, seu repouso. Elle descança na obscenidade, que enche suas scenas menores, das violencias do desespero, que enche suas grandes scenas.

"Algumas palavras sublimes, algumas scenas profundamente humanas se perdem entre estes dois monstros e são depressa abafados por elles.

"O desespero e a obscenidade não se assemelham apparentemente e não se chamam um ao outro logicamente. Mas de facto se chamam, porque elles são duas emanações de lá debaixo.

"Ha o que quer que é de gigantesco e de magestatico na natureza de Shakespeare. Como o orgulho de outr'ora, porem, elle caminha de quatro pés, e seus olhos só vem a terra."

Estes trechos são destacados de um dos numerosos e breves capitulos do livro *O Seculo, os Homens e as Idéas*, capitulo intitulado "Hamleto em opera". Elles dão-nos perfeitamente uma idéa da capacidade de Ernest Hello, da extensão dessa capacidade, e ao mesmo tempo da linha que a circumscreve, que a restringe, para não dizer que a deforma. Vê-se por aqui a tranquilla, mas formidavel audacia, a rara hombridade intellectual que o caracterisa e que lhe permitte evidenciar-se numa tão

singular divergencia como a que existe entre elle e a quasi totalidade dos espiritos representativos seus contemporaneos.

Vê-se, ainda mais, de onde se origina essa divergencia tão flagrante, apparentemente tão absurda, até. Vem ella de que E. Hello é um representante do passado no mundo do pensamento, é o passado vivendo no presente e assistindo a este como seu juiz. Imaginemos ver o seculo XIX com a visão que hoje tem das coisas intromettendo-se pelo seculo XXIX que ha de vir e pretendendo nelle direito de cidade, não se querendo amoldar, mas querendo amoldar todas as coisas a si, e teremos achado o ponto de vista de onde melhor se pode estudar o autor deste livro.

E. Hello é um escriptor catholico orthodoxo. Para elle ha céu e inferno, ha anjos e demonios, ha o Padre, o Filho e o Espirito Santo, ha o peccado original, haverá a ressurreição dos mortos.

Dahi todo o grande defeito da sua obra. Vejamos, por exemplo, estes trechos do capitulo sobre Hamleto.

E' preciso ser incapaz de comprehensão commum para não ver que Shakespeare é o maior vulto da poesia moderna, justamente por ser o typo representativo de toda uma época, a da Renascença até hoje.

Shakespeare é o encontro do homem comsigo mesmo depois de um millenio de preconceitos posto entre elle e a sua razão, e a sua iutuição, em todos os sentidos. Dahi aquelle alvoroço de alma que não se cança de sentir, aquella insaciabilidade de ver que ha nos seus grandes olhos profundos, aquelle interesse por tudo, por tudo, que o caracterisa e que nos deixa embevecidos a contemplal-o. Elle ama até Falstaff, até Caliban, porque nelle tudo é comprehensão , e portanto perdão, aceitação, harmonia.

Mas por outro lado é certo que Shakespeare é tambem a duvida, a angustia, é tambem o desespero de que

fala Ernest Hello. O *tobe or not to be* de Hamleto não é propriamente o eixo da obra do grande poeta, mas é uma das extremidades desse eixo, é um dos polos daquella obra.

Quem fez a Renascença não foi somente Luthero, foi Gallileu, foi Copernico, foi Kepler, foi Guttemberg, foi Vasco da Gama, foi Colombo. Quer dizer: ella não veiu apenas de uma negativa; a Renascença veiu de uma grande affirmativa tambem. Sem ter vindo, porem, Luthero, — a verdade é essa, — não se podia comprehender o surto desses outros. Si em Luthero, no entanto, começou a resurreição do homem, a liberdade da consciencia, nelle começou a duvida, a enfermidade da fé, a decadencia humana tambem.

Shaespeare não representa apenas o desespero. Shakespeare é o grande avejão da Esperança que se foi creando aos poucos no crepusculo, mas porisso mesmo com a obsessão da luz, obsessão que por fim o empolga e projecta-o sobre o infinito, confiado como elle vae na segurança dos seus instinctos bohemios. Nessa esperança, porem, já ha um gráo de loucura, nessa attracção irresistivel ha forças que chamam para o alto, mas ha forças que attrahem para o abysmo tambem. Hamleto, si não representa a alma humana na viagem convulsa a que o Dante assistiu das margens do Acheronte, nol-a revela victima de uma perplexidade horrivel entre aquellas duas forças, que, de o attrahirem tão violentamente, quasi o despedaçam.

Em ultima analyse, o *to be or not to be* sempre andou e sempre andará em todos nós, de modo que Hamleto é a symbolisação de uma eterna maneira de ser na alma humana. Cruz e Souza tem razão; elle diz:

"Hamleto é o zenith da alma humana nos seus momentos augustos e tremendos, nos seus estados soberbos e soberanos de laceração. Cada homem, quando se escuta a si mesmo, quando se palpa a si mesmo, ha de sentir um pouco de si mesmo no Hamleto, daquellas irrequieta-

bilidades, daquelles surdos, soturnos e subterraneos desesperos.....".

Mas momentos occorrem tambem correspondentes a necessidades transcendentaes de rythmo, de compensações na natureza, em que todo ser, ainda no fundo dos mais negros ergastulos, depara com uma Beatriz, que o leva silenciosa até a excelsa maravilha do setimo céu e ali o deixa extatico, alem do pinaculo a que elle se julgava incapaz de attingir mesmo em sonho.

Taes momentos não ha na obra inteira de Shakespeare uma pagina que os concretise. Esses, cabe de direito registrar ao Dante.

Romeu e Julieta abrem em parenthese um ardente paraiso na Terra. Da mutua confiança absoluta elles tiram toda a sublime imponderação que os sustenta, que os enredoma num sonho; da ebriedade que um ao ou outra communicam, — olhos nos olhos, labios nos labios, um coração sentindo o outro coração pulsar — todo um mundo de gozos aflóra que os deixa num delicioso soluço, e neste soluço ha mais de extase, de arrebatamento admirativo, de tacito louvor á natureza, do que propriamente daquelle egoismo sympathico, tão perdoavel porque é tão natural no amor.

Mas, ainda assim, Romeu e Julieta sentimol-os sempre na Terra. Essa confiança sublime que elles respiram, vê-se que procede da illusão optica particular aos amantes, que não vem de um ver profundamente claro através de todas as calligens, de um subito abrir de céu ante seus olhos, de um relampaguear que valha por decisiva e consoladora revelação ás suas almas. A bemaventurança que do amor se origina por algumas horas nestas duas creaturas humanas ainda nos traz, em ultima analyse, mais amargura, pela sua instabilidade, e principalmente pela origem fallaz de que procede.

Beatriz em Shakespeare chama-se Ophelia. A mulher é para o homem uma exacta correspondencia concreta das modalidades de que a alma delle é capaz, é a

encarnação resultante de todos os seus sentimentos mais profundamente humanos, das peças psychicas que compõe essencialmente o seu ser. Porisso, nas mãos de Hamleto, Ophelia, tomada de um tragico desanimo mortal, cinge a fronte da corôa de rosas brancas da loucura; nas de Dante, Beatriz é a guia suprema de seus passos, é a redemptora, é a repurificadora que o conduz triumphalmente até o supremo extase do Paraiso Celestial.

Queres dar a esta creatura ideal outro nome? E' facil, vendo brilhar-lhe sobre a fronte uma magnifica estrella, que facilmente reconhecerás pelo astro da Fé. No fundo é o Dante quem guia seus proprios passos, illuminando-os e offerecendo-lhes a segurança que lhe vem das suas proprias crenças, symbolisadas no vulto sagrado de uma mulher. A mulher sendo a representação do sentimento, assenta-lhe representar-nos dentro da Especie no que temos de mais alto, no que não podemos attingir sinão a meio, quando não seja simplesmente com o desejo, dolorosamente apenas com o pensamento.

De modo que não é uma calumnia ao homem dizer-se que Hamleto é essencialmente homem; mas o que é preciso reconhecer-se, na verdade, é que não é elle exclusivamente ou completamente o homem. E' o homem num dos seus extremos, o extremo da perplexidade, que é quando, entre os seus grandes momentos, elle é menos homem, — porque um homem deve ser o synonimo de uma affirmação.

Não obstante, o "Hamleto", que é a obra central em toda a literatura da edade moderna, continuará, sobre todas as outras obras de Shakespeare, a exercer inconteste supremacia no mundo occidental, até que pouco a pouco se mude a face do Planeta, do ponto de vista do pensamento, e outra hora, portadora de uma renascença não assim crepuscular como essa que ahi está passando, raie para a Especie, trazendo comsigo o seu orgão e com este a obra que melhor o represente.

O que é certo, porem, é que E. Hello teve olhos bastante intrépidos e visionarios para ver este livro sob o aspecto por que, parece-me, ha de vêl-o o futuro, embora exageradamente, exagero que procede delle fixal-o, por outro lado, com o duro cenho e os olhos tristes e estreitos de um amortalhado na estamenha da Edade Média.

1900.

F. Nietzsche

(Impressões das "Pages Choisies")

Nietzsche é o sentimento da probidade intellectual levada á loucura. Depois de nos havermos encontrado com elle, qual o de nós que se não sente mais ou menos cabotino?

Mas não é a cabotinagem, quer dizer, o sentimentalismo verbal, o caracteristico destes quatro ultimos seculos da nossa civilisação? Não é o irreligionismo que teme reconhecer-se como tal, o decrescimento do enthusiasmo organicamente vital, o caminhar lento, preguiçoso, mas positivo para um nihilismo a que aspiramos sem nelle pensar, de um modo inteiramente instinctivo, — não é isto o que resume a historia do mundo occidental, da Renascença, para cá?

Nós não fazemos mais, portanto, do que ser os typos da nossa época. (Quando eu digo nós, incluo um Goethe, incluo um Wagner, no fundo tão cabotinos como um Carlyle, como um V. Hugo.) Vamos sendo o que somos, rindo-nos de nós mesmos lá no intimo, virtude esta das que mais altamente podem caracterisar a grandeza de um homem.

O proprio Nietzsche o reconhece: elle proprio ri de si mesmo, "com as pernas por cima da cabeça", e aconselha os outros a rirem-se assim. Apenas, nelle este riso é convulsivo, é de louco: é justamente o que o se-

para do cabotino. O cabotino é um idiota que anda fazendo de louco; Nietzsche é um louco que ás vezes quer fazer de idiota.

No fundo esta cabotinagem dos nossos quatro ultimos seculos é justificada, é nobre. Este nosso irreligionismo, mascarado sob tantas formas de falso sentimentalismo, que é sinão o sentimento religioso sem um objectivo determinado? Que é este banalismo do homem moderno sinão um modo de ser do seu desespero por essa falta de objectivo em que sua mentalidade se applique?

E essa necessidade do nihil, que de cada vez mais se accentua, que pode ser sinão a summula, a consequencia geral dessa bohemia em que andam os nossos mais profundos sentimentos humanos?

Em ultima analyse por conseguinte, essa cabtinagem é apenas apparente. Nós não fazemos mais do que assobiar uma ária banal emquanto lá no intimo se dá, de modo inconsciente embora, todo o processo de uma radical renovação. Desde a Renascença que a civilisação christã entrou em crise. Luthero foi o irremediavel de que tudo o mais tem sido as consequencias. Seu *não* foi uma negativa que então começou e que tem vindo até agora a formar-se.

Por conseguinte, essa probidade em Nietzsche é, afinal de contas, uma probidade a Brutus, uma probidade por incompletação, como o seu orgulho incomparavel.

Nietzsche, por outro lado, tem a consciencia da grandeza humana; mas systematicamente não quer lembrar-se da relatividade dessa grandeza, ou pelo menos do nada que ella representa em face do universo, ou si della se lembra é para que o sentimento disso ainda mais estimule o seu ardor, dando-lhe como que a volupia do risco, levando-o a constituir-se o realisador do mais supremo heroismo intellectual de que reze, talvez, a historia até hoje.

Evidenciados estes seus caracteristicos e reunidos elles ás suas altas qualidades de espirito, vemos toda a sua obra e por fim a catastrophe que obumbrou sua razão surgirem como consequencias logicas, quando não fossem inevitaveis naquelle ser.

Louco embora, sua loucura, entanto, é veneravel: Nietzsche agora ficará no mundo como um olho rubro, sem palpebras, a perseguir todos os comediantes com pretenções a serem tomados a sério, todas as fofidades, todas as falsas quantidades pretendentes a uma cotação.

Si não tiveres confiança em teu valor, não o leias; si a tens, encontra-te com elle: na volta has de confessar que reconheces valer menos um pouco do que suppunhas.

Quem fixa attentamente os olhos deste louco, nunca mais o abandona. Para quem tenha valor, elles serão sempre uns olhos duros, implacaveis, mas amigos; para os seres falsos, para as falsas intelligencias, para os falsos corações, elles serão sempre uma ironia corrosiva, um sarcasmo dissolvente, impiedosos e fataes.

1900.

H. de Balzac

Balzac foi um vasto, um profundo interesse por tudo. Porisso tambem foi uma ancia que por aqui passou, lutando com a estreiteza do tempo, um hombro e o outro hombro callejados com os altritos inevitaveis a todo aquelle que vae atravessando as vielas deste mundo, e principalmente deste seculo, a sonhar. De modo que os seus livros são antes de tudo paginas de desabafo, poemas-pamphletos, livros-catapultas, cheios de allusões, de *charges*, de queixas.

E' este regimen burguez o que principalmente nos acaçapa, o que torna tudo prosaico, põe em tudo notas ridiculas, e este caracteristico de insufficiencia, de incompletação, sinão de monstruosidade, que ha de assignalar a obra inteira do seculo. E' o rei das patacas que anda pelas exposições aparvalhando-se diante dos productos dos Fagierolles, em telas muito grandes, muito lavadas, feitas com muito bom senso, muitas dellas até com muito bom gosto, mas que são coisas roubadas aos mestres, e roubadas com a perspicacia, com o geito que caracterisa os talentos inferiores, — despidas da grandeza que originariamente tinham, e que as tornava porisso mesmo estranhas e escandalosas, — mas com toda a novidade exterior necessaria para chamar sobre si a attenção de Sua Magestade Papalva. E' elle, o idiota do burguez, que ahi anda a construir estas nossas assustadoras cidades-monstro, incaracteristicas, suffocantes por mais geometrias, symetrias, estaticas, hygienias e estheticas a que obedeçam, cidades sem conforto, sem

graça, sem atmosphera (já não quero falar de pompas, de solemnidades), nascidas de emulações inferiores, quando não obedecem, — o que acontece na maior parte das vezes, — a moveis exclusivamente utilitarios, a puras razões de dinheiro, que ainda mais viciam tudo e mais deformam.

Pobres dos espiritos cuja missão é a de andarem batendo ás portas de taes cidades, assim insignificativas, mortas por fóra, e por dentro egualmente mortas, porque ellas não são mais que as conchas correspondentes aos caracóes que as secretaram!

A Balzac, porisso, causa verdadeira obsessão este estranho animal. Elle passa sua vida a perseguir o burguez com a inclemencia de seu inesgotavel sarcasmo. O leitor que apezar de tudo ainda não se resolveu a degradar o monstro para outra escala zoologica abaixo da humana tem, por força, de sorrir ao encontrar-se com a atrabilis do gigante perseguindo por paginas e paginas um exemplar do genero, que por desgraça lhe tenha cahido sob as mãos. Elle chega a perder sua gravidade de missionario, a confraternisar, pygmeu, constringido pelo odio, com Gavroche.

Mas é que o encontro de Balzac com este monstro de quem elle se tornou o implacavel inimigo, e os attritos que com elle teve não se deram apenas metaphoricamente, através de livros, de theorias, nem ainda simplesmente de passagem, por encontrões devidos a simples casualidades na vida. Sem fortuna, sem protecções poderosas, decididas e efficazes, e de uma genialidade difficil, que muito a custo se foi determinando, differenciando, e só muito mais tarde pôde ser comprehendida, estimada, pôde adequar-se á sancção, sem prompto exito, portanto, que poderia supprir fortuna e protectores, Balzac passou quasi que a vida inteira a arrancar do inimigo, num desesperado *au-jour-le-jour*, os miseraveis elementos materiaes da existencia, para subsistir e gloriosamente sonhar.

Ora, que haja lunaticos noctambulos pelo caminho, fazendo côro com os gallos e com as matilhas em cio, isso é que o burguez não pode propriamente impedir, quando volte para casa a deshoras. Nem isso, nem tão pouco que esses seres extravagantes, não contentes dos penosos serões, ainda á luz do dia, que vem convidar o mundo inteiro a uma actividade productora, continuem assim abstractos, desassociados do geral dos homens, a viver impertinentemente dentro de um sonho inutil, absurdo para o burguez, e vão. Mas esses tunantes se lhe chegarem, a elle, quererem que elle os tome a sério, ainda mais, pretenderem impôr-se á sua admiração, para fazerem-no pagar um tributo em que elles baseiem a subsistencia material; isso é que o deixa pasmado, com vontade de rir e com vontade de dar punhaladas, alvoroçando-se-lhe lá no intimo todo o seu fundo maldoso, por este espirito de combatividade contra tudo o que é superior que anda nas organisações inferiores da natureza, emquanto aquelle não as subjuga definitivamente e não as subordina.

Por outro lado, porem, nada nos impressiona a ponto de obsedar-nos sem influir de um modo qualquer sobre o nosso ser.

Ninguem stygmatisou mais comburente os *père* Grandet, os Nusingen, os Birotteau, ninguem foi mais excessivo no julgamento de sua época, da sociedade que a constitue do que Honoré de Balzac. Nelle principia o divorcio entre o escriptor e o publico, porque um desdenha e o outro não comprehende, divorcio que tem produzido toda essa literatura cerebral dos Beaudelaies, dos Flauberts, dos Pöes, dos l'Isle Adams, dos Cruz e Souzas, feita de genio, — de altivez, de sonho, de angelica attitude, de amor, de amargura, de angustia, de desespero, de allucinação, — mas que nem porisso deixa de ser defectiva, e até monstruosa no que ella tem de inhumano, de inconciliado, de blasphemo, porque "só não acei-

tamos o que não comprehendemos e só o que não comprehendemos é que não amamos."

Distinguir entre o homem e o proprio homem, prégar para certos circulos humanos que honramos com a nossa predilecção, e não só regeitar, mas ainda firmar a superioridade dos escolhidos no desdem, no odio que lhes incutimos para com a vasta multidão dos expulsos da grei, isso quando o planeta em si já é tão mesquinho, tão insignificante, tão irrisorio, que se nos afigura estarmos a brincar com elle nas mãos; isso, venha de que razões vier, procure que justificativas procurar, em ultima analyse é fatuo, é inferior, é negativo. A superioridade não está em responder ao desdem com o desdem, mas em transformar o desdem que nos votam num interesse e por fim num amor inevitavel. Os missionarios não vêm a este mundo para praticar ablações, mas para evital-as, justamente, tonificando o organismo geral; não vêm para condemnar aquelles cuja culpa é a de ainda não terem propriamente vivido, mas para deslumbral-os, actuar-lhes no cerebro e por este modo fazel-os abrir os olhos para a luz. E isso só se consegue com amor. De onde os missionarios virem a este mundo principalmente para amar. Dentre elles mais triumphante será sempre aquelle que ao desferir o vôo para alêm, contados os seus dias aqui na terra, maior numero de almas consiga fazer acompanhal-o com os olhos anciosos, almas que sejam almas, numa hosanna feita de affecto, de reconhecimento e de silencio, desabrochadas para a existencia por elle, como num vasto campo tudo é uma benção aromal quando descamba o sól.

Balzac tem sobre os hombros uma grande parte de responsabilidade por este desvio, este tresvairamento que houve no espirito dirigente do seculo. Foi o odio, principalmente o odio que neste caso o inspirou. E esse odio nasceu-lhe do seu orgulho echymosado pelas bru-

lidades, ora inconscientes, ora voluntarias e reflectidas do sorna do burguez.

Ninguem, entretanto, dentre todos os grandes artistas que até hoje tem existido, foi ao mesmo tempo mais burguez nas suas ambições terrestres do que este H. de Balzac. Hennequin quer que elle fique sendo chamado o *artista negociante*. O grande sonhador foi um sedento de ouro, viveu a architectar poemas em prosa e poemas em cifras, a embriagar-se de sonhos e de calculos arithmeticos, a montar emprezas que ruiam para outras lhes succederem, que haviam de ruir logo tambem, depois a explorar os editores, pelo menos a planejar ingenuamente os meios de sugal-os, e a ser sugado miseravelmente e facilmente por estes, que ficavam a rir muito á socapa de suas intenções tão mal dissimuladas e tão faceis de serem diametralmente invertidas contra si; frequentou e cortejou circulos de altas finanças com segundas intenções impagavelmente interesseiras; e, por fim, faltando pouco para libertar-se das contingencias terrestres, quando ja realisara a sua obra e era como um animal cançado que só tem a procurar um canto onde morrer, casou-se com uma princeza russa, que vilependiou, segundo dizem, os ultimos dias do grande homem, realisando elle ainda este passo um pouco por aquella vaidade que o levou a sempre inculcar-se nobre, quando genealogicamente nunca passara de muito honrado plebeu, e um pouco por interesse monetario, por saber provida de largos meios a extravagante princeza slava.

Em todo caso Balsac era um homem de grande genio: não podia ter obcessões de louco propriamente ditas, vesanias que o induzissem a um falso sentimento das coisas, a uma cegueira que o fizesse desconhecer as multiplas e variadas faces susceptiveis de representação num dado objecto. No burguez elle não viu unicamente o argentario, e no argentario não attentou exclusivamente aos irmãos de Harpagão. Bastaria para

confirmal-o aquelle *pére* Goriot que elle ahi deixou como um symbolo correspondente ao de um Rei Lear do nosso tempo ,tão emocional como este na hypertrophia da paternidade, que elle representa realisticamente.

Mas não é só isso. De Emile Zola as paginas mais caracteristicas e maiores na sua espessa obra monotona, que elle ainda não acabou de realisar, hão de ser aquellas em que, hyperbolicamente, com uma audacia a Miguel Angelo, se abre o portico grosseiro e formidavel, num córte violento, da epopéa do Quarto Estado. Na sua origem humilde, nos seus rombos instinctos estheticos, na sua notavel incultura, como na inquebrantavel confiança em si mesmo que o alimenta, na energia, na violencia dos seus processos de guerra, Zola é um *pionier* desse mundo phantastico, ameaçador, que ahi vem vindo do fundo dos seculos, que ahi vem avultando aos poucos, numa invasão, numa caudal ainda sem exemplo, e de que por emquanto o que se divulga mais claramente são as maxillas, porque esse mundo traz fome e traz sede de tudo, é o Appetite a bater a todas as portas da vida. *L'Assomoir, Germinal, La Terre, La Bête Humaine,* e outros, são o prenuncio do poema dos Nibelugen, incomparavel, que este novo e ainda nunca visto terramoto social ha de um dia inspirar ao Futuro. Balzac é o Dante do mundo burguez. Aristocrata, não — revolucionario por principios, catholico, — deformaçõcs com que pagou o seu tributo ao collegio clerical de Vendôme, onde recebeu educação, o seu genio, não obstante, venceu-o, sobrepujou-o, felizmente. Elle tornou-se solidario por intuição com um mundo do qual sempre foi adversario por idéas. Elle é dos que com mais decisão, com mais enthusiasmo e mais successo democratisaram o poema, proclamando implicitamente a egualdade das almas na desegualdade social. *L'Enfant Maudit,* por exemplo, é tão romantico, vem tão corollariamente de Jean-Jacques como *Le-roi-s'amuse,* de Hugo. Mas elle não só nivelou os seus heróes, abstrahindo hie-

rarchias, medindo as almas pelo estalão da grandeza natural de que cada uma se revista, como foi quem no mundo soube primeiro achar propriamente a epopéa do *domus*, a grandeza da vulgaridade humana apparente, foi quem soube fazer a dignificação de toda essa mesma sociedade de que por outro lado se constituira em hysterico, em absurdo inimigo.

O romance não matou a epopéa, como se diz geralmente; antes se deve dizer que elle foi o seu avatár salvador, tanto quanto o drama o foi da tragedia.

Um dos maiores titulos que H. Taine confere a Goethe, e pelos quaes lhe attribue superioridade inconteste sobre todos os poetas do seu seculo, é o de ter sido elle, na sua opinião, o autor da unica epopéa viavel que esse seculo pôde produzir.

Este argumento é uma dessas coisas ante as quaes um homem tem de sorrir inevitavelmente, porque ellas nos vem pôr em evidencia mais uma vez, de modo flagrante, a ingenuidade, a fraqueza de que é capaz o espirito humano, represente-o quem quer que seja, quando dominado por um preconceito. Aquella alta intelligencia conturba-se momentaneamente, e H. Taine se faz um classico, que divide as producções literarias, não em boas e más, em espontaneas e falsas, mas por generos differentes, de que o épico tem por força de ser o superior. Ainda mais, e melhor, precisa este revestir-se de umas quantas qualidades exteriores, como seja estabelecer communicação entre seres terrestres e seres sobrenaturaes, para que se considere genuinamente épico. Quando, por uma evolução natural que tem soffrido a significação deste vocabulo, consideram-se épicas hoje em dia, e muito legitimamente, todas as paginas que nos inspirem verdadeiro sentimento de grandeza, quer se trate de Jupiter, quer se trate de Javeh, ou simplesmente, por exemplo, daquelle joven e humilde marinheiro, o Gilliat de V. Hugo, quando não seja um heróe intellectual, como o Luiz Lambert, de

Balzac, ou esse Fausto de Goethe, ou ainda um heróe moral, á feição daquelle Brand, ou de Juliano, em Henrik Ibsen.

Shakepeare é o maior dos poetas da edade moderna. O *Fausto* ja está comprehendido no *Hamleto*. Shakespeare ,no entanto, jamais prøduziu um poema epico, pelo menos como os entende H. Taine.

Considera-se hoje o *Fausto*, cujo valor não é o que aqui se discute, uma epopéa pelos mesmos titulos que fazem ser considerados épicos tantos poemas em prosa que sob esse titulo de romance o seculo produziu. Tão facilmente se nos deparam excellentes poemas na romantica contemporanea como se encontram preciosos romances nas epopéas da edade classica e da Renascença; as circumstancias impõe a fórma, mas o espirito humano não muda de essencia, é hoje tão susceptivel de grandeza como noutros tempos foi capaz de sonhos e devaneios. Romantisar ou fazer paginas épicas não é o privilegio exclusivo de certas e determinadas épocas, mas aptidões normaes e portanto permanentes no espirito humano.

Balzac começara sua vida literaria por uma serie de catastrophes, pallidas producções de *pasticcios* classicos, que o conservaram insipiente e desesperado, até o dia em que elle se encontrou com o seu genio. E esse dia foi aquelle em que elle não teve duvida em se fazer instrumento dos tempos contra si proprio, em submetter-se á logica da natureza contra os seus escassos preconceitos humanos, tomando o bufão de Molière no "Bourgeois gentille-homme" e apresentando-o corajosamente á humanidade sob outra face, — a do senhor do Planeta no novo dia, a do eixo necessario da civilisação, provisoriamente pelo menos, e, portanto, a do heróe que se impõe como typo central nas representações da Arte que lhe é contemporanea.

Por isso Balzac, si não é o Homero do Mundo Novo, de que o 89 decidiu (porque esse mundo ainda está em

formação, sendo aquella data para elle um eloquente, mas ainda longinquo prenuncio), representará de certo no futuro pelo menos uma corajosa, decidida, heroica e genial iniciativa para a creação da epopéa correspondente a toda essa edade de que o seculo a expirar ficará marcando o inicio.

Catholico, elle é por outro lado dos mais ardentes scientificistas do seculo, quero dizer, dos que com mais fé acreditaram no poder illimitado da Sciencia, até no que esse crer tenha de mais illusorio, na acção revolucionaria della, no enorme, no incalculavel papel que ella ia, agora como nunca, exercer, modificando profundamente os destinos humanos.

Elle é engenheiro, medico, advogado, theologista, financeiro, economista, *à la diable*, é certo, conforme a atormentada vida que lhe dão os burguezes permitte, junto ao seu temperamento irrequieto, á sua immensa curiosidade por tudo. Nas letras, quantos se têm lembrado de as trazer de cambalhotas com a physiologia, de emprestar o prestigio da sciencia ás suas intuições psychologicas, todos se comprazem em prender genealogicamente o seu nome ao de Balzac, como ao da arvore secular que os bracejou. Elle não poz duvida em acreditar como Korões as tentativas de Lavater e de Gall, a que appendiculou mais um evangelho com *La théorie de la démarche*. A fatalidade dos destinos, susceptivel de exacta e aprioritica determinação, porque vem escripta inilludivelmente no *facies*, como em todas as nossas manifestações exteriores, eis o que este catholico tem por decisivamente averiguado, representando assim involuntariamente a unica fé que caracterisa o seu seculo, que é a fé na sciencia, no determinismo, na omnipotencia das faculdades humanas.

Dahi logicamente a mania industrialista com que elle veiu, dahi a sua concepção de felicidade, a sua sede de gozo material, de luxo, — todo esse materialismo que dentro da sua grande individualidade se anda abal-

roando a cada instante com tendencias diametralmente oppostas, formando tudo apparentemente um cahos.

Faltasse, no entanto, a este catholico a ductilidade necessaria para fazer-se contradictorio comsigo mesmo, e lhe teria sido impossivel tornar-se o que elle é, —- um dos typos mais complexamente representativos do nosso seculo. Salvou-o a naturalidade e a alegria que elle punha em viver, o seu descuido por irreprehensiveis correcções exteriores, a sua boa modestia em se fazer um homem como os outros, a sua resignação superior em deixar-se ficar, sem desesperos, com tantos dos defeitos que caracterisam o pygmêo contemporaneo. Quem anda a viver propriamente, sem armações, sem postiçagens, por este mundo, por maior que seja, tem fatalmente de ser homem, e, como homem, tem de parecer-se com o seu visinho, em muitos dos seus aspectos. Por mais cheia de desencontros, em todo caso, por mais illogica que se nos figure á primeira vista uma natureza humana, ella não póde deixar de ter a sua harmonia, de ser um phenomeno perfeitamente natural. A questão está somente em acharmos a sua lei, em comprehendermos o seu modo de ser.

Parece que já se póde lançar um golpe de vista sobre a acção do seculo a que o destino nos faz assistir nos seus ultimos transes e reconhecer que assim como o que constitue a gloria mais immarcessivel do seculo XV é a dilatação do Planeta, que elle operou, tirando do Oceano as Indias e a America; a do seculo XIX é a de o ter abreviado, preparando deste modo o Reino da Humanidade, deixando-a, toda ella, reunida num unico nucleo, offerecendo-lhe a possibilidade de num certo instante palpitar solidaria sob a acção de um mesmo sentimento, com o telegrapho, que lhe lega, e com o vapor. Consciente ou inconscientemente para tal abreviação é que tem convergido a nossa maior, a nossa mais poderosa somma de forças, quer sob a fórma da conquista militar, quer sob a fórma pacifica e industrial.

Esta turba immensa de operarios, a turba que se póde chamar propriamente activa hoje em dia, dentre todas as que se deslocam, se movimentam nos differentes pontos da Espheroide, pelo silencio em que se move, pelo anonymato que guardam até os encarregados do commando, e pela actividade surda em que ella se empenha, — como a de um diligente formigueiro operando a deshoras para furtar-se á perseguição do lavrador, — faz lembrar as turbas dos tempos das grandes dynastias egypcias, as que construiram as grandes esphinges, os assustadores sarcophagos, as pyramides colossaes. Como que de tempos a tempos é necessario que quasi a Humanidade inteira tome este aspecto de *menu-bétail*, de arraia miuda, que decline dos altos sonhos do Homem, que este se desindividualise, e quasi toda a Especie fique simplesmnte como um grande monstro instinctivo, para a passagem silenciosa de centos estadios.

E em épocas como a actual, antes de obsessão do que verdadeiramente de ideaes, épocas de incompletação, de desvio psychico, volta-se o homem quasi que exclusivamente para o lado material da existencia e faz do bezerro de ouro, mais uma vez, o seu idolo. E' a isso que estamos hoje assistindo, como á repetição de uma velha e immensa comedia. O dinheiro é o nosso movel, porque o material, a terrea apparencia é o que nos attrahe, mas é que é preciso que seja esta que nos attraia para que se realise a obra que coube ao seculo na mysteriosa partilha.

E devemos realisal-a sem repugnancia, que significaria debilidade de alma, vergonhosa incomprehensão. Não ha missões melhores, nem missões peiores para as edades: ha apenas missões differentes. Material, espiritual... *words, words*. Em ultima analyse nenhuma manifestação se realisa que não seja capaz destes dois aspectos, indivisiveis na natureza. Depois, as deslocações mais caracteristicamente espirituaes não são sinão os prodromos de correspondentes deslocações materiaes, e vice-versa.

Agora, fosse Balzac francamente, simplesmente e rudemente um *sans-culotte* nas letras, seu cerebro se lhe fechasse numa violencia decisiva, de pedra, como um subterraneo a que correm o tampo, a todas as chamadas preoccupações metaphysicas, de modo que elle se fizesse um materialão engenheiro, que em vez de abrir tuneis fabricava romances, não fosse elle um catholico e um monarchista como foi, e ter-lhe-ia sido impossivel fazer-se o autor glorioso dessa obra que é a sua.

Porque no fundo Honoré é tão catholico e tão aristocrata como todos os espiritos altamente intuitivos, capazes e vastos. Nem podia deixar de ser assim. Conforme a capacidade natural, em cada um de nós, a seita de que recebemos influencia torna-se uma religião, e a religião mais alta, mais complexa, mais ductil, faz-se árida e estreita seita de *quaker*, de jesuita ou de inquisidor.

"Um tempo virá, é Novalis quem diz, — e elle não ha de tardar muito a vir, — em que todos se hão de convencer de que um rei não póde existir sem republica, nem uma republica sem rei, que os dois são tão inseparaveis como o corpo e a alma, e que um rei sem republica, como uma republica sem rei, não são mais do que palavras sem significação. Eis porque com uma verdadeira republica sempre nasce um rei, e com um rei verdadeiro sempre nasce uma republica. O rei verdadeiro será republica, e a republica verdadeira será rei..."

Por um rei, ou por uma republica que seja, conforme determinem as circumstancias particulares a elle, nenhum espirito clarividente póde haver que no fundo não esteja de accôrdo com estas palavras.

Quanto á religião, basta conhecermos as paginas de *Louis Lambert* e de *Seraphita*, que, como diz H. Taine, constituem a cupola sublime da cathedral gigantesca que a *Comedia Humana* representa, para vermos o que vem a ser o catholicismo de Balzac. Suas preoccupações religiosas são muito vastas, muito complexas, muito fóra de qualquer das restricções que um dado dogma imponha.

Graças a esta vastidão que as linhas do seu vulto assumem é que elle não será exclusivamente um representante da hora occasional que lhe coube na vida, mas um producto dos tempos e para os tempos, sem que se lhe possa determinar um limite, porque só com o decorrer dos seculos, quando os homens se tenham afastado sufficientemente de junto do seu pedesral, é que elle se lhes poderá descortinar em toda a sua grandeza. Quando a distancia o tenha protegido com uma favoravel perspectiva, corrigindo tanta mentira que ha na realidade grosseira da luz crúa,e isso graças ás revelações tocantes, peregrinas, miraculosas da sombra, da meia luz, unicas capazes de darem o indeterminado, o indefinivel, completativos, essenciaes á caracteristica de todos os grandes typos, é que Balzac viverá em toda a intensidade de seu ser subjectivo.

As obras primas, está reconhecido, é a Humanidade quem as faz. *Hamleto* é menos uma creação de Shakespeare do que da edade moderna; o *Fausto* é menos a obra do Apollo do seculo do que a epopéa moderna da raça germanica. Elle é o poema em redor do qual toda ella se tem reunido, em que toda ella se tem reflectido, tirando delle todos os corollarios que se podem imaginar, completando-o, transfigurando-o, dando-lhe a estranha grandeza que com os tempos aos nossos olhos assume.

Apenas o que é necessario para isso é que no genio do creador inicial haja toda a potencia representativa daquillo de que é capaz sua raça. Sua obra individual será um germen da obra que o futuro ha de com ella formar. Cumpre, todavia, que o seja de um modo propriamente dito, isto é, que elle na realidade contenha latente no seu modo de ser inicial todo esse mundo que mais tarde delle bracejará e fructificará como de uma semente braceja uma arvore, e a arvore toda ella fructifica, generosa e feliz, quando chega a estação.

1899.

SEGUNDA PARTE

Eugêne Carrière

Carrière tinha um processo proprio, inconfundivel, até mesmo singular, coisa esta ultima que muitas vezes não constitue propriamente uma qualidade.

Antes de tudo era um inimigo incondicional do que se chama o effeito pittoresco, tornando-se por isso exclusivista em materia de colorido, não recorrendo sinão ás côres espirituaes, si assim me pudesse exprimir, isto é, ás menos vividas, de effeito menos material possivel. Com o bruno, o griz, algum branco puro e ás vezes o propriamente negro, elle conseguia sempre dar a impressão que tinha em vista. Pode-se dizer que quasi só lhe vinham nuanças, pelo menos matizes, da palheta; si se quizesse fazer frase, dir-se-ia que méros simulacros da côr.

Alem de serem feitos nesse colorido de asceta, seus trabalhos são muito esfumados, e de modo que as physionomias, já sem florescencia ou exhuberancia material alguma, — enquadradas na bruna atmosphera circumstante, como na moldura severa de um burel, — ganham com essa nevoa uma imprecisão, um inacabado que concorre ainda mais para a impressão espiritual que o artista procura.

Não contasse elle com uma grande mestria no que respeita ao estabelecimento dos planos mais á distribuição da luz, e seria impossivel a Carrière sahir victorioso das difficuldades que tal processo offerece, de si.

E' no olhar, porem, e é na expressão das figuras que o mestre traduz mais frequentemente o seu sentir; nelles

é que está a chave de que todo o trabalho depende. O artista quasi que não fez outra coisa emquanto viveu sinão simples physionomias; pelo menos é o que ha de mais interessante na parte decisiva da sua obra.

Quem quer que seja a que a arte fale interpretativamente não póde passar diante de um quadro de Carrière, relanceal-o e ir adiante, na despreoccupação de quem nada propriamente encontrou. Ha de parar e deter-se, como si do fundo do quadro lhe viesse mysteriosamente um appello.

Seus typos tem um olhar tão profundo ou são de uma expressão tão vividamente humana, tão emocionante, que ganham o que quer que seja de extraordinario, sinão de estranho. Vem dahi a alta classificação que merecem esses trabalhos e com elles o artista que os produziu.

Em geral elle pintou mulheres e creanças; é o autor de um quadro já hoje celebre e que se encontra no Museu do Luxemburgo, quadro intitulado *Maternidade*. Diga-se de passagem: esse trabalho foi dos que mais vivas discussões suscitaram em seu tempo, pelo motivo de pertencer ao numero daquelles que representam de modo mais caracteristico á maneira do mestre, a qual é realmente tão para controversias.

Em vista dessa sua predilecção por taes assumptos, pretenderam cognominar Eugène Carrière o Pintor da Maternidade.

Quer me parecer que se dá no caso o que os rhetoricos chamam uma synedoche: sem duvida, elle pode merecer este appellido tão dignificante; mas seu valor não está em correspondencia exacta com a classificação.

Pintando de preferencia os seres femininos e os infantis, não separados entre si, antes intimamente conjuntos, nas relações que se estabelecem entre mãe e filho, tão fundamentalmente emocionaes, tão extraordinarias (como diria um Novalis), que se chega a entrever nellas qualquer coisa de divino, elle o fez tomado do mais alto sentimento que o assumpto podia inspirar.

Aquelle quadro d'*A Familia*, por exemplo, representando uma Mãi e em torno della toda uma grinalda de seres, entre jovens e creanças, que constituem sua prole, —quem sabe si a unica e ainda assim dolorosa felicidade que ella reconheça ter-lhe cabido na vida, — aquelle trabalho nada tem de familiar, absolutamente nada, no sentido commum da palavra. Não ha ahi aquelle fiel e minucioso estudo do meio, aquella reproducção escrupulosamente realistica das coisas que tanto aprazem ao publico de hoje, e que quadram admiravelmente com assumptos desta ordem, dando-lhes a nota mimosa, terna ou chocarreira, proporcionada a cada instante por espectaculos em que entram bebés e diabretes.

Quem contempla na verdade esse quadro imagina mas é assistir a uma scena altamente symbolica, á scena da Apresentação da Familia.

Naquella suave, porem mesmo assim dramatica expressão com que a Mãi nos olha, parece devermos traduzir que ella toma parte como progenitora e ao mesmo tempo como pontificante nessa ceremonia augusta. Dir-se-ia que se a está ouvindo falar claramente á Vida no instante em que lhe confia seus filhos, falar-lhe com as palavras que só podem provir de um affecto materno e com a fé travorosa de quem sabe a quem os entrega porque já viveu.

Os filhos, desde o que ella tem no regaço, até a mais velha, comó que já quasi adolescente, todos parecem comprehender a magnitude do instante, ao menos com o senso divinatorio dos seres simples e dos innocentes. Na candura de cada uma daquellas expressões lê-se a confiança absolutamente tranquilla, tanto maior quanto ella principia por ignorar-se a si propria.

Contemplem--se, porem, ainda melhor essas figuras, e ver-se-á que tal confiança nasce menos da inconsciencia, que porque não sabe não cuida, do que de uma fé, que é na terra a certeza transcendental.

Seja como fôr, essa fé no fundo é religiosa, procede conseguintemente do sentimento do infinito. Na gravi-

dade suave de uns, no sorriso profundo dos outros o que se lê em ultima analyse é uma estranha confiança na Natureza, por conseguinte na finalidade de todos os destinos.

Si este quadro d'*A Familia* assim nos suggestiona, o da *Maternidade* ratifica e completa a impressão.

A scena simples ali representada de uma Mãi que, tendo no regaço um filhinho, beija outro quasi egualmente ainda necessitado de andar ao collo, tendo talvez apenas mais um anno do que aquelle irmãosito em fachas; semelhante scena o artista trata-a com tal exaltação de sentimento, que quasi se arrisca a não fazer mais arte.

O lúrido daquelle semblante materno, em vez de exprimir a exaltação vital do momento, é apto antes a nos falar da morte. O ennevoado, o quasi desfeito do rosto angelico que recebe o beijo por pouco não nos dá a sensação de uma sombra instavel, incorporea. De modo que o trabalho se acha bem perto de parecer apenas uma incongruencia concebida e executada em estado morbido.

O que salva a situação é que na estranha pallidez daquelle semblante de mulher se sente ao mesmo tempo uma doce ancia infinita, naquellas palpebras fechadas o peso das extremas felicidades, o espasmo de um gozo mystico, como é o gozo materno. Com isso, na nevoa, no indeciso do rosto infantil traduz-se a grande delicia produzida pelo carinho nestes seres tão mysteriosos que são as creanças, e, interpretando-se mais transcendentalmente o phenomeno, lê-se a divinisação embora momentanea, fugace, daquella creatura angelica pelo prestigio maravilhoso do amor que suscita.

Salvo assim o trabalho, sobrepujando nelle a alta inspiração a que obedeceu, fica sendo talvez a nota suprema na obra de Carrière, falando-nos como nenhuma das suas outras télas do infinito que pode em nós caber, da grandeza incommensuravel da Vida, mesmo quando apenas representada por uma creança ou por uma mulher. E' um trabalho que vae alem de seu titulo, a não

ser que se queira levantar este á altura vertiginosa do sonho.

Conheço escriptos do illustre pintor e tive até occasião de ouvil-o falar de suas idéas e de suas crenças. Elle era um ideologo acabado. Acreditava na época da confraternisação dos povos, do egualitarismo social, do predominio dos bons e dos puros como póde acreditar nessas coisas o mais ardente e manso dos libertarios.

Na sua obra de artista, — e o facto constitue um phenomeno curiosissimo, — não ha essa abrazada e ingenua ideologia, mas um idealismo verdadeiramente humano, que não procede da deficiencia ou deformação que haja numa natureza, mas pelo contrario de sua perfeição, de superabundancia de seiva. Vê-se isso porque tal idealismo não vae de encontro com o conhecimento da vida e o sentimento da relação entre as coisas.

Não conheço uma figura na obra de Carrière que revele o que se chame uma idéa politica, uma das que hoje chamamos preoccupações sociaes. A humanidade toda que elle fez apoia-se no sentimento eterno e não a conturbam as assoladoras paixões.

Em arte, de certo ponto de vista, Carrière foi um aristocrata, sendo como era um seleccionista extremado. Dentro da natureza elle fez sua escolha e preferiu para assumpto o typo humano; mas mesmo ainda entre os homens escolheu as naturezas simples e as caracteristicamente affectivas. Feito isto, ainda optou por determinadas attitudes, correspondentes a certos instantes especiaes na vida. Interessavam-lhe os grandes momentos propriamente ditos, isto é, os que o eram menos por uma razão exterior, pelo titulo official que lhes coubesse, do que pelo estada d'alma a que realmente correspondiam e que assignalavam, — em outras palavras, pela sua importancia subjectiva.

Dahi a sympathia calorosa do grupo dos symbolistas pela obra do grande pintor na hora fugaz em que elles lograram verdadeira notoriedade, sinão completo predo-

minio nas letras. Carrière não fez nunca outra coisa sinão symbolismo espontaneo.

Do ponto de vista da evolução da arte, elle está no numero dos que conseguiram propriamente dar um passo, entre os nossos contemporaneos. Isso porque sua innovação consistiu mais em escolher entre os recursos legitimos, e em simplificar, do que em pretender impossiveis retroactividades, como os néo-primitivos, ou em recorrer a singularidades, quando não anormalidades visuaes, como os impressionistas, ou fimalmente em procurar allegorias, tantas vezes insipidas, não raro até insipientes, caso em que se acham os symbolistas que o foram por impostura, por moda.

Ruben Dario

Rubén Dario é um poeta antes de tudo interessante por si proprio, pela sua natureza, tão complexa, mas no seu conjunto tão seductora, natureza de um artista essencialmente moderno e fundamentalmente artista, tarado de decadencia, com seu seculo e um pouco por influencia de escolas, por outro lado, no entanto, vigoroso, ardente, cheio de esperanças, com assomos bem hespanhóes, quando não é apenas risonho, jovial, *bon-enfant*.

O poeta deve em muito boa parte a formação da sua individualidade, tal qual ella é, a uma coragem muito pouco commum: a que determina completa despreoccupação pela nudez propria, em face mesmo da terra toda. Ha nessa coragem uma parte de cynismo, na boa accepção da palavra, que quasi ninguem, — nem aquelles capazes de um sacrificio até a morte por outras causas, — tem força para ostentar serenamente siquer hora.

Essa nudez a que me refiro não é constituida apenas pela amoralidade do poeta, pelo seu paganismo enthusiastico, quasi se diria religioso, e a naturalidade biblica com que elle o expressa, mas tambem pela sua theatralidade, pelo desembaraço do seu gesto na affirmação de qualquer outro sentir que lhe seja proprio, embora, acaso, extremo e quasi ridiculo, o que dá um relevo e um vigor perfeitamente novos ás suas linhas individuaes.

Ao par disso, elle trabalha com tanta arte, e arte tão deliciosa, em geral, quando o seu preciosissimo não chega a perturbal-a de modo grave, é tão agua limpida e

corrente na contextura, aliás, por outro lado, intensamente culta dos seus versos, e estes são tão multiplamente suggestivos, reflectem tanta vida interior inconsciente, falam-nos de uma natureza tão rica e tão complexa, que acabam por empolgar-nos e fazer-nos sympathisar incondicionalmente com o poeta, convencendo-nos de que estamos na realidade diante do que se póde chamar uma natureza. Não nos lembramos nem siquer mais de perdoal-o; o nosso movimento é para tudo lhe dar, porque apenas ficamos amando-o.

No momento em que Rubém Dario appareceu feito, a America do Sul hespanhola atravessava uma época de emperrado estacionamento literario. Principalmente na poesia, parece que ainda lá se estava em pleno reinado de um romantismo rhetorico e vasio, proprio dessa indefinida continuidade, já longe de corresponder ao sentimento da época. O verso ankilosara-se na invariabilidade dos metros antigos. Não havia principalmente a nota exquisita, singular em toda essa literatura amollentada e zarra.

Rubém Dario representou o papel de um inquietador cometa apparecendo imprevistamente em tal horizonte. A primeira impressão foi antes de escandalo e de estranheza.

O poeta, porem, vinha com muito talento, muita coragem, até muito cynismo (na mesma accepção anterior), muita audacia, muita resolução, e um assignalado espirito de proselytismo. Resistiu, lutou: dahi a pouco tinha uma geração ao seu lado. Havia vencido em toda a linha.

Esses paizes da America do Sul não tinham feito mais do que seguir o exemplo da propria Hespanha no emperrado estacionamento que R. Dario combate. A terra de Cervantes tambem vivia glosando-se a si propria, em mal disfarçada esterilidade, recordando as passadas

glorias, como si fosse uma nação já completamente vivida.

O poeta sul-americano goza das vantagens, pelas suas funcções sociaes, de ser um homem cosmopolita, em viagens constantes de um para o outro lado do mundo. Foi á Hespanha, publicou-se na Hespanha, fez relações, fez amigos, fez admiradores, agitou o meio, e dentro em pouco tambem na terra classica do Cid creava uma nova corrente poetica.

Essas circumstancias influiram muito no desenvolvimento da sua feição literaria.

Entre o seu primeiro livro mais definitivo que, com ser de versos, elle chamou *Prosas Profanas* (titulo de um preciosismo condemnavel, diga-se de passagem), e os *Cantos de Vida y Esperanza*, medeiam quatro annos, durante os quaes se produziu essa modificação, tendo sido graças ao valor excepcional daquella primeira obra que elle pôde constituir-se um innovador nos paizes onde se fala o hespanhol.

E' curioso comparar esses dois volumes entre si.

Nas *Prosas Profanas* o poeta é caracteristicamente o que se chama um egotista, vivendo na atmosphera de seus sonhos como numa redoma cujos limites, para elle, são os limites da vida, pelo menos daquella que elle ama, que lhe interessa, que o impressiona.

Evoca constantemente éras longinquas e delicadas. O seculo de Luiz XV, a Côrte da Pompadour, inspira-lhe aquelle *Era un aire suave*, talvez a pagina mais rara que tenha até agora produzido.

Elle necessita do luxo e do conforto. Muitas rosas e *champagne*, — sem o que lhe é inaceitavel a vida.

Na *Divagacion* confessa que precisa ser amado multiformemente, tendo por ideal que um unico typo de mulher representasse o feminino de todos os paizes, fosse a um tempo grega e franceza, hespanhola e alle-

mã, da China e japoneza, e tambem hindú, sem excluir a negra, aquella que Salomão cantou:

"Ama-me asi, fatal, cosmopolita,
Universal, immensa, unica, sola,
Y todas; misteriosa y erudita;
Ama-me, mar y nube, espuma y ola."

O que o apaixona é o cysne immaculo que vaga sereno, symbolo do crepusculo, e candidez que representa a luz nascente.

Elle tem o fraco pelos assumptos eruditos, defesos á curiosidade dos profanos; ama as sabias construcções archaisadas, dos velhos mestres, nas paginas que amarellaram sob a poeira das estantes.

Emfim, o que elle é principlmente é um despreoccupado de tudo o que não seja a pura arte e que não constitua o seu gozo pessoal. Ama Verlaine como a um deus Termo amava o agricultor pagão.

Nos *Cantos de Vida y Esperanza* Rubém Dario não renega os seus antigos ideaes. Ao par destes, no entanto, eis que outras preoccupações apparecem, e essas mais humanas, mais sociaes, que o põe longe daquelle seu egotismo inicial.

A velha Hespanha inspira-lhe versos de um enthusiasmo que o atavismo explica, nada inferior a um tributo de filho. Na *Salutacion del Optimista* elle concita a gloriosa patria do Cid a uma nova vida de façanhas e de gloria, e diz que

"Un continente e outro renovando las viejas prosapias
En espiritu unidos, en espiritu y ansias y lengua,
Ven llegar el momento en que habran de cantar nuevos hynnos."

Mas não é apenas á alma antiga e guerreira da ávita patria que elle dedica esses seus cantos civicos. A mesma

corda de bronze que o poeta assim accrescenta á sua lyra vibra saudando a alma nova que accorda aos poucos, representando juvenil e forte os descendentes de Castella, aqui na America.

Nuns tersos versos que dedica a Roosevelt,

"Primitivo y moderno, sencillo y complicado,
com um algo de Washington e quatro de Nemrod,"

elle o avisa de uma coisa:

"Tened cuidado. Vive la America española!
Hay mil cachorros sueltos del Leon Español."

Por emquanto essa sympathica prosapia, essencialmente castelhana, antes fará sorrir do que estremecer o *yankee*.

Não importa. Já ha um poeta sul-americano que encontra estimulo para dar esses brados de alerta, para entôar esses canticos de esperança, num e noutro lado do mundo hespanhol. Isso significará pelo menos que ha uma correspondencia real e mais ou menos intima entre estes rebentos americanos e o velho tronco de que elles procedem, que por conseguinte a florescencia destes novos povos representará legitimamente o rejuvenescimento da raça.

Assim, Rubém Dario constituiu-se uma individualidade dessas que realmente se podem chamar consideraveis, não só pelo seu valor intrinseco como pela influencia que as circumstancias lhe permittiram exercer nos paizes de lingua hespanhola.

1916.

Alberto de Oliveira

Em 1886, publicando os *Sonetos e Poemas*, Alberto de Oliveira já attingia a um ponto culminante da sua obra. Nem nos *Sonetos e Rimas*, muito menos no poemeto *Por amor de uma lagrima*, nem no delicioso *Livro de Emma*, e agora nestas *Poesias* da segundo série, em nenhuma dessas obras publicadas depois ha mais estro do que naquellas paginas triumphaes.

Isto o que quer dizer principalmente é que o poeta pôde caracterisar-se bem cedo no que respeita ás linhas geraes do seu talento; não é, como largamente veremos, que se deixe de notar modificações e até progresso real, de varios pontos de vista, nas obras posteriores.

A nota predominante nos *Sonetos e Poemas* é a de um ardente pantheismo, expresso em fórma castigada, colorida e vivaz, e em estos que participam, não raro, da grandeza épica, dando a certas paginas do livro tom e valor particulares. Ellas são inconfundiveis até agora em toda a nossa litteratura. Veja-se, por exemplo, *A Arvore, A Lagarta, O Espelho* (que elle, na edição definitiva, retirou dos *Sonetos e Poemas* e poz agora neste volume da segunda série), veja-se *A Enchente*.

O parnasiano que ha em Alberto de Oliveira quebra no estuar extraordinario daquellas estrophes com as leis do canon escolastico, mostrando assim a superioridade propria dos bons discipulos, — os que antes de tudo tem valor por si mesmos.

Em compensação encontram-se nesse livro decisivo do nosso insigne poeta sonetos e pequenos poemas correspondentes a blocos de marmore grego, magnificamente impassiveis, em attitudes classicas, trahidas apenas por certa febre secreta na concepção ou pelo menos certo nervosismo na cinzeladura, que são inevitavelmente nossos, a que o moderno não póde de todo fugir. *A Estatua, O Hynverno* (retirado da edição definitiva), produzem esse effeito mais caracteristicamente.

Ao lado de taes figuras como que talhadas na pedra, a golpes largos, de mestria audaz, outras, tambem antigas, de uma evocação serena e peregrina, mas que se nos afiguram antes fixadas na téla. porque ellas não vêm isoladas, animam velhas paisagens, velhas marinhas, de assumptos bucolicos ou voluptuosos. *A Galera de Cleopatra, Galathéa, Syrinx, Titania* e outras são dessa especie.

Mas, alem de tudo isso, ainda um punhado de sonetos lyricos, em que é difficil dizer que qualidade sobrepuja a outra, si a ternura que os inspira, a emoção intima em que elles vibram, si a sobriedade e a correcção da fórma. Nelles, não só o boleio da frase, mas mesmo muitas vezes a curva da idéa, o timbre do sentimento tem um pico declaradamente antigo, sem que, no entanto, se deixe de ver logo á primeira leitura que só os podia produzir um poeta moderno e legitimo. Refiro-me principalmente ás duas series *Mortos para sempre* e *Ementario*.

No correr deste trabalho virá occasião de referir-me a outros aspectos dos *Sonetos e Poemas,* que o livro ainda os tem; tem-nos com a riqueza das obras concebidas e executadas nessa phase que não será decerto a da perfeição, a da segurança desejavel, mas que é a dos enthusiasmos mais ardentes, e a dos arrojos ás vezes os mais sympathicos, phase na qual muita deficiencia é supprida por certo senso divinatorio, que desperta com esse estado d'alma singular.

O Sr. Araripe Junior, prefaciando os *Versos e Rimas*, editados em 1894, dá o titulo de *Enthusiasmo e ternura* a essas suas paginas que constituem o liminar da obra, e explica que "não são outros os ingredientes que entram na composição do livro".

Continuando, diz o illustre critico em referencia ao poeta: "Lyrico entre os nossos melhores lyricos, todavia a sua musa distingue-se por alguma coisa que nos outros não se assignala de modo tão pronunciado: a ternura unida ao mais vivo enthusiasmo erotico".

Induz-se de taes palavras que o que mais impressiona neste volume são as poesias de amor. O critico viu certo, ao quanto me parece, e é o facto dessa qualidade precipua que estabelece a maior differença existente entre os *Versos e Rimas* e os *Sonetos e Poemas*, de oito annos atraz.

Dignas de relevo como sejam as peças eroticas desse livro anterior do poeta, ellas representam ali justamente o opposto do papel que fazem neste outro. Nos *Sonetos e Poemas* vemol-as, antes de tudo, pouco numerosas; como que nos falam de uma caracteristica de segunda ordem, na complexão do artista.

Alem disso, embora sempre trabalhadas com esmero, do ponto de vista da lingua e da fórma, ellas conseguiram neste volume dos *Versos e Rimas* uma expressão mais natural, talvez muito porque a lingua é mais hodierna. Um elemento a mais para dar-lhes a superioridade que aqui manifestam.

Mas, sobretudo, sente-se nos *Versos e Rimas* que o esto das horas caracteristicamente calidas ou, si quizerem, a "disposição phisio-psychica em erotismo" de que fala o prefaciador, aqui já docemente abrandou. Talvez até tivesse abrandado um poucachito demais.

Quando appareceram os *Sonetos e Poemas*, os amigos do poeta não lhe regatearam vivos applausos, como aquella obra superior merecia. Mas houve criticos mais

ou menos desaffectos e mesmo outros inspirados no mais sympathico sentimento que em meio do côro festivo desde logo estabeleceram restricções.

O Sr. Affonso Celso resumiu-as mais tarde muito bem no prefacio que escreveu para o *Livro de Emmá*: "Queixavam-se alguns, diz elle, de que Alberto de Oliveira ia ficando um tanto amaneirado. Já no emprego constante de expressões archaicas, já na calculada construcção quinhentista das frases, já nos frequentes *enjambements*, já nas assiduas mostras de erudição, e no luxo das referencias mythologicas, de ordinario só accessiveis aos mandarins das letras, parecia Alberto pender para o rebuscamento."

Vimos a modificação por que elle passou de um livro para outro, no que se refere á fórma. Não foi só isso; modificou-se noutros pontos ainda. Attente-se, por exemplo, aqui, nos *Versos e Rimas*, para a escolha do assumpto; ver-se-á que só ha uma peça inspirada pela mythologia: *O Sonho de Titania*.

Dos quadros da natureza ainda nos fala bastante. Veja-se *Borboleta morta, O Cysne* (traduzido magnificamente de Sully Prudhomme), veja-se *Rêde Selvagem* e certos trechos de *Um cadaver de ébrio*. Mas á honestidade escrupulosa da fórma em que são tratados estes assumptos de agora, isto é, á bem entendida simplificação e naturalidade della, parece que o poeta ajunta certa modestia de alma, que vae influir bastante nas qualidades interiores dos seus novos trabalhos. Tal modestia era muito pouco visivel, si o era, nos *Sonetos e Poemas*.

Ella concorre com aquellas outras novas qualidades de que já se falou mas é principalmente para nos dar uma impressão como que de entibiamento nestes novos quadros. Como que se sente faltar ao estro do poeta certa graça barbara que dantes tinha no bater das azas, ou, talvez melhor, no desferir do vôo.

O perigo que ha em desfazermo-nos dos nossos de-

feitos está em que com estes se possam ir tambem as qualidades, uma vez que elles e ellas andam sempre em tão estreita correlação.

Não sei si teriam concorrido para isso principalmente os criticos, ou será talvez que o poeta se houvesse encontrado com a vida por modo que já então, e mais a proposito, talvez pudesse escrever estes lindos versos publicados agora na segunda serie:

"Aguias destes espaços livres, sois
O que já fui. Meu genio independente
Era de impetos feito, e altivo e ardente
Como este sol dos tropicos. Depois,
Ah! depois... Aguias que vos ides no ar,
Attrahidas da luz do firmamento,
Com as cem arrobas do meu soffrimento,
Aguias soberbas, poderieis voar?"

Em resumo: estou pelo que diz o prefaciador. O que ha nos *Versos e Rimas*, principalmente, é enthusiasmo erotico e ternura, talvez até mais ternura. E' livro este que comparado com os *Sonetos e Poemas* faz lembrar um valle suavemente onduloso, banhado de luz um tanto indecisa, eu estava quasi em dizer secretamente merencorea, emquanto que o outro póde trazer á imaginação aquellas terras cuja caracteristica são as bellas e altivas montanhas que ostentam, sob um céo luminoso de manhã tropical.

Encontram-se nos *Versos e Rimas* duas peças, *Recondito* e *Epithalamio* em que o poeta se refere á historia de um amor infeliz, sempre veladamente embora, com o grande recato de que nunca se aparta no folhear de suas paginas intimas.

Estará porventura nessas tempestades de alma, cujos écos entreouvimos apenas, a causa essencial da modificação de que acabamos de falar?

Como quer que seja, a tempestade, ou pelo menos o

effeito della, prolonga-se. O poemeto *Por amor de uma lagrima*, producção de 1895, é do que ainda nos fala.

Por signal que causando aborrecida impressão. Bem cuidados, como todos os versos de Alberto de Oliveira, estes, no entanto, como que reflectem um desvario intimo tão grande, que até a arte do poeta elle conturba.

Sabe-se que muitas vezes é mais facil inventar historias sentidas, invental-as de todo ponto, do que as bem contar quando ainda se as está vivendo ou apenas a tempestade cessou. Acham-nas, não raro, até menos verosimeis, quando assim cruciantemente reaes.. Dizia Voltaire que a edade de fazer bellos poemas de amor era aquella em que se estava já um tanto isento do perigo das suas chammas.

De modo que dos *Versos e Rimas* para esta producção seguinte não houve, ao meu ver, modificação alguma, não houve pelo menos para melhor.

A razão disso tambem deve estar no seguinte: Alberto de Oliveira é um poeta essencialmente objectivista. Suas composições de mais alto valor, mesmo as de assumpto intimo, são quasi sempre aquellas em que elle póde recorrer á descripção, que é justamente, no entanto, o que se não vê neste poemeto.

Por amor de uma lagrima é todo feito de ancias, de queixas, de ironia, de generosidade, de amargura, de resignação. Mas, com estes elementos apenas, o nosso cantor não trabalha á vontade.

Por que? Talvez por falta relativa de um dote, que é a eloquencia. Esta costuma acompanhar essencialmente os artistas mais espontaneos e confiantes, os Mussets, os Byrons, ou os Alvares de Azevedo, os Fagundes Varellas entre nós.

Ha um outro recurso, o conceito, de que Alberto de Oliveira se serve quasi sempre triumphantemente, fazendo epigrammas encantadores, recurso tão logico, tão de prever em naturezas reflectidas como a sua. Nem

uma vez, porem, lembra-se elle de ornamentar com preciosidades desse genero o poemeto de que estamos falando.

Isso não nos deve sorprehender, antes é de esperar do afflictivo estado d'alma em que parece que elle aqui trabalhou.

Para que, porem, nos determos neste pequeno declive, quando ahi está o *Livro de Emma* immediatamente após, attrahindo-nos como uma doce seducção?

Elle vae tudo transfigurar de prompto com o extraordinario poder de encanto que possue.

Não é que tenhamos de voltar á ardente atmosphera daquelles primeiros annos heroicos que os *Sonetos e Poemas* assignalam.

Aqui, quasi que não ha sinão suavidade e ternura, lagrimas e recordações. Sente-se que estas paginas peregrinas as fez principalmente o tempo, com o poder que é só delle para crystallisar e produzir suaves, nobilitantes perspectivas.

Quem tenha acompanhado a vida do poeta através de suas obras e se recorde do *Ementario*, que vem no livro decisivo de Alberto, é tentado a filiar este poema de agora áquella peça sobre que os annos já correram numerosos. Fala-se lá, como aqui, de uma noiva morta, e o tom com que em ambos se fala tem o timbre de uma mesma queixa, de uma saudade só.

Seja como fôr, declara-se no *Livro de Emma*, pelas datas que elle traz, que o artista o foi lentamente compondo em cinco annos de elaboração.

Da persistencia no mesmo doloroso e meigo sentimento e do vagar com que elle foi sendo vasado no verso, como no molde um material precioso de que o ourives se aparta a custo, puderam nascer os numeros deste delicioso intermezzo.

Obra erotica, dirão, obra subjectivista, em que, por conseguinte, o poeta se forra por completo das arguições menos gratas que o poema precedente suggere.

Em parte é assim. Ha no *Livro de Emma* numeros trabalhados exclusivamente com os elementos que entram na constituição daquelle outro; no entanto aqui elles conseguem um effeito poetico completo, tem emoção, tem até eloquencia real. Póde-se citar como exemplo a evocação *Acordando,* com que abre a primeira parte, e outros: *Volubilis, Coração moribundo, Nocturno, Canção de inverno*.

Attribua-se esse bello milagre a um raro estado d'alma, mas veja-se por outro lado que no correr do poema o artista se vale de todos os recursos com que mais ordinariamente triumpha. A maior parte da obra elle a constitue por esses processos: *Alvorada, Neblina, Golpe mortal, Escada phantastica, Um atomo, Espiral de fumo, Sobre a nuvem, Cousas mortas, O espelho, Estrada deserta, Apparição,* (e cito apenas os que me parecem mais bellos), todos representam descripções, ou pelo menos trabalhos predominantemente objectivistas. São conceituosos *Dolora, Folhas seccas, Interior*.

Que importam, porem, theorias e discriminações? O essencial é reconhecer-se que o poeta voltou aqui a ser grande, sendo tão simples, tão humano, e casto, e puro, — bem o observa o seu prefaciador — como jamais. Conseguintemente completou-se, fez-se maior de certos pontos de vista.

2.

Chegamos agora ás *Poesias* da segunda serie, representadas pelo seu ultimo volume. Entre o tempo em que este foi terminado e a data do acabamento do *Livro de Emma* mais seis annos se passam, e dos *Sonetos e Poemas* para elle contam-se dezesete annos, nada menos.

"Ahi vem o fim dos meus melhores dias.
Já do claro zenith em que ardeu tanto,
Descae meu sol; e em gritos de saudade,

Eu, como um deus vencido, saio em pranto
Da floresta de fogo e de harmonias
Da minha mocidade.

Que importa ainda em minhas veias arda
Sangue, febre, enthusiasmo? Ah! sonho extincto!
O que ainda resta mal traduz a vida!
Sinto aos meus pés crescer-me a sombra, sinto
Que a manhã lá se foi, e a hora não tarda
Da grande despedida."

E' o poeta quem, por meio de estrophes tão bellas, o diz. Este volume de agora está para os *Sonetos e Poemas* como a tarde para a manhã, num mesmo luminoso dia.

Ha formosuras tambem assim: offerecem aspectos os mais differençados entre si, cada qual com o encanto peculiar á phase a que correspondem na vida. Acontece ás vezes ser até o mais admiravel, por mais emocionante, aquelle em que já se notam uns toques langues e melancolicos de outono. Outras vezes ha que se tem de ficar indeciso, tal a singular correlação de valores que tão differentes aspectos offerecem entre si. Então a preferencia depende apenas de uma questão de gosto, conforme a especie de vibração, a tendencia emocional que haja em cada um.

Com estes dois livros acontecerá outro tanto?

Não ha de faltar quem decididamente o affirme e outros até darão preferencia ao de agora.

Abstenhamo-nos de dizer desde já com quem dentre elles estamos e ainda mais si nem com uns nem com outros podemos ficar. Registremos por emquanto a impressão de prazer e delicia que a leitura desta segunda série nos proporcionou no seu conjunto.

Não é que ella venha isenta de certos defeitos já observados na primeira phase, alguns dos quaes o poeta

soubera evitar nas producções da época que chamaremos intermediaria.

Aqui ou ali ainda se acham estrophes cuja clareza é fortemente prejudicada pelo abuso das inversões ou então das orações incidentes e subordinadas. A pagina inicial do livro, em que figura o soneto *Taça de coral*, offerece infelizmente o exemplo talvez mais frisante entre todos, nas duas quadras que comporta. Isso será causa para mais de um leitor fazer logo má idéa de todo o livro. Sabe-se que influencia exercem geralmente as primeiras impressões. Alem desse, diversos outros exemplos se podem encontrar no correr da obra.

Não ha preciosismo sómente na construcção; o poeta incide no mesmo defeito quando aqui ou ali colloca termos raros, cujo emprego bem poucas vezes se impõe por necessidade inilludivel. Desde os titulos de certas peças, poucas, é certo: *Lucilia Cœsar*, *Visio*, (que não deixará de haver quem julgue ser vocabulo vernaculo) *Sobralia*. No corpo do livro, é verdade que não podendo sustentar comparação com *O Heróe*, dos *Sonetos e Poemas* (que foi retirado da edição definitiva), depara-se-nos um bom numero de versos recamados de vocabulos pouco conhecidos, alguns produzindo bom effeito, ora pela musica, ora pelo colorido que em si contêm, mas outros perfeitamente no caso de serem dispensados para bem da obra. Assim, nomeadamente, certos termos technicos.

Não creio que venha dos *Sonetos e Poemas* um outro senão (que o é pelo menos ao meu ver): o da nota crúa, sensual ou então fortemente realista, que subito exsurge, aqui ou ali, nas paginas deste volume da segunda série.

Sendo estas ordinariamente tão castas, ou pelo menos de um naturalismo tão fóra de escandalo, tão honesto, tão curiosamente poetico, taes inesperados desvios produzem o effeito de um falseamento, si não de uma perversão de gosto. Parece que é dos *Versos e Rimas*

para cá que essas intermittencias começaram de apontar. *A camisa de Olga, Um cadaver de ebrio,* daquelle livro, são, si não me engano, as duas primeiras composições nesse genero. Talvez tambem que offereça a genese de uma tal variedade o ultimo verso, de sentido que parece desagradavelmente duplo, na poesia *Angela,* ainda do mesmo volume.

O poemeto mais delicioso que esta segunda série, de agora, encerra, *Alma em flôr,* apresenta dois exemplos dessa especie.

No soneto sob numero *X*, do segundo canto, descreve o artista uma scena duvidosamente poetica: aquella em que elle está espreitando, naturalmente por um orificio, a dama dos seus primeiros amores, que se prepara para entrar na cama:

"Havia luz. O olhar melhor ageito.
Tenda pyramidal, em toda a altura
Flaccido escorre o cortinado. A alvura
Eis do seu leito. Mas vasio o leito!

Subito um rugido secco a alcova corta;
Subito e quasi núa ella apparece...
Mal pude ver-lhe a saia em desalinho."

Não está tanto nas palavras como na suggestão que ellas provocam o desagradavel do effeito que esta descripção produz. Ignoro por que será, mas no que se pensa principalmente é na deshonestidade do estratagema e nas condições um tanto comicas em que se devia achar o espectador...

Recebe-se tambem uma impressão exquisita quando, no III soneto do canto terceiro, o poeta nos conta como iam os dois — elle e ella — numa carreira de aposta, em que elle se deixa ficar atrás, por perfido calculo:

"Pois mais vale que a aposta da corrida
Ver-lhe as saias voar como vou vendo."

Só este termo *saias* põe em tudo não sei que nota, tirando ao typo da mulher descripta toda a graça casta, em que seria de bom gosto deixar de tocar.

No entanto, quando o poeta encontra a moça dormindo

"reclinada
Das trepadeiras sobre a laçaria",

não fica absolutamente mal, do ponto de vista esthetico, a acção que elle diz ter commettido:

"Ato as mãos ao receio que, desperta
E zangada por ver tanta ousadia,
Não vá ficar com um beijo quem dormia
E um beijo dou-lhe na boquinha aberta."

Em todo caso ha aqui uma attenuante, sinão uma completa justificativa. Trata-se do amor de um adolescente. O artista precisava pintal-o com as côres que lhe são proprias, e uma das superioridades do poema está justamente em falar-nos de todo o vago, de todo o infinito que ha nessas paixões da puberdade, de toda a sua timidez e os seus temores, mas tambem do paroxismo sensual que a caracterisa, e fal-a tão indiscreta, tão inconveniente, por vezes tão audaciosa, tão crua.

Si na *Alma em flôr* ha esses incidentes de sensualismo que a mais de um parecerá antipathico, em *Lucilia Cœsar* e na quadra ultima de *Vive-se...*, (que a não ser isso seria uma peça tão perfeitamente bella) encontramo-nos com a nota realista, destoante da indole do poeta, nota a que acima me referi.

E' justo, porem, dizer: não ha um destes senões

apontados como reincidencias que assuma aqui caracter de maior gravidade do que nos outros livros de Alberto de Oliveira onde elles primeiro se encontram. Todos estão mais ou menos attenuados, pelo contrario.

Este livro é uma obra da maturidade, producto da experiencia, filho da calma: bem feito no seu conjunto e forte.

Ha nelle todo o arruido de uma vida plena, toda a graça de uma phantasia que ainda não arrefeceu.

E' facil comprehender que o destino se fixou na existencia affectiva deste homem, que elle já fez a sua escolha para a vida e para a morte:

"Hoje fonte melhor, mais remansada e pura
Tenho á sêde de ideal, que eterna me tortura;
Já não ha que cançar — trefega borboleta,
A alma de clima em clima em meu sonho de poeta.
Hoje no teu olhar, hoje no teu sorriso
Transluz-me a irradiação clara do paraiso."

Mas por versos e versos encontramo-nos com as felizes irradiações proprias desse facto central. Amor fixo não significa amor parado, inerte, para as almas que tem sêde de amor.

De certo que todas as harmonias em que se desfaz a alma do poeta agora só uma musa as inspira, multipla e una a um tempo, realisando assim um risonho mysterio, facil de ser entendido dos deuses e dos avisados amantes. Mas que importa, si o canto continúa e não é menos ardente, menos bello do que em qualquer tempo?

Não se procure penetrar no adyto. Conservemos entre nós e o poeta a distancia necessaria para que o espectaculo guarde todo o seu prestigio. Quem ha de dizer que a alma essencialmente enamorada do feminino, lá das paginas dos outros livros, cheia de queixas que antes se entrevê serem blandicias, de reiterações

em que se adivinha o doce resaibo de exitos anteriores, é bem outra aqui, sóbria e constante, ponderada e prosaicamente conscienciosa, como a de um sincero e atado penitente?

Mesmo os *Versos de Saudade* da ultima parte não conseguem pôr um tom caracteristicamente crepuscular no livro. Vem-se com impressões tão boas das outras paginas, encontramo-nos ali com uma felicidade que nos parece tão real, tão subsistente, que o facto destas saudades, a possibilidade de poder-as ter, antes nos parece uma ventura a mais:

"Cousas que lá vão! Maria...
(Que seio! o olhar que lampejo!)
— Amas-me? — Adoro-te! e um dia
Estala um primeiro beijo."

Depois vem Aurea; em seguida Esther:

"Esther... Ambos nós na sala;
Muda a sala e ella e eu mudo;
Sua boca não me fala,
Mas seu olhar me diz tudo."

Ainda ha Thereza. E por fim Ida:

"Ida... Mas esta é já morta."

Por isso o poeta pergunta:

"Em que leito tu repousas,
Meu sol, minha tentação!

.....
Tão bom pensar nestas cousas!
Mas são cousas que lá vão!"

Ha nos *Sonetos e Poemas* uma nota a que não tive ainda occasião de referir-me e que já deixo aqui registrada com receio de que me falte opportunidade depois. E' a produzida pelo "original engenho em tirar effeitos de scenas e objectos vulgares", como lembra o Sr. Affonso Celso no prologo do *Livro de Emma*.

Tal nota reproduz-se aqui. *A Carangueijeira, O exame de Hercilia* são lindos poemetos desse genero, em nada inferiores aos outros que se encontram nos volumes precedentes.

Para mim o defeito maior deste livro, comparado com os *Sonetos e Poemas* é elle, embora reflectindo todas as faces do anterior, dar-nos, apezar disso, certa sensação de monotonia, não ser talvez interiormente tão cheio. E' apenas o que me faz ainda, apezar de tudo, ter certa predilecção pelo primeiro.

Prova de decrescimento de forças, talvez se queira concluir. Será, si assim entenderem, em certo sentido, imaginação menos desbridada, incapacidade para fazer sempre propriamente novo, para sondar horizontes ainda nunca explorados. Estes versos de agora fazem lembrar fructos cujo sabor já conhecemos, mas que apenas amadureceram melhor. E os ha que verdoengos eram de um acre mais provocante do que a doçura da maturidade perfeita de agora.

Por falar em fructos. E' interessante observar como estas paginas da segunda série tem um aroma muito mais pronunciado e avassallador do que quaesquer outras.

Dos *Sonetos e Poemas* traz-se uma visão flagrante de floresta tropical, mas em que predominam principalmente nartos troncos, emmaranhadas orchideas, musicas de ninhos, abelhas que zumbem, grandes borboletas azues a esvoaçar pelos caminhos; poucas flôres, porem, poucos fructos, poucos passaros. Tudo um tanto incaracteristico, ás vezes até falseado. Lembremo-nos; junto da

"grande arvore que cahe" o poeta põe uns "rufos leões" africanos. Trata-se incontestavelmente de uma floresta tropical, mas que póde não ser do Brazil.

Neste livro de agora sentimos que estamos nos nossos dominios. O gequiri, a pluma do ubá, os flócos da paina, a flor da canella, a bromelia, o alecrim o sassafraz, a murta, a esponja, a flor do espinheiro rescendem pelos vallados dos rios, pelos rusticos caminhos, pelas picadas das serras.

Quando cahem as flores substituem-nas os fructos, os cereaes, as gramineas: laranjas, mangas, cajús... a canna, o milho, que são tambem cheirosos.

Vem bical-os passaros egualmente muito conhecidos nossos, os azulões, os gaturamos, os sahys, os inambús. Andam pelas margens dos rios outros tantos de que todos nós não ignoramos a designação: a garça, o frango dagua, as marrecas, os mergulhões, os irêrês, "que o chão palustre habitam".

Alem desta precisão com que o poeta pinta agora seus quadros, da cor local, da atmosphera propria que lhes dá, ganhou mais verosimilhança nas historias que conta. Ninguem póde acreditar, por exemplo, que deixe de basear-se na realidade, de qualquer modo, este poemeto *Alma em flor*. Compare-se com a *Borboleta azul*, por exemplo, ou *A cruz da montanha*, ambos dos *Sonetos e Poemas*, e ver-se-á como se sente o artificio nestes ultimos, aliás tão bonitos.

Sabe-se que importancia tem tal qualidade em arte Sem ella não ha grande artista, propriamente dito. O valor de uma obra decresce na proporção, não da sua falta de verdade literal, mas da sua inverosimilhança.

Será por isso que o amaneirado prejudica tanto os autores: desde que o sentimos, principiamos a desconfiar da sinceridade delles. Quereriamos Alberto de Oliveira ainda mais livre do que já hoje está de ser justamente accusado desse ponto de vista.

O progresso que acabamos de indicar é de certo o mais consideravel que se verifica nas *Poesias* da segunda serie, mas basta isso para dar-lhe uma superioridade de primeira ordem sobre os livros antecedentes.

Não, incontestavelmente o volume de agora é de outro effeito no seu conjunto que não os *Versos e Rimas*.

Sente-se mesmo como que um reflorescer na alma do poeta, desse livro para o actual. Ha aqui um optimismo mais pronunciado, até mesmo franco como nunca:

"E assim se vive, assim... de qualquer modo.
Ama-se: vive-se, abre a vida em flores;
Soffre-se: vive-se, e o universo todo
Traduz-se em dores.

Mas vive-se. Ao seu peito epico e forte
Nos tome a gloria; humilhe-se vencida
A alma sem protestar, de qualquer sorte
Ama-se a Vida.

E a Vida é sempre grande, illuminada
Do clarão triumphal de um sol aberto,
Ou só da meia luz frouxa filtrada
Na sombra de um deserto."

Ou então aquella fala que transpira tanta segurança, quando elle exhorta a *Copa verde*:

"Deixa-te sacudir do temporal violento,
Copa verde! E' tortura e é beneficio o vento.
.....
.....
Em teu ultimo arranco uma benção lhe envia,

Pois de teu tronco viuvo has de mais bella um dia
Renascer... como a nós, quando tambem nos passa
Pela vida um tufão, um sopro de desgraça,
Si forte somos, póde o ramo mais viçoso
Da illusão abater: em seu lugar glorioso
Outro rebentará mais florido e mais lindo,
Onde virão cantar, e acazalar-se unindo
Azas e azas, a um sol claro, a campear na esphera,
Novas aves de amor, e nova primavera."

Por conseguinte, si estas *Poesias* representam a tarde, será antes pelas suggestões que começa a inspirar o facto de estar descripta mais da metade da curva no horizonte; não que já se pronunciem os phenomenos francos do melancolico e irremediavel declinio.

Aqui neste volume não ha poesia alguma em correspondencia com aquelles marmores gregos que vimos nos *Sonetos e Poemas*. Ha um quadro pagão, cinematico, muito bello, na poesia *A um poeta*, em que se descreve certo encantamento produzido por Baccho, quando menino, no mar Tyrrheno.

Outro que parece uma aguarella trabalhada em seda, tal a delicadeza do traço e a maciez das tintas, em que, no entanto, ha um fulgor particular: é aquelle chamado *Os amores da estrella*, feito em tercetos.

Trabalhos tambem para me seduzirem particularmente são duas pequeninas peças que parecem antes dois marmoresinhos modernos: a *Flor Santa* e *Sob um Salgueiro*, buriladas com delicadeza, graça e sentimento raros. *A botelha de Gow* é uma boa tela naturalista.

Mas o que principalmente não se deve esquecer é o poemeto *O Parahyba*, uma das composições de mais folego deste volume.

Quando, já ha alguns annos, constou nas rodas literarias que Alberto de Oliveira estava a fazer um longo trabalho neste sentido, de mim para mim não augurei

bem, apezar do apreço em que sempre tive o talento do poeta.

Dos rios do Brazil aquelle que por emquanto goza de uma fama completamente mundial é o Amazonas, pela sua grandeza sem par. Comprehende-se que um naturalista com qualidades literarias de primeira ordem ou um literato sériamente scientista possa fazer excellentes paginas de literatura e sciencia a um tempo sobre esse assumpto. Mas para um poema propriamente dito mesmo o Amazonas ainda não serve. A' margem de seus valles não floresceu até agora uma grande civilização. Elle é sem historia e sem legenda, pelo menos não as tem na proporção da sua incommensuravel grandeza.

O poemeto apresentado veiu melhor do que eu podia suppor. Tem versos lindos, descripções muitos felizes, e é de uma factura leve, moderna e simples. Depois, não fatiga com prolixidades inuteis. O poeta fugiu a escolhos que Porto Alegre e Durão, por exemplo, não souberam evitar.

Mas ao inelutavel lhe era impossivel fugir. Tire-se do seu poemeto o nome do Parahyba, ponha-se o do Puru's, o do Teffé, ou do Rio Doce, qualquer um delles de importancia analoga á do primeiro, e que differença quem não esteja prevenido poderá notar? A flora e a fauna destes outros são mais ou menos semelhantes ás delle, elles seccam e enchem não só como o Parahyba, mas como tantos outros seus irmãos no mundo, e é só da fauna do rio fluminense, e da sua flora, da sua vida, da sua mobilidade, dos seus differentes aspectos physicos que o poeta pôde falar.

O poemeto termina com uma pequena lenda, a de uma creança morta, cujo minusculo esquife vae indo ao sabor da corrente, ladeado por duas velas milagrosamente accesas.

Esse mimoso assumpto posto ao fim de umas pa-

ginas épicas torna-se symbolico da pobreza com que o escriptor teve de lutar em busca de elementos estheticos para o seu trabalho. E prejudica, infelizmente, o effeito geral do poema. Como que se nos afigura não ser a corrente que vae levando o anjinho, mas sim este que, um pouco absurdamente, vae puxando a caudal, munido de duas azas leves, conduzindo-a para a fama, para a gloria.

3.

Qual a caracteristica de Alberto de Oliveira, do ponto de vista intellectual?

Nos *Sonetos e Poemas* elle é um rigoroso parnasiano e um classista bem accentuado. De fórma que procura ser impeccavel, inclusive no que respeita á lingua, revelando-se, si não inteiramente impassivel, pelo menos tão contido, de alma tão disciplinada, e de tal recato como os que mais o sejam.

Nota-se, alem disso, no seu espirito, um claro, decidido pendor para as coisas da Hellade. O poeta canta o bello pelo bello, neste livro, faz arte simplesmente pela arte, orthodoxo parnasiano que é.

Como já nas *Meridionaes* notara muito bem o Sr. Machado de Assis, é "um despreoccupado dos problemas da alma humana". E ainda por modo mais completo dos destinos do homem, da finalidade social. Não temos nelle um poeta de idéas. E' um paisagista e um lyrico.

Nos *Versos e Rimas* caracterisam-no "a ternura e o enthusiasmo erotico", no dizer do Sr. Araripe Junior. Versos menos retesados um pouco; bastante preoccupação com a natureza, embora não assim predominantemente como nos *Sonetos e Poemas*. Menor interesse pelos assumptos pagãos.

No poemeto *Por amor a uma lagrima*, e no *Livro de Emma* quasi que apenas um grande amoroso. Mas

muita modificação na fórma, agora mais simples, mais natural. O fundo tambem é muito mais humano.

Está recente o que se teve occasião de dizer sobre as *Poesias* da segunda serie. Ellas reflectem todas as faces dos *Sonetos e Poemas*, com mais simplicidade, peculiaridade e verosimilhança. E' justo tambem dizer, de cada vez mais humanamente.

Até mesmo, — ainda não o tinhamos dito, — como que o poeta ensaia aqui dilatar o horizonte, abordando pela primeira vez o terreno das idéas, mais apropriadamente das opiniões, naquellas duas peças: *A morte do feitor* e *O caçador*.

Como estamos distantes agora do impassivel artista d'*A Estatua*, do *Vaso grego*, do *Hynverno*, de que nos falam os *Sonetos e Poemas!*

Na primeira dessas duas peças elle chega a ser francamente tendencioso, pintando um antigo verdugo do eito, roido de atrozes remorsos, ás portas da morte.

Um trabalho que perdeu o seu momento mais opportuno, a época da abolição entre nós. Só com esse contingente, Alberto teria o direito de ver seu nome inscripto na phalange dos heróes que pugnaram aqui pela grande e humanitaria reforma.

Não sei, no entanto, por que, dentro da sua obra, um tal trabalho não produz, ao meu ver, agradavel effeito esthetico. Ha no quadro qualquer coisa de ingenuo que lhe dá o aspecto de ruim pintura romantica. Talvez que estejam carregados demais os traços odiosos que ha no carrasco da peça e as sombras sejam de excessiva espessura.

O Caçador é feito por processo opposto, com tintas muito finas, e com muita alma, deliberadamente, muita meiguice, mas no meu entender obtem o mesmo resultado, afinal.

O poeta sahe de espingarda ao hombro, certamente que tambem de bolsa e polvarinho a tiracollo, logo pela manhã. Mas não é para caçar:

"Exclame quem te vir com a carabina ao hombro
Não vendo o coração a estalar-te de dôr,
Exclame, do arvoredo a procurar o ensombro,
A ave, exclame o reptil: ahi vem o caçador!"

O poeta vae mais longe nas suas concessões. Até mesmo

"Justo é que a arma estouraz empunhes e a dispares
Em soido horrendo e atroz, pobre espirito enfermo";

mas ahi se detem:

"As aves não persigas,
Deixa as feras em paz no seio das cavernas;
Volve os olhos acima ás arvores amigas,
Volve-os da Creação ás bellezas eternas."

Não se póde aceitar sem sorrir esta imagem de um homem que sahe, espingarda ao hombro para o matto, quando muito dá tiros á tôa, para o ar, e volta depois caminho de casa, no mesmo passo, sempre de espingarda ao hombro, mas as mãos vasias, porque por sentimentos aliás muito louvaveis, muito humanitarios, não quiz caçar.

Vê-se que toda a razão tinha o Sr. Machado de Assis quando noutros tempos dizia ao poeta com as excellentes palavras de conselho que elle sempre teve para os jovens seus amigos: "Que lhe importa o guerreiro que lá vae á Palestina? Deixe-se ficar no castello com a filha delle... Não é diminuir-se o poeta; é ser o que lhe pede a natureza." Já então, o mestre entrevia o vate d'*O caçador* de agora.

Na sua caracteristica geral Alberto de Oliveira não deixa de ser o que a principio elle se revelou, é um parnasiano, muito attenuado, entretanto, porque tem sido

um bom poeta, sem systematismo estreito, antes fazendo questão de acompanhar a linha da vida, de ser simples e natural, aqui ou ali reflectindo a nota realista de uma corrente com que se encontrou em seu tempo, e por outro lado com certos resaibos romanticos, como acabamos de ver, oriundos das fontes em que, antes de seu pleno surto, mais do que nós outros da nossa geração, bebeu.

Neste ultimo volume observa-se tambem uma pequena influencia da gente da ultima hora, que já está, entretanto, passando, dos chamados symbolistas ou decadentes, mas uma influencia apenas de epiderme, porque ella se manifesta sómente no uso, duas ou tres vezes, do verso endecassylabo (segundo Castilho), que o poeta até aqui não adoptara.

Alberto conseguiu fazer-se um artista simples e natural, tanto quanto permitte sua organisação, em que entra algo de timido e muito de reservado, — talvez reservado bastante por timidez, — qualidades estas disfarçadas sob certo aprumo, mesmo certa solemnidade, em que elle sempre manteve a linha exterior de sua obra.

Deste modo de ser vem o seu afastamento de certos terrenos, nomeadamente do terreno das idéas, que requer coragem e abnegação particulares. E, por outro lado, sua insistencia junto á natureza, que chega a arrancar-lhe notas epicas da alma, e junto á mulher, cujo trato e culto desenvolve nelle a meiguice até o extremo, sem lhe dar, no entanto, a nota sensual, pelo menos não lh'a dando de modo caracteristico.

Limitado assim o seu horizonte, o poeta precisava para valorisar a obra saber dar-lhe um extraordinario relevo na fórma. Foi porque trouxe qualidades superiores nesse sentido que obteve triumphar tão justamente.

De fino senso esthetico, que raramente vacilla, elle possue alem disso como poucos um vocabulario vasto,

que não é só o gosto, mas tambem o estudo que dá. Vê-se, o poeta vive a manusear os mestres da lingua, e nota-se até hoje sua preferencia pelos ourives de boas obras de lei.

Não é sómente o amor á fórma que o leva a frequental-os e a render-lhes vassalagem. Venera-os tambem na philosophia natural dos seus brocardos. No fundo da alma de Alberto de Oliveira vive e palpita bem visivelmente uma honesta e avisada alma lusitana.

E' nos thesouros da poesia e da sabedoria ávita e por outro lado nos livros de pura sciencia moderna, com especialidade a historia natural, que parece haver-se formado principalmente o seu espirito. Impõe-se esta ultima inducção a quem observe de que terminologia rica e segura elle dispõe para falar com peculiaridade dos objectos e dos phenomenos de que trata nos seus quadros da natureza.

Das qualidade organicas que o levaram a esse duplo convivio acima indicado resulta o ter podido ser muito mais do que um simples autor de chromos, mas um pintor de grandes telas, e um artista de pensamento, de atmosphera na alma, — são, de certo, na sua linha geral, até feliz, si por felicidade se entende alegria de viver, força de conformação, coragem e esperança, — mas com a gravidade propria do homem, sem os traços caracteristicos de quem não veiu para coisa nenhuma nesta vida, do typo commum e banal.

Quem conhece, por exemplo, *Tenebras* nos *Sonetos e Poemas*, *Recondito*, nos *Versos e Rimas*, e agora neste livro *Tempestade, Longe... mais longe ainda!...*, tem visto o poeta tambem por seus lados sombrios, temlhe sondado as intimas torturas um tanto e não póde deixar de amal-o no soffrimento, laço que liga tão intimamente as almas aqui na terra, brado pelo qual conhece um homem si é com outro homem que na realidade se encontra.

Alberto de Oliveira é um poeta antes de tudo representante de sua raça, prezando a lingua como os que mais a tenham prezado, e honesto na sua arte, vivendo para ella como para um ideal, enthusiasta da natureza, adorador da mulher, compassivo e meigo, da bôa raça dos Camões das *Eglogas e Sonetos*, dos Sás de Miranda, dos Bernardins Ribeiro, dos Rodrigues Lobo, dos Basilios da Gama, dos Porto Alegres, um tanto dos Fagundes Varellas, pelo que haja em si de espontaneo e de romantico.

1906.

"Treva", por Coelho Netto

Coelho Netto é um grande *virtuose* da prosa. Não conheço na literatura brazileira outro que lhe seja superior na faculdade da expressão.

Seu cerebro é como um excellente *kodack*: por onde elle passa os olhos, váe automaticamente tomando *clichés* que lhe ficam para sempre, nitidos e fixos, como platinotypias, na memoria.

Desde a adolescencia que reside habitualmente no Rio de Janeiro; no entanto, vê-se de seus livros que a vida nacional não tem segredos para elle. Conhece o sertão e a alma do sertanejo como conhecerá Botafogo, mais a fauna literata e politica da rua do Ouvidor.

Com os quadros retem admiravelmente a nomenclatura das coisas, a linguagem dos homens; si houve opportunidade, até mesmo o *folk-lore* da região.

Ainda mais. Não registra excellentemente só o que viu, mas, como si tivesse visto, o que apenas foi lido, não só no que se refere á paisagem em si, mas tambem á atmosphera, á caracteristica secreta do local, e aos costumes mais o modo de ser interior de outras terras e de outras gentes.

Vê-se isso mais uma vez no primeiro conto, *Bom Jesus da Matta*, de *Treva*, seu 50° volume publicado outro dia. O capitulo inicial, bem longo, representa-nos a vida de um rapaz estudante em Coimbra, e á coimbrã, um brazileiro, filho de portuguez, que os pais mandam

para o centro classico da prestigiosa vadiação e bilontragem reinól.

São paginas que Eça de Queiroz não faria melhor. Parece até sentir-se vibrar a alma do espiritual e ironico povoano naquelles nemorosos estudos peninsulares, porque elles são feitos á sua maneira, pantheista e diabolica a um tempo, com o seu desenho forte e as meias tintas melindrosas que tão esmeradamente espatulava.

Ao par dessas qualidades, uma facil e brilhante invenção, que não se fatiga nunca.

Si se trata de uma coisa de nónada, que pede duas palavras apenas, bem achadas, mas leves, ás vezes mesmo até levianas, si não esturdias, ahi vem as duas palavras representando a mais feliz e pertinente expressão.

Quando o objecto é de mais vulto e não deve ir sem uma pagina, porem essa bem trabalhada, afinal não dizendo muito, mas de modo que pela sua sonoridade e seu brilho offusque a vista e adormente os espiritos, confundindo-se com uma apotheose, ninguem melhor do que Caliban poderá realisar esse milagre de chronica.

Si já se trata, no entanto, de dar a um determinado assumpto desenvolvimento maior, as proporções de um conto, de uma conferencia, de uma scena theatral, ou já de uma novella, até de um romance, de um drama, parece que foi para esses trabalhos de mais responsabilidade, que demandam afinal outro pulso, e são a prova real do valor de um talento, que Coelho Netto justamente nasceu.

Não cessa de produzir. Na edade em que outros começam a assentar propriamente a penna, elle já publicou uma bibliotheca, conseguindo bater o *record* desse ponto de vista, creio eu que não só em relação aos seus contemporaneos como a todos os demais representantes da literatura brazileira.

Diz-se que são as duras circumstancias de quem entre nós só vive da penna que o levam a isso, que elle é obrigado a não tomar folego, sendo-lhe ás vezes mesmo impossivel bem acabar o que faz.

Trabalhos seus conheço que indicam essa lastimavel urgencia; vê-se que fôram mais ou menos precipitadamente planejados ou que houve certo atropello na execução, quando não sejam as duas coisas ao mesmo tempo.

Mas ainda assim, Coelho Netto, pelo menos em coisas que assigne, jámais cahiu na fancaria propriamente dita, que, como se sabe, é caracterisada pela falta de toda e qualquer nobreza de intenção intellectual da parte de um autor.

Parece que não está nelle tornar-se réo de tal delicto. Julgo que seu cerebro já é uma machina automatica de fazer literatura distincta; por mais que quizesse, parece que nunca poderia chegar a competir, na imprensa, com João Phoca ou a ser o nosso Montepin.

Embora sempre dentro desses limites, a obra de Coelho Netto é, entretanto, muito desegual. Seu talento representa um veio dagua perenne, mas que nem sempre encachoeira poderosamente.

Nenhuma obra assignada de seu punho conheço que deixe de offerecer um encanto qualquer; esse encanto, porem, ás vezes, é insufficiente para se tornar predominante no conjunto das impressões.

Ora acontece que o livro, escripto com observação e cheio de movimento, livro sério nas suas intenções, descamba, no entanto, do seu plano, estragado do meio para o fim por uma dissolvente, compromettedora galhofa, que desmoralisa a acção do romance, tirando solidez aos personagens, dando a tudo certo ar de comedia. Tive essa impressão, quando, ha muito tempo, li *A Conquista*, em folhetim de jornal.

Outras vezes, nomeadamente em obras suas de thea-

tro, falseia-se-lhe a força para executar a obra á altura do plano, ás vezes muito lindo, de modo que os symbolicos personagens ideados meros symbolos ficam, sem a humanidade necessaria para produzirem atmosphera, para nos darem a illusão da vida.

A sua facil impressionabilidade e excepcional retentiva, não só para o que vê com os seus olhos, mas tambem para o que tenha podido apprehender apenas através da arte de um escriptor amado, completa-lhe, eu já o disse, o seu poder de evocação. Mas porisso mesmo taes paginas, como é bem o caso desse primeiro capitulo do *Bom Jesus da Matta*, produzem a impressão que causam as imitações em geral, impressão mais fraca, secundaria, de natureza.

Si não fossem esses senões e os que se devam attribuir ao atropello do trabalho, Coelho Netto seria um Briaréo em nossas letras. Sua obra, elevada a um plano de seriedade e intensidade seguras, sustentando um estylo sempre inequivocamente proprio, e feita com tempo indispensavel para ser bem planejada em todas as suas partes, depois sufficientemente emendada e polida, seria a obra, não tem duvida, do mais poderoso escriptor nacional.

Como está, representa o grande esforço de um fertilissimo poeta da prosa, sempre estimavel e, ás vezes, na verdade sorprehendente.

Elle ainda é um moço hoje em dia; ninguem sabe como será o seu *facies* definitivo. Porque a obra deste intrepido sonhador, apezar da linha sinuosa que descreve, váe em real, promissora ascendencia ainda. A prova disso encontra-se neste seu ultimo volume.

O que se chama a idéa principal, o motivo de creação do primeiro, na série, e mais longo dos trabalhos que se contêm neste livro, é uma idéa muito feliz.

Apenas a mim me parece que o autor não planejou do melhor modo que convinha. Deu excessivo desenvolvimento á descripção dos factos circumstanciaes, pelo

menos em desproporção com a parte em que entra no que se póde chamar o assumpto propriamente dito.

Bom Jesus da Matta, que é como se intitula este conto, toma cento e vinte e oito paginas do livro, mas só da oitenta e oito em deante, isto é, apenas nas quarenta restantes, é que elle nos fala do que havia de principal a referir. Desse modo, quando chega o desfecho, tem-se a sensação de que elle foi precipitado.

Alem disso, a primeira parte, a das scenas passadas em Coimbra, ou nos seus arredores, é escripta num estylo tão differente daquelle que vamos conhecer depois no muito restante do trabalho, que não se póde dar perfeita juncção entre ella e as que se lhe seguem. Tem-se a illusão de que se trata de duas coisas distinctas mal soldadas agóra numa só. Commigo, pelo menos, assim se deu.

Dahi por deante, porem, tudo o mais que se encontra neste volume está executado com rara felicidade.

Sinto não poder, dentro dos limites de uma simples noticia, que é do que estas paginas devem ter o despretencioso caracter, falar mais largamente do livro, para referir-me, nem que fôsse de passagem, a cada um desses trabalhos.

Em todo caso não posso calar a minha admiração principalmente pelos dois ultimos da série, *Assombramento* e *Fertilidade.*

Paginas mais emocionaes, de melhor observação e mais bem feitas do que essas de *Assombramento,* eu não conheço. Não sei quem possa ler sem que se lhe marejem os olhos aquella historia pungente inspirada, sinão na chronica da escravidão, ao menos nas possibilidades tragicas que ella ainda ha pouco offerecia em nossa terra. Em tudo e por tudo, o trabalho nos deixa uma forte impressão.

No entanto, si acima do melhor ainda ha um gráo, para meu gosto superior a este é o trabalho seguinte,

Fertilidade, com que fecha o volume. A creação do velho Matheus, tão difficil e tão bella, faz-nos lembrar de Balzac. Quem é capaz de produzir paginas como estas, ganha o direito de ser candidato a grande homem.

Eu quero acreditar que Coelho Netto está no numero daquelles que quanto mais vivem melhor amadurecem no que tragam de mais transcendental.

Assim se dá frequentemente com os typos cuja existencia é representada por gestos e obras incessantes. Pouco tempo lhes sobra nessa perenne exteriorisação em que andam para attentar ao que se chama a vida interior. Antes procuram na atmosphera das idéas e sentimentos correntes da epocha elementos para suas obras do que se resolvem a consultar-se demoradamente, sériamente a si proprios.

Só com o decorrer dos annos, quando a vida teve tempo de sitial-os em regra até fazel-os render-se a ella, e emfim dignarem-se a encaral-a e vel-a sob seus traços reaes, só ahi é que elles se completam, que se fórmam homens no sentido mais alto da palavra e attingem a méta a que antes em vão aspiravam.

1906.

"Reliquias de casa velha", por Machado de Assis

Não ha autor brazileiro contemporaneo que mais do que o Sr. Machado de Assis goze da estima e do apreço geraes dos nossos homens de letras. Junta-se hoje a esses sentimentos o da veneração que se lhe deve pelos honestos e trabalhados annos que já lhe pesam aos hombros.

Esse prestigio vem de longe. Desde o começo de sua carreira literaria que o Sr. Machado de Assis sempre foi dos mais bem aceitos; seu nome, uma vez lançado, ainda não soffreu nem mesmo um eclipse.

De certo tempo por deante, elle ganhou a autoridade de um companheiro mais velho entre aquelles que já o encontraram trabalhando, vindo de outra geração, em que a morte e as vicissitudes fôram abrindo claros de fazer calafrios a outros que não tivessem a sua constancia, pertinacia e calma. "Companheiro mais velho" seria elle quem dissesse; os outros entenderam reconhecel-o como mestre, como chefe.

Desde ahi que o Sr. Machado se fixou nessa situação, ganha naturalmente, sem artificio ou violencia alguma, e essa a razão pela qual ninguem, dentre o circulo predilecto, que tem sido sempre a gente mais bem collocada nas letras e no jornalismo, lembrou-se em qualquer tempo de dissentir dos outros neste particular.

E' preciso conhecel-o um pouco de perto, ver como

elle é antes de tudo carinhoso e cheio de interesse para com os seus amigos, como tem desenvolvidos os sentimentos de affecto e de apreço, para achar as razões sentimentaes dessas coisas, que nunca são conquistadas exclusivamente por superioridade intellectual. Ser superior nunca foi razão bastante para um homem se fazer amar.

De qualquer modo, o que é evidente é o facto da conformidade geral a esse sentimento de estima e de apreço, em que vae tanto de admiração pelo mestre no mundo das letras. Não ha quem lhe negue valor hoje em dia e a muitos esse valor parece grande e raro: uns o sentem, outros vão nessa fé.

Entre estes ultimos, já não se encontram literatos sómente: está com elles uma boa parte do nosso publico.

Felizmente já passou a ser de bom tom, hoje em dia, ler ou dizer ter lido alguns dos nossos autores; abrem-se os seus volumes mesmo no bonde. Si é um livro que acaba de ser posto á venda, cujas primeiras paginas se vão cortando para satisfazer a ancia da curiosidade, ainda mais chic.

No numero desses bem aceitos, e em primeira plana, figura o Sr. Machado de Assis. Ninguem mais vae dizer que não gosta delle como escriptor. Note-se, principalmente delle, tanto mais quando se esteja em rodas reputadas as mais finas do ponto de vista intellectual.

Na minha opinião, foi um resultado feliz esse a que se chegou relativamente ao nosso infatigavel e digno patricio. Elle merece de todo ponto a distincção alcançada.

Mas, por outro lado, o certo é que não é grande a parte do publico que saiba perfeitamente por que assim o distingue. São poucos os que sentem a obra delle de um modo integral.

Culpa do publico ou defeito do autor? Uma coisa e outra, no meu entender.

O Sr. Machado de Assis é um psychologo antes do mais; é como estudo da alma humana que a sua obra não tem par entre nós, principalmente por ser a mais consideravel. No conto e no romance, um ou outro notavel talento desse genero tem-se estreado; ficaram, porem, na estréa, ou pouco mais, até aqui.

Mas o psychologo não póde evitar impunemente certos tropeços. Pertença a que raça ou a que sociedade pertencer, nem sempre encontrará na palheta côres lisongeiras para dar conta honestamente de certos aspectos dessa sociedade ou dessa raça; ao contrario, os seus quadros não hão de ter sombra.

Mais do que isso. Nos estudos que emprehenda, elle não póde evitar que lhe escape uma impressão ou outra muito flagrante de caracteres contemporaneos, principalmente daquelles que lhe foi dado conhecer por convivencia reiterada.

Dahi, a impossibilidade de atravessar a vida sem qualquer choque mais ou menos rude entre elle e o seu meio, de modo geral e mesmo particularmente com um ou outro individuo.

Por conseguinte, si projecta fazer uma obra claramente e patentemente fiel e que desperte vivo e constante interesse até o enthusiasmo, — como aconteceu ao Eça, para falar de um autor conhecido por todos, — precisa dispor de certa bravura.

Ora, é o que não acontece com o Sr. Machado de Assis, pelo menos de certo ponto de vista. Paginas ha na sua obra que para serem encontradas pedem uma intrepidez bem pouco commum de alma; ellas só se proporcionam áquelles que sobem a uma certa altura na dôr; demandam o que se chama heroicidade intellectual.

Esta, porem, passa geralmente despercebida aos olhos do mundo. A outra, mais caracteristicamente moral, de mais effeito, e isso talvez porque importe em ris-

cos mais immediatos, como eu digo, não está nas cordas do nosso illustre escriptor. Elle sempre fugiu a essas lutas de corpo a corpo.

Talvez devido a isso é que nos tenha dado uma obra. O meio em que agimos, como já disse o Sr. José Verissimo, fazendo justamente, em outros termos, estas observações, é ainda hoje muito limitado; o escriptor acha-se aqui, por emquanto, num grande desamparo, para arriscar caminho por tão asperos trilhos.

Não é culpa do sabio realisar apenas o possivel. Para isso, ahi está a historia dos lamentaveis naufragios de uns quantos que pretenderam passar alem do Adamastor que a epoca lhes antepunha. Si ha culpa, pois, ella deve ser antes attribuida á atmosphera em que temos fatalmente de nos desenvolver.

A obra do Sr. Machado de Assis, de *Braz Cubas* pára cá, é em bôa parte uma série de curiosas allegorias. Este genero permitte trabalho mais desafogado, embora exigindo maior força de imaginação. Mas é de si annuveado e instavel. Facilmente escapa ao alcance commum; ha coisas que nem mesmo os mais argutos podem estar certos de haver bem interpretado.

Alem disso, a par da discreta concepção que o Sr. Machado de Assis adoptou, foi-se desenvolvendo nelle, de modo muito logico, aliás, um gosto crescente pela discreção e aristocracia da fórma. Os faceis recursos emocionaes de que se utilisa o commum dos autores de obras de ficção, vieram merecendo-lhe de cada vez mais decidido desdem.

A principio, foi francamente no *humour* inglez que elle procurou envolver os motivos sentimentaes de suas creações. Mas desse contraste, representado por um sorriso que chora ou por um pranto que sorri, que é o proprio da maneira dos Swifts, dos Trackerays, resulta um certo effeito ainda um pouco estardalhante, que as

naturezas delicadas acabam tambem, ás vezes, por achar de máo gosto.

No seu ultimo romance, *Esaú e Jacob*, e agora em alguns contos das *Reliquias de Casa Velha*, livro que me fez escrever estas linhas, o Sr. Machado nem mais *humour* propriamente ostenta.

Naquelle primeiro livro, elle compõe um drama inteiro sem chorar, sem quasi sorrir. Põe toda a força no motivo de dôr que nos dá; mas, feito isto, fala-nos, já não guardando apenas compostura, mas como si nos quizesse poupar até por completo, si possivel, ao forte choque que sentiriamos inevitavelmente contadas as coisas sem nenhuma contemplação.

Dir-se-ia um processo antes nipponico, pelo que nos conta o Sr. Oliveira Lima dessa admiravel gente japoneza, que chega ao absurdo de "communicar-nos com o sorriso nos labios uma desgraça fatal ou referir-se com quasi hilaridade á doença de um amigo para não melindrar a corrente ou disposição dos sentimentos alheios."

Não fosse o tom geral em que é construido o livro, tom de que se reflecte sempre uma leve ironia, ora no fundo amarga, cruel, ora inoffensiva, continuando a ser ironia apenas por uma questão de habito, de feitio; não fosse isso e bem poucos viriam sufficientemente prevenidos para não soffrerem uma decepção final e deixarem de acreditar que o autor não fizera mais do que estragar um bom assumpto.

Das superioridades que se encontram na obra do Sr. Machado de Assis, o que se torna geralmente mais sensivel é a boa lingua, a que todos se apegam para justificar a admiração em que dizem que o tem.

Ainda nesse particular, seria curioso estudal-o; ao menos indicar a interessante alchimia da sua fórma. Ella não é propriamente velha; propriamente nova tambem não é; não tem duvida que é boa, mas nem sempre

o que se póde chamar rigorosamente correcta do ponto vista lusitano, vindo como vem cheia de modismos brazileiros, registrando melindrosamente os nossos ques, reflectindo, maleavel, a nossa blandicia tropical.

Mas o que eu tenho principalmente a dizer é que a boa lingua nunca salvou, por si só, um escriptor. Apontar exclusivamente esse attributo como caracteristica de um homem de letras, é implicitamente negal-o ou desconhecel-o.

Seja como fôr, o Sr. Machado de Assis, com os elementos que os tempos lhe vieram proporcionando pôde fazer uma obra, de que este ultimo volume, as *Reliquias de Casa Velha,* representa boa confirmação.

Ha nelle trabalhos de primeira ordem. A minha predilecção é por estes tres contos: *Pae contra mãe, Maria Cora, A anecdota do cabriolet,* todos feitos á maneira de *Esaú e Jacob.*

Principalmente *Maria Cora.* E' um largo e formoso trabalho, de arguta e boa psychologia, muito humano, e, no fundo, muito sympathico, muito emocional.

Alem destes e de outros contos, ha no volume alguns ensaios criticos, de que me agradou bastante aquelle sobre as *Scenas da vida Amazonia,* do Sr. José Verissimo.

Fecha o livro com duas comedias, *Não consultes medicos, Lição de Botanica,* que parece terem sido feitas principalmente para salão e com o fim de agradar mais as moças, acabando uma e outra em casamento.

1906.

"As Religiões no Rio", por João do Rio

(Paulo Barreto).

Acaba de ser editada em livro na casa Garnier a série de artigos subordinada a este titulo, serie que o anno passado Paulo Barreto publicou na *Gazeta de Noticias* sob o pseudonymo de João do Rio. Depois reuniu-os numa edição ligeira, das proprias officinas da *Gazeta*, e em poucos dias teve-a inteiramente esgotada.

Foi tal o successo, que o moço escriptor passou a ser muito mais conhecido pelo pseudonymo que adoptára do que pelo seu proprio nome, com que, no entanto, havia subscripto quasi que todos os primeiros ensaios anteriores, esparsos em differentes jornaes.

Essa representa uma das maiores novidades literarias que decorreram emquanto estive ausente daqui. Quando voltei, quiz ler o livro, mas nem mesmo o autor pôde proporcionar-me a satisfação desse desejo: não tinha e não sabia onde se fosse procurar um exemplar.

De modo que só agora, nesta edição, felizmente, que é melhor e mais importante, é que pude ler *As religiões no Rio*.

Vejo que era de todo ponto merecido esse triumphó que a obra alcançou. Como producto de reportagem, que, na verdade, caracteristicamente é o que ella é, representa uma obra prima, principalmente comparada com o que no genero se tem produzido aqui.

Conhecemos alguns — muito poucos — inqueritos de imprensa feitos no Rio, mas a todos lhes falta, sinão tão boa e abundante informação, pelo menos o encanto que tem este na fórma, o interesse que por toda a parte, em todas as camadas da nossa sociedade, desperta devido á natureza do assumpto.

João do Rio não é um reporter que tivesse chegado á sua profissão pelos caminhos ordinarios que levam os homens a um officio: nem a encarou como um ideal, nem lh'a impuzeram as necessidades materiaes da vida. Elle foi ao seu encontro como um principe europeu ao de uma *yankee,* bonita, mas, pelo menos no momento, sem grandes rendas.

Procurou-a, não porque lhe fosse indispensavel tirar della meio de vida propriamente, e sim para que, com as suas exigencias e os seus privilegios, a profissão lhe permittisse viver como rapaz do seu tempo, — intensamente, mas com espirito, — dando á vida todas as apparencias de um *sport,* que se adora, mas a que só por máo gosto se ligaria importancia descommunal.

Antes de propor-se a *fazer cosinha* nas folhas, elle adquirira elementos necessarios para formar-se escriptor. Só a falta de edade é que até ali não lhe permittira utilisal-os victoriosamente perante o consenso de todo um publico; muito antes, porem, de 1905 quem era do officio vinha acompanhando com muita curiosidade o caminhar meio ás tontas, mas ainda assim vigoroso e sobretudo resoluto, embora não já sem certa politica, certa habilidade, do adolescente que era Paulo Barreto por essa epoca.

Decidindo-se dentro em pouco, e com tanta firmeza, a tomar um determinado caminho, Paulo vinha confirmar logo o asserto de todos aquelles que nelle tinham vislumbrado alguem.

Principalmente visto a maneira *activa,* que porisso

mesmo tinha de ser necessariamente original, por que entendeu fixar-se no terreno escolhido.

Eu esclareço.

E' phenomeno commum entre os fracos, depois das primeiras lutas por um ideal superior, desilludirem-se, e enveredarem *passivamente*, com necessidade do ganha-pão ou de se fazerem classificar na vida, por uma carreira qualquer.

Esta de reporter e mesmo a de jornalista, sendo carreiras literarias e de exhibição, por natureza, não fogem, no entanto, á regra; antes, entram descompassadamente nelle. Em geral, abraçam-nas os desclassificados, e entre estes, em boa parte, os inclassificaveis, por inaptidão ou por fraqueza.

Uns apparecem tão ingenuos que julgam tomar desse modo caminho para o ideal com que sonham. Esses são os jovens poetas, as celebridades em casca, como se julgam. Ignoram que não pode haver duas coisas mais perfeitamente incompativeis do que a vida de que necessita um contemplativo e esta que tem de ser a do Argos moderno, vida essencialmente objectivista, toda votada ao momento, até o fanatismo, até a obsessão.

Outros já vem tão descrentes que, si procuram este meio de vida, é porque resolvem a não mais aspirar a nada; antes de entrarem para o officio já mataram todas as forças vivas que os impediriam de ser lá dentro tão lerdos e obtusos como um amanuense na repartição; vivendo assim á beira da celebridade, em parte alguma estariam mais garantidos contra ella do que ali. Cavam buracos nas suas margens como o caranguejo á beira da praia.

E' claro que de vez em quando um iniciado ou outro apparece que escapa á regra geral: são os que representam as verdadeiras organisações para o caso, intelligencias claras, até mesmo acontece que brilhantes, e, junto disto, praticas, que trazem appetite e necessidade de predominio.

Paulo Barreto nem no numero destes ultimos está, pelos menos até agora. Por emquanto, seu programma consiste em participar da vida na profissão que aceitou pela fórma mais intellectual e mais brilhante, embora um tanto ou quanto pratica, que essa profissão lhe permittir.

Foi dahi que nasceu este volume das *Religiões no Rio;* é dahi que tem nascido as outras séries vindas depois e, com ellas, a conferencia que ha poucos mezes produziu no Instituto de Muzica, e que é a sua segunda obra prima, comparativamente com os outros trabalhos que se lhe devem.

Seria exagerar escrever-se que esta série de artigos, agora vindos a publico numa edição mais condigna, é de uma perfeição ideal.

Ella resente-se dos defeitos proprios dos trabalhos deste genero, feitos sempre mais ou menos sobre a perna, e dos que se devem attribuir ao estado de formação a que ainda Paulo Barreto, tão moço, não podia fugir.

Comprehende-se que este ou aquelle adjectivo menos bem achados, esta ou aquella expressão um tanto erroneas ou viciosas, um ou outro termo peregrino perfeitamente dispensavel, não viriam ali, si o tempo em que o trabalho foi feito permittisse reflexão e rasuras.

João do Rio procura ser um escriptor elegante e de bom gosto, portanto essencialmente um hodierno, porque não se póde ter aquellas qualidades sem ser isto, elegancia e bom gosto querendo dizer intelligente, fina conformação com o momento.

Elle andou visitando os centros de religião no Rio com um espirito de independente sympathia perfeitamente mundano.

Achou que a cidade carioca estava minada de religião e mandinga, como, por exemplo, Moscow de dynamite, e Paris de prostituição mais ou menos elegante. Verificou o caso e ficou sorrindo despreoccupadamente

como si isso nada quizesse dizer. Não é tanto porque no seu intimo não seja capaz de impressionar-se com factos dessa ordem; mas porque estava inteiramente fóra de seu papel revelar tal impressão.

Ninguem poderá deixar de dizer que está certo. Si elle não fosse um poucachito exagerado a cada passo na nota dessa sua elegante neutralidade, de modo a revelar-nos que mais se preoccupa com a imagem que dará de si aos leitores do que com os factos que lhes está contando, o livro, de certo ponto de vista, seria perfeito.

Tambem ha paginas nelle em que somos obrigados a reconhecer fabulação flagrante, o que não é do programma, como, para citar um exemplo só, aquellas da Missa Negra, em que a entrada, por maldade literaria, — no fundo simples graça inoffensiva, — do literato satanista Carolino (allusão muito transparente) vem destruir por completo a dóse de bôa fé com que se tivesse principiado a ler o capitulo. Mas si os creditos do reporter soffrem aqui um inevitavel desconto, sobem os do intellectual que ha nelle. Implica não pouca imaginação e bastante sentimento de medida a factura destas paginas, que era na verdade difficil.

Como se vê, são todos defeitos estes perfeitamente corrigiveis. Com o tempo, Paulo Barreto adquirirá uma linha definitiva e simples, por complexa que seja a sua natureza, embora já no conjunto elle tenha feição inteiramente propria, modos de ver que sentimos serem organicamente seus, mostrando, portanto, o que se chama com propriedade talento.

Quem olhar bem attentamente para estas paginas das *Religiões no Rio* observará: no fundo daquelle espirito, que a todo transe se quer fazer absolutamente mundano, despreoccupado, amoral, e até mesmo um tanto ou quanto irreverente, ha os *disjecti membra* de um homem de principios e até, de modo mais vago ainda, os de um individuo capaz de ter uma crença.

João do Rio não pôde conter de todo a sua repulsa quando nos fala das praticas nauseantes e grotescas da feitiçaria africana e da exploração sem vergonha, muitas vezes criminosa, dos espiritas falsificados. Tambem é facil observar o secreto constrangimento com que ironisa os positivistas, para não abrir excepção de máo gosto, e, principalmente, o seu respeito intimo pelo veneravel Sr. Teixeira Mendes, a quem nem siquer tem a simples audacia de solicitar um *interview* directo.

Notem-se estas coisas para seu maior elogio, e que ellas indiquem o que aquelles que o estimam e admiram ainda esperam do seu robusto talento.

Com o correr dos dias, Paulo Barreto achará meio de conciliar todos as suas legitimas tendencias, de modo a ser sempre um escriptor de bom gosto, que acompanhe a linha do seu tempo, mas reconhecendo poder fazel-o sem que lhe seja necessario olhar para as coisas exclusivamente pelo seu lado exterior, verificando que, com alguma arte, e pelo menos até certo ponto, poderá tambem olhar para o que haja nellas de intimo, de fundamental e de serio: olhar e dizel-o.

1906.

"Livro das Damas e Donzellas", por D. Julia Lopes de Almeida

As qualidades de que a bem distincta e muito conhecida escriptora dá prova neste livro são no fundo quasi que inteiramente as de um autor objectivista, — de quem tivesse de fazer uma comedia, um romance ou uma série de contos. O ideal da Sra. D. Julia Lopes neste livro foi ser sufficientemente habil escriptora para dar ás donas e donzellas que a lessem a impressão de que estas paginas não provinham de um profissional em fazer livros, orgulhoso de seu talento, mas sim de uma senhora como ellas, sem pretenção a differenças, quanto mais a superioridades em cousa alguma.

A obra dá-nos a impressão de que acompanhamos uma série de scenas de familia num lar sympathico e digno.

A casa é bem localisada, — está-se vendo, — e eis ahi o seu primeiro encanto. Branqueja, talvez, na falda de um dos nossos mais bellos morros cariocas, o qual alem disso offerece a vantagem de um ponto de vista soberbamente feliz.

Não se trata de uma moradia de ricos; em todo caso, póde-se ver o interior della. Não ha aceio sómente, aqui, já ha conforto, e até mesmo um poucachito de luxo, que não quer dizer grandezas nem pretenções a ellas, mas uma mediania já bem aceitavel,

e a modesta, não obstante real felicidade que lhe póde ser correspondente.

A sala de visitas, a de jantar e o jardim ficam sendo muito nossos conhecidos. Não é que a autora nos conte siquer onde reside, quanto mais que nos descreva sua casa directa ou indirectamente, em determinada pagina ou mesmo fragmentariamente, neste livro. Os dados que a tal respeito colhemos nos vem simplesmente por indicação dos objectos que a escriptora toma por thema, das opiniões que ella emitte a proposito deses objectos, das cartas que redige em nome de outras, das predilecções que tacita ou explicitamente confessa por isto ou por aquillo.

Quando já em meio do livro, não ha quem não veja com que elegante despretenção, a qual não contradiz, antes faz suppôr certo tacto artistico, está arranjado este salão, que bonitas paisagens e marinhas elle tem, ainda mais com a qualidade de serem todas trabalhos do paiz, excepto aquelle forte Bordallo e aquelle Alberto Pinto tão interessante. São bem bons os poucos bronzes que aqui se encontram, uns em dignas columnas, correspondentes ao seu vulto e valor, outros, pequenitates, descançando sobre os *porte-bibelots*, que por signal não se acham excessivamente sobrecarregados, livres como se vem das bugigangas com que tanta gente por ahi, julgando alindal-os, torna-os ridiculos.

Seria imperdoavel que não houvesse musica neste salão, pelo menos uma vez ou duas na semana, porque este leve perfume que paira na sua atmosphera e o encanto da agrupação artistica de que falámos ficariam como que desirmanados sem este outro elemento, que em geral por toda parte os acompanha.

Mas o piano e a estante cheia que ahi estão tão visiveis, tiram-nos qualquer duvida a esse respeito. Alguem que passou os olhos rapidamente pelo que ha na estante, reteve algumas palavras das que leu: *Saldunes*,

Schiavo, Requiem, (e por cima desta ultima o nome de José Mauricio,) — musicas que não hão de ter o merito transcendatal das de um Wagner, de um Bach, mas que são lindas, que tambem, como quasi todas as pinturas, são nossas.

Na sala de jantar, alem de umas valiosas naturezas-mortas e duas singulares paisagens a sépia, é de ver o conjunto do decente e bem cuidado mobiliario, a jarra artistica transbordando de flôres no centro da mesa, os vasos que enfeitam o *etagère,* e a ordem de bom gosto em que tudo se acha. Mas alem disso repare-se naquelle curioso *chemin-de-table,* feito exquisitamente de arame, bordado, em alto relevo, de rodanthes, orchidéas solferinas, crysathemos e margaridas, flores estas todas naturaes. Repare-se nelle e mais naquelles outros trabalhos, uns de agulha, como o da almofada corrediça da cadeira de balanço, e o daquelles panninhos de mesa que ali estão agóra por acaso, outros mais complexos, como o distincto porta-jornaes que temos em frente, todos, porem, caracteristicamente femininos, indicadores de que anima este lar uma alma intelligente e vivaz.

Si sahirmos ao jardim, vae-se-nos deparar um lindo e delicioso refugio, indispensavel nestes climas dos tropicos, mas cuja vegetação distincta, civilisada, seria um traço revelador de quem soube andal-a combinando e se desvela por conserval-a, si no interior da casa não tivessemos encontrado tantas indicações, de eloquencia pelo menos equivalente.

Conhecida a habitação e quem mora nella, não é muito difficil adivinhar quem a frequenta, tanto mais que o livro nos dá conta das conversações preferidas.

Excepto alguns homens amigos da familia, na maior parte são damas, donzellas e creanças, gente da nossa boa sociedade, que ahi havemos de encontrar, falando com a dona da casa sobre varios e ás vezes bem interessantes assumptos. Dá-se que esta senhora costu-

ma ler mais do que a maior parte das outras aqui, e que ella viajou um tanto: foi até onde são as ruinas de Pompeia, demorou-se em Portugal. Juntando a isso natural intelligencia e bastante imaginação, sem querer ás vezes fala mais do que as outras, que tem muito prazer em escutal-a.

Em todo caso, sendo gente de boa sociedade a que ali váe, não são os aristocratas, do ponto de vista de titulos e dinheiro, e que fazem estação na Europa quasi todos os annos, exilando-se em Petropolis quando voltam, para falar saudosamente da civilisação com outros que os entendam. Esta é gente mais modesta um tanto, mais brazileira em seus gostos e de uma vida não assim tão pouco trabalhosa. A's vezes, apenas menos ignorantes e até de outro alcance de idéas do que um cosmopolita ou *globe-trotter* entediado e vasio.

Eu, pelo menos, como que tive a illusão de estar vendo todas essas cousas com a simples leitura deste livro leve, intelligente e casto, o que quer dizer que, na minha opinião, a autora consegiu os fins que tinha em vista ao fazel-o. Não perde nada, antes geralmente lucrará alguma coisa a moça ou a senhora que procure e leia estas paginas, para ellas especialmente compostas.

Noto apenas: com o cuidado visivel que põe a Sra. D. Julia Lopes em escrever correctamente, acontece um pouco ao seu estylo o que se dá com a calligraphia das senhoras em geral, das professoras antes de tudo, as quaes para não sahirem dos preceitos tornam sua letra mais ou menos incaracteristica.

Não tem muito modo brazileiro no escrever, a nossa notavel autora; si se affirma qualquer peculiaridade na construcção dos seus periodos, essa parece antes mais de feição lusitana.

"Outros Estudos de Litteratura Contemporanea", por Sylvio Romero

A obra do Sr. Sylvio Romero, nas linhas geraes que offerece, sendo de critica, em sua grande parte, é por um lado obra de negação, até mesmo de demolição, mas por outro tem um largo caracter constructor, como nenhuma sua congenere logrou possuir até agora entre nós. Para attestal-o basta simplesmente a sua *Historia da Literatura Brazileira*, — o pantheon mais completo já erigido em honra da nossa vida intellectual, desde que começamos a registrar emoções e a balbuciar idéas neste outro lado do mundo.

Outra razão da preeminencia dessa obra no terreno que lhe é proprio está na sanidade da sua constituição organica.

Nenhuma outra, de vulto, em nossas letras, caracterisa-se pelo vigor no combate, que ella revela, e pela franqueza das attitudes que implica.

Haverá erros, desvios inconscientes, mas não ha refolhos nem contemplações, no que respeita a coisas essenciaes, ali. Si existe um homem que tenha dito tudo quanto sente de mal, que haja denunciado quanto lhe pareça ser erro ou simples exagero, em relação aos homens, ás coisas e ás idéas, no seu paiz, esse é por certo o Sr. Sylvio Romero.

Mas o motivo pelo qual, apezar disso, o illustre es-

criptor goza de legitima sympathia entre nós, está em que, no fundo, elle é um dos espiritos mais confortativos que a epoca offerece, porque é dos poucos que desabafam o que sentem de oppressivo para continuarem a gozar da alegria de viver, a serem confiantes, a serem crentes.

O caso geral é justamente o contrario: os de temperamento são, entre nós, de ordinario não passam de uns accommodaticios e os que vivem em clamores e queixas são quasi sempre naturezas perdidas do paludismo chronico que atormenta o espirito nacional.

A obra do eminente critico é, pelo contrario, de invariavel optimismo no intimo, de segura confiança nos destinos do povo que somos, embora corrigidos esses sentimentos exalçantes pela noção da nossa relatividade, das nossas verdadeiras condições de todos os pontos de vista, tanto quanto a sciencia, desde a geographia e a geologia até o estudo das sociedades humanas, póde determinar no presente e mais ou menos entrever no futuro.

A differença que existe entre o espirito de optimismo dos que pensam com o Sr. Sylvio Romero hoje em dia e o dos panegyristas do segundo reinado, — com elle extinctos na sua quasi totalidade, — está apenas nesse ponto.

Hoje não queremos viver na illusão com que elles se alimentaram e entretiveram o paiz, tornando-o balofamente orgulhoso de si.

E' preciso que todos o comprehendam: as riquezas naturaes e ainda menos as prodigiosas bellezas offerecidas não importa por que região são coisas que nunca salvaram os povos da ruina e das invasões por si sós. Onde o homem hoje não trabalhe intelligentemente, e provido dos recursos que a civilisação lhe tem proporcionado, — utensis e capital, — não ha meio de ser forte e apto a resistir na luta. Os povos que dei-

xem de se collocar á altura da epoca estão irremediavelmente perdidos como nações autonomas: é questão de tempo, o invasor ha de bater á porta e ha de entrar.

Por outro lado, porem, não ha motivo para desanimos e descrenças absolutas, que só por si compromettem uma situação. Ninguem tem invectivado mais energicamente do que o Sr. Sylvio Romero, entre nós, a pusilanimidade desses espiritos que vivem perennemente alarmados ,até quasi o terror, com a perspectiva das coisas, desses que nas metamorphoses não vem sinão a morte, pela immobilidade que ellas apparentam, e no renascimento a anarchia, pela agitação e o desordenado que são caracteristicos delle.

Embora não haja figurado no que se deva chamar a propaganda politica antes da Republica, o illustre escriptor pertence ao numero dos que desde logo trabalharam de animo mais aberto, com mais lealdade e desvelo para ver o novo regimen firmado e constituido num verdadeiro instrumento de civilisação.

Alem de que o facto de não ter sido um propagandista politico não o exclúe do numero daquelles cujos nomes se devam indicar parallelamente com os dos que figuram nessa campanha, porque é facil de estabelecer que elle foi dos primeiros que abriram brécha aqui no Rio sobre os novos horizontes, que foi um verdadeiro iniciador, vulgarisando e applicando, quer na philosophia, quer no direito, quer no terreno literario mais propriamente dito.

E' de lembrar, alem disso, a obra de quasi uma década, levada por deante no Recife, ao lado do grande Tobias Barreto e de outros companheiros notaveis, a qual só perdeu de immediata efficacia pela fatalidade da collocação do arraial em que tiveram de agir, distantes como se acharam do centro de que este paiz immediatamente depende.

Não se póde negar, entretanto, que apezar dessa circumstancia o pensamento nacional deve bastante do seu patrimonio presente, da sua cultura, da sua evolução á iniciativa que nos veiu do Norte.

Por todas essas razões, não ha mais quem hoje sériamente o conteste, o Sr. Sylvio Romero constituiu-se um dos chefes intellectuaes do paiz. Elle não escreverá mais uma pagina que desmereça do interesse dos seus compatriotas; todas quantas ainda tenha de elaborar deverão ser o complemento de uma das obras mais consideraveis que um intellectual brazileiro já conseguiu construir.

Estas da sua nova brochura que ora temos presente, *Outros Estudos de Literatura Contemporanea,* representam uma collecção feita de trabalhos diversos, publicados em differentes epocas. Não será a mais interessante, mas é indispensavel na bibliotheca de quantos estudam as coisas nacionaes e principalmente dos que votem a este espirito a sympathia, a admiração e a curiosidade que elle merece e desejem acompanhar suas modalidades na sequencia dos dias e dos factos.

Ha ahi um pouco de tudo: sete trabalhos de critica literaria, entre os quaes avultam *Poesias completas* (*por Machado de Assis*), *Versos, versos e mais versos, O visconde de Taunay* (*o homem de letras*), *A escola literaria do Recife no ultimo quartel do secujo XIX, O momento literario, José do Patrocinio;* uma pagina de historia e diplomacia, *O barão do Rio Branco, historiador e diplomata;* paginas de viagem, representadas por um fragmento da descripção de sua *Viagem á Europa;* critica social e politica: *O problema brazileiro em* 1891; critica philosophica: *Concepção da philosophia, por Samuel de Oliveira, A classificação das sciencias, por Liberato Bittencourt,* etc.

Quem conhece outros escriptos do Sr. Sylvio Romero prevê facilmente que não será neste livro que ha

de vir encontrar os chamados primores de estylo, arroubos de um imaginativo, bysantinismos de construcção, nem siquer desvelos nunca desmentidos de apaixonado cultor da lingua. Não são essas as qualidades que lhe possam assentar como caracteristicas.

Estylo proprio, porem, mesmo accentuadissimo, esse elle possúe como poucos. Ser-lhe-ía difficil cultivar o anonymato sem que no fim da segunda ou terceira frase não se deixasse ingenuamente trahir aos olhos dos que se acostumaram a manuseal-o.

E na sua maneira elle é de um raro pitoresco, pela extrema movimentação, — extrema e brusca, — dos periodos que váe lançando. Tem-se frequentemente a illusão do gesto, do riso, mesmo da gargalhada, lendo-se uma pagina sua. Essa ou então a da impaciencia, da exacerbação, até da colera, e do andar, das idas e voltas, dos brados, sinão de manifestações mais physicas ainda, como punhadas sobre a mesa e batidos de pé mais ou menos violentos.

Alem disso, desdenhoso de circumloquios e de gommados de frases, como é o Sr. Sylvio Romero, seu estylo trahe um nortista ás direitas, recamado de modismos e até ás vezes de vocabulos regionaes.

E' assim um espectaculo completo o que esse estylo representa, parecendo ora uma festa, ora uma briga, através dos multiplos e ás vezes profundos assumptos que o escriptor aborda e em que se embrenha.

Porfim, tudo isto nos dá a impressão de uma vasta e complexa intelligencia, fortemente culturada, e sympathica, de que o orgulho resalta palpavel, si a susceptibilisam, mas cujo maior encanto provêm justamente da naturalidade, mesmo da *nonchalance* com que ella normalmente se manifesta, numa facundia notavel, segura, até visivelmente satisfeita de si, em todo caso sem ir ao destempero dos deslumbramentos morbidos.

Graças a esse seu complexo de qualidades, entre as quaes varias, — concordaremos, — representarão defeitos encaradas de certo ponto de vista, o Sr. Sylvio Romero é um inquebrantavel, uma individualidade-legião, que, depois de ter produzido quanto é justo lançar no seu haver, ainda promette o que é natural esperar-se do declinio que ainda mal se pronuncia numa vida em que ha qualquer coisa de gigante.

1906.

"Historias do Meu Casal", por Mario Pederneiras

E' curiosa a feição offerecida por esta collectanea de versos que ora nos dá Mario Pederneiras sob esse titulo simples de *Historias do meu casal.*

Não se trata de um livro que possa proporcionar ao poeta a gloria de abrir novos horizontes ao nosso verso, quer por originalidade verdadeiramente propria, quer por influencia de idéas ou processo recentes em qualquer autor estrangeiro, mas ainda não transportados á nossa poesia.

Não nos póde escapar que o autor procede directamente dessa geração chamada dos symbolistas e decadentes, ainda hontem na brécha, com um ardor em que havia o que quer que é de fanatico, e já hoje em franca retirada, seria melhor dizer numa debandada completa, phenomeno estranho — porisso que essa gente não deixa na realidade successores.

A brochura, distendida em elegante quadrilongo, e a roxa côr symbolica da capa, mais a allegoria da scismadora cegonha que poisa pernalta sob o titulo, são signaes exteriores, mas completamente caracteristicos da escola.

Abra-se o livro e leiam-se os primeiros versos. O soneto inicial é de feição ainda indecisa. Offerece-nos um singelo chromo, que faz lembrar, por exemplo, os que se acham na feição primitiva, entre romantica e naturalista, tão sympathica e simples, de B. Lopes.

Da segunda composição em deante, porem, as "manhãs bizarras", "a alegria das Lavouras" (com *L* grande,) os "Céos escampos", "as almenaras, os brazões e os fossos", quanto encontramos em cada folha, no que respeita ás imagens e ao vocabulario, confirma o que as exterioridades da brochura nos estavam indicando.

Penetre-se mais a fundo e se ha de ver: o systema de idéas que aqui se encontra é tambem legitimamente o da escola, dando-lhe a sua coloração caracteristica um néo-christianismo que por ser vago não deixa de ter feição propria e de exercer irradiante influencia na imaginativa e mesmo na acção do poeta, de modo até singularmente logico e harmonico.

Concorre para nos dar um sentimento ainda mais nitido da simplicidade e naturalidade que pautam, em tão sympathica coherencia, a vida do autor (pelo que sua obra della nos póde falar) até a poetica que Mario Pederneiras adoptou, tendo-se despreoccupado do que technicamente chamamos a estrophação e da regularidade da rima. Seus versos são feitos com tão artistica asymetria, — obedecendo ainda nesse ponto á esthetica dos symbolistas, — vem tão ao capricho, apparentemente, das imagens que lhe brotam da penna, que muitas vezes não hão de parecer versos aos ouvidos affeitos á melopéa, sempre mais ou menos monotona, da indefectivel regularidade metrica.

Não ha fugir: já havia uma classificação para o poeta antes delle nos dar este seu volume: Mario Pederneiras é um symbolista perfeitamente normal.

Mas é justamente a sua normalidade, já applicado, porem, o vocabulo numa outra intenção, que o differencia e constitúe o que haja nelle de original, como ha.

Poetas symbolistas, e de valor, já os tinhamos nós; mas um, cujo valor provenha do equilibrio por que sua natureza se caracterise e dahi pela sobriedade do seu pensamento, mais a naturalidade, a simplicidade do seu

gesto, — de onde resulta uma attitude nova, uma feição inédita, um modo de ser particular, — esse só agóra o temos, no autor das *Historias do meu Casal.*

Mario Pederneiras aproveitou todas as qualidades dos seus predecessores, principalmente na nossa lingua, tendo a vantagem de escoimar sua obra de quasi todos os defeitos que com razão se lhes apontam.

Não ha, nestas paginas da collectanea que estamos estudando, quasi nenhum dos elementos irritantes que puzeram em discussão permanente os poetas maiores da escola entre nós e em Portugal, e a esteira phosphorecente dos satellites ponderaveis ou insignificantes arrastados por elles na sua marcha.

Antes de tudo, um dos caracteristicos desses typos representativos é a imaginação desregrada até a extravagancia, até o absurdo, que a uns impulsionu, ou então a morbida deliquescencia, mesmo o nitido desvio psychico de que outros deram prova nas plangencias de hospital, sinão de manicomio, que, ao menos, boa parte de suas obras representa.

Nem podia ser de outro modo. O symbolismo representa uma solução de continuidade violentissima entre duas tendencias humanas, a realista e a idealista. Pretendeu crear um hiato entre duas gerações que se succediam immediatamente, tendo nascido da influencia negativa ou antipathica da anterior sobre a sua successora, da repulsa que o materialismo dos naturalistas provocou em uma duzia de sonhadores. Isso com o exagero provindo da falta de perspectiva, a qual permittiria a estes ultimos abranger o phenomeno em massa e fazer-lhe melhor justiça, ou então ao menos verificar o absurdo das pretenções que traziam, a fatalidade com que tinham de ser esmagados por força daquella lei que não permitte saltos arbitrarios, no terreno das idéas como em terreno nenhum.

Seja como fôr, eram naturezas irregulares, com

força de impulsão excessiva, ou então deficiente, excesso ou deficiencia que tinha de transparecer nas suas obras, no seu gesto, na sua attitude.

Mario Pederneiras representa o symbolismo, sinão desilludido, pelo menos experimentado, e porisso attenuado, adaptado, aceitavel.

Veja-se como são castas estas paginas do seu lindo livro. Conforme o titulo da obra indica, trata-se aqui da poesia do lar. O poeta não nos fala de outro mundo sinão desse que a familia representa, e fala na sua triplice qualidade de filho, de marido e de pai. Por outra, refere-se a todas as coisas da vida, mas subordinando não importa que assumpto a esse thema intimo e affectivo da casa.

Sente-se que não é apenas por uma questão de dar unidade á especie de poema que a sua *plaquette* representa: essa é que é a preoccupação dominante na sua poesia, nisso é que consiste a gloria delle na vida, por este lado é que sua vida é na verdade interessante.

Não sei quem não saia, de facto, emocionado ao terminar a leitura das *Historias do meu casal*. Sympathisa-se de modo tão legitimo com o sentimento de felicidade e de paz que nos vem da primeira parte, *No valle da Ventura,* ama-se tão carinhosamente a natureza bem dotada e escolhida deste moço, que tem a boa força de se fazer feliz entre os elementos simples e sãos que um lar pacifico na sua obscuridade offerece, quanto depois, *No Paiz da Saudade*, que é a segunda parte do livro, compartilha-se das suas amáras provações, no reverso tristemente natural das coisas, mas antes de tudo porque elle expõe esse reverso com simplicidade fundamente suggestiva, numa correspondencia perfeita, e na verdade de bom gosto, com a modestia, com a medida que soubera manter ao falar-nos do sorrir encantador dos olhos de seus filhos e da embebida contemplação do seu carinhoso espirito de pai.

Do conjunto dessas aprimoradas paginas transpira um sentimento religioso, até definidamente christão, que, no entanto, nada tem das ladainhas cabotinas, dos *blom! blom!*, dos *miserere,* por troça ou por moda, que andaram fazendo a caricatura rimada da lithurgia catholica nas paginas insôssas de nephelibatas sem valor, ou nas de poetas de merito, mas faltos ora de sinceridade, ora de gosto. O sentimento religioso que aqui se encontra é simples e sério, desses que despertam com a educação do berço e que a familia é tão apta a manter.

Para chegar a isto faz-se mister ser na verdade uma natureza equilibrada, de um homem que se possa chamar devidamente normal, que, embóra dotado de esthesia legitima, não traga os excessos caracteristicos dos typos vindos para os escandalosos destaques dos primeiros papeis, não importa em que dominio da arte ou de outra manifestação humana.

Puz em relevo no começo uma das provas mais patentes da procedencia do poeta no que réspeita a escolas: a metrica, a rima e o arranjo geral a que os seus versos obedecem. Ainda vamos encontrar, no entanto, um modo de ser proprio nas suas composições mesmo relativamente a este assumpto, coisa que é mais uma prova do seu tacto artistico e uma das razões principaes por que não haverá ninguem, de certo, a quem repugne aceitar sua poesia, por mais ferrenho e retardatario que seja

Mario Pederneiras faz o verso asymetrico, mas não o verso livre propriamente dito, como já um critico por equivoco affirmou. Seus metros tem de uma a doze syllabas, mas nenhum ha que passe dahi, quando justamente o verso livre é aquelle em que o numero de syllabas não importa, que póde ter uma, como póde ter vinte, até onde dér o papel. Para exemplos, em portuguez, assim de momento, lembra-me dos que ha no poema *Patria,* de Guerra Junqueiro, dos d'*O Cavalleiro*

do Luar, de Gustavo Santiago, e de umas muito merecidamente malsinadas tentativas que "o meu melhor amigo" andou fazendo por ahi ha algum tempo. Em francez, encontraremos Maeterlinck, Verhaeren, Gustavo Kann e mais dez ou vinte outros que nos dêmos ao trabalho de procurar.

Uma das coisas que os symbolistas enthusiastas do verso livre (que nem todos o fôram) pretendiam evitar com o seu uso, era o cantante dos rythmos previstos, de effeito demasiadamente material, no parecer delles, por conseguinte contrario ás intenções altamente espirituaes que a gente da escola trazia.

Não haverá versos de rythmo mais sensivel, e que sejam mais cantantes, mais embaladores, mais versos emfim, do que estes, irregulares na rima e no metro, como sejam, das *Historias do meu casal.*

Concorre ainda mais para essa impressão que delles nos vem a indole essencialmente objectivista do autor, cujos assumptos são todos objectos concretos, ou concretisados por symbolisação, pelo menos neste livro, como são physicas na sua maior parte as imagens a que recorre, entre essas as mais lindas, as mais raras que se lhe podem notar.

Bastante haveria a dizer do estylo em geral e particularmente da linguagem do poeta.

Sente-se que esse estylo foi influenciado pelo dos seus predecessores na escola, principalmente os brazileiros; a linguagem tambem em boa parte é herdada delles. Mas o primeiro é muito contido, muito educado, apezar disso, e sem comparação menos extravagante do que o dessa gente anterior, exceptuadas umas poucas imagens, que eu não acho felizes. Quanto á lingua, essa é muito mais correcta e escorreita nas paginas deste novo poeta, de adjectivação muito menos arbitraria, do ponto de vista da lidima significação do vocabulo, embóra uma vez ou outra incruste desnecessa-

rios francezismos, ainda em obediencia a uns méros preconceitos na esthetica dos symbolistas nacionaes.

Si esta collectanea não obtiver o successo das obras que sobre bôas são caracteristicas, dever-se-á tirar dahi mais uma prova da nulla preoccupação da epoca com coisas na verdade literarias.

Direi por fim: é claro que aqui eu não defendo uma causa, mas penso assignalar um phenomeno. Para o mundo do espirito seria preferivel que Mario Pederneiras fôsse um grande poeta a ser o que devidamente se chame um homem normal. Apráz em todo caso ver-se que o facto de um escriptor não ser do numero dos chamados irregulares, em vez de annullal-o ou ao menos de ser o indicio de uma natureza commum, tenha sido aqui causa entre as principaes de se haver formado uma individualidade que, com representar caracteristicamente a de um epigono, nem por isso deixa de corresponder a um verdadeiro temperamento de poeta e de assignalar um nome que, já agóra, ha de ter uma collocação sua na historia das nossas letras.

1906.

"O Atheneu", de Raul Pompeia

Quando li pela primeira vez o *Atheneu*, eu teria vinte annos, no maximo. Hoje trago talvez mais dez annos do que o autor no momento em que o produziu. Quer dizer que, não só passei pela mesma quadra, como até já estou do outro lado da vida.

Alem disso, o modo de escrever varia muito com os annos, e com elle a escolha dos assumptos. Lendo-se este livro agora, sente-se que, si Raul vivesse hoje e tivesse a edade de então, já o trabalharia um pouco por outra fórma, caso sentisse o impulso necessario para fazel-o.

Assim, estabelece-se a distancia duplamente: hoje, nós outros estamos mais velhos do que era aquelle raro escriptor no momento em que produziu o melhor dos seus livros; mas por outro lado sua obra aos nossos olhos já não póde deixar de ter o que quer que seja de preterita.

Felizmente um e outro facto occorrem simultaneos apenas em certo gráo, até onde basta para nos tornar capazes de julgar serenamente, mas de modo algum com a frieza de uma admiração apenas retrospectiva.

De principio a fim, estas quasi trezentas paginas do *Atheneu* ainda hoje nos empolgam na segunda leitura como um excellente volume que nunca nos tivesse passado pelas mãos. Empolgam-nos e até nos deslum-

bram. Apenas o que se dá é que não chegam ao ponto de conturbar-nos, como acontecera da primeira vez.

Pelo contrario, sorprehende-nos o facto de irmos vendo tão claramente e tão serenamente tudo, como si hoje nos favorecesse uma outra luz, mais estavel e reveladora.

E' que, alem de já nos havermos encontrado uma vez com estas paginas, andámos em demorada convivencia com as obras suas coetaneas, que não podem deixar de offerecer maior ou menor correlação com ella.

Voltados que somos ao *Atheneu* agora, elle nos proporciona ouvir já saudosamente o eco de coisas que amámos, com ardor, ha dez ou quinze annos atraz.

No systema de idéas do autor deste livro, nos pontos de vista que o mesmo elege, no seu processo de exposição, já começamos a vel-o menos singularmente, a elle, do que todos os espiritos analyticos e ironistas, atormentados lavoradores da frase, que foram os seus legitimos contemporaneos. São idéas e fórmas vividas no que puderam ser communs a uma geração.

Basta isso para tornar o livro menos carregado de effeitos um pouco, para lhe dar certa dóse de logar commum, coisa de que todas as obras precisam afim de se tornarem accessiveis, humanas, razoaveis.

Não só vamos olhando serenamente para um e outro lado, como até mesmo acontece que uma ou outra vez já nos permittimos sorrir levemente com a facil superioridade ordinaria nos que olham para um retrato que já não registra rigorosamente a ultima moda.

Nesta epoca de tendencias prosaicas, em que o presidente Roosevelt não é só quasi que o arbitro da politica mundial, mas até inflúe no estylo, já se vae tendo por um pouco ingenua aquella forma veneziana, cheia de variegadas lanternas esphericas, de flammulas e galhardetes, que os adjectivos polychromos, as antitheses, os tropos ironicos e as figuras espirituosamente loca-

das representam, festivos e coruscantes, nas paginas caracteristicas da vintena em que ellas lograram incontestavel primado.

Tambem a tendencia revolucionaria da epoca, o amor systematico á iconoclacia, revelado em cada uma das paginas do *Atheneu*, já hoje não nos arrasta de modo tão incondicional como antes, particularmente aqui no Brazil. O prurido daquelles tempos já produziu os seus effeitos, e de tal modo que hoje os espiritos, na sua maioria, antes se inclinam para uma aspiração, pelo menos até certo ponto, opposta ás ideologias do passado; sentem, antes, necessidade de ser mais caracteristicamente constructores.

Quando Raul Pompeia compoz este seu livro, que representa uma critica a determinada casa de ensino, a atmosphera se lhe offerecia tão favoravel, que elle foi, por assim dizer, um orgão eventual da opinião avançada.

O facto principalmente de representar aquelle instituto como que um ramo officioso do edificio politico então vigente, fazia com que os espiritos revolucionarios da epoca o englobassem, sem mais exame, na condemnação votada ao regimen.

Vão longe esses tempos agora, e quem relê presentemente as paginas do *Atheneu*, severas, até apaixonadamente tendenciosas, si o quizerem, mas emfim honestas, como boa pintura que ambicionavam ser, ha de concordar que essa catilinaria de outros tempos vale hoje por um elogio ao objecto das suas objurgatorias, porque proporciona a comparação entre o que por essa epoca se conseguira organisar e os tristes desmanchos e desmantelamentos que ora por toda parte, em materia de ensino, é o que mais ou menos se vê.

Como fica patente, já é forçoso fazer todos estes descontos em desfavor do *Atheneu*. Tivesse sido elle apenas um livro de moda, na fórma e no fundo, producto

de um espirito brilhante, mas superficial, sem apoio no que se póde chamar propriamente uma natureza, quer dizer uma organisação capaz de apprehender o definitivo, o immutavel que ha no homem e nas coisas, e já seria este um livro morto, antes de ter desapparecido a geração dos homens com que coincidiu sua vinda.

Mas sobretudo ha nelle duas qualidades que representam o segredo de sua resistencia e de seu frescor: são a mocidade exuberante e a força segura, que o soergueram em seu plano e da primeira á ultima pagina sustentaram, sem um deliquio, toda a sua composição.

Mesmo para quem já conhecia o *Atheneu*, ainda neste volver de agora, que a segunda edição porporcionou, cada nova pagina que em sequencia da que já foi lida nos cahe sob a vista, é uma deliciosa sorpresa.

De certo ponto em deante, não se pede mais, porque já se vem plenamente satisfeito, e, no entanto, a prodigalidade continúa sempre, dando-nos o livro por fim a illusão do inexgotavel, confundindo-se com o prodigioso da propria natureza.

E' como si o autor tivesse passado annos e annos numa inhibição forçosa, accumulando por compressão, vivendo e tendo de calar as impressões da vida, mas necessitado como ninguem de uma viva representação, até que emfim o interdicto caduca e tudo quanto se accumulára cachoeira e borbulha, transfigurado nas paginas ardentes daquelle livro.

E' da esplendida mocidade, que estúa nelle feraz, que irradia principalmente essa prodigiosa profusão de recursos.

Até parece que na proporção em que ia sendo feita a obra, as laudas já escriptas passavam a ser lidas em um cenaculo de moços contemporaneos do autor, alguns delles quiçá seus companheiros desde os bancos do *Atheneu*. Assim parece, a grande, irresistivel jovialidade que resumbra daquellas paginas sendo destas que quasi

só se comprehendem inspiradas na vida collectiva dos *clans* intellectuaes.

Ao par de tamanha abundancia e tanto ardor, uma segurança e firmeza de espirito na verdade sorprehendente em tão verdes annos, e que só se explica pelo effeito revulsivo e sazonante de uma intensa cultura. Nas passagens mais difficeis, quando se julga que o escriptor não poderá conservar o sentimento da justa medida, eil-o que em tempo faz estacar a penna, como se refreia um ginete, e em logar do excesso que receiavamos aflóra apenas um ironico sorriso, intelligente e de bom gosto.

Depois, tudo trabalhado magistralmente, com o capricho dos orgulhosos, que não cabeceia nunca, e sem as naturaes hesitações, o tartamudear intermittente dos estreantes em geral.

Si a obra pecca, revelando, apezar de tudo, a sua juvenilidade, é justamente por esta razão opposta, pelo esforço algo demasiado que representa, e que trahe. Diz Nietzsche que os melhores productos de arte são aquelles em que apenas se despedem dois terços de força. Um autor deve sempre dar a impressão de que com elle resta bem mais do que o muito que se possa encontrar no seu livro.

Seja como fôr, o *Atheneu* fica e ficará na nossa literatura como uma obra de excepcional talento, de raro enthusiasmo intellectual e de um esmero que entre nós ainda ninguem excedeu.

O brazileiro que lê um livro como este tem o direito de ganhar um pouco de confiança na raça, de firmar-se na crença de que, máo grado tudo, nós somos capazes de alguma coisa.

1906.

"Os Emancipados", por Fabio Luz

Todos o reconhecem, o momento actual é caracteristicamente de preocupações materiaes no Brazil.

Ao par disso, é de perspectivas tão ennevoadas que chegam a inspirar sérios receios, tornando inquietos os espiritos em relação ao dia de amanhã, e concorrendo para desenvolver, como consequencia, um egoismo, uma impiedade collectiva que ainda não se tinha conhecido na sociedade brazileira.

E' um corollario de taes condições esse "espirito de subserviencia" de que todos os dias os opposicionistas politicos falam por ahi como de uma coisa que tambem inda não se vira entre nós tão generalisada e intensa, qual hoje se vê.

Não podia ser que esse estado de coisas deixasse de influir nas nossas letras na proporção da sua intensidade e importancia.

Houve uma modificação geral no feitio dos orgãos de publicidade diaria e começaram a publicar-se revistas de caracter ainda desconhecido entre nós. Quer os diarios, quer esses periodicos se foram materialisando aos poucos, deixando de ligar maior importancia á factura do ponto de vista literario, attentando mais sériamente ao que respeita ás illustrações, que todos que precisavam sustentar concorrencia tiveram de acolher, ou então a outros aspectos, a outros meios ainda mais praticos de augmentar a vendagem.

Surgiu toda uma nova geração de jornalistas correspondentes ao gosto da epoca. Si nem todos são propriamente novos pela edade, si muitos dentre elles antes dessa phase já eram representativos, em todo caso não houve esse, ou os houve muito raros, que, consciente ou inconscientemente, deixassem de modificar mais ou menos os seus processos para terem a feição do tempo.

A ultima geração literaria que vegetou, com feição propria e programma mais ou menos definido, pelos intersticios que se lhe concediam nos diarios ou então pelas revistas ephemeras de sua creação, foi a dos chamados symbolistas, decadentes ou nephilibatas, que quasi toda já desappareceu do Rio e se váe smorzando pelas provincias, onde por fim se confinou.

Depois disso, uns oito ou dez livros se hão publicado que conseguiram merecido successo, na realidade obras de valor. Alguns delles, productos de escriptores que estão completando sua obra, iniciada em outras phases literarias que tivemos, mas outros correspondentes de todo ao momento actual, porque por este ou aquelle de seus aspectos, si não todos, se inspiram nas preoccupações que o momento suggere. Em todo caso, a esthetica de nenhum delles é nova de modo a poder constituir escola literaria propriamente dita.

Sente-se que a esses ora no inicio de sua carreira os prende, a quasi todos, entre si, uma tendencia ou antes uma preoccupação commum, que é o problema nacional, e por esse lado acham-se elles em ligação com os espiritos contemporaneos de mais alcance, entre nós, que todos insistem desusadamente nesse ponto hoje em dia, cada qual segundo suas forças e as circumstancias permittem.

Mas ainda não chegou o momento dessa tendencia tornar-se uma corrente propriamente dita; por emquanto, as preocupações pessoaes ou pelo menos puramente concretas tem de ser as predominantes. Ainda não veiu

nenhum facto de vulto impressionar o paiz de modo a obrigar os espiritos a um abalo profundo, que os faça pensar a sério nisso que já é a inevitavel preoccupação dos mais avisados e generosos.

Aliás talvez seja indispensavel essa modorrha em epocas de refazer cidades, construir portos e facilitar communicações. Indispensavel e sábia, porque não ha duvida que esses emprehendimentos já importam numa solução parcial do problema.

De qualquer modo, nada mais natural, emquanto não accordamos dessa apathia, do que o esmorecimento de tudo o que depende do sentimento de segurança, que é o que traz a alegria de viver e com ella ordinariamente todos os encantos da idealisação, todos os elementos constituintes da arte.

Uma das novidades literarias deste instante são as criticas mais ou menos positivistas de Pedro do Coutto e as novellas ou romances um tanto ou quanto anarchistas (na legitima accepção politica da palavra) de Curvello de Mendonça e Fabio Luz, cujo ultimo livro, *Os Emancipados*, é a razão de eu estar escrevendo estas linhas.

Importa saber-se que os dois libertarios e o seu contemporaneo comtista são amigos intimos entre si, e que as idéas que defendem não os impedem até de formar uma liga por assim dizer offensiva e defensiva no terreno literario, é verdade que sem sacrificio de principios, pelo menos no seu modo de ver.

Ainda mais, não se trata de uma trindade isolada. Elles foram os elementos primordios de toda uma agrupação que vim encontrar na minha volta, a que se prendem mais ou menos: um nitzscheniano e, não obstante, ao mesmo tempo, socialista, que é Elysio de Carvalho; um espiritualista, christão e algo espirita, que é Rocha Pombo; um symbolista nephilibata de ha pouco

tempo, que é Gustavo Santiago, (ora um tanto propenso a estudos geographicos e historicos, desde que entrou para a Sociedade de Geographia); um philologo e grammatico liberal, que é Maximino Maciel; outro tambem grammatico, pedagogista e polemista, que é Hemeterio dos Santos; esses e talvez alguns mais, cujos nomes me escapem de momento, todos homens já bastante conhecidos, alem de differentes rapazes, alguns sobre os quaes se depositam muitas esperanças, mas cujos nomes ainda não entraram na grande circulação.

Dá-se ainda que em torno do grupo mais propriamente dito andam varios individuos que, si não adherem, sympathisam com os adhesos, totalmente ou em parte, ou então que antes gozam da sympathia delles, como acontece, por exemplo, a João Ribeiro, um escriptor de reputação totalmente feita, academico, bastante parnasiano outr'ora e actualmente fervoroso classista; a Mucio Teixeira, irreductivel romantico, apezar de todas as multiplas evoluções exteriores de seu espirito; a Paulo Barreto, o "principe", realista por natureza e *dernier cri* até a medulla, valoroso moço por cuja candidatura á Academia alguns do grupo actualmente trabalham; a esses e a outros que dão menos na vista. O autor deste artigo, por exemplo, não é de modo algum antipathico a quem quer que seja dos que compõe a agrupação referida.

Indo mais longe, verificamos que não só o critico positivista e seus amigos libertarios pertencem a este aggregado perfeitamente hecterogeneo de que foram os elementos constituintes, como que são membros normaes da sociedade burgueza, sem preconceitos de seita na pratica, antes submissos aos da epoca, todos regularmente casados no civil e creio que tambem na igreja, quasi todos funccionarios publicos, conseguintemente "parasitas da sociedade", como se costuma dizer, e, peior do que isso, sem autonomia propria, tendo de agir em

muitos casos inteiramente de accordo com a "ignorancia official".

Por todo o exposto, é facil de atinar com a causa desses escriptores tendenciosos haverem achado elementos de desenvolvimento numa epoca de preoccupações caracteristicamente materiaes, e egoista, como é a actual.

Elles prosperam na tregoa que da indifferença do publico pelas letras e do desanimo dos productores tinha de resultar naturalmente. Hoje ninguem briga por causa de theorias e de escolas, porque "não vale a pena". Todos crearam juizo a um tempo, ganharam a triste sabedoria negativa dos annullados. Andamos juntos menos pela alegria de um victorioso pensar commum do que pela tristeza de uma tacita ou confessada queixa geral. Si o ambiente é estranho á nossa existencia, si não se nos julga, somos todos do mesmo jaez.

Veja-se, por exemplo, este livro, *Os Emancipados*, de Fabio Luz, em que elle defende o amor livre, a abolição da propriedade, a extincção da moeda como meio de relação, a annullação do direito de julgar, tal e qual os mais radicaes ideologos conhecidos o fazem. Suscitou elle, porventura, já não digo qualquer escandalo, mas discussões de certo modo calorosas, sérias analyses das paginas em que semelhantes idéas são expostas?

Foi quasi como si nesse romance se dissessem as mesmas inocuidades mais ou menos brilhantes, as unicas coisas, systematicamente, que se dizem nas conferencias literarias do Instituto de Musica, as quaes constituem uma outra novidade da epoca.

No fundo, conferencistas, positivistas, anarchistas, nietzschenianos, néo-christãos, classicos, grammaticos liberaes... *tutti quanti*, são julgados hoje em dia entre nós egualmente inocuos, porque afinal não ameaçam derrubar o que quer que seja que no momento se tome a peito.

Alem de tudo, os tres doutrinarios citados gozam de outra vantagem: a de não se haverem apresentado com pretenções a grandes talentos, a de não serem candidatos a uma gloria propriamente estrondosa. Cada um delles já não é creança, pelo contrario todos tres já transpuzeram a phase da primeira mocidade e tem a cultura necessaria para conhecer, nesta questão de talento, a relatividade que lhes caiba.

Depois, como antes de virem para as letras viveram absorvidos por preoccupações de outra ordem, em que dispendiam quasi toda a sua actividade, não tiveram tempo de se exercitar por modo a, quando apparecessem, apresentarem-se como escriptores verdadeiramente feitos.

Notará isto quem haja lido *O Ideoolgo,* — uma novella anterior de Fabio Luz, — e agora este seu outro livro, mais bem feito, mais cheio (como se diria dum rosto humano), com preoccupação literaria visivelmente mais pronunciada.

Deste modo, elles não suscitaram grandes invejas no meio; e isso não é máo para virem com menos difficuldade boas noticias nas folhas. Só um ou outro critico mais acerbo tentou tolher-lhes o caminho. Mas elles traziam a vantagem de não vir sós e de não ser timoratos: o numero e a coragem propria deu-lhes estimulo para proseguir adeante.

Com estas considerações geraes foi-se-me o espaço, e pouca coisa poderei dizer do livro de Fabio Luz em particular, que occasionou este artigo.

Eu prefiro-o, como já disse, á sua novella anterior, mas ainda lhe acho, como naquella, os defeitos dos romances de tendencia, em que geralmente a verdade psychologica é prejudicada, de que os typos ou são perseguidos ou perseguidores, tendo de ser forçosamente almas illibadas e santas as de uns, e as de outros almas pollutas, quando não ferozes.

Os Emancipados são feitos bem assim. A inilludivel imparcialidade de um Balzac é coisa que nestas paginas se desconhece.

Alem disso, tendo o autor de defender idéas extremas, quasi completamente desconhecidas entre nós, grande parte dos personagens que figuram no livro são typos singulares, mesmo quasi de todo inverosimeis no Brazil. Constituem, portanto, um meio *sui generis*, nada correspondente ao momento actual.

E' impossivel, assim, a esta obra possuir a qualidade de um livro propriamente objectivo, de uma documentação da epoca. Ella antes nos fala do seu proprio autor, do estado de cultura em que elle se ache, sinão exclusivamente de leituras que tenha.

Dizer que será um livro inócuo, isso é que não se póde dizer. Mais de um leitor elle encontrará a quem ha de seduzir, a uns exclusivamente pelo seu valor literario, pelo sentimento puramente esthetico que desperte, mas a outros tambem pelas suas proprias doutrinas.

Estas paginas, com as de *Regeneração*, de Curvello de Mendonça, hão de ter um logar na historia da evolução das idéas entre nós. Cabe aos dois amigos e contemporaneos o direito de serem tidos como os creadores do romance anarchista entre nós.

Os Emancipados deixam transparecer o caracter bondoso, a doçura, mesmo a meiguice secreta, e a seriedade simples, que quantos conhecem Fabio Luz sabem serem suas qualidades moraes. Está ahi mais uma razão para a efficacia da propaganda que iniciou, nos espiritos susceptiveis de aceital-a.

Quem quer que seja, porem, curioso de conhecel-o como escriptor, posta á parte essa questão de doutrina, muitas paginas encontrará de que lhe ha de vir um certo agrado, uma certa seducção, como me aconteceu a mim folheando esse seu ultimo livro.

1906.

"Evangelho de Moço", por Corrêa de Araujo

Vem escripto na capa do livro: "Versos dos 18 aos 20 annos". Foi muito bom que o autor puzesse ali aquelle não costumado aviso. E' necessario conhecer-se tal condição para dar a esta obra o valor que lhe cabe.

Como livro produzido dos 18 aos 20 annos, o *Evangelho de Moço* é uma revelação simplesmente extraordinaria.

Não se tem difficuldade em ir entrevendo, através destas paginas juvenis, sinão todos os livros que o Sr. Corrêa de Araujo perpassou ,ao menos aquelles que mais o impressionaram até hoje. Seus versos são feitos do que elle tira de si, um tanto, mas ainda muito á maneira por que as abelhas fabricam o seu mel, quer dizer, são produzidos em boa parte sob a impressão de leituras, como é natural e mesmo inevitavel na sua edade. O que o poeta por emquanto escreve não póde deixar de ser imitação até certo ponto, embora muito inconscientemente, talvez, e não obstante todo o poder do seu talento.

Pelo conjunto das influencias sensiveis no seu livro, vê-se que o joven maranhense não tem uma cultura correspondente á de Alvares de Azevedo, nem mesmo á de Castro Alves, quando elles estavam na edade que ora elle conta. Quer um, quer outro desevolveram-se em meios de muito mais forte intellectualidade do que é actual-

mente a capital do Maranhão, ao que parece a quem daqui de longe procura julgar.

Sem grande cultura por um lado, por outro ainda sem ter vivido, não podia ser que o Sr. Corrêa de Araujo já produzisse com os seus versos uma impressão tão intensa como a que aquelles dois rapazes geniaes vieram causando desde o seu espontar. Ainda não se encontram no *Evangelho de Moço* producções absolutamente impressionadoras, que bastassem por si para garantir uma gloria definitiva ao poeta, dentro da nossa literatura, ainda que elle nada mais viesse a produzir daqui por deante. Como eu já disse, dos seus versos é inseparavel a circumstancia da precocidade para se lhes dar todo o apreço.

Nem forte leitura nem principios sufficientes a um escriptor elle por emquanto possúe. Até ainda commette erros de grammatica que não podem, de modo algum, ser perdoaveis.

Tal qual este seu livro é, no entanto, fala-nos de uma grande esperança, como as maiores que tenham sorrido e hajam fructificado no Brazil.

Não conheço primicias de contemporaneos ou dos representantes de outras phases nas nossas letras que proporcionem entrever-se uma natureza de poeta mais rica, mais complexa e mais poderosa do que estas paginas do *Evangelho de Moço* do Sr. Corrêa de Araujo.

Elle não tem e parece que núnca terá o que se deve chamar uma fórma rara, ou antes exotica, preciosa. Desde agora, é facil de sentir: o joven poeta traz uma natureza antes normal, sem as idiosyncrasias, os tics dos temperamentos não tanto aristocraticos como doentios.

Isso vê-se desde o seu vocabulario, sufficiente, relativamente falando, mesmo com a abundancia, a variedade que a poesia requer, mas nada singular, nem maravilhoso, nem pedantesco.

A frase aqui é simples e natural, embora elegante

e bem feita. Si o autor commette muitas vezes incorrecções, em todo caso não é pelos vicios contrarios á indole da lingua, tão communs nos principiantes, por falso gosto.

Desde agora se mostra de grande virtuosidade na composição do verso. Este ora é colleante e blandicioso, ora heroico e precipite, e sempre musical, tantas vezes na verdade suggestivo, é verso emfim, como só os verdadeiros poetas sabem fazer. Já se encontra neste livro até o segredo das chaves de ouro, que constitúem o encanto principal de um bom punhado de seus sonetos.

Mas é interessante observar-se como o joven literato instinctivamente se desvia, neste particular da composição do verso, da influencia innovadora dos decadentes e symbolistas. Não só não pratica nem uma vez o chamado verso livre de uns, nem quasi até a simples asymetria da maior parte delles, como lhe repugna mesmo ensaiar-se nos metros que esses ultimos chegados, si não introduziram na poetica propriamente, ao menos puzeram mais em voga, como acontece com os de oito syllabas, os de nove formados de dois quadrissyllabos (para que elle abriu em todo caso uma excepção no *Ninho Vasio*) e finalmente os de onze com a fórma que os romanticos não adoptaram.

Quando a edade lhe permittir um discernimento completo, melhor do que eu elle decidirá sobre si deva ou não persistir em abstenção tão systematica, verá si o evoluir não é tão legitimo e até tão necessario nestas questões da fórma como em tudo na vida. Entre os mais escrupulosos dos poetas portuguezes e brazileiros, muitos tem havido e os ha que pelo menos não se desdenharam e não se desdenham de dar mais variedade á metrica de suas composições adoptando de quando em vez esses versos menos correntes na nossa poesia.

O que eu quero, porem, agora é assignalar mais este

caracteristico da indole classica que se observa no novél poeta.

Não se póde suppor que elle haja escapado á contaminação desses *novos* de hontem, relativamente a taes pontos, porque os desconheça. O Sr. Corrêa de Araujo ainda paga extraordinaria vassallagem a Guerra Junqueiro, tanto que lhe offerece este seu livro como "ao Mestre amado". Ora, bastava-lhe apprehender o extraordinario poeta portuguez por todos os seus matizes de arco-iris das letras, que elle representa, para inclusive estar ao par das innovações daquella escola, que o autor d'*Os Simples* e de *Patria* foi dos primeiros a aceitar e a introduzir na nossa lingua.

Mas alem dessa grande influencia de que ainda por modo tão flagrante se resente o nosso joven compatriota, percebe-se o effeito, muito menor embora, da leitura de outros que representam por maneira mais exclusiva, sinão mais completa e feliz, as tendencias da dita escola. Deste impressionaram-lhe algumas imagens, certo modo de encarar dados assumptos; daquelle, a bravura hespanhola do gesto, o bizarro, o alacre da visão que trouxe.

Em todo caso, depois de Guerra Junqueiro, mas do Junqueiro principalmente da *Morte de D. João,* da *Velhice do Padre Eterno* e da *Musa em Ferias,* quem parece ter influido mais no espirito do nosso poeta são os principaes parnasianos brazileiros e alguns romanticos tambem nossos. Não sei si diga: pelo menos no que se chama o pensamento, parece-me que por emquanto ainda mais os romanticos, sobretudo Gonçalves Dias. Os parnasianos influenciaram grandemente na forma.

De quem não percebemos o influxo directo é de gente estrangeira, principalmente de gente de letras mais propriamente dita. E' visivel que ao menos de dois homens lá de fóra elle leu alguma coisa, mas desses, um é um philosopho, outro, um mystico: falo de Augusto Comte e de Allan Kardec.

Perguntareis: mas como elle os conciliou? Não tratou de semelhante cousa, e fez ainda mais: complicou umas duas ou tres crises positivistas, que accusa, e os frequentes arroubos espiritas ou quando menos swendenborgianos, de que os seus versos nos falam, com a demagogia anti-catholica e o correspondente anthropomorphismo bonhomista que ha no seu prezado Guerra Junqueiro. Não se apercebeu que foi precisamente por este lado que a obra do seu mestre lusitano, realmente tão seductora de naturezas ingenuas e um tanto virgens ainda, começou a envelhecer, a perder todo o encanto.

Si se tratasse da obra de um homem feito, bastavam essas suas contradicções, tão capitaes, em philosophia e religião, para não se poder mais ligar grande importancia a ella, quando menos do ponto de vista do pensamento. Na edade em que o Sr. Corrêa de Araujo compoz estes seus versos, tal incoherencia é apenas mais uma prova da sua sinceridade e portanto mais um symptoma que vemos nelle de uma natureza de legitimo intellectual.

Depois, seja qual fôr o resultado ultimo a que elle tenha de chegar nestas qeustões com o amadurecimento do seu espirito, vê-se que permanecerá no joven poeta a tendencia para a contemplação, como uma qualidade intrinseca que é, — tão desenvolvida já vem ella, e tão séria, mesmo tão predominante, alem disso tão sympathica, tão encantadora, nestas paginas iniciaes de sua obra.

Está ahi uma das razões principaes por que nos dá o direito de esperar-se grandemente do seu talento. Ha no Sr. Corrêa de Araujo o ésto dos grandes espiritos, das grandes intelligencias servidas por uma imaginação superior, que tende a transfigurar quanto objecto a impressiona, a dar-lhe uma nova vida subjectiva, illusoria, mas tão forte, tão intensa, que é como si esse objecto fôsse de novo creado e adquirisse outro valor. Só as

organisações capazes de tanto é que podem realisar os mais altos fins da arte, aquelles pelos quaes ella será para sempre um dos meios mais gloriosos de que o homem dispõe para superiorisar-se dentro da Especie que representa.

Tudo interessa o espirito deste poeta, quasi se póde dizer desta creança, e por tudo elle é susceptivel de interessar-se com a mesma intensidade, por uma flôr como por uma mulher, por um seixo como por um astro, pelo que haja de mais cognoscivel como pelas transcendencias vertiginosas que o homem possa attingir.

Certos trechos em que elle trata da mulher amada quasi que nos parecem allucinações, tal o arrebatamento a que chega, ganhando em alguns delles eloquencia na verdade torrencial.

Ha cinco ou seis poesias, em que o poeta fala a uma noite estrellada, ou sobre o que considera a Terra da Promissão, ou a proposito do que vê do alto de uma montanha, — destas coisas ou coisas analogas, — que são composições verdadeiramente interessantes. A's vezes, ainda ha vestigios de infantalidade naquelles versos, mas entre essas coisas inevitaveis encontram-se já taes bellezas, principalmente symptomas tão promettedores de coisas futuras, que sem querer nos lembramos dos nossos melhores poetas em assumptos como esses, mas principalmente de Gonçalves Dias e de Magalhães. Direi ainda: facilmente acredita-se elle os ultrapasse dentro em pouco nesse ponto, os dois. Por que não se ha de affirmar? Nessas occasiões, lembra elle antes Victor Hugo, lembra Lamartine, necessariamente com a differença que sua pouquissima edade e falta de cultura determinam.

Si estivessemos numa epoca em que o mysticismo achasse atmosphera para florescer livremente, ao menos como essa ultima que produziu os S. Francisco Xavier e os Anchietas, ao lerem-se estes trechos do *Evangelho*

de Moço poder-se-ia admittir a possibilidade de ver este poeta um dia percorrer o mundo em peregrinação de santo, tal a bondade, o espirito de interesse pelas dôres humanas, a ternura que resumbram dessas suas ingenuas paginas, nimiamente sympathicas.

Mas dá-se por outro lado que a vida terrena já o conquistou bastante: no seu livro ha camandulas de incendiados beijos rodeando formosas gorjas, ha confissões de amor ardente, ha gestos e até imprecações de ebridade toda ella carnal. Os lyrico-parnasianos a este respeito exerceram uma infiltração tambem vigorosa nessa natureza ductil, excellentemente receptora. A poesia *Polo Norte,* por exemplo, que obedece á tendencia referida, é uma producção excellente, que faria honra a qualquer.

E' de crer que as duas tendencias oppostas venham a conciliar-se por fim harmonicamente nessa individualidade em formação e produzir mais um grande poeta brazileiro. Este saberá achar caminho novo entre as diversas correntes que neste instante se entrechocam no seu cerebro adolescente de hoje, como aliás quasi em toda a literatura que actualmente o mundo produz.

Assim elle estude, prepare-se fortemente, na proporção que sua natureza privilegiada, complexa, exige, e possa fazer face á bella, mas tão grande responsabilidade que a publicação deste seu volume e os calorosos applausos que elle está suscitando lhe impõe.

1906.

"Contos e pontos", de Rocha Pombo

Com o titulo acima, alias pouco promissor, mal procurado para successo de livraria, Rocha Pombo acaba de publicar um volume. A maior parte dos trabalhos que neste se contêm ja tinham vindo a lume, mas nas paginas transitorias de jornaes e revistas, entre 1901 e 1905. Assim colligidos e num tomo proprio, elles ficam incomparavelmente melhor.

Ficam melhor porque não mereciam perder-se. Ainda mesmo quasi todos os que entram na segunda parte do livro, embora tratem de assumptos de occasião, não põe em relevo objectos de interesse fugitivo: tratam sempre de materia que merece a reflexão de um pensador, colhida entre os cem factos diversos vindos com o instante e que com o instante se foram. Registram o que tem de permanecer na memoria dos homens, de tudo o que os impressionou mais ou menos, por lhes passar diante dos olhos com o dia cuja côr elles é que lhe deram.

E' curioso ver-se como pouco a pouco, por movimento espontaneo, sem ruido, de modo que não dá na vista ao geral dos homens, a mocidade, nas nossas letras, vae se voltando com verdadeira sympathia, com séria estima, para o autor, tão modesto, tão simples, dessas paginas feitas ao lado de outra obra que pouco a pouco vae sendo publicada, mas cujo caracter e tomo

absorve-lhe o melhor o seu tempo. Falo da *Historia do Brazil*, cujo 5° volume já está concluido.

E' preciso que as tendencias intellectuaes do instante não estejam em grande contradicção com os traços caracteristicos deste grande trabalhador, tão amoravel, mas relativamente ainda tão pouco, ou antes tão insufficientemente conhecido, para que afinal se vá esboçando a attitude a que me refiro por parte dos que hoje são as nossas mais fundadas esperanças, e que hão de representar provavelmente o dia de amanhã no que elle tenha de melhor.

Si assim fôr, mais uma vez ha de realisar-se o facto conhecido daquella correspondencia que se vae estabelecendo mysteriosamente entre os espiritos novos e os mais dignos de figurar como seus annunciadores, por terem sido os que melhor e mais cedo vibraram no sentimento dos ideaes por que a proxima hora se justificará.

Não havia de ser a primeira vez a notar-se séria, funda, radical divergencia nas correntes de uma dada epoca, a assistir-se a um accordar de esperanças, a uma manifestação de fortes estimulos, a uma explosão de enthusiasmo, a um comprovar de vigor, no mesmo passo em que por outro lado quasi que só se vem ancias nos que ainda resistem, e torpôr, sinão miseria, nas naturezas secundarias ou mais faceis de perversão.

Quem ler as paginas destes *Contos e Pontos* não se animará depois a dizer, por certo, que phantasiamos uma situação a que, antes de tudo, pelo bom lado, faltam as possibilidades essenciaes, pois que lhes falta o germen.

Elles representam um bello e generoso livro, falam-nos de uma natureza que nos faz bem querer a contemporaneidade graças á qual vivemos nos mesmos dias que lhe couberam na existencia.

Pode ser que não concordemos com algumas das opiniões de Rocha Pombo sobre este ou aquelle pro-

blema, sobre esta ou aquella questão. Em se tratando de trabalhos de phantasia, — quasi todos os da primeira parte do livro, — nem sempre nos parecerá, por ventura, que a execução corresponda á idéa, ou até que esta seja das mais felizes, das mais bem imaginadas. O certo, porem, é que numa e noutra parte se encontram pequenas creações deliciosas, ensaios magnificos, e que todos, estes como aquellas, no seu conjunto, falam-nos de um espirito superior, de uma individualidade como nosso paiz produz muito poucas, de um poeta e de um pensador cuja acção ha de marcar na nossa literatura aos olhos dos que sabem ver, e que sempre foram os que hão de por fim decidir da sorte de uma obra e do que se deva a um autor.

1911.

"Horto", (Poesias de Auta de Souza)

E' uma individualidade interessante esta de Auta de Souza, — uma moça do Norte, que morreu aos 25 annos, na pequena cidade do Natal, onde nascera.

Na sua feição literaria, ella faz lembrar Marceline de Valmore, como o indica de passagem Henrique Castriciano, irmão da poetisa brazileira, na sóbria e commovente nota que adduz á 2ª edição do "Horto", recentemente publicada.

A' semelhança da dolorosa poetisa franceza, ella está um pouco para alem e para aquem da literatura; não era uma profissional, porque antes de tudo lhe faltava a perfeição da technica, que só uma forte cultura póde proporcionar, e, alem disso, porque quanto escreveu antes escreveu para si e para seus amigos do que para concorrer á conquista de um nome perante o grande publico de seu paiz. Pobre donzella enferma, vivendo invariavelmente na carinhosa atmosphera do lar ou entre almas amigas da sociedade provinciana em que decorreram seus breves dias, ella poetava por simples e mero prazer, — amargo prazer, quasi sempre, apezar disso, porque consistia ás mais das vezes em desabafar as dôres que lhe eram proprias, em sorrir á felicidade alheia, em louvar a belleza e o encanto das outras moças e das creanças, ou então em partilhar com os infelizes das dôres a que assistia, — principalmente si era

a morte, quer dizer o irremediavel dos irremediaveis, que impunha lagrimas e luto aos mais, solicitando em favor destes sentimentos de solidaridade humana.

Toda a sua obra acompanha, assim, a linha de sua vida, por certos aspectos tão simples, tão essencialmente feminina, cuja unica singularidade vem da sua condição de doente, que desde os 14 annos lhe coube. Triste privilegio que a tantos toca, não ha duvida, mas que na quasi totalidade dos casos serve unicamente para desenvolver o egoismo humano, na pessoa de suas victimas, para mais lhes acanhar a alma, para destruir nellas toda possibilidade de um modo de ser mais individual, que porventura trouxessem latente.

Em taes condições, a isto reunido o mais que já ficou exposto, como exigir que cada verso, cada peça das que no "Horto" se encontram seja uma confirmação de vigor, uma refulgencia das de melhor quilate na poesia, ouro sem ganga, constituindo no seu todo um terso e sempre resistente poema?

Não, pelo contrario, o "Horto" é bem um livro de moça, e de moça brazileira, feito, antes de tudo, de meiguice e de ais, voltado, principalmente, para as almas femininas, e destas traduzindo os sentimentos. Em muitas de suas paginas seria como muitos outros que outras mulheres têm escripto, si a musica de cada um de seus versos não parecesse sempre um gorgeio de passaro, cujo rythmo se diria vir da propria natureza, de tão simples, mas tão melodioso e correntio.

Por outro lado, entretanto, na apparente simplicidade desta existencia, assiste-se a um caso verdadeiramente emocional, porque elle representa uma luminosa ascensão.

E' sempre admiravel espectaculo este, ainda quando o realisam seres favorecidos por todas as condições que consideramos mais normaes. Subir é sempre soffrer e sangrar, porque não ha como exalçar-se sem esforço,

sem provações e sem sacrificio, antes de tudo interior, como um fructo de melhoria constante, de renovação gradual, de transfiguração por parte, de tacita conformação com os elementos. Mas subir só pela força de nossa alma, pelo sagrado imperio de nossa vontade, pelo prestigio do que haja em nós de quasi divino, — que outra coisa não vem a ser a força da bondade, — pelo enthusiasmo que a vida nos inspira, — não importa a nossa situação pessoal, — pela fé que nos illumina, pela crença que nos conforta, pelo milagre que representa todo o nosso modo de ver e todo o nosso modo de ser em frente da realidade literal das coisas; subir assim, póde não ser de um genio, mas é, por certo, de uma alma santa.

Foi isso que com Auta de Souza se deu. E é por isso que sua obra offerece os lumaréos que as obras mais categoricamente literarias muitas vezes não têm, o attractivo que as composições mais perfeitas nem sempre conseguem, a emoção que não raro os proprios grandes espiritos são incapazes de nos dar.

Seu lar, quando ella accordou para a vida, representava a ruina de uma felicidade preterita, felicidade de que ella não chegou a comparticipar conscientemente quasi. Em torno de uma avó, que era tambem uma santa, só se viam orphãos, entre os quaes Auta era a unica irmã.

Ella nasceu, por conseguinte, para ser o orgão natural do pranto, dada sua condição de mulher, naquelle ninho de filhos sem pais. Estes a voragem da morte os levara, lambendo ainda com as chammas literaes de sinistro incendio uma daquellas creanças que a orphandade já assombrara, só por si. Depois, quando andava diligenciando obter melhoras para seus soffrimentos physicos, no sertão, o espectaculo desolador da secca do Norte, com todo o immenso e gigantesco cortejo de miseria e de dôres que lhe é consequente, completou aos

seus olhos o quadro do soffrimento humano. O mundo se lhe tinha de afigurar, assim, por força, uma estranha tragedia, e, do berço ao tumulo, um amargo fadario nossa missão humana.

Sob os traços que mais o caracterisam, não conheço na nossa literatura outro livro feminino que se possa equiparar ao "Horto". A alma de Auta de Souza é irmã gemea mas é da de Casemiro de Abreu, dentro das modalidades do nosso momento. Numa e noutra o mesmo *leit motiv,* que vem a ser a tristeza e a dôr, a mesma doçura de cordeiro diante do irremediavel da sorte, a mesma vibratibilidade, poder de suggestão identico, — ambas essas ditas almas fazendo lembrar harpas eólias resoantes ao sabor do vento.

Quereis conhecer alguns dos seus versos? Aqui estão estes, que se chamam "Doloras":

"Já vão caminho do cemiterio
Meus louros sonhos em visões negras
E vão-se todos no Azul sidereo
Como uma nuvem de toutinegras.

A noite de hontem levei chorando
Todo o passado dos meus amores;
E o dia ainda me achou rezando
No immenso terço das minhas dores.

Vejo na vida longo deserto
Sem doce oasis de salvação.
Dentro de minh'alma doida, chorosa,
De pobre moça tuberculosa,
Cheio de medo, tremulo, incerto
Bate com força meu coração.

E assim morrendo, coitada, aos poucos,
Convulsa e fria, louca de espanto,
Solto suspiros, soluços roucos,
Olhando as cruzes do Campo Santo.
Porque me lembro que muito breve
Leva-me a elle tanta dor physica,
E dentro em pouco, branco de neve,
Verão o esquife da pobre tisica".

Ou então este soneto:

"LAGRIMAS

"Eu não sei o que tenho... Essa tristeza
Que um sorriso de amor nem mesmo aclara
Parece vir de alguma fonte amara
Ou de um rio de dor na correnteza.

Minh'alma triste, na agonia presa,
Não comprehende essa ventura clara.
Essa harmonia maviosa e rara
Que ouve cantar alem, pela deveza.

Eu não sei o que tenho... Esse martyrio,
Essa saudade roxa como um lirio,
Pranto sem fim que dos meus olhos corre,

Ai! deve ser o tragico tormento,
O estertor prolongado, lento, lento,
Do ultimo adeus de um coração que morre."

Entre Casimiro de Abreu e Auta de Souza ha, porem, differença. Ao amor, por que tangeram tão amaviosamente as cordas da lyra casimiriana, a esse só indirectamente e muito de passgem refere-se a meiga moça do Norte. Em vez de voltar-se para a vida e para os

gozos, siquer para as esperanças da terra, volta-se ella para a poesia.

Auta o diz nestas estrophes:

"Não me olhes assim... Eu fico triste
Quando a fitar-me o teu olhar persiste
Choroso e supplicante...
Já não possuo a crença que conforta.
Vai bater, meu amigo, a outra porta,
Em terra mais distante...

Cuidavas que era amor o que eu sentia
Quando meus olhos, loucos de alegria,
Sem nuvem de desgosto,
Cheios de luz e cheios de esperança,
Numa caricia ingenuamente mansa,
Pousavam no teu rosto?

Cuidavas que era amor? Ah! si assim fosse!
Si eu conhecesse essa palavra doce,
Esse queixume amado!
Talvez minh'alma mesmo a ti voasse
E num berço de flor ella embalasse
Um riso abençoado.

Mas não, escuta bem; eu não te amava.
Minh'alma era, como agora, escrava...
Meu sonho é tão diverso!
Tenho alguem a quem amo mais q'a vida.
Deus abençoa esta paixão querida:
Eu sou noiva do Verso!"

. . . . . .

E a poesia ella vota, acima de tudo, á vida mystica. Jesus, e aquella Madona, Senhora que impera docemente nos corações catholicos, são o seu refugio e os seus

idolos, que lhe recebem e lhe enxugam as lagrimas, transfundindo em balsamo o que era fel.

Ha versos e versos no "Horto", que são como flores ou cirios depositados piedosamente no altar dos templos. Dentre elles muitos se destacam como expressão da mais legitima poesia, ora graciosa, suave, ora anciosa, dramatica.

Dos que offerecem a primeira feição acho bem capazes de dar uma idéa estas quadras entremeadas de sextilhas, que ella chamou "Symbolicas":

"Quando Deus creou alem
As estrellas em cardume
Na terra creou tambem
As flores, mas sem perfume.

Um dia, ao mundo de abrolhos
A Virgem pura desceu
Com um manto da côr dos olhos
E uns olhos da côr do Céo.

No céo azul de seu manto
Brilhava um astro: Jesus!
E em seu olhar sacrosanto
Boiava a Innocencia, a Luz...

"Maria!" — os anjos clamaram
A chorar, vendo-a partindo... —
Tu levas nossa alegria..."
Mas da terra lhe acenaram
As flores todas abrindo:
"Maria!"

E ella deixou do Infinito
Os resplendentes fulgores,
Para acudir ao bemdito
Aceno doce das flores.

E teve pena de vel-as
Formosas, mas sem ter brilho;
Olhou sorrindo ás estrellas
Dos cabellos de seu Filho...

Ah ! fôra ella que as fizera
Com a graça de seu sorriso,
Num dia de Primavera,
No gloria do Paraiso!

E seus olhos procuraram
Algum occulto thesouro:
"Para as flores que faria?"
Quando do céo a chamaram
Os anjos todos, em coro:
"Maria ! "

Ia partir... Que lembrança
Podia deixar no campo?
Dera o sorriso á criança,
Estrellas ao pyrilampo !

Nos meigos olhos perpassa
Não sei que lampejo doce...
E a Virgem, cheia de graça,
Do mundo triste evolou-se.

Mas, Ella, que dera o encanto
Do riso sagrado á infancia,
Da dobra azul do seu manto
Deixou cair a fragrancia.

Desde esse dia, na Terra,
As flores sabem falar...
A voz da flor é a ambrosia
Que tanta doçura encerra
Quando murmura ao luar:
"Maria ! "

O que ha de mais interessante, porem, naquella alma de joven martyr, é, ao lado disto, seu amplo e enternecido espirito de sociabilidade, mormente para com os outros seres femininos com quem lhe aconteceu conviver, e, numa escala ainda muito mais larga, numa espontaneidade ainda maior, de tal modo que já é na verdade um arrebatamento, para com as crianças, os filhos alheios, — que só estes lhe foi dado contemplar.

Esquifes e esquifes de donzellas e de anjos desfilam na perspectiva que subjectivamente vemos estabelecida nas paginas de seu livro, — amigas que morrem e filhos de amigas, a quem a morte seria mais leve que essa perda indizivel.

Falando a uma dessas creanças, ella diz:

"Como dois botões pequenos,
Duas flores orvalhadas,
Teus olhos dormem serenos
Sob as palpebras cerradas."

Diz de um menino:

"Desceu acaso com o corpo á terra
Elle, tão puro e que só luz encerra?
Não creio nisso e ninguem crê, decerto...

Entanto eu scismo que, num valle ameno,
Talvez o seio de um jasmim pequeno,
Sirva de berço ao coração de Alberto."

Ou então, referindo-se a Loli:

"O caixãosinho tem a côr divina
Do mundo immenso onde Jesús habita,
E o frio corpo da gentil menina
Repousa nelle entre jasmins e fita.

Seu cabellito, perfumado e louro,
Cobriam todos de cheirosas flores...
Traz-nos á mente, sepultado em dores,
Um encantado e virginal thesouro.

Todos soluçam, meigos, contemplando
O esquife santo que caminha ali.
Beijos saudosos em formoso bando
Vôam gemendo a procurar Loli.

O' creancinha, ó pequenina aurora!
Descerra as folhas, açucena amiga!
Rosa adorada, que o tufão desliga
Da haste mimosa, quem te beija agora?

Mas já não ouve, o pobre sonho morto...
Tão longe o esquife! ninguem mais o alcança...
Barco celeste, vae levando ao porto
O corpo amado desta flor creança."

....

Lembrando outra, ella descanta assim:

"No esquife azuleo, feito a capricho,
Por entre rosas de alvura tanta,
Deitaram Zirma como no nicho
Guarda-se a imagem de alguma santa.

.....

Qual uma virgem pura e singela
Que deixa o mundo para ser freira,
Toda de branco tinha a capella
Feita de flores de laranjeira.

Por sobre o mánto, formoso e leve,
Muito estrellado, de azul setim,
Das mãos pequenas da côr da neve
Pendia o terço côr de marfim.

Subiu-me aos olhos, em doido assomo,
O amargo pranto do coração.
Vendo-a tão linda vestida como
Nossa Senhora da Conceição."

. . . . . .

Não é, porem, unicamente da morte, mas, em muito, da vida que ella nos fala, amando-a fundamente na representação dos seres ditosos ou dos innocentes, que constituiram o seu circulo de relações affectivas. Passa por aquellas folhas toda uma theoria de moças, cuja belleza e cujo encanto é o enlevo daquella outra alma feminina, essencialmente dotada da faculdade da sympathia, moças cuja amizade representa alguns raios da tenue ventura que lhe foi dado fruir nesta vida. Com referencia ás creanças, é toda uma grinalda constituida por ellas que a poetisa offerece ao nosso enlevo. Vemol-a quasi como que ajoelhada, á força de maternisar-se, de por pouco chegar á ebriedade, entre lagrimas, diante desses seres, que andam no seu coração como é de imaginar que andem os anjos no céo.

Podiam-se encher muitas paginas transcrevendo os versos em que ella fala de moças. Mas vejam-se apenas alguns, como estes:

"A linda trança dourada
Que eu vi domingo, á noitinha,
Guardava a maciez amada
Das pennas de uma andorinha.

. . . . . .

Era já noite, e no entanto,
A loura madeixa olhando,
Cuidei que cheio de encanto
O dia vinha raiando.

Deus fel-a numa redoma
De beijos, de luz, de amor,

E deu-lhe o sagrado aroma
Das madresilvas em flor."

. . . . . .

Ainda estas duas quadras, referentes a outra:

"O' tranças côr de alegria,
Olhar que um sorriso fez:
Olhos de Santa Luzia,
Cabellos de Santa Ignez!

Dourae, dourae meus abrolhos,
O' tranças que o vento leva...
Olhos, ficae nos meus olhos,
Que elles são feitos de treva."

. . . .,

Si eu fosse, então, transcrever aqui quanto as creanças lhe inspiram, quasi que por minha vez enchera um livro.

Perto da casa em que ella mora, ha uma aula de meninas. Estas são o seu encanto, são a sua propria vida, que ella haure daquellas existencias em botão, só no vel-as passar:

"Vem na frente a maior. Já quasi moça,
Olhos azues e fronte scismadora:
Uma açucena de exquisita louça,
De face côr de neve e trança loura.

. . . . . .

Passa depois Sophia, uma creança
De olhar mais negro do que a noite escura:
Vive sempre a sorrir como a Esperança,
Vive sempre a cantar como a Ventura!

E aquella doida que lá vai correndo
Em risco de tombar nas pedras duras?
E' Lucia. A vida quer levar fazendo
Todos os dias estas travessuras.

Depois Sara e Rebecca... Borboletas
Irmãs no olhar, no rosto, nos vestidos;
São dois anginhos de madeixas pretas,
Gemeos sorrisos, corações unidos.

Segue-as a linda e ingenua moreninha
De nome terno e encantador: Dolores,
Uma singela e pallida amiguinha,
Que todas as manhãs guarda-me flores.

Ouço chamar pelo meu nome... E' Santa,
Um diabrete muito engraçadinho...
— Soube a lição? — Não me responde, canta...
— Garça innocente, vôa para o ninho!

Puxando a trança de Lucilia, passa
Celeste, a loura: correm como doidas...
Porque é que tarda a pequenina Graça
A mais mimosa e mais gentil de todas!

.....

.....

E eu digo ao ver das creancinhas mansas
O bando alegre e luminoso e forte:
Vós sois no mundo claras esperanças,
Rosas da vida embalsamando a morte.

O vosso olhar é como um livro aberto
Onde soletro as minhas alegrias...
Oasis santo num cruel deserto
Negro e sem fim de fundas agonias.

Em breve as férias chegarão, e eu triste
Quantas semanas vou passar distante
De vosso olhar onde a Candura existe,
De vosso riso claro e hilariante!

E para não ficar tão só, tão louca,
Presa da Scisma ao doloroso enleio,
Dae-me as cantigas que levaes na boca,
Dae-me as chimeras que guardaes no seio!

Pois já suspiro pela aurora mansa
Que ha de trazer com o sol do novo anno
Para voss'alma mais uma esperança,
Para a minh'alma mais um desengano.

Anjos da terra, flores animadas,
Aves do céo que a chilrear passaes...
Como vos quero, evocações amadas
Do meu passado que não volta mais!"

. . . . . .

Desejaria tambem transportar para aqui aquellas lindas redondilhas de titulo "Ao pé de um berço", feitas para, junto deste, serem cantadas pela mãi, a quem ella as offerece. Darei ao menos estas poucas:

"Dorme, santinho, as estrellas
Virão cobrir-te com um véo;
Não chores, si queres vel-as
Fazer de teu berço um céo.

Foge da noite aos abrolhos
Neste celeste abandono;
Eu guardo um sonho nos olhos
Para dourar o teu somno.

. . . . . .

A Mãi do Céo, nos espaços
Deixando de luz um trilho,
Traz o filhinho nos braços
Para beijar-te, meu filho!

Recebe o carinho amigo
E pede ao rei do Universo
Que fique a sonhar comtigo
Dormindo no mesmo berço.

As duas mãis, num sorriso,
Sobre o ninho velarão...
E eu direi ao Paraiso,
Baixinho no coração:

Qual dos dois mais luz encerra,
Envoltos no mesmo véo:.
O filho da mãi da terra?
O filho da mãi do Céo?"

. . . . . .

Não ha duvida, Auta de Souza tinha bem o direito de propor para seu epitaphio os dois ultimos versos daquelle soneto, que intitulou "Ao pé do tumulo":

"Aos meus.

Eis o descanso eterno, o doce abrigo
Das almas tristes e despedaçadas;
Eis o repouso emfim: e o somno amigo
Já vem cerrar-me as palpebras cansadas.

Amarguras da terra! eu me desligo
Para sempre de vós... Almas amadas
Que soluçaes por mim, eu vos bemdigo,
O' almas de minh'alma abençoadas.

Quando eu daqui me fôr, anjos da guarda,
Quando vier a morte, que não tarda
Roubar-me a vida para nunca mais...

Em pranto escrevam sobre minha lousa:
"Longe da magoa, emfim, no céo repousa
Quem soffreu muito e quem amou demais."

Nesse amor, porem, justamente, é que consistiu, mais do que em tudo, a superioridade de seu ser, dahi é que lhe veiu o estimulo necessario para fazer-se a dolorosa poetisa do Brazil. Por isso é que um homem que as lê, as paginas do "Horto", no recesso do seu gabinete, sente-se irmão daquella soffredora tão boa, e commove-se com ella, humanamente, achando-se em tal companhia bem longe do mundo. Si elle é um timido ou si é um vaidoso, póde, depois disso, calar, até, aos outros homens o nome daquella que lhe inspirou esse ineffavel sentimento de confraternidade, falando-lhe a linguagem da dôr, pela qual nós todos nos prendemos uns aos outros, reconhecendo a nossa origem commum. Talvez o faça com receio de perder alguma coisa da autoridade que acaso tenha, de comprometter algo de seus creditos intellectuaes, tratando-se de uma autora que nem sempre a critica ha de achar impeccavel, dentro dos canons, ou que nem sempre satisfaça as altas exigencias relativas ao valor substancial da arte. Si elle, porem, nada pretende communicando-se sinão mostrar-se sincero e leal, será mais um a dizer ou a escrever, referindo-se áquella adoravel poetisa, que, com o "Horto", esta terra conta mais um livro que é orgão legitimo da expressão solicitada pelo nosso lyrismo, com mais uma collectanea em que ha versos que são versos, poesias que traduzem a poesia verdadeira, com mais umas paginas que hão de ficar como um soluço da dôr humana e representando uma nova justificação de como a vida póde ser sempre dignificada pelo talento, pela bondade e pelo amor.

Dá-se, comtudo, que no caso presente tal timidez ou vaidade seria simplesmente néscia. A primeira edição deste livro foi prefaciada por Olavo Bilac, que com isso sanccionou a cantora nortista, — nesse momento quasi a despedir-se do mundo. O "Horto", diz Castricianno, "foi recebido com elogios pela melhor critica do paiz; leram-n'o os intellectuaes com avidez; mas a verdadeira consagração veiu do povo, que se apoderou delle com

devoto carinho, passando a repetir muitos dos seus versos ao pé dos berços, nos lares pobres e até nas igrejas, sob a fórma de "bemditos" anonymos. Auta, sem pensar e sem querer, reproduzira a lapis, na "chaise-longue", onde a prostrara a doença, as emoções mais intimas da nossa gente. E antes de finar-se ouviu da bocca de centenas de infelizes muitos dos versos que traçara com os olhos lacrimosos."

Trata-se apenas, portanto, aqui, de concorrer para a propagação de cada vez maior das ondas com que a fama vae levando o seu nome e para a crescente diffusão da poesia que nestas paginas se encontra, tão essencialmente casta, e no fundo tão edificante, afinal, tão necessaria neste tempo de ancias por toda parte, e nésta terra de tanto coração, mas hoje tão distrahida de seu legitimo penḍor.

1911.

Emiliano Pernetta

1.

Já se vão para mais de vinte annos... Na pequena e melancolica cidade de Paranaguá, onde nasci, e de que ainda me não apartara nem um dia, pouco a pouco eu despertava para a vida do espirito, em actividade relativamente febril, por um lado cheio de iniciativa para a convivencia e associação com os outros rapazes do meu tempo, mas por outro propenso a leituras mais arduas e mais intensas do que as que são naturaes naquella edade, principalmente onde o meio nada tem da superexcitação propria ás estufas que os grandes centros representam.

Um tanto á lei do acaso, um tanto já levado por predilecções que se iam querendo revelar, eu começava a fazer o meu circulo pelo mundo do espirito, mundo que a todos nos liberta das contingencias, ainda as mais estreitas, a que materialmente estejamos subordinados, e associa-nos á grande vida geral dos homens. Felizmente, os livros de que dispunha facilitavam-me, antes e acima de tudo, travar conhecimento com os autores portuguezes e nacionaes, mórmente os poetas e romancistas, embora rarejassem os autores mais contemporaneos. Era inda melhor assim, para que os ultimos me

não distanciassem dos seus predecessores dentro em pouco, com o encanto, a seducção peculiar, principalmente perante os espiritos de incompleta cultura, dos que trazem a nota entontecedora do momento, a qual, tantas vezes, é a unica a emprestar-lhes valor, — conseguintemente um valor illusorio.

Dos que marcavam o momento nos centros intellectuaes que até ali se tinham podido constituir em nosso paiz, chegavam-nos, pelo menos chegavam a mim já enfraquecidamente os écos pelo vehiculo dos poucos jornaes e de uma ou outra revista que acontecia deparar-se-me. Dava-se, alem disso, que o facto da relativa saturação a que cheguei no referente á leitura romantica nacional mais me distanciava do que podia approximar-me da corrente parnasiana e do naturalismo, — as duas grandes novidades da época, em materia literaria, aqui no Brazil. Era indispensavel ter passado por estadios intermediarios para não receber antes com estranheza do que com verdadeira e intima sympathia, com legitima correspondencia espiritual, essa nova corrente, opposta quanto podia ser áquella a que eu era devedor da minha educação literaria inicial.

Atravessava eu semelhante quadra — quadra breve, aliás, de um ou dois annos, si tanto, — quando não me recorda que jornal de nossa terra começou a publicar umas cartas de Emiliano Pernetta, que então iniciava o seu curso academico em S. Paulo. Elle é filho de Coritiba, onde eu nunca fôra até então, de modo que nem siquer o conhecia de nome. Essas cartas eram feitas de curtos periodos atticos e eram muito breves, não contavam novidade alguma propriamente dita, não commentavam nem graves nem futeis acontecimentos. Sem elle saber, de certo, valiam pelo preludio da obra para que viera o poeta; descreviam paisagens a rapidos traços, fixavam passageiros estados d'alma, registravam as idiosyncrasias de um temperamento singular, fariam

lembrar, tanto quanto, Henrich Heine, a quem por ventura lhe conhecesse as obras, que não eu.

Ainda assim, no meu atrazo e na minha incultura de barbaro quasi intacto, aquellas epistolas maravilharam-me, — nem mais nem menos. Foram ellas que despertaram em mim pela primeira vez o sentimento da naturalidade. Parecia-me não estar lendo, mas ouvindo o proprio autor. Alêm disso, aquella forma alada, a originalidade do ponto de vista, aos meus olhos, o encanto da individualidade que se revelava naquellas poucas e periodicas linhas, a viva nota de actualidade que ellas traziam pelo flagrante das impressões de que davam conta, ou pela veracidade dos sentimentos e das intimas sensações pessoaes de que eram como rapida, mas singular ementa, todo esse conjunto produzia-me uma impressão deliciosa, de tal toque como coisa alguma ainda me não proporcionara até ali. De mais a mais, certo pelo facto de se tratar de um moço que eu vim a saber meu patricio, e ainda porque esses escriptos se publicavam em um jornal comprovinciano, eu passei a ter Emiliano Pernetta como um irmão mais velho realisando antes de mim o ideal que já me andava latente.

Não admira, assim, que de então em deante anciasse por conhecel-o, facto que se deu naturalmente quando dahi a algum tempo segui para Coritiba, onde passei a cursar preparatorios, acontecendo que dentro de alguns mezes o brilhante academico voltava á sua terra em época de férias.

Fui-lhe apresentado então, e ahi nos ligámos para sempre, sendo sua amizade uma das mais influentes na minha vida.

O que se dera commigo, desde o momento em que o lera, era o que tinha occorrido mais ou menos com todos que o haviam conhecido de antes, na capital da nossa terra, ainda quando elle se preparava para a matricula de uma Faculdade. Já por esse tempo começara

a collaborar na imprensa, como acontece geralmente a todos os estudantes com propensão literaria, tanto mais na provincia. Este, porêm, destacara-se de um dia para outro dos estreantes communs. Já tinha em seu meio, apenas adolescente, a aureola, tantas vezes funesta, daquelles que desde logo passam a ser apontados como predestinados da gloria. O facto repetira-se em S. Paulo, onde elle começara a exercer influencia entre os academicos, — embora apenas nos circulos interessados por tudo, menos pelas materias do curso.

E' preciso conhecer Emiliano Pernetta, e fôra preciso conhecel-o mórmente no periodo da sua primeira mocidade, para compenetrar-se um homem de que não havia como ser de outro modo. Elle é daquelles que tem de impôr-se forçosamente onde quer que se encontrem.

Ha intellectuaes, até genialidades, não raro, incapazes de se fazer valer fóra do meio que lhes é mais proprio, que passam até como verdadeiras nullidades aos olhos da gente commum, embora produzam impressão empolgante, quiçá esmagadora, entre os seus pares. Não lhes coube o dom da iniciativa em qualquer atmosphera em que se achem, iniciativa que lhes permitta levantal-a, aquecel-a e sustental-a no gráo que lhes convêm emquanto elles se acham presentes. Pelo contrario, taes individuos são dentre os circumstantes os mais timidos, sinão os mais acovardados, uma vez que não sintam immediatamente viva correspondencia com sua natureza, espontanea e legitima sympathia por parte das outras naturezas de que se approximam. Vem dahi tornarem-se em geral esses homens retrahidos perante a gente commum, e si conseguem um dia dominar é pela acção da sua obra, tão só, feita no silencio e, mais ou menos, quasi sempre, na amargura. Ha nesses typos tanta falta de audacia, tanta inhabilidade na sciencia das relações, na arte de se fazer valer, que os mais mediocres dos seus contemporaneos os levam momenta-

neamente de vencida, com extraordinaria facilidade, no meio leviano, facilmente mystificavel, em que vivam, por acaso, e são assim todos os circulos mundanos em geral, tanto mais em terras novas, incomplexas, como as nossas.

Dá-se justamente o contario com o poeta singular da *Illusão*. Poucos intellectuaes tenho conhecido com o encanto de presença que ha nelle, tanto mais irradiante e mais irresistivel quando tinha por si o vigor e o prestigio da juventude. Encanto por um lado, e por outro viva, irresistivel necessidade de dominio. De pequena estatura, trigueiro, labios turgidos, mas ainda assim delicados, pequeno bigode, bellos dentes, bonita fronte, narinas palpitantes, mas o traço do nariz como que algo semitico, olhos grandes e velludosos, pelas longas pestanas, cabellos negros e em largos caracóes, nervoso e vivido, de um fluido que não ha quem não sinta, um falar que parece uma caricia, lisonjeiro só no simples fitar da vista sobre nós, mas ao mesmo tempo infundindo desde logo o sentimento de que estamos deante de um individuo que não é como os demais; basta — pelo menos bastava no bom tempo da nossa convivencia — entrar em preludios de conversa com elle para aceital-o como lhe era indispensavel que o aceitassem.

Com esse feliz encontro, aquelle para quem até ali elle houvesse sido um simples anonymo na rua é quem mais tinha, sem duvida, a lucrar. Porque, uma vez terminada a conversa, e havendo partido o poeta, — o que sempre se dava no momento em que tivesse conseguido o effeito maximo, — (força de vontade esta que é bem pouco commum: a de nos decidirmos a sahir no melhor momento,) não havia quem não ficasse em estado mais ou menos hypnotico, de deliciosa ebriedade, analoga á que póde produzir uma obra de arte que nos empolgue.

Emiliano Pernetta é verdadeiramente um extraordi-

nario "causeur". Mas o que ha de mais raro naquelle talento de "causerie", que lhe é proprio, é a capacidade que elle tem de levantar momentaneamente á altura da atmosphera em que se libra seu espirito quem quer que o escute, a não ser um completo bolonio. E mais, é elle interessar — não importa quem — pelos objectos do seu interesse, delle, que é sempre um fino intellectual, curioso por todas as coisas, é certo, com uma visão segura como todos os grandes talentos possuem, mas incapaz de apartar-se dos pontos de vista que são os seus, para falar de uma flôr, como para discorrer sobre politica, para queixar-se do frio que está fazendo ou do estado dos negocios no momento presente. O que nunca mais vi, sobretudo, foi outrem realizar o milagre que elle realiza, despertando, não importa em que natureza de qualquer dos seus interlocutores, as affinidades latentes que existam entre elles e a sua individualidade, dando-lhes com isso, não raro, pela primeira vez, o sentimento de uma superioridade que elles ignoravam existir em si, até de certa aristocracia intellectual, — méro reflexo, commummente, da que nelle se revela, mas, que, emquanto a illusão não passa, soergue os mais modestos e despretenciosos dos seus companheiros de occasião, nascendo desse phenomeno singular a sympathia unica e inevitavel que aquelle homem infunde em quem quer que com elle assim se relacione. Não é apenas sympathia, mas tambem um sentimento de admiração que, como aquella, é capaz de risistir depois ás provas e embates acaso oppostos aos impulsos do começo.

2.

Comprehende-se, uma natureza assim privilegiada tem de exercer activa e predominante funcção onde quer que se ache. Ella como que opéra milagres de divindade creadora, despertando vida e animação em

torno a si, constituindo pelo seu prestigio o meio que melhor lhe convem, onde quer que haja tenues possibilidades, ao menos, de vida espiritual, voltada para os horizontes mais caros á mesma.

Foi o que se realizou em Coritiba muito em parte sob o influxo daquelle nosso sympathico, irresistivel companheiro, e antes de todos, talvez, eu é quem mais vantagens auferiu com sua convivencia enthusiastica e fraternal.

Pouco mais tarde, sendo mais moços do que nós ambos, é que entraram em actividade os nossos outros companheiros, nomeadamente Dario Velloso, Silveira Netto, Julio Pernetta e Antonio Braga, vindo a constituir o "Cenaculo", de cuja creação é que data mais proximamente todo o movimento intellectual que ainda agora ali se opéra, e que se vae integrando de cada vez mais, por forma a poder-se dizer com toda a justiça que a linda capital do Paraná representa no dia de hoje um novo circulo de cultura, e dos mais distinctos que offereça o Brazil. Poetas, contadores, jornalistas, pedagogistas, historiographos, cultores da geographia, ethnographos, escriptores medicos, cultores do direito, elles já constituem uma pleiade perfeitamente adextrada, e, o que mais é, com caracteristica propria, inconfundivel. trabalhando para a continuidade da cultura nacional, é certo, mas sem nenhum espirito de subserviencia a outros centros quaesquer do paiz.

Quando chegamos a estreitar nossas relações, eu já transpuzera francamente o circulo romantico, vivendo por esse tempo na admiração dos typos representativos do naturalismo e dos parnasianos, de mistura com algumas individualidades intermediarias. Mas foi Pernetta quem pela primeira vez me falou de Charles Baudelaire.

Não lhe podiam ser estranhos, a elle que residia em S. Paulo, e não lhe eram indifferentes, aquelles dos

nossos poetas que por essa época se instituiam chefes da corrente parnasiana, aqui no Brazil. Bem ao contrario, Emiliano é quem primeiro me deu noticia mais larga e muito informe anecdotico, mas com intenção toda sympathica, principalmente dos que haviam cursado ou ainda cursavam a Faculdade de S. Paulo, de Theophilo Dias, de Raymundo Corrêa, de Olavo Bilac, não me lembra si tambem de Luiz Murat. O certo, porem, é que já nesse momento sua predilecção decisiva era pelo "perigoso mestre", o extravagante e raro autor das *Flôres do Mal*. Foi em mãos do meu velho companheiro de hoje que vi pela primeira vez o volume em cuja vermelha lombada aureamente luzia o imprevisto titulo daquelle livro genial e capitoso, foi por sua voz, entre quasi felina e quasi soluçante, mas ao mesmo tempo ardente e musical, que se me revelou a larga belleza, mas tambem a melancolia incuravel, a desolação lacerante que ha, por exemplo, na *Bénédiction* e em *L'Albatros*. Foi elle quem me confiou afinal o livro por emprestimo, para que ao menos pudesse perpassal-o, não havendo em Coritiba, naquelle tempo, onde adquiril-o, de modo que esse favor vinha a representar uma prova de rara estima e confiança de sua parte para commigo. sendo assim que na verdade o interpretei.

Pois bem, póde-se dizer que desse tempo até aqui o que elle tem feito é confirmar de cada vez mais caracteristica, precisa e decisivamente as tendencias esthe-ticas de que era sério symptoma, com effeito, aquella predilecção juvenil.

Mais tarde, na *Canção do Diabo*, dirá o Principe dos Proscriptos, referindo-se ao poeta:

"O teu furor pela belleza
Indifferente ao bem e ao mal,
Desoladora guerra accesa,
E sobretudo odio infernal;

A tua esfaimação de oiro,
A sêde de subir, subir,
Além daquelle sorvedoiro
D'astros e perolas d'Ofir;

O orgulho teu, furioso, grito,
Luxuriosamente cruel,
Crescendo para o infinito,
Como uma torre de Babel,

Orgulho infindo, orgulho santo
E diabolico, bem sei,
Que tanto horror tem feito, tanto,
Ah! eu sómente o escutei."

Emiliano Pernetta, na verdade, viera para a cruel e gloriosa missão de renunciar o mundo, na Arte e pela Arte, caso em que esta exige ser escripta com maiuscula para exprimir a coisa a que realmente corresponde.

Suas qualidades brilhantes, entre ellas aquella sociabilidade que trouxe, aquelle dom de inspirar tão intensas sympathias, aquelle segredo de dominio, que é tão seu, todos os meios, emfim, que em suas mãos estavam de fazer-se valer na conquista da vida como as naturezas vulgares ou grosseiras entendem, tudo se lhe annullou quasi que por completo, sendo-lhe permittido, apenas, garantir na existencia o direito ao duro trabalho quotidiano para subsistir dignamente. "Nós só conquistamos, disse Gœthe, aquillo que sabemos desejar com ardor." Seu unico sonho era, afinal, o sonho de um verdadeiro e intransigente poeta.

Natureza irregularissima, caprichosa, contradictoria, capaz de grandes excessos, impulsiva, incompativel com o calculo frio, e, alem disso, dotada de fundo or-

gulho, embora sob apparencias perfeitamente enganosas, de modestia e despretenção, — coisas tão captivantes do mundo, — natureza aristocratica como a de um principe, mas ao mesmo tempo necessitada de liberdade, elle o diz, como a de "um selvagem nú", só num dominio que não é para as nossas brandas e deliquescentes éras, ou então nesse mundo da imaginativa em que podem ser verosimeis e realizadoras as mais incriveis incursões, quando o fogo do genio illumina a fronte do Conquistador, só ahi lhe era dado achar ao menos um lenitivo.

Antes da *Illusão*, volume de versos que acaba de ser dado á estampa, e que offerece opportunidade para escreverem-se estas linhas, Emiliano publicou outras obras, entre ellas, *Musicas*, sua primeira collecção de versos, que lhe valeu ruidosa consagração em S. Paulo. onde veiu á luz quando elle ainda não terminara o seu curso academico, e não ha muitos annos um opusculo em prosa, mas como só a fazem os poetas, e que o autor intitulou *Allegorias*, opusculo discutido e até repudiado por alguns, calorosamente applaudido por outros.

Quer nesses trabalhos, quer em todos os demais que tenha subscripto — cartas, chronicas, "croquis" instantaneos, versos de circumstancia, — obra que seria de tomo si não se houvesse perdido na vertigem propria dos diarios e periodicos em que figurou, em tudo um caracteristico se encontra: a completa ausencia de vulgaridade, embora á custa de extravagencia muitas vezes, mas sempre — o que é melhor, — representando o producto de nobre desinteresse, sempre orientado para um fim ideal.

De 1890 a 1892 o poeta viveu aqui no Rio. Ainda é numeroso o grupo de affeições que deixou entre a fina flor da nossa intellectualidade que aqui figurava naquelle momento, e não falta quem rememore nas nossas rodas literarias a acção original e brilhante que exerceu nos

differentes jornaes de cuja redacção fez parte por aquelle tempo.

Do Rio foi Emiliano Pernetta para Minas encetar a carreira juridica, a que os seus titulos academicos lhe davam direito.

Pouco tempo se demorou, entretanto, ali. Gravemente enfermo, seguiu para a nossa terra, onde sempre foi dos mais queridos e admirados entre os seus filhos. Fixou-se definitivamente em Coritiba, e, creio que se pode dizer sem temor de offensa a qualquer susceptibilidade, — elle é actualmente o chefe incontestavel do mundo intellectual paranaense.

3.

Uma vida, pois, á primeira vista, semelhante á de quasi todos nós, dos quaes bem poucos, nesta época de tanto movimento e tanta oscillação, de aspirações tão multiplas quantas as possibilidades para as tentativas e os emprehendimentos, para as deslocações, com as duras experiencias inseparaveis das mesmas, bem poucos hão de ser hoje em dia, digo eu, os que não tenham consultado o destino por varios modos, não hajam atravessado crises, altos e baixos nesta breve existencia, ainda sendo felizes quando, como com elle acontece, fixam a tenda a tempo de poder consolidar uma situação, por modesta que seja, accorde com a necessidade de assento e de calma que o peso dos annos acaba por exigir, afinal.

Nos homens de grande sensibilidade, porem, e de muita imaginação, como é o caso do nosso poeta, os factos produzem o mesmo que uma pedra atirada á flor das aguas, a qual abre inicialmente um circulo estreito, mas a que se vão seguindo depois outros circulos cada vez mais dilatados, affectando por fim o golpe soffrido num unico e dado ponto, toda uma enorme extensão daquella superficie. Mas a imagem ainda não é per-

feita, porque nesse liquido elemento material, o phenomeno não se propaga para o interior, quando nesses seres se dá justamente o contrario, acontecendo que um facto, pode ser que insignificante aos olhos communs, basta, muitas vezes, para ir com o correr dos dias calando-lhes até chegar-lhes bem no amago, e destruil-os na silenciosa apparencia de uma paz inalteravel, como envenenado alfinete que fosse penetrando subtil e quasi insensivelmente até entrar no coração.

A experiencia desses homens taes, por isso, constituem-na bem pode ser que poucos casos, traduzidos por uma vida exterior das mais simples, o que não impede de os vermos, ás vezes, sulcados de rugas, encanecidos prematuramente, os labios amargos e murchos, e elles dotados de uma travosa sabedoria que só os sexagenarios vem ordinariamente a possuir, como si taes creaturas supersensiveis houvessem atravessado nos annos pouco numerosos que contam uma tempestade semelhante áquella que, sob a inconsciencia da sua loucura, affrontou o rei Lear da lenda.

Peior, ou mais serio, é se os descaminhos que occorrem, ainda quando seja pela propria culpa dos transviados, ou si as vicissitudes soffridas, pela dureza, pela estupidez do tempo, pela indignidade dos homens, pelo effeito, justamente, do que ha nas victimas de mais louvavel, de mais nobre, si tudo isso não consegue abalar, corroer e dissipar o sonho sagrado que taes entidades trouxeram comsigo, dando-se, em todo caso, que ellas se conturbam, indo reflectir-se mais ou menos na sua obra os traços oscillatorios, necessariamente perturbadores, sinão deformantes, que resultam do seu estado de alma.

E' peior ou mais serio porque então se dá a possibilidade de converterem-se essas vidas, não em placidos espelhos de resignação inactiva, não nas de submissos vencidos, dignos unicamente de dó, de caridade ironica,

não nas daquelles prisioneiros dos tempos antigos, reduzidos á misera condição de escravos e que se atrelavam na trazeira dos carros onde vinham soberbos os victoriosos ebrios de suas victorias, mas nas de principes proscriptos, porem reveis, de poetas "amaldiçoados", assignando um pacto com o inferno, porventura, embora na mais nobre e mais digna accepção que a figura comporta, integralmente orgulhosos de seu genio, exageradamente zelosos de sua intima dignidade, como que realisando — não importa, — aquelle tragico, aquelle horrivel typo de Eresichton, que Emiliano Pernetta torna a crear para os tempos de hoje nos versos soberbos de um lindo poema, — daquelle reprobo, o qual, não havendo mais com que satisfazer sua fome infinita, deu em se devorar a si proprio, o infeliz!

Não imaginam esses bellos, ou, como quer que seja, sympathicos ephebos que hoje batem ás portas deste mundo das letras, ainda na candidez das esperanças correspondente á aurora da vida que lhes ruboreja as faces, esses que nós outros, quasi velhos agora, não podemos fitar sem intima emoção quasi paternal, emoção de quem já conhece o que elles se propõe sorridentemente a conhecer, elles não imaginam a que é capaz de levar certos homens essa terrivel e sublime ambição de um pouco de gloria! Elles não calculam as consequencias possiveis do accordar-se e acerar-se um orgulho que o seja de modo propriamente dito, quando elle venha em uma natureza heroica, capaz de fazer face á propria morte sorrindo, como quem se arrisca por colher um beijo nos labios de uma boca que se alteia de esbelto busto, em um varandim, ao luar! Elles não sabem o que são as paixões, porventura os proprios odios intimamente recalcados, mas que não envergonham nem tacham, porque são odios santos contra o imbecil que toma o passo ao superior, guindado pelas igrejinhas da época, contra o mediocre ou mesmo contra o valioso émulo, cujo combate, no entanto, é desleal, e de todo ponto indigno,

porque suas pseudo-victorias são feitas de concessões impossiveis para quem de verdade tem um compromisso com o ideal! Elles não sonham, siquer, que solidariedade, sorna, talvez, mas realissima, e de effeitos diabolicos, possivelmente destruidores, estabelece-se — tanto mais nas terras barbaras — entre o baixo mundo, o mundo vulgar, e esses mystificadores de todos os tempos, que todas as épocas conhecem, voltando-se o conluio que nasce dahi principalmente contra aquelles que são o protesto tacito, ao menos, contra a miseria de todos os connubios como esses!

A luta é, — não tem duvida, — em certos casos, literalmente, de morte! Podem destruil-os, tirando-lhes até o proprio sopro da vida e atirando-lhes a pá de cal á boca que sempre foi o grande ponto branco decisivo, posto como termo não importa a que insolencia neste mundo. Mas, emquanto não o fizerem, elles resistem indominaveis, e, si podem, trabalham, transformam carne e sangue em idéas, esgotam-se em expressar emoções, convertem todas as graças que a natureza lhes deu em ornamentação dos versos que fazem, ganham a faculdade de um grego para apoderar-se de todos os segredos da arte, a paciencia dos pechosos estylistas para adquirir toda a technica da escripta, e, ás vezes, quando menos se espera, trazem-nos, com ares modestos, mas no intimo orgulhosos como nunca, o livro que afinal é sua digna resposta á vida e aos homens, porque é um titulo definitivo de triumpho, bastando elle só por si para corôar toda uma vida.

E' o que ora com as paginas de *Illusão* se dá.

4.

Diga-se lisamente e com franqueza: só este livro que acaba de chegar-nos, impresso linda e caprichosamente em officina typographica paranaense, é que da

perfeita idéa do valor que representa a individualidade exquisita, amoravel verdadeiramente para poucos, é possivel, mas forte, mas extraordinaria, de Emiliano Pernetta. Tudo o mais que elle fez deve-se considerar antes como elemento de ensaio para a difficil obra que a si proprio se propôz e que teve a felicidade, — todos nós já vividos sabemos quão rara, — de realisar, enfim, em uma caudal de bellissimos versos, dos quaes muitos constituem breves, mas fortes poemas de intensidade que acalora, afogueia, electrisa e de um acabamento que só os grandes artistas conseguem.

A obra tem exactamente trezentas paginas, em que estão comprehendidas cerca de cem peças.

Pela feição que lhe é propria, prendendo-se á corrente desses que se chamaram os satanistas, os decadentes, os symbolistas, já vem um pouco fora do seu tempo, neste instante em que, embora aproveitando a evolução effectiva que aquelles nobres sonhadores realisaram na poesia, tentam os recem-chegados de valor libertar-se de todas as formulas rigidas que as escolas sempre trazem comsigo, de todos os preconceitos proprios aos que adoptam pontos de mira invariaveis, de todas as deficiencias, de toda a estreiteza, caracteristicas dos que esquecem o natural propriamente dito, trocando a vida, a liberdade, a espontaneidade por um mundo artificioso e pela attitude, pelo ademane, pelo gesto que se adoptam em circulos intellectuaes de occasião.

Ao abrir-se o livro e ainda no percorrer bom numero de suas paginas iniciaes como que se ouve o tinir da ferragem da escola, sonido singular ha dez ou quinze annos atrás, com seus dlem, dlim, dlom, e com o argentino rodar das esporas, ao refulgir dos capacetes de uns cavalleiros sympathicos, mas que davam a impressão de meio loucos, e passavam vertiginosamente, ainda mais pallidos do que de natureza, porque reflectiam no perfil convulso o molle palor do luar.

Transposto certo trecho, porem — e nessas mesmas paginas alguns fortes trabalhos se encontram, — vamos paulatinamente esquecendo o sectario, pela curiosidade, pelo interesse, dahi a pouco pela verdadeira admiração que o poeta nos desperta, e ahi é uma verdadeira delicia entregarmo-nos sem reserva, de corpo e alma, á emoção que taes paginas, singulares, é certo, mas apezar disso tão humanas, de um lyrismo tão ardente que chega ás vezes a orçar pelo epico, despertam-nos, sustentando de então por deante, mais ou menos, a mesma nota até o fim.

As poesias de que se constitue *Illusão* datam de 1898 para cá, sendo natural, por conseguinte, que reflictam as maiores ou menores variantes offerecidas pelo verso contemporaneo nos seus aspectos exteriores dentro dos treze annos assim decorridos, principalmente aquelles que melhor correspondam á esthesia peculiar do poeta.

A maior novidade material, entretanto, que nestes versos se encontra é uma só: são os alexandrinos sem hemistichio, ou antes com a cesura deslocada da sexta syllaba, e por geito a poderem ser divididos em tres partes, conforme se vê no soneto aqui citado que começa com aquelle verso:

"Donzellas que passaes com esse gesto ameno",

O 1.º verso do 1.º terceto daquella peça é o seguinte:

"Lirios do campo com figura de mulher",

verso que está, no caso em questão.

Como este muitos outros alexandrinos se encontram no livro, mas é coisa essa já mui correntemente aceita

na poesia moderna; espanta a estranheza com que ella foi aqui recebida por certa critica quando se publicou *Illusão*.

Fosse qual fosse a moda literaria do tempo, ainda mais, por diversa que tivesse sido daquillo em que resultou a vida deste artista, viesse elle com os classicos ou então com os romanticos, fosse o herdeiro de um multimillionario "yankee" ou pimpolho de vida feita ao primeiro vagido, visto proceder de um grande regulo politico, o facto é que, dada a natureza com que nasceu, sempre elle acharia razões e pretextos para entediar-se, para gemer, para enraivecer-se na vida, e não houvera como se lhe não offerecessem entre os meios de expressão do tempo elementos mais ou menos analogos aos de hoje para exprimir sua queixa ou seu odio. De certo ponto em deante nós somos os alchimistas creadores da nossa estrella, até da luz — rubra, verde ou diamantina — em que ella refuja.

Coisa indispensavel para conhecer-se um homem — e que dizer então de um poeta! — é indagar-se como é que elle ama. Tudo o que ha de mais essencial em nós é no amor que se reflecte, como si elle fosse um espelho, onde nos pudessem ver de dentro para fora, e, ainda mais, do nosso interior o que constitue propriamente o seu amago.

Ora, o que representa na maioria de suas paginas a *Illusão* é um diario de amor. Nesse ponto ellas nos são bem patricias, são bem meridionaes, bem do tropico mesmo, indo da ternura desinteressada até a extrema lascivia, pelas mulheres.

Sob tal aspecto ellas não participam de facto, por forma alguma, daquella attitude quasi impassivel de estheta exclusivo que ostenta nas suas estrophes inegualaveis o demoniaco Charles, o poderoso creador da "Géante".

Em todo caso, Emiliano Pernetta tem o seu modo de amar. Elle o diz nestes quatorze versos:

"Donzellas que passaes com esse gesto ameno,
E a doce pallidez, enfim, duma cecém,
Em vão esse ar é grave, e esse aspecto é sereno,
Não me olheis, não me olheis, que não vos quero bem.

Sulamitas gracis e de rosto moreno,
E claras como a luz, e cheias de desdem,
Tendes perfume, sei, mas não tendes veneno,
Sois muito lindas, sois, mas não vos quero bem...

Lirios do campo com figuras de mulher,
A minha decadencia é um fructo caprichoso
Desta época sem luz que não sabe o que quer,

Não sabe nada; mas, ó candidez ideal,
Eu não posso querer senão o Monstruoso,
E o bem Maravilhoso e o bem Phenomenal!"

Si, porventura, entretanto, lhe acontece escravisar-se mais do que passageiramente por uma dada mulher, o que o facto lhe inspira é este outro soneto, tão seu, como sabem todos aquelles que bem conhecem o poeta:

"Meu encanto, meu bem, rosa de Alexandria,
Minha tulipa, meu ideal, minha illusão,
Minha loucura, meu amor, minha agonia,
Meu ceu aberto que parece uma prisão:

Minha esperança e meu pezar de cada dia,
O' minha luz, tu és o meu desejo vão,
E a espada, e o broquel, e a pluma, e essa alegria,
E esse delirio, e a flor da desesperação!

Quando será, porém, ó moinho de vento,
A hora que tarda, enfim, o supplicio, o momento,
Em que eu, embriaguez celeste, hei de poder,

Já fatigado, já, de tudo, sim, de tudo,
Desses teus olhos vãos, mais caros que o velludo,
Anciar ao pé de ti, mas por outra mulher?..."

Exprimem ainda mais intensamente esta insubmissão em Emiliano Pernetta, tratando-se de amor, aquelles bellos versos de *Coração livre*:

"Ah que emfim se rompeu o ergastulo sombrio,
Onde estiveste preso, ó passaro erradio.

Rompeu-se o espesso véo dessa brutal prisão,
Onde choraste, mas de dôr, mas como um cão.

Livre agora, porem, de tudo, sim, de tudo
A esse carcere azul, carcere de velludo,

Mas carcere cruel que te fez tanto mal,
Não tornes nunca mais, ó vagabundo ideal.

Não tornes nunca mais, e nunca mais te illudas,
Ao tragico furor dessas coleras mudas,

A esse enojo afinal, que tanto odio te fez,
O incoercivel horror banal da fixidez.

Livre. E' poder fugir por esse mundo afora...
Quem mais feliz que tu, meu coração, agora?

Livre. O espaço é teu, é teu todo esse ar:
E' sómente bater as azas e voar...

Segue essa curva azul. E' o caminho mais recto,
O' nomade febril, ó trovador inquieto!

Livre por condição e por indole, tu
Nasceste para ser como um selvagem nu.

Um salvagem, porem, que tem paixão por astros,
Estatuas, capiteis, columnas e alabastros...

Quanto me sinto bem, e como é bom saber
Fugir assim, batendo as azas de prazer!

Ser livre para mim é tudo quanto eu amo:
Não ha como poder saltar de ramo em ramo.

Não ha goso melhor, seja lá como fôr,
Do que esse de voar de uma para outra flor.

Nem orgulho maior e nem gloria tamanha
Que o delirio de andar de montanha em montanha!
.....
Segue pois, segue pois, sem saber onde vais...
Nomade, o teu destino é esse e nada mais!"

Não é, entretanto, que lhe falte doçura, até humildade cavalheiresca para com o outro sexo, como se vê por estas delicadas endeixas, com vago sabor seiscentista, peregrinamente valiosas, que se encontram em paginas anteriores:

"Dessa tão ferrenha magua
De querer vos esperar,
Meus olhos se encheram d'agua
Salgada como a do mar.

Vós promettestes, senhora,
Voltar, um dia, porem
Esperei, e até agora,
Inda não veio ninguem...

Quando vireis? Não sei. Quando
(O destino tem suas leis)
Vierdes, aqui chegando,
Talvez que não me encontreis...

Mas se me não encontrardes,
O que é natural emfim,
Interrogae estas tardes,
Que hão de vos falar de mim.

Sobretudo este arvoredo,
Que ha de vos dizer: "Eu vi,
Elle passeava, em segredo,
Todas as tardes aqui.

Passeava tristonho e mudo,
A pensar em não sei quê,
Tão distrahido, que tudo
Via como quem não vê...

Andava, não sei, tão cheio
De torturas ideaes...
Um dia o pobre não veio,
E afinal não veio mais..."

Seu amor pode mesmo assumir a mais sympathica, mais enternecedora feição de que tal sentimento seja susceptivel, si com elle se combina a piedade pela mulher, piedade tão propria do homem, quando este o seja no sentido nobre e generoso da palavra.

E' pena não se poder trasladar para aqui todo aquelle poema intitulado *Sombra*, em que elle promette não votar ao abandono nem depois que morrer uma creatura feminina que o interessa como uma irmã, sobretudo porque necessita vivamente do interesse de alguem. Leiam-se ao menos estes trechos, tão fundamente emocionantes:

. . . . . .

"A cada passo, então, hei de te acompanhar,
Como uma especie de genio familiar,
Eu hei de te seguir, eu que por meus peccados
Só tenho percorrido os caminhos errados,
Nessas estradas, mais subtil do que um ladrão,
Como se conduzisse a um cego pela mão...
Eu sei o que é um abysmo, e conheço o perigo,
Onde fores pisar, hei de pisar comtigo;
E a dor, que te ferir, ha de ferir-te, pois,
De modo a nos ferir, ao mesmo tempo, os dois.
Quando soprar a dor, quando rugir o vento
Sobre a tua alma em flor, num descabellamento;
Quando o desgosto assim num gesto máo, talvez,
Te prostrar, como se fosse uma embriaguez;
Quando quizeres te lançar ao fundo d'agua
Do desespero ou então aos açudes da magua,
Recorda-te de mim e de quanto eu te quiz,
Não por seres feliz, mas sim uma infeliz.

. . . . . .

"E havemos nós de andar assim, annos e annos,
Por entre enganos mil e outros mil desenganos,
E eu sempre a te illudir, e eu sempre a te embalar
Sobre as ondas do mar, do encapellado mar;
E um dia, quando emfim, cahindo de fadiga,
Quizeres descansar, descansa, minha amiga.
São horas de dormir, o somno não faz mal,
E eu hei de te fechar os olhos, afinal.

Quando o somno vier, não faças ceremonia,
Que a vida não é mais do que uma longa insomnia.
Quando o somno vier descendo por ahi,
Eu não te accordarei, não chamarei por ti.
Vendo-te adormecer, as mãos em cruz no peito,
Nesse frio lençol envolto sobre o leito,
Depois de te beijar os cabellos reaes,
Sabendo que jámais hei de te ver, jámais;
Depois de te beijar as tranças velludosas,
E pôr no teu caixão os lirios e as rosas,
Eu volverei de novo, ó minha doce irmã,
Eu, sombra e nada mais do que uma sombra vã,
Para esse Orco profundo e região infinita,
Onde entre sombras vãs a minha sombra habita."

Mas não é apenas o amor que lhe inspira sentimentos de interesse profundamente humano, si não são mais do que isso, como é tão natural nas naturezas extremas. E' tambem a simples e pura amizade de irmãos, ou de companheiros que elle preze seriamente. Expressa-se bem isso nas lindas quadras, tambem tão commoventes, que intitulou "Para que todos que eu amo sejam felizes" das quaes me permittirão transcrever ao menos estas:

. . . . . .

"Bemdita seja, pois, a mão que me assassina,
Bemdito o que me fere e o que me apunhala,
E encheu-me de pavor os caminhos de opala,
E fez cair os meus castellos em ruina. . .

Mas ao menos ouvi, e eu por isso me inflammo,
Que do fundo do meu recolhimento eu possa
Pallidas mãos erguer e supplicar a vossa
Magnificencia real para aquelles que eu amo.

Que não sendo feliz, ao menos possa vêl-os
Felizes, a gosar o prazer que não pude:
O aroma dessa flôr de liz da juventude,
A alegria de ser sempre moços e bellos.

Sim, permitti que o mal que tenha porventura
De um dia os abater, como victima imbelle,
Caia por sobre mim, que sei que tenho a pelle
Sobre os ossos, porem insesnsivel e dura.

E unidos como se fosse um longo beijo,
Doce, espiritual, anciosamente mudo,
Não comprehendam jamais dentro desse velludo,
Dentro desse prazer, dentro desse desejo,

Que ha serpentes crueis e babas de serpente,
E monstros e reptis, e charcos e venenos;
Mas simplesmente, olhae, mulheres como Venus,
De bellezas ideaes, beijos unicamente!

Que sobre elles, assim como uma aureola em brazas,
Possa resplandecer o sonho de tal modo
Que nem toquem siquer com os pés sobre o lodo,
Por isso que sonhar é o mesmo que ter azas...

E que bem como faz á tarde uma andorinha,
De um para outro paiz, em vindo a primavera,
Emigrem: que isso foi minha melhor chimera,
E eram essas tambem as ambições que eu tinha.

E transpondo esse mar, que brame e ruge e espelha,
Julguem, sempre a sorrir, que tudo é um sonho vago,
E que esse mar não é senão um doce lago,
De ondulações azues e bom como uma ovelha.

.....

E um dia, quando emfim, de longinquos paizes,
Chegar a morte, bem como uma dura algema,
Que elles possam dizer nessa hora suprema:
Gloria aos ceus immortaes, que fomos tão felizes!"

E, veja-se, apezar de sua natureza varia, extravagante, de seu "horror á fixidez", que por certo foi o que o deixou até hoje sem par para a vida intima da consolação e do affecto, apezar disso, vem na *Illusão* aquelle poema que abre com os dois alexandrinos seguintes:

"Ha de a morte chegar um dia. E pois que bom
Se fosse como a de Baucis e Filemon!"

A seguir o poeta descreve uma tarde suave e que Zephiro contempla. Zephiro a contempla e sopra

"Da flauta rude uns sons de folha de jasmim,
Uns sons de violeta, anemona e açucena,
Uns sons que ainda são mais leves do que uma penna,
E tão bons e tão bons, que ao longe o mar semelha
A subir e a descer um rebanho de ovelha."

Continúa a descripção, nessa meia tinta, quasi perfumada, de aguarela. E por fim ahi vem o casal symbolico e lendario:

"Outomno lindo, lindo... Ao longe dos caminhos
Como sempre, elles dois, velhinhos, bem velhinhos,
Inda mais uma vez olham essa paizagem,
Que, por assim dizer, é a sua propria imagem,
Terna como elles e com seus reflexos vagos
De ternura a tremer por sobre a flôr dos lagos..."

O poema termina com estes versos simples, do mais seguro bom gosto:

"Que tarde linda, meu amor, que lindo outomno!
Quem me dera dormir o derradeiro somno!
— Eu tambem, Filemon, sorrindo, Baucis diz,
Já estou cançada, vê, de tanto ser feliz! —
O' deuses immortaes! ó piedosos ceus!
Mal, porém, mal, porém, tinham falado, quando
Pasmo viu Filemon Baucis se transformando
Numa tilia, tambem ao mesmo tempo que ella
O via converter-se em carvalho, e singela,
Saudosamente, os dous se disseram adeus!"

Agora, voltando-nos para objecto diverso, quereis ver um pequenino poema, joia verdadeiramente exquisita, cujo valor só lhe pode reconhecer quem seja capaz de gozar com fina esthesia? Leia-se:

"Nox

Escureceu. Silenciosa,
A Noite faz a toilette:
Na cabelleira tenebrosa
Engasta a lua, um alfinete.

Depois, o corpo sempre moço,
O corpo em flôr de Sulamita,
Num banho immerge até o pescoço,
Banho de estrellas que palpita.

E emfim de todo quasi nua,
Sómente envolta em véos ideaes,
No carro de ebano fluctua,
Pelos espaços sideraes.

Vendo-a passar, dos rendilhados
Palacios de ouro e de cristal,
Como si fossem namorados,
Os astros fazem-lhe signal.

E cada vez mais se reclina
Sobre esses coxins de velludo,
Sorrindo como Messalina
Para todos e para tudo..."

Ou então estas laçadas de asymetricos versos intitulados *Mors*, em que se renova estafado thema, tratando-o com aristocratica sensibilidade e graça, mas porisso mesmo avivando-lhe singularmente o fundo tragico:

"Nesse risonho lar,
A dôr caiu neste momento
Como si fosse a chuva, o vento,
O raio, e bate sem cessar...
Bate e estala
Como uma louca,
De boca em boca,
De sala em sala...

Sómente tu, flôr delicada,
Como quem veiu
Fatigada
De um passeio,
Tombaste ali, silenciosa,
Sobre o sofá,
No abandono,
Pallida rosa,
De um longo somno,
De que ninguem te acordará!"

Quem sabe sentir na verdade a poesia, quem seja capaz de julgar um espirito por traços rapidos, mas ca-

racteristicos, que elle acaso proporcione, não precisa mais do que ler estes dois ultimos documentos para dar como existente a natureza de um raro artista em Emiliano Pernetta. Elle faz lembrar nestes poemetos as poucas, mas immortaes horas de graça que pequeninas peças sorprehendentemente perfeitas attestam na obra de Mallarmé.

Estaes disposto a ler por fim uma composição de largo folego, capaz de vos dar idéa mais completa da bravura, sempre nova, embora sempre singular, que o autor de *Illusão* revela? Lêde os

"VERSOS PARA EMBARCAR

Tudo, tudo vai mal e tudo é uma viella,
E um beco escuro, e um charco immundo, e um triste horror;
Pois que bom de embarcar, um dia, a toda véla,
E fugir, e fugir, seja para onde fôr!

Não ha como embarcar. A vida é um navio
Doido, a querer partir, mordendo ao pé do cáes.
Velas estão a encher, sopra o nordeste frio:
Quando é que partes, ó navio, quando saes?

Não ha como embarcar. Do alto d'uma equipagem
Ver o mundo! correr o mundo! viajar...
Poder dizer que foi a Vida uma viagem
Que começou no mar, que se acabou no mar...

Não ha como embarcar. E' de um furor tamanho,
E de um delirio tal que, embora nunca mais
Se tenha de voltar — como um punhal d'antanho
A esperança reluz, apenas embarcais...

Não ha como embarcar. Furiosos de insomnia,
Enervados de dôr, que ancia de ir para além,
O' tisicos, morrer aos pés de Babylonia,
Nos muros de Sichém ou de Jerusalém!

Não ha como embarcar. Para onde quer que seja,
Para o desterro, mil perigos através,
Quando os miseros vão é com olhos de inveja
Que eu os vejo partir, de corrente nos pés!

Sempre que avisto o mar com as ondas inquietas
Sempre que o vejo assim, não sei por que será,
Mas tenho as ambições mais doidas, mais secretas,
Loucuras de poder inda fugir p'ra lá.

A' mercê e ao furor das ondas e dos ventos
Havia de correr o mar que não tem fim,
Como Ulysses; porem, ó tragicos momentos,
Sem ter uma mulher que chorasse por mim!

De pé no tombadilho, em frente, á minha vista,
Eu veria passar o que não vi jamais,
A não ser através dos meus sonhos de artista:
— Encarnações febris, diademas imperiaes...

E cegueira ideal e vã de quem se esconde,
E loucura de quem fugiu de uma prisão,
E doido, sem saber de nada, nem para onde,
A correr, a correr atraz de uma illusão!

O' terras de mysterio, ó terras de mantilha,
O' terras onde o céo é como a flor de liz,
Quem me déra dormir, folha de mancenilha,
Debaixo de teu manto azul de imperatriz!

Reinos antigos, ó paizagem de romance,
Como uma rosa que fenece num jardim,
Ah que bom! ah que bom! de vel-as de relance,
Com castellos feudaes, com torres de marfim!

Rainhas como flôr, graciosas donzellas,
Com gestos e com voz que me causam prazer,
Como seria bom que, anciado para vel-as,
Eu as vendo uma vez, não as tornasse a ver...

Eu não sei, eu não sei para onde fugiria,
Eu não sei, eu não sei o que ia ser de mim;
Quem me dera, porem, que logo fosse o dia
De poder embarcar e de fugir d'aqui!

Quem dera que fosse hoje! E emquanto a náo sulcasse
De procelloso mar entre uivos e baldões,
Eu poder, sem terror, olhando face a face
O abysmo, descrever as minhas impressões!

E' bem possivel que eu, arriscando na sorte,
Notasse que for fim só me saia o azar,
E o diabo, e tudo, e o mais, e tudo, e a propria morte,
E ainda tudo, porem, que ancia de viajar!"

Está-se vendo: é uma rica, uma complexa natureza a deste poeta, com toda a capacidade de comprehensão e de sonho, com todas as modalidades que semelhantes seres requerem para que de facto figurem como as vivas representações das nossas ancias e dos nossos soluços, mas tambem como os que exprimem do modo mais ideal o que haja de anhelo na Especie, o que em nós existe como indicio de um destino cuja linha de continuidade se esfuma no mysterio.

Apenas, é fôrça, aceital-o na natureza com que veiu. Como no amor em tudo o mais elle não repre-

senta uma alma serena e optimista, que, á força de o ser, serene e torne bom, acolhedor e leal todo o mundo em redor. Pelo contrario, Emiliano Pernetta personifica a instabilidade e a insatisfação, qualidades muito humanas, é certo, e das quaes a ultima é que nos estimula para a perfectibilidade, mas qualidades estas que, levadas a certo grao, se constituem em tormento daquelles em quem predominam, embora por outro lado lhes sobrem, a elles, dotes capazes de attenuar em muito aos olhos dos mais o effeito molesto que lhes produza a evidencia daquelles outros modos de ser. E' justo, até, em certos casos esquecerem-se os senões, no que elles o sejam de facto, por amor de outras qualidades, nobres e vultuosas, como no caso do poeta paranaense se dá.

Não se pode num méro ensaio, e que ainda assim já vae longo, dar conta de todas as faces que constituem a individualidade de um homem de letras como este, caracteristicamente representativo do dia febril e amargo, mas tão curioso e por certos lados tão symphatico, direi mais, tão digno, em que nos coube viver. E' indispensavel ler-se o seu livro, podendo quando muito estas linhas servir de auxilio para sua melhor interpretação áquelles que confiem na sinceridade de um amigo — é facto — mas que, sobretudo, como em todos os actos de sua vida no caracter de escriptor, só se empenha seriamente pelo prevalecer da verdade, só collabora com calor nas obras que lhe parecem de justiça, como pensa ser aquella para que em prol do nome deste seu companheiro concorre, sendo mais um a recommendar o novo livro em que se affirma definitivamente, si antes delle já se não affirmara, a existencia de um poeta insigne entre os insignes poetas do Brazil.

1911.

A Academia anarchisada

A entrada do Dr. Oswaldo Cruz para a Academia de Letras na eleição feita a 11 do corrente foi mais uma causa de estranheza, sinão de escandalo, que a illustre companhia proporcionou á gente que nesta terra vota interesse a essas coisas.

O facto é muito significativo e merece a reflexão dos academicos que zelem sinceramente pela vida e pelo prestigio do seu vultuoso instituto.

Não ha no Brazil um homem mais benemerito e de nome mais universalmente consagrado, entre a gente de cultura, do que esse novo immortal.

Pode-se dizer sem offensa aos seus outros pares: nenhum dentre estes tinha mais garantias contra o olvido dos tempos do que elle, antes ainda de ser incorporado áquella mirifica communhão.

Creio não ser despauterio affirmar-se que o Dr. Oswaldo Cruz é a pedra angular do novo Brazil.

A phase industrial em que entramos e que transformará por completo este paiz, si criminosamente a não interromperem, essa attracção de capitaes e de gente, que estamos exercendo, esse espirito de iniciativa para que ora nosso paiz desperta, essas realisações em grande escala, que já começam a dar seus fructos, toda essa era de trabalho, de confiança, de fé, ora encetada, apezar dos entraves que a maldita politica ainda lhe oppõe, tudo isso seria impossivel sem a obra inicial do saneamento do Rio. O Rio é a capital da Republica e para

elle é que o mundo inteiro volta os olhos quando se fala no Brazil.

Dizia-se no começo que o Dr. Oswaldo Cruz tivera principalmente o merito da felicidade, coincidindo com a sua obra a da transformação porque passara a *urbs* carioca. Sem duvida que tal facto veiu muito ao encontro dos seus esforços e que por conseguinte grande parte de louvor cabe tambem aos que realisaram aquelle terramoto artificial, nada temeroso, pela acção das alavancas e das picaretas. Hoje, felizmente, porem, não ha mais mais discussões a este respeito. A consagração do estrangeiro aos seus grandes meritos como homem de sciencia e como administrador, a sancção enthusiastica que lhe veiu de toda a parte, abrangendo esses dois aspectos, pôl-o, o illustre brazileiro, a salvo, muito a salvo da ignorancia, da maledicencia e da inveja que o assediaram a principio no nosso meio deficiente e estreito. Não ha dinheiro, não ha recompensas que paguem o que lhe devemos. Lá fóra se disse que nem uma estatua de ouro seria demais para perpetuar a memoria do homem que com sua grande obra de hygiene incorporou o Brazil ao mundo civilisado. Um personagem de meritos analogos seria recebido com orgulho no seio da Academia Franceza, si em França se houvera constituido. Foi, por exemplo, o que se fez com Pasteur.

Quer dizer isso, entretanto, que seja infundada a censura neste momento, áquelles que elegeram o Dr. Oswaldo Cruz para a Academia Brazileira de Letras?

Os que o fizeram convencidos de agir com acerto obedeceram, certamente, ao pensamento de Joaquim Nabuco. Este entendia que deviam figurar naquella corporação, não apenas os homens representativos das nossas letras propriamente ditas, mas os mais altos expoentes da nossa cultura em geral, pensamento esse que predomina na constituição da Academia Franceza. Vem disso que esta procura incorporar a si, não só as grandes glo-

rias nacionaes, ainda quando nenhuma representação tenham nas bellas-letras, como até alguns typos representativos da aristocracia, do exercito e do clero, quando, acaso, offereçam cabedal literario que justifique mais ou menos a escolha. Foi em obediencia a tal pensamento que o aristocratico autor de *Minha formação* inculcara para candidato da Academia, segundo se diz, o general Dantas Barreto, que, por exquisita coincidencia, vem a succedel-o e por conseguinte a ser o encarregado do seu elogio. O modo vulgar, deficiente por que o mavortico orador se desempenhou de tal incumbencia parece uma implicita resposta, infelizmente ironica, ao proprio illustre morto cujo prestigio posthumo fôra a causa inicial, sinão precipua, da sua victoria no prelio incruento que lhe deu entrada no Sillogeo.

E' de receiar-se aconteça mais ou menos outro tanto agora quando o Dr. Oswaldo Cruz tenha de render suas homenagens á memoria de Raymundo Correia, cuja cadeira vae occupar. Não é missão facil para um medico traçar o perfil de um *pensieroso* e raro poeta como era aquelle, a menos que se livre desse incommodo falando de si, em vez de falar do seu antecessor, como resolveu tão esturdia e ingenuamente fazer o almirante Barão de Jaceguay a proposito do delicado Teixeira de Mello, confessando francamente não conhecer a obra daquelle que elle se propuzera a substituir.

Basta a exposição desses factos, dois já produzidos, e outro em risco de produzir-se, para demonstrar a toda prova que a Academia Brazileira de Letras está seguindo pessima orientação querendo ainda deste ponto de vista macaquear a Academia Franceza. E' evidente que só se desmoralisa e portanto tende a dissolver-se uma corporação literaria cujos novos membros nem siquer tem a capacidade de fazer um elogio decente daquelles a quem vem succeder. E' o mesmo que admittirem-se numa sociedade scientifica novos collegas que sejam incapazes de formar justa idéa da obra e do valor de outros a

quem substituem, e isso por incultura patente, ao menos no que respeita á sciencia. Por essa forma taes aggremiações tornam-se irrisorias, fazem-se carnavalescas. Ellas são proprias dos paizes de opereta, das terras que representam a parodia da civilisação.

Mas, perguntar-se-á, por que ha de ser este um facto condemnavel tratando-se da Academia Brazileira de Letras e não o é desde que se trate da Academia Franceza?

Antes de tudo, nesta ultima não se commette o disparate de substituir um poeta por um militar ou por um medico, quando esse medico ou esse militar só tem valor na sua carreira .Procura-se collocar nas cadeiras vagas novos academicos de competencia que tenha alguma analogia com a que honrava os seus predecessores, quando não seja propriamente identica. Assim estarão elles habilitados pelo menos a fazer uma idéa sufficiente das individualidades cuja falta vem preencher. Alem disso, porem, a cultura franceza é tão alta que toda a gente que exerce uma profissão liberal e com muito mais razão todo homem eminente é obrigado a não ser ignorante nas letras, a ter opinião nesse terreno, quando não seja como uma profissional, ao menos como um homem verdadeiramente civilisado. O dignitario da igreja, o general ou o aristocrata que entram para a Academia são individuos pelo menos habilitados a desempenhar-se airosamente das funcções mais essenciaes ali. Nenhum haverá que desconheça a obra de qualquer dos seus collegas, quanto mais que vá dizer em pleno recinto do Instituto que nunca leu o homem cuja vaga disputou.

Accresce que em França a Academia é considerada como a cupola na escala das honras e dignidades que podem caber a um homem de cultura, exceptuados os artistas. E assim é porque o mundo inteiro tem os olhos voltados para ella, sendo ella ainda agora que consagra definitivamente as grandes glorias nacionaes. Todos os

homens que manejam a penna podem sonhar com essa alta consagração, quando os seus meritos lhes dem a celebridade necessaria para apoial-os de um modo plausivel nesse intuito.

A França é uma terra essencialmente decorativa, e que o pode ser, porque a attenção do mundo inteiro se volta forçosamente para ella, concorrendo assim para lhe dar a elevação e a perspectiva exigidas por todo verdadeiro proscenio.

As condições do Brazil são muito outras, não é preciso dizer. Terra ainda em formação, de cultura por emquanto bastante atrazada, de um meio intellectual ainda mal definido, obscura aos olhos do mundo e necessariamente democratica na sua vida de relações interior, elle não se presta a sustentar instituições de imponencia e caracter geral semelhantes. Por um lado, raras das nossas celebridades podem-se dizer mundiaes, e aquellas proprias que transpõe pela fama as fronteiras do continente sul-americano transpõe-nas de modo muito relativo, pois que até o proprio paiz em si é pouco menos do que desconhecido das grandes massas no mundo europeu. Pensarmos, pois, que a nossa Academia ponha em destaque absoluto aquelles que ella se digna honrar com admittil-os em sua grei, que por conseguinte tenha capacidade para organisar-se como uma assembléa de semi-deuses cuja representação nos differentes ramos da cultura humana se equipare á dos academicos francezes, é uma estultice simplesmente descommunal.

Depois, somos quasi todos obrigados a uma cultura deficiente, unilateral, pela incomplexidade da nossa atmosphera. No Brazil o homem de sciencia em geral quasi nada sabe de letras, acontecendo justamente o inverso com o homem de letras mais propriamente dito. E' coisa correntemente conhecida a ignorancia dos nossos engenheiros, dos nossos medicos e até dos nossos advogados ainda no que respeita ao vernaculo, como

ninguem desconhece a falta de cultura geral na maior parte dos nossos artistas. E' por isso que vivemos todos estranhos uns aos outros, e dahi resulta a não existencia de uma opinião publica capaz de apoiar como seria para desejar-se aquelles que trabalham em favor da nossa cultura, da nossa civilisação.

Sendo assim, porem, salta aos olhos que as unicas aggremiações racionaes e possiveis entre nós, excepto as beneficentes e recreativas, serão aquellas em que os homens se reunam pela sympathia natural que o mutuo conhecimento desperta, que os medicos se reunam aos medicos, os engenheiros aos engenheiros, aos advogados os advogados, os literatos aos literatos apenas. Ainda mais, que elles se reunam, mas não com um fim exclusivamente decorativo, de celebridades procurando guindar-se a cumiades que o publico não reconhece como taes, mas para um fim util qualquer, de que resulte um bem commum propriamente dito. Si não, taes associações transformam-se dentro em pouco ou em estultas e balofas tertulias, ridiculisadas pelo bom senso collectivo, ou em odiosos circulos de compadrice, no terreno intellectual, que antes concorrem para mystificar a opinião do que para dirigil-a e oriental-a como convem.

O defeito capital da Academia Brazileira de Letras está em querer parecer-se em tudo e por tudo com a Academia Franceza, que nasceu e desenvolveu-se num meio inteiramente *sui generis*.

O facto, por exemplo, da nossa Academia impôr que os candidatos ás cadeiras vagas se apresentem por si, porque em França assim se procede, só esse bastaria para anniquilal-a com o correr dos tempos. No Brazil não ha as mesmas razões que ha naquelle outro paiz para um homem de letras arcar com todos os empecilhos, oppostos muitas vezes aos mais bem qualificados, até o dia em que se possa chamar academico. Depois, elle sabe que num meio como o nosso, em que não ha

opinião publica, principalmente para o que diz respeito ás coisas intellectuaes, sua victoria ou sua derrota estarão sempre dependentes do capricho que reine, favoravel ou desfavoravel a si, entre os que podem facultar-lhe essa gloriola convencional. Resultará dahi que muitos dos melhores espiritos numa dada época se furtem ao aborrecimento de taes provas, podendo acontecer que o illustre instituto venha a valer menos do que os seus excluidos, e de modo tão patente que até os cegos o possam reconhecer.

Mais depressa, porem, elle descambará para o occaso numa anarchia e num ridiculo forçosos si teimar em constituir-se o tablado de quantos se imponham no meio, não importa que ás vezes, como no caso do Dr. Oswaldo Cruz, por influencia muito legitima, sejam militares, jornalistas, engenheiros, advogados ou medicos, e isso sob o fundamento de querer abrigar em seu seio todos os altos expoentes de uma cultura completamente dispersa, e incoercivel, por emquanto, aqui, nas suas differentes manifestações.

1912.

—

A festa a Coelho Netto

Realisou-se na noite de 7, um brilhante festival em honra a Coelho Netto, que acaba de chegar da Europa.

Nada mais justo, — é fóra de questão, — do que prestar-se homenagem ao grande trabalhador, ao brilhante plumitivo, ao tenaz belletrista, numa occasião como essa. Elle bem merece ter feito um pugillo de calorosos adeptos, por seu talento e pela sua "virtú".

Falando-se da individualidade do autor de "Saldunes", não se trata de um typo de heróe a Ibsen, que tivesse tido a coragem de ficar só, mas que pela força da sua fascinação fizesse á distancia convergirem todas as vistas para si, exercendo por essa fórma a influencia invejavel de um incompromissivel, sendo assim um orgulhoso soberano no mundo do pensamento, e podendo dizer a si mesmo na hora ultima como Cruz e Souza:

"Morre com o teu Dever! Na alta confiança
De quem triumphou e sabe que descança
Desdenhando de toda Recompensa!"

Não, pelo contrario, elle é um typo essencialmente representativo da sua hora, com as qualidades e os defeitos que esta possa ter. E' um adaptavel por excellencia, em quem não é o orgulho que predomina, mas antes a vaidade, e como tal necessitado de immediata sym-

biose com os seus contemporaneos para resultados promptos, positivos e quanto possivel ruidosos.

Desde o começo de sua carreira até hoje é o que se tem visto; desde a bohemia dos primeiros annos até a grave e importante situação de academico e parlamentar em que elle ora se acha, é o que se tem verificado e seria muito facil demonstrar.

Isso é um modo de ser, que nem sempre representa a negação do typo superior. Os povos tem certos momentos na sua existencia em que podem fazer-se representar até na sua mais alta expressão por individuos mais ou menos conciliados com a sua época, como se deu com Gœthe, como se deu com Petrarca, como se deu com Garrett.

E justamente por isso, quero dizer, pela feição do seu espirito, como do seu caracter, torna-se-lhe mais facil proporcionar ao paiz o espectaculo destas honras que lhe são feitas, honras que devem aprazer, pelo menos de certo modo, a quantos aqui trabalhamos nas letras. E' o mesmo caso de Olavo Bilaç, ainda ha pouco.

Grandes e valorosos trabalhadores já não faltam nas letras brazileiras. Que outro vulto temos nós mais respeitavel do que Sylvio Romero, por exemplo, de tal ponto de vista? Mas quem é que vae agora lembrar-se de promover uma festa para proclamal-o o maior critico nacional, ou de organisar e offerecer-lhe banquete quando elle chegue até de uma viagem que possa fazer á China?

Sylvio Romero é essencialmente um escriptor pugnaz, porisso mesmo nesse ponto avesso á indole nacional e principalmente em desaccôrdo com o instante que atravessamos, que é o instante por excellencia dos connubios, dos esquecimentos, de queixas calculadas, dos arranjos a todo custo no terreno das conveniencias para os triumphos praticos. Vive cheio de desaffectos, de antipathicos, que elle proprio creou, ás vezes mais pelo

ardor do seu temperamento do que pela razão que lhe assista, outras vezes inteiramente coberto de razão. Isso faz com que até muitos a quem elle não tenha aggravado nem de longe o aborreçam gratuitamente ainda assim. A hombridade, a coragem, só porque o são, conluiam contra nós todas as almas de lacaio. Não é que elle deixe de ter tambem seus fieis, seus amigos, seus admiradores. Mas estes não constituem a alegre e disposta companhia propria para promover os festivaes mundanos que a um Bilac ou a um Coelho Netto é tão facil e tão grato offerecer-se. E' facil e grato porque tudo concorre para isso, sendo elles já naturalmente favorecidos pelo meio, a que tão felizmente se ajustam. Festejal-os é cahirmos no goto do publico prazenteiro por nossa vez.

O merito de Coelho Netto vem da sua fertil capacidade de idealisação objectivista, pela qual se tornou elle um pintor abundante da vida brazileira, sem fundos intuitos philosophicos, sem grande novidade nos processos, mas sufficientemente emocional e assás brilhante, por forma a salvar a vasta galeria dos seus typos e os multiplos scenarios, os diversos ambientes em que elles se movem da vulgaridade caracteristica das obras somenos.

Elle não tem o poder de penetração e influencia que teve Alencar na alma de toda a gente mais ou menos capaz de ler no Brazil. Falta-lhe aquelle ardente lyrismo do grande romancista cearense e o poder de transfiguração que havia neste, pelo qual principalmente quasi todos os typos femininos que descrevia lhe sahiam da penna tão mimosos, tão amoraveis, tão idealmente brazileiros, tão capazes de captivar a nossa geral esthesia. A visão de Coelho Netto, com ser tambem lyrica, é mais naturalista, não na accepção de brutalidade, mas na de fidelidade, de literalidade, quando não de vulgaridade antes. Alem disso, ella se complica com a influencia das leituras de hoje, com a reminiscencia dos

typos creados por Balzac, por Flaubert, por Zola, pelo Eça. Coelho Netto é muito mais "intellectual" do que o autor de "Iracema", mas porisso mesmo não pode ser assimilado pelo nosso povo como elle foi. Na fórma e de uma technica que o tornará verdadeiramente precioso (no máo sentido da palavra), difficil, estranho, á multidão de semi-analphabetos que aqui constitue grande parte da massa ledora de folhetins de jornaes.

Mas, por outro lado, o nosso illustre patricio pouca influencia exerce na atmosphera constituida pela gente literata da terra, que o lê muito pouco, na verdade. Raros imitadores terá tido e embora conte grande numero de camaradas, varios delles bem enthusiastas, não é assim si se procurarem entre esses uns admiradores já não digo incondicionaes, mas ardentes. A razão é que aos olhos dos que se tem por entendidos elle já é pouco "intellectual" para o tempo. Uma vez fixada a sua physionomia, o que se deu com a publicação dos quatro ou cinco primeiros volumes da sua verdadeira bibliotheca, nos mais que se lhe seguiram acham (e ás vezes erradamente) que continuou apenas a affirmar suas feições já conhecidas, de modo que começou a tornar-se monotono.

Os typos que elle cria, por differentes que sejam uns dos outros, parece-lhes que não trazem a novidade a força de symbolisação precisa para impor-se como productos imprevistos a quem já lhe apanhou a linha geral do espirito.

Depois, elle não é um homem propriamente de idéas que se sirva de seus contos, de suas novellas, de seus romances, de suas peças theatraes como de disfarçados pamphletos, para dar curso a opiniões, para vehiculos novos valores.

Não offerece, conseguintemente, lado nenhum pelo qual empolgue sempre, devéras, a nata contemporanea no mundo do espirito.

E' de justiça dizer-se que num caso ou outro não ha muito motivo para tal julgamento: "Treva", por exemplo, que é um volume publicado já em meio da carreira do notavel escriptor, tem paginas e paginas que attestam um surto positivamente ascencional ainda. Mas a abundancia de producção que ha em Coelho Netto é muito em parte causa, tambem, de que cada vez mais se limite o numero de seus leitores entre a gente de letras propriamente dita, gente pouco intrepida em tal sentido, com raras excepções, de onde ignorarem quasi todos até o que de melhor elle tenha produzido de certo tempo para cá.

Assim, não ha ninguem que desconheça os seus meritos numa terra como esta, tão difficil e tão ingrata para quem se consagra á producção literaria ou artistica. Bastaria elle ter feito muito e não o ter feito mal para destacar-se singularmente entre nós, que quasi todos pouco mais do que nada fazemos, ou então produzimos por mania mais ou menos pathologica, atacados de perigosa corrença mental.

O que vale principalmente a Coelho Netto, porem, pelo menos emquanto vive, não é tanto a sua avultosa producção, como as condições em que elle se soube collocar para propagal-a, para valorisal-a, para tirar della todo o partido possivel. O que o salva no dia de hoje é mais a sua capacidade de alliança com os elementos capazes de o conservarem sempre á tona, de completarem pela boa vontade, pela sympathia humana, pelo faccionismo, que esses sentimentos tanto ajudam, o que falta de legitimo enthusiasmo na nossa atmosphera pelo irreductivel valor de sua obra.

Fez elle muito bem em voltar do estrangeiro, quanto antes. Não ha no Brazil um homem cujo prestigio resista intacto a muitos annos de ausencia. Esta ainda não é uma terra de delicias e instinctivamente todos nós fazemos questão de que aqui estejam participando com-

nosco das nossas vicissitudes intimas quantos queiram ser por nós vivamente amados.

O exemplo de Aluizio Azevedo, quasi que um idolo nacional, emquanto aqui amargou e mourejou, que, no entanto, morre quasi esquecido no estrangeiro, ainda outro dia, é mais do que comprobante a tal respeito.

Escrevi estas linhas para, por minha vez, dizer a Coelho Netto: seja de novo bemvindo.

Dezembro, 1913.

Hermes Fontes

Conheci-o talvez dois annos antes da publicação das *Apotheoses*: cabeça grande, ainda mais desproporcional com o todo do que hoje, tez muito trigueira, traços feios, feição fechada, ar nervoso, olhares de soslaio. Andava em visita rapida ás livrarias, como as aves espantadiças a um laranjal.

— Sabe quem é este? perguntou-me alguem.

— Este menino?

— Sim. Dizem que é um genio.

— Talvez na impertinencia e na pretenção... respondi, sob o impulso de subita antipathia que o rapaz me despertara.

Até que finalmente appareceram as *Apotheoses* como o cartão de visita da tal genialidadesinha orgulhosa e arisca.

Não tive pressa, confesso, em folhear o volume, que achei em pilha no Garnier, onde justamente vira o poeta ainda irrevelado, daquella primeira vez. Antes de tudo, não sympathisei nada com a fórma prosaica do volume, a côr cinzenta da capa, os typos complicados e de máo gosto em que vinha o titulo da obra. Pareceu-me desde logo um livro pesado e sem harmonia.

Poucos dias depois, alguem, sorrindo, chamou-me a attenção para o prefacio da collectanea. Era interes-

sante, segundo diziam. Parecia o prefacio de um livro pedagogico: secco, doutrinario, pedantesco. Nunca se tinha visto um poeta apresentar-se ao publico emphaticamente assim e dando desde logo prova tão patente de máo gosto.

Passei os olhos numa pagina do prefacio; perpassei algumas outras: foram por acaso aquellas que trazem destacada em typos de caixa alta uma série de vocabulos que o poeta orthographava ao seu modo ou pronunciava á sua maneira. Elle os destacara assim para dar aos leitores a razão por que divergia do uso na escripta ou na pronuncia dos mesmos. Tal e qual, de facto, como si fosse numa grammatica. Achei o processo prosaico e fechei o livro.

Dava-se, entretanto, uma cousa: toda vez que eu voltava ao Garnier, um ou outro amigo, um ou outro conhecido vinha falar-me do mesmo livro, é verdade que quasi sempre para dizer mal.

Assim, fosse como fosse, era uma obra de estréa que estava suscitando curiosidade fóra do commum.

Eu não tinha motivos para estimar nem para malquerer o rapaz. A primeira impressão que elle me produzira havia-se esvaecido logo, ou antes neutralisara-se com a reflexão; perante o meu espirito ella tanto depunha contra elle como a seu favor. E' preciso não ter sido adolescente para ignorar-se como, dados certos casos, a timidez ou então o sentimento de dignidade, nessa phase, póde assumir aos olhos alheios a apparencia de presumpção, de mal entendido orgulho. Era possivel, conjecturei logo, que assim acontecesse com o joven poeta.

Não tardou que eu voltasse a abrir o volume. Dessa vez fui ver os versos. Cahiram-me, porem, sob os olhos uns alexandrinos que me pareceram inteiramente seccos

e prosaicos. Não me lembra quaes foram. Mas podiam ter sido estes, que vem lá:

"A musica (disserta a agua do Mar), defino-a
assim — "os sons mediante uma combinação."
A musica do Mar, monotona e continua,
E' tudo; é superior á musica das aves,
que agora cantam, mas nem sempre cantarão."

Fechei novamente o livro, e ainda mais desolado que da primeira vez. Pareceu-me decidido: tratava-se de um que nascera para grammaticographo ou cousa assim e que pretendia malavisadamente ser poeta.

Si não continuassem a falar tão vivamente delle, uns bem, outros mal, — até ahi a maior parte dos que eu ouvia falava mal, — de certo que eu não me lembrara de voltar ao cinzento, desgracioso volume. Voltei ainda uma vez, mas desta, ainda por acaso, — bem me recordo, — abri naquella pagina que tem por titulo *Evolucionismo,* titulo máo para figurar ao alto de uma peça poetica. O titulo não era feliz, mas as estrophes excellentes, — de uma musica fóra do commum, é certo, antes aspera do que melodiosa, de uma fórma algo brutal, como nos seguintes versos que lá se encontram:

"Suppõe-te, homem, que foste uma formiga e estavas
roendo uma folha, sem sequer te aperceberes
de um pachiderme que — com outras bestas bravas —
sem te ver, tão pequena entre os pequenos seres,
arrancou essa folha em que, incauta, pousavas.

E avalia-te assim ameaçado de morte,
encurralado, preso, entre dous maxillares!...
— Pesadelo mortal!... Mas, por vencer o forte,
o fraco tem, no ardil, armas particulares,
— punhaes agudos de afiado córte.

E te foste esconder no buraco de um dente
e, livre, após, viveste."

Mas tal aspereza, ou até mesmo bruteza que fosse, vinha animada por grande esto. Havia hyperboles quasi inaceitaveis na mesma composição, como por exemplo esta:

"*A ideia que suggere um cemiterio, — olhae-o*
é a de uma fortaleza austera em pé de guerra.
A estrige, negra a piar, num tragico desmaio,
é ligeira excepção; o mais que ahi se encerra
é marcial como o sol, é rubro como o raio.

Vêde o que ha lá por dentro, através das ameias.
trincheiras sepulchraes, metralhadoras de ossos...
Ambulancias em ruina estão de cinzas cheias,
e ha quem ouça talvez sob aquelles destroços
choques de gladios, de grilhões e de cadeias."

No seu conjunto, porem, tudo isso fórma uma peça mui forte, que, tratando-se de um joven, cuja philosophia, de regra, ainda não póde ser profunda, parece indicar um grande poeta despontando.

Desde então resolvi ler toda a collectanea, procurei attrahir a mim o joven estreante, que parecia não ter um sentimento seguro a meu respeito, fiz questão de possuir as suas *Apotheoses* e dentro de mais alguns dias pude folheal-as em casa demoradamente.

Não havia duvida, aquelle moço era um phenomeno inteiramente novo na nossa literatura.

Era um joven erudito como poucos costumam apparecer entre os poetas, aqui no Brazil, mas um erudito de grande imaginação, impetuoso, tumultuoso na sua obra inicial.

Trilhara desde logo por um caminho fóra do com-

mum. Geralmente o que predomina nos primeiros versos dos nossos jovens é a nota lyrica: elles fazem antes de tudo poesia de amor. Este tentara, principalmente, a apotheose da natureza: da luz, da noite, da vida, da morte, do céo, do inferno, dos sons, da côr, das azas, e só por fim a apotheose do amor.

No fundo, ainda de pensamento algo junqueiriano, quer dizer philosophicamente ingenuo, simplista, e de um *scientificismo* muito desnudado, por conseguinte muito prosaico.

Depois, por paginas e paginas, apezar do accumulo de imagens e figuras, (até, não raro, por isso), da novidade exterior do verso, da riqueza das rimas, a obscuridade tudo prejudica — a obscuridade e o máo gosto frequente. Não poucas vezes até elle se arrisca ao ridiculo.

Vê-se que o joven autor é dos que primeiro planejam, dos que antes querem por um querer muito conscienie, e só depois executam o que reflectidamente assentaram. Resulta disso muita monotonia, apezar das variedades de pormenor que na obra se encontram. Ninguem é capaz de ler aquelle volume de um folego. Tem-se de folheal-o um tanto como quem estuda, quer dizer, exercitando mais ou menos vivamente a vontade.

Não obstante, é preciso não conhecer o que seja a poesia, e não ter capacidade para sorprender as revelações do grande talento para fechar aquelle livro sem a convicção de que nos enontramos com a robusta alma novel de mais um que promette vir a ser alta entidade nas lettras.

Não seria tanto assim si todas as composições que nas *Apotheoses* se encontram fossem de caracter exclusivamente objectivista.

Poucas dentre estas nos permittirão ler fundo na alma de quem as fez, se acaso as ha que permittam. Ellas falam-nos principalmente do seu optimismo vi-

goroso, por conseguinte do seu dissentir em relação ao commum dos versejadores e até dos demais homens do seu tempo; mas isso é muito pouco, senão até negativo perante olhos exigentes, os quaes não confundem a verdadeira superioridade com uma originalidade que em ultima analyse bem póde ser indicio principalmente de incompletação... Esses olhos taes, nas attitudes singulares vem um signal seguro, inilludivel de valor, mas é quando ellas impliquem, antes, aristocracia de alma, por conseguinte um rico systema sentimental, ultra-delicado e supersensivel.

Mas o seu *De rerum natura* — que é o que as *Apotheoses* vem a ser — tambem comprehende as coisas da alma e do coração humano e da propria alma e coração daquelle que dellas trata.

Não se precisa ir longe, logo na *Apotheose da Noite* se encontra o *Quarto crescente,* em que vem estes versos tão novos, tão deliciosos, de funda nota subjectivista:

"Disse hontem versos meus á Lua,
e ella applaudiu: senti-me um rei...
— "Noiva! amanhã, a ausencia tua"...
— "Não chores, poeta, eu voltarei"...
Ah! recitar versos á Lua
é ter em face a imagem tua,
é ser um rei, mais do que um rei!

E a lua sabe a acção que exerce
nos versos — pomos do meu Ser:
e corta-os cerce, muito cerce,
quando se sente esfallecer...
Sim! vendo a acção que em mim exerce,
flores e frutos corta cerce
á arvore triste do meu Ser...

Lua, saudade em fórma de astro,
illuminado Bogari!
Sempre que os meus solaus desnastro,
ou penso nella ou penso em ti,
porque és saudade em fórma de astro
e ella, por quem meus ais desnastro,
na Terra é o luar que me sorri.

E, assim pensando, o Pensamento
tece-me um Kosmos a fulgir
e entre as constellações me assento
eu, rei, eu, papa, eu, Grão-Vizir,
porque quem tem tal pensamento,
deve ter sólios por assento,
deve reinar, vencer, subir...

Mas lua, minha lua triste,
como o teu beijo treme e dóe.
Choras... ao pranto quem resiste?
Nada valera, certo, o heroe,
Si fosse heroismo não ser triste,
e, contra a lei que nos assiste,
ser insensivel ao que dóe!"

Para quem sabe ver, estes quatro ultimos versos por si sós são indicios de uma alma de grande poeta. Elles representam um pensamento profundo, proveniente de alta intuição no espirito de uma quasi creança. Depois, a fórma por que esse pensamento é expresso, como o são todas as estrophes daquella poesia, fala-nos de uma rara, aristocratica virtuosidade, que é outra caracteristica essencial aos verdadeiros artistas. *Quarto crescente* faz-nos lembrar dos maravilhosos violinos que ha na orchestração de Cruz e Souza.

Depois, já em mais de meio do livro, vem aquella

soberba peça, á qual encima o lendario, augusto nome de Job. Ella por si só põe um poeta de pé.

Poderia referir-me ainda a outras, poderia relevar mais circumstancias. Basta, porem, o que se disse para deixar patente, creio eu, que as *Apotheoses*, no seu conjunto, deram merecidamente ao poeta quasi ainda menino a palma do triumpho que essas justas iniciaes permittiam.

Principalmente as opiniões que chegaram a concretizar-se em noticias ou artigos de jornaes e revistas foram-lhe quasi todas altamente favoraveis. Mestres houve, até, que lhe deram uma consagração incondicional e rara. Si se notou mingoa, foi no que se deva chamar propriamente critica, mingoa que, aliás, é tão nossa, quasi sempre, nas letras.

O adolescente desconhecido da vespera passou a ser um nome festejado, um pouco por todo o Brazil.

Tive occasião de ver ahi como me havia illudido a primeira impressão que de Hermes Fontes tivera. Relancionando-se elle com quasi todos nós que constituimos o centro literario e jornalistico do Rio, pude observar a sua grande communicabilidade, mais do que isso, a sua generosa affectuosidade, que implica tanta modestia intima de alma e quasi que até se confunde com a ingenuidade dos verdadeiros simples.

Tudo o que se lhe deu de elogios e incentivos, toda a cordialidade com que lhe abrimos os braços ao recebel-o no nosso convivio serviu principalmente para tornal-o meigo e gentil nas suas relações com os que lhe eram pessoalmente desconhecidos até que elle deixou de ser inédito. Pouco a pouco o proprio elemento feminino, que de ordinario entre nós mal se entende com a gente de letras, até esse foi manifestando sua sympathia ao ephebo que pela chamada capillaridade social de um dia para outro se elevára. Hoje, até em salões elle é recebido com festas e carinho, se acaso os visita.

Dessa facilidade, todavia, com que venceu, e das felizes, gratas consequencias acima referidas, que advieram de tão prompta victoria, podia resultar um mal: á falta de cruciantes estimulos, podia ser que o poeta fosse cahir, sinão em negligente ocio, pelo menos no estacionamento daquelles que se dão por satisfeitos desde logo. Ha mais de um exemplo desses nas nossas letras.

A um perigo, é certo, parecia furtar-se o joven escriptor: ao de prevalecer-se da sua recente notoriedade para entrar em compromisso desde logo com as forças occasionaes monopolisadoras do meio, as quaes em todos os tempos distribuem posições e garantem mais facil renome áquelles que correm a formar decididamente com ellas

Não é que assumisse posição aggressiva contra quem quer que fosse dentre os representantes das correntes que já veiu encontrar definidas e mesmo já mais ou menos historicas. Acontecia que por sua orientação inicial se apresentava elle até como um arbitro entre o parnasianismo, o realismo e o symbolismo, sem que no emtanto sua obra viesse a significar um meio termo geitoso ou velhaco. Ella representava nobre tentativa de fusão, intelligente e possivel. Dava-se alem disso que o instante era caracteristicamente de tregoas, senão de paz definitiva, entre os differentes belligerantes.

Hermes Fontes passou a ser no nosso meio literario, geralmente, não tanto a figura de um "enfant gaté", (porque elle quasi que não tem exigencia nenhuma, a não ser aquella que a dignidade propria inspira), como a de um "bon enfant", no sentido mais nobilitante que a expressão possa ter, a de um joven companheiro de quasi nós todos, sempre desinteressadamente vibrante com o successo que possa, porventura, ter cada um de nós, sempre prompto á mais larga justiça com quem quer que trabalhe ou já tenha trabalhado neste ingrato e sá-

faro terreno que as letras por emquanto representam no Brazil.

Si alguma predilecção ha nelle pronunciadamente, porem, é, creio eu, pelas naturezas caracteristicamente heroicas, — mais dignas e mais alevantadas, — que já tenha havido ou que ainda existam entre nós.

Representa o poeta outra originalidade no nosso meio intellectual: tem sentimento civico, chega a ter definida opinião politica, e é tão coherente, tão sério nesse particular, como naquelle em que mais o seja.

Juntando-se a estes traços mais uma annotação, fazendo-se ver que ao par de tudo isso elle é um filho de si mesmo, producto dos seus proprios esforços, sem valimentos que parentescos ou compadrios expliquem, é facil antecipar que elle não nasceu destinado ás promptas e milagrosas victorias no mundo das posições, e não custa calcular-se que sem duvida a vida não lhe tem sido um brinco e que lhe ha de amargar a boca mais a miudo do que áquelles que já nasceram feitos, pelos privilegios do berço, ou que aceitam figurar no papel de truões, quando não seja de aventureiros de alto cothurno.

Estes são obices que só ás naturezas excepcionalmente apparelhadas é dado sobrepujar, mas não querer arrostal-os ou pretender contornal-os habilidosamente é quasi sempre mais perigoso ainda para os que se não querem deixar dissolver em meios como o em que vivemos, onde quasi tudo é uma farça só, onde a concessão quasi que não tem limites, desde que se lhe abra a porta.

A's vezes, sem que um homem se perca por esses caminhos das faceis e illusorias vantagens, deixa por outras razões de corresponder ao que delle porventura se esperava. Basta vir a faltar-lhe ambição activa, bem entendido, mas irreductivel orgulho, para lhe ser possivel aceitar no seu intimo, no seu subconsciente, como

definitivos e bastantes os fructos dos seus primeiros combates. Dessa hora por diante ahi vem correspondentemente os signaes de paralysação no que elle produza. Póde ser que tal producto seja ainda copioso, seja ainda de encher os olhos, mas que essencialmente não valha nada ou valha pouco mais do que isso, representando apenas uma repetição mecanica, pelo menos não muito mais que um "ritornello" dos vivos trabalhos anteriores.

Devo confessar, tive medo de que fosse esse o caso de Hermes Fontes ao começar a ler agora a "Genese", seu segundo volume de versos, publicado cinco annos depois da obra de estréa.

Antes de tudo, pelo indice, pareceu-me desde logo que se tratava ainda de apotheoses á natureza, ao deparem-se-me estes titulos geraes: *Fiat, Fontes da Luz, Fontes do Ser, Fonte da Vida, Céo, Terra, Abril, Verão, Vagalume,* etc.

Depois, pela leitura das primeiras paginas, vi que havia mais clareza, proveniente de aperfeiçoamento no estylo. Os versos geralmente traziam agora mais vibração intima e um timbre mais pronunciado de gorgeio, — que é um dos signaes por onde se conhecem os versos dos verdadeiros poetas; cada vez menos aquelle prosaismo, aquella seccura estructural que os das "Apotheoses" a miudo offereciam. Notei que o autor, agora com vinte e cinco annos, mostrava ter completado ainda melhor suas leituras philosophico-scientificas, que assimilara mais conscientemente o seu Haeckel ou outros de orientação semelhante. Que appellava ainda mais reiteradamente e mais brilhantemente para as antitheses e as hyperboles, recursos tão predilectos aos maravilhados. Comprehendi que ora elle encontraria leitores para os quaes aquellas paginas já fossem todas de pura e alta poesia, e dessem-lhes fundas, deliciosas sensações.

O facto, entretanto, é que eu ficava um tanto frio

diante de tudo isso, talvez ainda mais do que quando lera o primeiro livro. E' facil de ver. Este, com todos os seus defeitos, offerecia a vantagem de ser o primeiro, de proporcionar-nos a novidade de uma natureza de moço inteiramente á parte e até então por nós completamente desconhecida. O de agora como que nos revelava apenas a segunda edição, embora melhorada, daquella obra anterior. A mesma orientação philosophica, a mesma ou quasi a mesma comprehensão poetica. Mas o peior de tudo era que o artista continuava a adoptar aquelle processo de producção que nas *Apotheoses* seguira: o de impôr á Musa um assumpto que inteiramente a frio escolheu. Dahi, nessas paginas primeiras, quasi que a mesma monotonia, ainda quasi o mesmo peso que aquelle experimentado em quasi toda a leitura do volume de estréa.

Certo era que antes disso eu lera ás soltas duas producções, das quaes principalmente uma me produzira muito bom effeito. Fôra *A primeira arvore*, que vem logo na segunda parte do livro, parte que o poeta intitulou *Fontes do Ser*. Seria que dahi por diante a collectanea se alteasse, animada de outro esto? Nesse caso, não tardára entrar-se na atmosphera que todos ao lerem um livro de versos procuram.

Immediatamente antes da *Primeira arvore*, porem, depara-se-nos *A primeira pedra*, um pequeno poema, constituido por duas estrophes de sete versos, que representa bonita, exquisita joia nesta obra de agora:

"A PRIMEIRA PEDRA

— Corpo que se encontrou abandonado de alma,
corpo que se não pôde á acção do ar decompôr,
uma pedra é uma vaga immovel... E' uma calma
recordação do mar de que foi leito a estrada,

uma vaga do mar dos Tempos, retardada,
que por ahi ficou sem sentidos, parada,
adormecida por um intimo torpor.

E' a Impassibilidade esculpturada. Dorme.
Seccou-lhe o sangue, e não consegue apodrecer.
Vive? E' possivel. Morre? E' provavel. Conforme
a Vid e a Morte... A pedra é um ponto de partida...
E' o princio da Morte, é o principio da Vida...
E' um gesto contrariado, é uma força contida,
é o Ser que adormeceu em caminho do Ser..."

Faz lembrar flagrantemente Hugo, pela fórma e pelo effeito que produz.

Dahi por diante umas quantas poesias se nos deparam, como *Terra!* como *Vagalume,* como principalmente a primeira parte de *Palmeira, Rio, Mar, Marinha, Mar plano,* que representam bellas producções, dignas de um insigne autor, outras que offerecem felizes estrophes, ou singulares aspectos, como *O primeiro homem, A primeira mulher, Eva, Extase, Abril, Flôr e fructo, Uva, Mar (fio d'agua).* Nem tudo, porem, nellas nos satisfaz. Afiguram-se-nos pedaços de marmore trabalhados com inspiração em parte, em parte apenas com boa technica, salvo esta ou aquella extravagancia de gosto.

Entre umas e outras, porem, ha ainda um bom numero de composições que offerecem interessantes particularidades, que são feitas em bons versos, e sempre na lingua admiravel que é um dos grandes valores deste joven estheta, peças em que não ha talvez quasi nada a censurar, mas a que falta frequentemente de principio a fim o legitimo estro, que pesam por isso no volume, tornando um tanto cansativa a leitura do mesmo, até ahi.

Como acontece nas *Apotheoses,* onde o poeta é in-

teiramente superior quasi só quando faz subjectivismo ou de qualquer fórma nos deixa entrever o intimo de sua natureza, tambem aqui, na "Genese", as partes mais altivolas, mais ardentes, mais fundamente emocionaes, de mais legitima esthesia são as derradeiras, aquellas que reflectem quasi que só estados d'alma, coisa de que a obra de um poeta sempre devera provir.

Estas ultimas partes chamam-se *Alma,* que tem por sub-titulo *Sonhos, Scismas, Extases;* e *Castalia,* que se subdivide em *Aguas passadas* e *Ultimas gottas.* Vão, porem, da pagina 122 á pagina 256. Representam, assim, mais da metade do livro.

Só depois que nellas nos encontramos com o autor é que verdadeiramente nos convencemos que elle vai em verdadeira, em brilhante ascensão, e que assim vae porque tem vontade ardente, indominavel de ir. Ahi é que se penetra melhor no segredo da sua organisação psychica.

Diante principalmente de taes *Sonhos, Scismas* e *Extases,* a metade anterior do livro representa o ultimo valle umbroso e deleitavel em que este menino de hontem, agora homem, passou as derradeiras horas da vida descuidosa ou confiante que a adolescencia no seu tremeluzir final ainda comporta. Tal subtitulo, pois, antes estivesse ao alto da outra parte da "Genese": no fundo seria mais logico. *Ancias* é como se devera chamar, emfim, toda esta ultima porção de paginas, até se ler todo o volume, porque na verdade é quasi só do que ellas nos falam.

Vê-se por ahi que Hermes Fontes vae acordando verdadeiramente para a vida, isto é, para o inevitavel dramatico que esta representa na proporção em que é vida propriamente dita.

Aqui as apotheoses optimistas á natureza já são largamente contrabalançadas pela expressão de uma dôr muito humana, e, emquanto aquellas relativamente pou-

cas vezes se elevam á altura da verdadeira poesia, esta dôr, com que nos encontramos assim depois, quasi sempre desperta perfeita correspondencia emocional em nós outros; até com frequencia fere altas notas caracteristicas do grande estro.

Entrevemos toda uma historia intima de moço em taes paginas, que o subjectivismo domina, historia em que o amor, mais a nobre ambição de gloria são o "leit-motiv" natural e legitimo, mas em que o choque entre sentimentos generosos, grandes sentimentos, mesmo, e o da realidade amarga, absurda, que a vida lhe vae pondo em evidencia pouco a pouco, num flagrante pungente, fazem do amor e daquella ambição sublime um doloroso, embora tambem delicioso e obsidente calvario.

Predomina nesta natureza, de modo a enternecernos, a capacidade de amar. Elle proprio nol-o diz nestes versos tão singelos e tocantes:

"Da minha adolescencia á velhice precoce
que me enche a mocidade de pezar,
nunca me vi na posse
do proprio coração, perdido, a amar, a amar,

Nunca me pertenci, nunca o meu pensamento
foi meu! Elle foi sempre o fiel mucamo
daquellas que lamento,
daquellas que revejo ,e, entre saudades, amo!

E foram tantas! foi um ramalhete, quasi,
um ramalhete de almas feminis,
que a um olhar, a uma phrase,
colhi, tentei colher, adorei nos hastis..."

Amores augustos ou piedosos, pela abençoada mulher que lhe deu o ser, por aquella outra que lhe ensinando o alphabeto revelou-o propheticamente a elle

mesmo e pôz-lhe na alma o "pollen" das alevantadas ambições, e amores de moço pela fila processional de seres femininos que ao passar o tem sensibilizado, ou já mais sériamente dominado, no correr dos floridos annos, unicos que até aqui elle conheceu. Não é só isso: tambem amor por amigos, a quem até mesmo dá genio e estimula generoso invejando-lhes de boa inveja os triumphos, amor a ideaes de Justiça e de Gloria...

E é interessante. Ha neste poeta

"*Sêde! febre de amar e ser amado,*
Sêde... não sei de que!
Sêde de angelitude e de peccado
que cresce mais, se mais se lhe provê!"

E' elle proprio quem confessa:

"*Paixões... doenças da alma... tive-as,*
mas, porque as tive demais,
de arrulhos vieram lascivias...
Depois... peccados mortaes..."

A nota predominante, comtudo, na historia dos seus amores é de uma grande castidade, de um sympathico, de um gentil escrupulo, que só almas de aristocratica bondade entendem, até de uma timidez que só os grandes sensiveis reconhecem como natural.

Ha entre os seus versos de amor producções que offerecem grandes bellezas, como esta, que não posso deixar de transcrever:

TANTALISMO

"*Eu vou agonisando, agonisando,*
não á feição do Sol, atraz do monte,
nem á do legionario formidando
que para a morte avance e a morte affronte.

E se morrer não deixo quem te conte
a odysséa infeliz de amores que ando
— rio errante que ignora a propria fonte —
vertendo em prantos desde não sei quando.

E morro incerto sobre se me queres...
Ah! culpa é minha, que jámais te hei dito
Seres a mais amada das mulheres!

Tens o destino das grandezas vastas:
és-me o horizonte azul, és-me o infinito...
— quanto mais me approximo mais te afastas...

Se fossemos trasladar todas as outras peças desse genero que nos parecem optimas, quando nada em seu conjunto, trariamos grande porção desta ultima metade do livro para aqui: *Fonte eterna, Devaneio, Diario de um sonho* (feito de sete sonetos, qual delles melhor que o outro), *A' margem da corrente, Plenitude, Adeus, Apenas, Capitulação, A Felicidade, A excelsa mentira, Abstracção, In excelsis.*

Alem dessas ha outras voltadas para differentes horizontes, entre as quaes varias se encontram que se elevam á altura attingida por um Castro Alves, um Luiz Murat, um Cruz e Souza: *A visão do som, Sonho morto, Beira-mar, A velhice, Fraternidade, "E o mar nunca se esgota!", Pan, Resurreição de Tantalo, Cantochão da Insomnia, Abstracção, Arvore de Natal, Para as azas do vento, Gloria!* parecem-me das melhores poesias que figuram na poetica nacional.

Vê-se que Hermes Fontes folheia e repassa com amor e carinho uns tantos dos nossos mais altos artistas do verso. Sente-se ao mesmo tempo, na proporção em que se vae terminando o livro, que sua esthesia se torna mais segura e seu pensamento mais legitimamente bello e profundo.

Ainda uma ou outra pagina nos revela reiterações de máo gosto, ou então relativa tibieza de estro. O que sentimos, porem, lendo no seu conjunto as duas partes de que estamos tratando é que o autor ascende seguro para perfeição e inspiração cada vez maiores. Elle, que já produziu tantas paginas altamente honrosas, continúa a ser uma grande esperança no nosso horizonte intellectual.

Deixemol-o, o brilhante e amoravel poeta, amadurecer por si mesmo, adquirir mais riqueza no que se chama a vida interior, e mais legitima profundeza de preoccupações. Elle reconhecerá depois que, mesmo nestas paginas de hoje, sérias embora como sejam, vê-se-lhe a alma ainda em torneios relativamente jocundos, comparados com o drama offerecido em espectaculo por outras a quem a edade já deu resistencia perfeitamente athletica. Como se apresenta desde já, todavia, Hermes Fontes não encontra nos da geração que ora com elle vem chegando e vem dando provas de si outro poeta que se tenha revelado, que eu saiba, até aqui, de remigio tão alto.

1913.

"Pena de Talião"

Ha factos muito curiosos na vida intellectual. Foi um delles o da leitura realisada aqui no Rio por Emiliano Pernetta, no dia 7 de Agosto, da sua linda comedia — *Pena de Talião.*

Instado por um grupo de amigos seus, aqui residentes, o poeta, que mora em Coritiba, tendo necessidade de vir ao Rio, trouxe na sua mala de viagem este seu ultimo trabalho, aliás já impresso e prompto para ser posto á venda. Seus amigos queriam, entretanto, que, antes de lançal-a á publicidade, Emiliano procedesse á leitura da peça no meio carioca, mas em condições um tanto differentes das habituaes. Parecia-lhes que para essa leitura deviam ser convidados, exclusivamente, os representantes mais notorios neste momento do mundo intellectual do Rio. Desejavam tirar por este modo áquelle festival literario o caracteristico mundano que offerecem as conferencias em moda, espectaculos cujo brilho depende tão essencialmente da maior ou menor concorrencia feminina e de outros decorativos elementos sociaes.

Foi de accôrdo com esse criterio que se fizeram os convites, tratando-se embora de autor cujas relações no nosso proprio mundo intellectual eram naquelle momento bastante limitadas, pelo facto de ser um es-

tranho ao Rio, onde residiu por algum tempo, mas ha cerca de vinte annos atraz.

Ainda outra circumstancia. Não se tinham passado muitos dias após a chegada do "principe do mundo intellectual paranaense", como em nossa terra elle é considerado, quando se declara a pavorosa conflagração européa, cujos primeiros effeitos se traduziram por verdadeiro panico entre nós, diante das condições de completo isolamento em que a principio se julgou ir ficar toda a America do Sul, em relação ao mundo civilisado. E nas vesperas de realisar-se a leitura da comedia esse panico dava em resultado inquietadoras desordens aqui mesmo no Rio, promovidas pela poviléo, que começava a desorientar-se ante a illusoria perspectiva da fome.

Foi, pois, em taes condições, tão desfavoraveis quanto possivel a um bom exito exterior, que o sympathico poeta realisou a despretenciosa leitura do seu annunciado trabalho, no salão do Centro Paranaense, escolhido para tal fim ainda por uma intenção de modestia e simplicidade.

Contra toda a espectativa, todavia, encheu-se literalmente a sala. Corresponderam ao convite, em grande numero, os homens de letras e jornalistas cariocas, a cujo lado figurou o que ha de mais distincto na colonia paranaense aqui residente; a esta se uniram muitos patricios de passagem no Rio, querendo todos, de modo espontaneo, prestigiar com a sua presença o illustre comprovinciano, que vinha aqui como um embaixador do estimadissimo circulo espiritual em que lá no Sul elle culmina. Por esta fórma salvava-se brilhantemente a situação no que dependia das contingencias do momento.

Por isso mesmo, entretanto, maior se tornava a responsabilidade do poeta. Era preciso então que elle correspondesse a tão extraordinario movimento alheiando

pelo seu valor, das terriveis preoccupações que lá fóra atormentavam os espiritos, quantos acima dellas se tinham collocado por amôr a um gozo simples e puramente esthetico.

Tudo se passou, porem, como si facilima fosse a empreza. Que o digam quantos lá estiveram e que durante uma hora se deixaram empolgar pelo illusionismo daquellas paginas singulares.

Emiliano Pernetta é um *diseur* admiravel. Lendo-nos seus versos elle completa essencialmente a significação dos mesmos, integra a feição que a elle lhe é propria com o calor, a doçura e o fundo, exquisito lyrismo, — com a magia imprevista, emfim, — da sua presença, da sua palavra, da sua gesticulação. Parece que ahi o sorprehendemos no que ha nelle de intimo, que tocamos nos recessos do seu ser, como si o vissemos sob a transfiguração dos momentos em que é dominado pelo seu demonio, em frente a uma mesa, a escrever. Elle soluça até quando sorri, elle sorri até quando tem lagrimas na voz.

Predomina um caracteristico hysterismo na compleхão deste artista, mas o que o salva, contrabalançando tanto ou quanto essa condição morbida a que está sujeito, é aquelle "furor pela belleza" de que na "Illusão" elle nos fala. Ainda exagerado como seja até nesta paixão redemptora, nesta paixão divina, ella é tão legitima em sua natureza, tão pronunciada, tão empolgante, que o desvia triumphalmente do perigoso redemoinho a que sua physiologia tarada parece querer arrastal-o. Salva-o pelo menos para fazel-o gemer e soluçar encantadoramente, não raro arrebatadoramente, dando-se até que, uma vez ou outra, elle consegue attingir a alta esphera de uma legitima e luminosa serenidade, em que descança por momentos de bemaventurança, caramente conquistada.

Ora, escutal-o é acompanhal-o na meia inconscien-

cia de uma deliciosa hypnose, através dessa dolorosa, mas inestimavel experiencia cujo espectaculo só os singulares, aristocraticos, porem, principalmente, legitimos poetas nos podem proporcionar. Sentimos, indo levados por elle, que nos achamos sob a influencia particular, *sui generis*, mas de qualquer modo preciosa, admiravel, de uma alma que nos proporciona ver a vida, ver os homens, ver as coisas por um prisma que, embora carregado, nos abre perspectivas fundas, verosimeis e plausiveis, — o que só é proprio dos verdadeiros espiritos. Elle amargura-nos, quasi que nos desespera, si não nos irrita; mas, por outro lado, encanta-nos, e encanta-nos de modo tal, que não podemos fugir de confraternisar com elle, porque o sentimos nosso irmão lá bem no fundo do seu e do nosso ser. Ha nelle talvez mais coragem do que em nós para ser infeliz em parte e em parte para gozar mais do que nós gozamos. A intrepidez do seu satanismo e da sua volupia talvez sejam as unicas coisas por que delle nos separamos, sem comtudo haver falsidade ainda nesses seus aspectos, porque em ultima analyse são coisas essas humanas, embora andem em quasi todos nós num estado pouco mais do que latente. Job foi blasphemo, Salomão gemeu pela Salumita em ancias de desejo immortaes.

E' curioso estudar este ultimo trabalho de Emiliano Pernetta, *Pena de Talião*, comedia heroica, como se a tem chamado, e sem impropriedade, porque na peça figuram altos personagens, até mesmo deuses pagãos. Ella, entretanto, antes parece um trabalho de fina e dolorosa psychologia contemporanea sob o véo tenue de nobre e graciosa allegoria. Seus personagens são de carne e osso, por isso mesmo apenas envoltos em soberbas chlamydes ou vestindo tunicas hellenicas; o poeta não tencionou absolutamente fazer um irreprehensivel *pasticcio*, calcado sobre o que sabemos da vida, caracter e atmosphera grega.

Parecera, pois, que todo esse mundo agora creado pelo exquisito autor da *Illusão* nada teria com elle de commum. Entretanto, *Pena de Talião* póde-se considerar como um livro irmão gemeo daquelle anterior, sinão o mesmo livro, apenas sob a fórma de uma vulgata, desfeita. E' a *Illusão* simplificada, humanada, até banalisada, tanto quanto está no poeta resignar-se a isso.

Ler esta comedia é encontrarmo-nos com uma alma refinada de artista, que precisa alcandorar-se em phantasias nada communs, recorrer a imprevistos symbolos, para dizer-nos o que tem vontade de expressar, embora, por outro lado, tenhamos de reconhecer que não lhe falta o senso necessario para admittir e ter por assentado que numa obra de theatro tudo isso precisa ser feito por modo que fique ao alcance, ao menos, de um auditorio escolhido. *Pena de Talião,* assim, representa a victoria do poeta sobre o grande numero, torna-o comprehendido e estimado por aquelles que até hoje o estimavam louvando-se em juizos alheios. Nesse sentido ella assignala uma evolução, pois progredimos sempre que, não desistindo de ser quem somos, conseguimos admittam-nos sinceramente aquelles que antes nos aceitavam apenas por convenção.

No fundo, porem, este trabalho ainda tem muito mais de subjectivista, mais põe de pé quem o fez do que quantas almas ali se acham creadas, antes é uma confissão do que um producto de observação do mundo exterior e com que nada tenha que ver o poeta, vale mais como um grito de angustia, a par de uma manifestação de enthusiasmo pelo amor e pelo ideal, do que como um trabalho que aspire á popularidade dos que procuram a gloria de traduzir os sentimentos alheios, a dôr e a alegria de toda a gente.

E' por isso que esta leitura ficará assignalando por modo singular o momento em que ella se realisou, quando nos achamos diante de factos estupendos, que darão

amanhã, forçosamente, outro aspecto ao pensamento humano e ao sentimento artistico. Esta foi, talvez, a chave com que se fechou no Brazil a obra fiel áquella tendencia que na historia literaria destes tempos ficará amparada pelo prestigio e prejudicada pelas inconveniencias de uma escola, — a escola symbolista, como se convencionou chamal-a.

1914.

O Poeta Negro

Cruz e Souza, negro sem mescla, foi uma cerebração de primitivo genial, foi como que a revivescencia de um nubio contemporaneo de David ou ao menos de Salomão, sinão já educado á luz franca dos principios mazdeanos, mas que houvesse renascido no occidente e se desenvolvesse num meio cuja civilisação é toda de emprestimo, já capaz de inspirar grandes requintes a um artista, porem no fundo ainda por modo muito falseado e ingenuo.

A visão de Cruz e Souza, no que elle offerece de mais caracteristico, é sem medida, sem precisão, chega a ser muitas vezes desconforme, — é oriental, — entretanto que a lingua por elle para si creada dentro do idioma portuguez é ductil, é musical como até então não fôra, é colorida, e, — o que mais admira, — é matizada, é nuançada como ainda se não manifestara. Não ha nisso, porem, contradicção, porque ella assim é principalmente no que affecta os cinco sentidos. Cruz e Souza revela-se, como artista, sobretudo um sensual, na accepção lata da palavra, o que é tão logico tratando-se de uma natureza de primitivo, ainda mais si africano.

Apenas, sua obra é cheia, em grande parte, não só dos defeitos inevitaveis diante dessa aberração ana-

chronica do que constitue o fundo de sua mentalidade, como de outros consequentes da incompletação e deficiencia da sua cultura, defeitos todos estes que ás vezes o arriscam até a cahir no ridiculo, outras vezes obscurecem completamente o que elle deseja expressar.

Alem disso, o seu tempo lhe foi ingrato no que respeita ao objecto da sua missão.

Como um alma primitiva que era, elle trouxe uma natureza de apostolo feito de um só bloco, sem as ductilidades do homem moderno, incapaz dos subterfugios com a sua propria consciencia indispensaveis aos typos de transição que todos somos na nossa época.

Porisso, e, ainda mais, desajudado pelas duras condições em que nasceu e viveu, sendo um negro descendente de escravos e um paria social no tocante á sua situação economica, a concepção que teve do seu papel neste mundo foi uma concepção verdadeiramente, mas, de certo ponto em diante, escusadamente heroica e tragica. A arte, aos seus olhos, exigia um sacerdocio de uma devotação, de uma gravidade, de uma pureza de intenções, mas tambem de uma inexorabilidade, semelhantes ás que Javeh impunha ao seu povo eleito. Nos poetas seus contemporaneos e que com elle se cruzavam nas ruas, via, quasi que sem distincção, apenas ridiculos e monstruosos philisteos. Só elle é que estava intellectual e moralmente na altura desse difficil e penoso sacerdocio, do qual, entretanto, — parecia-lhe, — todos e tudo o quereriam empecer, pelo qual todos e tudo se lhe oppunham numa guerra serrada e selvagem.

Entretanto, bem apuradas as cousas, elle era quasi que apenas, em arte, um orgão á procura, mas embalde, da sua funcção integral, era uma emoção epica em busca de assumpto, cruzado cuja formosa Jerusalem representava apenas uma miragem.

Seu tempo e seu meio careciam de atmosphera que lhe permittisse outra cousa. Poeta, essencialmente poeta,

isto é, homem de visão e intuição por excellencia, elle só poderia florescer em toda a extensão das suas possibilidades em tempo e lugar onde já se houvesse elaborado toda uma synthese a que, ainda mais, sua indole de primitivo, seu genio apocalyptico se pudesse adaptar.

Ao contrario disso, os mais altos estimulos intellectuaes que lhe foi dado receber vieram-lhe unicamente da escola symbolista.

Esta, em ponto pequeno, representa no seu momento um erro que faz lembrar o dos primeiros christãos na sua crença do millenario. Mas o symbolismo veiu com illusão opposta: em vez de acreditar que não se achava longe o fim do mundo, persuadia-se, com Maeterlinck, de que já estava proxima a era em que se iam desvendar os Mysterios da Vida, e, com Ibsen, a Conciliação entre os homens.

Cruz e Souza não chegou a tomar-se de tal ideologia porque morreu quando justamente começavam a ser divulgados no Brazil os maiores representantes desse grupo tão sympathicamente, mas ainda tão aereamente sonhador. Já recebera, porem, o impulso enthusiastico, já ganhara o fervor que foi causa da inspiração de que alhures nasceu aquelle duplo sonho. Tal enthusiasmo e tal fervor por sua vez se basearam sobre a crença renovada na soberania dos instinctos, da pura intuição, e na acção miraculosa dos heróes, crença que no poeta negro já, por modo intuitivo, se affirma com extraordinario vigor. Era quasi, apenas, infelizmente, a fé no missionismo pelo missionismo, sem bem definida objectivação.

Deste modo, no meio sul-americano Cruz e Souza representou a figura de arrojado e imponderado espectro apostolico, surgindo fóra do horizonte que lhe seria proprio, porque alem de tudo lhe impoz o destino participar de uma atmosphera intellectual mofina, de uma civilisação ainda bastante insipiente, nada auto-

noma, onde apenas é permittido, de modo normal, nas letras como nas artes, um dilettantismo apressado e leve. Não pôde, siquer, affectar sufficientemente com o seu vulto, na hora em que viveu, a atmosphere do paiz onde nascera e formara-se. Causou principalmente estranheza e despeitos, sinão odios, mas estes mais por motivos humanos, derivados de sua intransigencia e de seu impiedoso sarcasmo contra outros homens de letras com que se encontrou, do que por uma antipathia intellectual bem consciente, ainda mesmo da parte dos que representavam papel antagonico ao seu, dadas as tendencias a que obedeciam.

O que o salvou ainda em parte na sua hora foi a sua incomparavel virtuosidade para o verso, a musica, a capacidade de suggestão, a intensidade e a modernidade — esta, embora, tantas vezes de máo gosto — que a obra delle offerecia. Graças a isso é que de Norte a Sul chegou a crear, embora ephemeramente, uma verdadeira esteira de confessados asseclas.

Mas os que lhe eram adversos indicaram como completas, indiscutiveis obscuridades muitas vezes os seus pensamentos mais claros, por desconnexas varias das suas construcções mais curiosas e até mais perfeitas, por monstruosidades, por peccados mortaes contra o gosto tantas das suas concepções mais finas e mais lindas.

Ninguem póde negar, como já se disse, a boa parcella de razão que em muitos pontos taes censuras encontram, razão proveniente das causas já apontadas e mais da imitação com que elle pagou tributo ao decadismo e nephilibatismo incrustrados na escola de que foi o mais alto representante no Brazil.

Assim, pois, tornou-se facil áquelles seus opposito-res mystificar a opinião e amortecer em muito o effeito que apezar de tudo elle poderia produzir em vida sua ou immediatamente depois. Os proprios *Ultimos Sonetos*,

seu derradeiro livro, e publicado como obra posthuma, que representa dentro da sua obra inesperado remate, digno de estudo, tendo tanto de occidental, de nosso, por sua humanidade, simplicidade e clareza; esses mesmos não lograram todo o successo que teriam, si fossem julgados com perfeita isenção e nobreza.

No fundo, o que mais repugna a essa gente é prestar attenção, siquer, aos intuitos heroicos do papel que Cruz e Souza se propoz representar na vida, papel que considerava como unico digno dos verdadeiros artistas. Entretanto, si a attitude delle é viciosa, porque fica aquem e alem do que deveria ser, no intimo é simplesmente admiravel. Demais, vindo com quem veiu, representa um phenomeno de revivescencia psychica e de anachronismo moral profundamente interessante.

Tal attitude caracterisa, tanto ou quanto, aliás, quasi todos os representantes mais notaveis do symbolismo no Brazil. Em Cruz e Souza, porem, mais do que em outro qualquer, pelo relevo que aquelle temperamento selvagem lhe deu, ella começa a marcar mais nitidamente uma nova éthica nas nossas letras, tirando-as do dilettantismo colonial em que todos, mais ou menos, subordinados ás condições do meio, até então as conservaram, e impondo-lhes, a ellas, uma missão transcendental, apostolica, fazendo-as orgão, aqui, de uma reacção decidida e séria contra o que tem de inferior, de bastardo, de illusorio a atmosphera creada pela civilisação actual, em toda parte, e com especialidade em meios meramente reflectores como é o nosso por emquanto, ainda mais caricatos e desesperadores do que aquelles que lhes são modelos.

Já indicamos que alem disso a sua influencia é sensivel na nossa esthetica mais propriamente dita e até na historia da evolução do vernaculo em nosso paiz.

Accresce que elle é um thema riquissimo para os homens que se dedicam ao estudo da psychologia das

raças. Seu caso muito interessa ao mundo a essa luz, especialmente aos homens do continente africano.

De certo ponto em diante, elle tem de figurar á parte na literatura nacional. Em tempo algum poderemos aceital-o como um autor nosso que corresponda no seu conjunto á capacidade esthetica, regular e normal, que nos é propria. Nunca assimilaremos o que elle, na sua indole cyclopica, de typo originariamente barbaro, offerece de vertiginoso, de disforme ao nosso gosto commedido e procedente da cultura hellenica. Alem disso, pela sua exigua, falseada illustração, desvios no terreno das idéas e na composição elle commette em que seria estulto querermos incidir.

Sua influencia, comtudo, não cessou e não cessará tão cedo no Brazil. Quasi toda a literatura que se pode chamar propriamente viva, no dominio da poesia, entre nós, vinda depois de Cruz e Souza e de sua geração, consciente ou inconscientemente resente-se mais ou menos dos seus processos. Alguns dos que já mereceram destaque na nova geração tálvez que nem o tenham lido sufficientemente. Mas o seu influxo no que respeita á forma e aos estados d'alma já anda por tal modo na atmosphera de hoje, que será muito difficil a qualquer poeta de sensibilidade mais aristocratica poder de todo evital-o entre nós.

Mais ainda, o seu exemplo moral não foi perdido e continuará a influir no que tenha, com effeito, de humano e pertinente dentro das funcções que cabem a um intellectual. São justamente typos assim os mais essenciaes á formação de um povo. Representam elles as primeiras crystallisações, no sentido moral, do caldeamento que se opera para aquelle fim. Ficam sendo os pilares e as vigas-mestras do edificio, embora, muitas vezes, perceptiveis a poucas vistas; não podem passar, — é obvio, — como passam as naturezas de resistencia mediocre, tão abundantes nessas phases ainda de fluctuação.

Todos os orgãos de maior autoridade na critica nacional já fizeram *amende honorable* em relação ao valor excepcional do poeta negro, embora neste ou naquelle caso com maiores ou menores restricções. Poucos são os que ainda não se vexam de negal-o ou de querer dar-lhe proporções banaes.

Não é chegado, comtudo, o momento em que Cruz e Souza terá de ser posto em fóco como na verdade merece. Até muitos dos que se abeberam em cheio na fonte que elle representa ou ao menos que a essa fonte se prendem por indiscutivel tendencia, voltam-lhe as costas, fingem desconhecel-o ou desestimal-o, emquanto rendem preitos de vassalagem meramente interesseira, convencional, a outros mestres, dignos embora, mas com quem nos seus trabalhos não mostram affinidade espiritual nenhuma. Esses são os idealistas por *pose*, os epicuristas com labias tomadas mimeticamente aos espiritos ingenuos, ardentes e puros.

Emquanto a justiça que se lhe deve depender unicamente do Brazil, ella só poderá fazer-se num periodo mais ou menos heroico, quando as almas respirem numa atmosphera onde as naturezas de alto porte moral se tornem na verdade sympathicas. Alem disso, será preciso que esse instante offereça consideravel complexidade intellectual, caracterisada por forte surto literario e artistico, como aqui já se conheceu no periodo romantico.

A Europa, no entanto, tambem nada poderá fazer tão cedo nesse sentido. Ella, é certo, já nos namora, mas ainda unicamente com intuitos commerciaes. Convem-lhe fazer boa alliança com os nossos proprios homens de letras, honrando-os e até lisonjeando-os entre ironica e séria, porem apenas porque sabe que nem isso é para desprezar nos planos que a inspiram. Sendo estes, porem, muito praticos, convêm-lhe fazer a côrte aos triumphantes do dia tão só. Ella não pode tomar as dores pelos nossos injustiçados, tanto mais que ainda se

acha — reconheça-se — possuida de uma completa descrença na possibilidade de se haver produzido até hoje entre nós um phenomeno literario ou artistico que valha sacrificio, que não seja mero e esperado reflexo da sua civilisação.

Junho, 1914.

INDICE

INDICE

INDICE

PAGS.

A critica de hontem..... 1

PRIMEIRA PARTE

O elogio do "Luar de Hinverno"..... 9
Raul Pompeia..... 35
"As Procellarias"..... 47
Os Novos..... 53
Luiz Delfino..... 63
"Chanaan"..... 67
Olavo Bilac..... 81
José de Alencar e Machado de Assis..... 89
Corrêa Garção..... 91
Os "Discipulos de Sais"..... 123
Os "Sete Ensaios"..... 129
Um livro de Hello..... 133
F. Nietzsche..... 141
H. de Balzac..... 145

SEGUNDA PARTE

Eugène Carrière..... 161
Rubén Dario..... 167
Alberto de Oliveira..... 173
"Treva"..... 199
"Reliquias de Casa Velha"..... 205
"As religiões no Rio"..... 211
"Livro das Damas e Donzellas"..... 217
"Outros estudos"..... 221
"Historias do meu casal"..... 227
"O Atheneu"..... 235
"Os Emancipados"..... 241

Pags.

"Evangelho de Moço" 249
"Contos e Pontos" 257
"Horto" 261
Emiliano Pernetta 279
A Academia anarchisada 311
A festa a Coelho Netto 319
Hermes Fontes 325
"Pena de Talião" 343
O poeta negro 349

EDIÇÕES DA LIVRARIA

Leite Ribeiro & Maurillo

MEDICINA, DIREITO, PEDAGOGIA, ETC.

Historia Geral (resumos) pela professora Maria dos Reis Campos, cart. . . .. 2$000

Consolidação das Leis Penaes — do Dr. Eugenio Ferreira da Cunha, prefacio do Ministro do Supremo Tribunal Federal, Dr. Pedro Lessa, br., 10$; enc..... 13$000

Compendio de Philosophia escolar — do professor Dr. Etienne Brasil, cart. . . .. 3$500

Lições de Geometria Pratica — (Plana e no espago) do professor Dr. Laudelino Freire, cada volume, 3$000; os dous..... 5$000

Morphologia geometrica — do professor Dr. Moreira Alves, cart. 2$000

Praxe Civil e Commercial do Supremo Tribunal Federal de 1910 a 1919 — do Juiz Federal Dr. Tavares Bastos — no prélo.

Theoria e Pratica dos contractos por instrumento particular no Direito Brasileiro (obra notavel) do Dr. Affonso Dionysio Gama, 2ª edição, nossa propriedade), br., 20$; enc..... 23$000

Compendio de Cosmographia — dos professores Drs. Coelho Lisboa e Etienne Brasil, graciosamente revisto pelo sabio technico Dr. Henrique Morize, cart. . . .. 2$500

Das Acções summarias e do Direito ao emprego — do professor Dr. Almachio Diniz — no prélo.

Carteira do Jurado — do advogado criminal Benjamin Magalhães, br. . . .. 2$000

Estabilidade de funccionarios publicos — do Dr. Araujo Castro, com pareceres de muitas e notaveis autoridades juridicas (2ª edição), br. . . . . 3$000

Elementos fundamentaes de Psychiatria clinica e forense — do professor Dr. Teixeira Brandão, br., 8$; enc. . . . . 3$000

Cardiologia clínica — do professor Dr. Oswaldo de Oliveira, prefacio do professor Dr. Miguel Couto, enc. . . . . 12$000

Estudos sobre arterio-sclerose — monographia muito documentada, do Dr. Olavo Rocha, br. . . . . 4$000

A Maternidade do Rio de Janeiro no VIII Congresso Medico Brasileiro — 40 monographias de especialistas, sobre Gynecologia e Obstetricia, organizadas sob a direcção do professor Dr. Fernando de Magalhães, br., 16$; enc. . . . . 20$000

Psiconeuroses e sexualidade — A neurasthenia sexual e seu tratamento — pelo professor Dr. A. Austregesilo — no prélo.

Philosophia da arte — Synthese positiva e notas á margem — pelo Dr. Vicente Licinio Cardoso, br., 6$000; enc. . . . . 8$000

O Jury e a sua evolução — do professor Dr. Pinto da Rocha, com um prefacio do professor Dr. Carvalho Mourão — no prélo.

Curso elementar da lingua ingleza — do professor Capitão A. Pereira Pinto (2ª edição), cart. . . . . 5$000

Acidentes de automoveis — Delictos profissionaes dos automobilistas — do Dr. Gregorio Garcia Seabra, prefacio do Dr. Evaristo de Moraes, br., 10$; enc. . . . . 12$000

Pontos de Geologia — do professor Dr. Etienne Brasil, cart. . . . . 2$000

Auto-osteoplastia — Contribuição ao estudo da vitalidade do enxerto — Monographia muito illustrada, do Dr. Jorge Gouvêa, br. . . . 5$000

Arthroplastia nas ankyloses do cotovello — Monographia, tambem muito illustrada, do mesmo autor, br. . . . . 4$000

Sciencia penitenciaria positiva — do Dr. Americo de Araujo, prefacio do professor Dr. Esmeraldino Bandeira, br., 8$; enc. . . . . 10$000

Compendio de Hygiene (completo) do professor Dr. J. Fontenelle, com prefacio do professor Dr. Tamborim Guimarães (obra notavel) enc. . . . . 12$000

O Exame de portuguez — do professor Julio Nogueira, prefacio do Dr. José Oiticica, enc. . . . . 6$000

Tratado theorico e pratico de testamentos — do Dr. Affonso Dionysio Gama (nossa propriedade) — no prélo.

Escola Pittoresca — Compendio de leitura escolar — do Dr. Carlos Dias Fernandes, com illustrações de J. Carlos, cart..... 3$000

Das Custas Judiciarias — do Dr. Affonso Dionysio Gama — no prélo.

Grammatica franceza — do professor Dr. Floriano de Brito — (obra notavel, enc. . . . . 12$000

Ao longo da E. de F. Central do Brasil — Cidades e estações — Informação historica, geologica, chorographica e sociologica — do professor Ferreira da Rosa — no prélo.

O Hypnotismo e suas applicações — por Medeiros e Albuquerque, prefacio do professor Dr. Miguel Couto — no prélo.

Introducção á Clinica propedeutica — do eminente e inesquecivel mestre Dr. Francisco de Castro. br. . . .. 3$000

Promptuario synthetico militar — pelo Tenente Dermeval Peixoto — cart. . . .. 1$500

Justiça de Paz — Do Dr. Affonso Dionysio Gama — no prélo.

Manual da Constituição Brasileira — do Dr. Araujo Castro (obra elogiadissima pelas maiores autoridades na materia), br. 12$; enc. 14$000

Escriptos diversos — leitura escolar — do professor Eugenio Bethencourt da Silva — no prélo.

Codigo Civil Brasileiro commentado — Obra moderna, de accôrdo com as alterações determinadas pelo Congresso Nacional, dividida em 8 volumes. O 1º volume, comprehendendo a Introducção e a Parte Geral (arts. 1º a 179) — no prélo.

Instrucção Civica Brasileira — Leitura escolar — do Dr. Milton da Cruz. br. . . .. 4$000

HISTORIA, LITERATURA, ETC.

— **Miragem do Deserto** — Versos do Dr. Hermes Fontes, br., 3$; enc. 4$000

— **Os Caiçáras** — Prosa de João Phoca (Baptista Coelho) prefacio de D. Julia Lopes de Almeida, br., 3$; enc..... 4$000

— **Ultimas Rimas** — Versos parnasianos de Emilio de Menezes (nossa propriedade), br., 4$; enc..... 5$000

Bosque Sagrado — Versos de Leal de Souza, br., 4$; enc..... 5$000

Prosas de Cassandra — (Chronicas) — do Dr. Eduardo Ramos, prefacio do Senador Dr. Ruy Barbosa, br., 4$; enc..... 5$000

O Imperador visto de perto — (Perfil de D. Pedro II) de Mucio Teixeira, br., 5$; enc..... 7$000

Nhonhô Rezende — Romance de Abel Juruá (pseudonymo de conhecida escriptora) — br., 4$; enc..... 5$000

Livro do meu cantar — Trovas do Dr. Heitor Beltrão, br..... 1$500

Mortalhas — Os deuses em ceroulas — Satyras de Emilio de Menezes (nossa propriedade) — no prélo.

Idéas e Palavras — de João do Norte (Dr. Gustavo Barroso), brochado, 3$500; enc. . . .. 5$000

Critica de hontem — de Nestor Victor.

Maria — Poemeto de Fausto Teixeira (da Embaixada de Portugal), br. , ... 1$000

A Correspondencia de uma estação de cura — De João do Rio (Paulo Barreto), br. . . .. 3$000

Elle! (Perfil do Kaiser) — do Dr. Lopes Trovão, br..... 1$000

A Abolição — do professor Osorio Duque Estrada, prefacio do Senador Ruy Barbosa, br., 4$; enc..... 6$000

Sciencia Parlamentar — De Hamilton — traducção de Otto Prazeres, br. . . .. 3$000

Cousas Diplomaticas — do Dr. Helio Lobo, br., 5$; enc..... 7$000

Alerta... Será ameaça vã? — Traducção de Nuestra Guerra, de Pedro de Cordoba, prefaciada pelos traductores (6ª edição) br.... 3$000

Mau olhado — Sensacional romance — do deputado federal Dr. Veiga Miranda — br., 4$; enc..... 5$000

Contos e Chronicas — de Felicio Terra (pseudonymo do Conselheiro Dr. Nuno de Andrade — 2ª edição da 1ª série e 1ª edição de trabalhos ineditos — no prélo.

Poemas e Sonetos — de Ronald de Carvalho (livro premiado no concurso realisado na Academia de Letras do Rio de Janeiro, em 1918) — no prélo.

Da Seara de Booz — de Humberto de Campos, br., 4$; enc..... 5$000

Bolhas de sabão — Humorismos, em verso, de Bastos Tigre — no prélo.

Fausto e Asvéro — Poema de Octavio Augusto — br., 3$; enc... 4$000

Microcosmo — Elogio das flores e dos insectos — de Hermes Fontes no prélo.

Moinhos de vento — (2ª edição) Humorismos, — de Bastos Tigre — no prélo.

Cartas pastoraes — De S. Ex. Rvma. Dom Silverio Pimenta, Arcebispo de Marianna — no prélo.

Jardim de Heloisa — Contos modernos — de Castro Menezes — br. 4$; enc. . . . . 5$000

Terra convalescente — Poesias de Mansueto Bernardi (edição da nossa casa e da importantissima Livraria do Globo, dos Srs. Barcellos, Bertaso & C., de Porto Alegre), br..... 3$000

A mulher na poesia brasileira — de Leal de Souza, contendo: 1 — O ideal feminino dos poetas — estudo da evolução da nossa poesia; ideal feminino dos poetas — estudo da evolução da nossa poesia; II — Poetizas brasileiras — ensaio, talvez unico, sobre o assumpto; e III — Musa contemporanea — a mulher como o poeta a descreve e os outros a vêm — br., 3$; enc..... 4$000

Falando... — de Coelho Netto — no prélo.

Theatro

Os Alliados — Comedia em 3 actos, de Gastão Tojeiro, br..... 2$000

O elegante Doutorinho — A proposito, em 1 acto, de Gastão Tojeiro, br. . . . . 1$000

Diversos

Promptuario Militar — Pelo Tenente do Exercito Dermeval Peixoto — carteira para bolso..... 1$500

Album dos Doutorandos de 1918 — pelo doutorando Antonio Xavier de Oliveira — magnifico vol. enc., com direito ao "cliché" do retrato do doutorando. . . .. 20$000

Obras de notavel valor cuja primeira edição adquirimos

Poeira.·. (2ª série) — Versos de Humberto de Campos, br., 4$; enc. 5$000

Da tosse — Monographia do especialista Dr. Olavo Rocha, br... 4$000

Nota promissoria — Do Dr. Magarinos Torres — Obra reputada classica pelas maiores autoridades na materia, br., 10$; enc..... 13$000

Annaes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro — 1º grande volume, contendo, além do supplemento, trabalhos de 22 eminentes professores nacionaes e estrangeiros, com grande copia de gravuras e trichromias, organizado sob a direcção do professor Dr. Aloysio de Castro. E', no genero, o trabalho mais importante dos tempos modernos, edição limitadissima. Volume luxuosamente encadernado, 24$000; para o interior, 25$000; para o exterior, 26$000.

2º volume, com monographias de 27 professores, 512 paginas, 210 gravuras, 30 trichromias, mappas, schemas, etc. — enc..... 30$000

Os dous volumes, em conjunto..... 54$000